

MEDITAÇÕES
NO EVANGELHO
DE MARCOS



J.C.RYLE

**MEDITAÇÕES
NO EVANGELHO
DE MARCOS**

J.C.RYLE



Editora Fiel



Editora Fiel

Av. Cidade Jardim, 3978
Bosque dos Eucaliptos
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3936-2529

www.editorafiel.com.br

Título do Original:

Expository Thoughts on the Gospels
MARK

Primeira edição em Inglês: 1879

© Copyright: (Typesetting) Editora Fiel

Primeira Edição: 1994

Primeira Reimpressão: 2007

•

*Todos os direitos em língua portuguesa
reservados por Editora Fiel da Missão
Evangélica Literária*

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTA LIVRO POR
MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES,
SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO

•

Editor: Pr. Richard Denham

Coordenação Editorial: Tiago Santos

Capa: Edvânio Silva

ISBN: 978-8599145-29-6

Prefácio

As Meditações no Evangelho de Marcos, de J.C.Ryle, têm sido amadas e compartilhadas por várias gerações de crentes, desde sua primeira edição em 1879. Elas contêm uma simplicidade e uma espiritualidade que têm feito delas o comentário devocional clássico sobre os evangelhos, na opinião de grande número de leitores.

Procurando pôr à disposição do leitor moderno uma forma mais popular dessa obra, foram removidos os textos bíblicos (antes impressos na íntegra), embora o leitor seja encorajado a ler do começo ao fim cada passagem selecionada, antes de iniciar a leitura das próprias meditações de Ryle. Também omitimos as notas de rodapé, nas quais Ryle tratara a respeito de questões textuais de uma maneira mais crítica, embora sem qualquer conexão direta com a exposição propriamente dita. O texto usado é o da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil.

Os publicadores confiam que esta nova edição das meditações devocionais de Ryle alcançará os mesmos alvos e propósitos aos quais o autor se aplicou pessoalmente, a fim de que, “com uma oração fervorosa, possa promover a religião pura e sem mácula, ampliar o conhecimento de muitos sobre a pessoa de Jesus Cristo e ser um humilde instrumento na gloriosa tarefa de converter e de edificar almas imortais”.

Os Publicadores

Início do Evangelho de Marcos; Ministério de João Batista

Leia Marcos 1.1-8

O Evangelho de Marcos, que começamos agora a comentar, em alguns aspectos é diferente dos outros três evangelhos. Isso porque nada nos revela a respeito do nascimento, da infância e da juventude de nosso Senhor Jesus Cristo. Comparativamente, contém pouco dos discursos e das afirmações de Cristo. Das quatro narrativas acerca do ministério terreno de nosso Senhor, esta é a mais concisa.

Porém, não devemos subestimar o seu valor. Trata-se de um evangelho singularmente repleto de preciosos fatos a respeito do Senhor Jesus, contados numa linguagem simples, direta e expressiva, e num estilo condensado. Se, por um lado, nos oferece poucas declarações de nosso Senhor, por outro se mostra bastante rico quanto a suas realizações. Com freqüência, contém pormenores históricos de profundo interesse, os quais são inteiramente omitidos em Mateus, Lucas e João. Em suma, o Evangelho de Marcos não é um mero resumo do Evangelho de Mateus, conforme alguns têm afirmado impensadamente; antes, é a narrativa particular de uma testemunha independente, impulsionada a escrever a história dos *feitos* de nosso Senhor, em vez das suas palavras. Leiamos-la com santa reverência. Tal como acontece com todos os demais livros das Escrituras, cada palavra registrada por Marcos foi “inspirada por Deus” e cada uma delas é “útil”.

Observemos, nestes versículos, que *declaração completa encontramos acerca da dignidade da Pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo*. Na primeira sentença, Marcos chama-o de “Filho de Deus”. Essas palavras, “Filho de Deus”, significavam para a mentalidade judaica muito mais do que para nós. Elas equivaliam a uma afirmação da divindade de nosso Senhor. Também, eram uma declaração de que Jesus era o próprio Deus e “igual a Deus” (Jo 5.18).

Há uma encantadora adequação ao ser declarada essa verdade logo no início de um dos evangelhos. A divindade plena de Cristo é a fortaleza e a segurança do cristinianismo. Nisso repousa o infinito

valor de sua morte vicária na cruz. Nisso fundamenta-se o mérito peculiar de sua morte expiadora em favor dos pecadores. Essa morte não foi a de um mero homem como nós; pelo contrário, foi a morte dAquele que é “sobre todos, Deus bendito para todo o sempre” (Rm 9.5). Não precisamos admirar que os sofrimentos de uma única pessoa serviram de propiciação suficiente pelos pecados do mundo, se nos lembramos que o sacrificado foi o próprio “Filho de Deus”.

Que os crentes apeguem-se a essa doutrina, com uma zelosa vigilância. Assim, com ela, estarão firmados sobre uma rocha. Sem ela, é como se nada sólido tivessem debaixo de seus pés. Nossos corações são fracos. Nossos pecados, muitos. Precisamos de um Redentor capaz de salvar totalmente e que nos livre da ira vindoura. Nós temos esse Redentor em Jesus Cristo. Ele é o “Deus Forte” (Is 9.6).

Em segundo lugar, observemos *de que maneira o princípio do evangelho constitui um cumprimento das Escrituras*. João Batista deu início ao seu ministério “conforme está escrito na profecia de Isaías”.

Na vinda de Jesus Cristo a este mundo, nada houve de inesperado ou de improvisado. No começo do livro de Gênesis, encontramos a predição de que o descendente da “mulher” haveria de ferir “a cabeça” da serpente (Gn 3.15). Por todo o Antigo Testamento, essa mesma profecia aparece com constante e crescente clareza. Essa foi uma promessa muitas vezes renovada aos patriarcas e reiterada pelos profetas — um Redentor e Libertador, um dia, viria ao mundo. Seu nascimento, seu caráter, sua vida, sua morte, sua ressurreição, seu precursor — tudo isso fora profetizado, antes da vinda de Cristo. A redenção desenvolveu-se e concretizou-se, em cada passo, “conforme está escrito”.

Devemos sempre examinar o Antigo Testamento com o desejo de achar nele algo a respeito de Jesus Cristo. Estudamos essa porção da Bíblia com bem menos proveito, se nada mais vemos ali além de Moisés, Davi, Samuel e os profetas. Convém examinar com maior atenção os livros do Antigo Testamento. Foi declarado por Aquele cujas palavras jamais passarão: “Examinai as Escrituras... são elas mesmas que testificam de mim” (Jo 5.39).

Em terceiro lugar, observemos *como foram profundos os efeitos do ministério de João Batista, durante algum tempo, sobre a nação judaica*. Somos informados que “saíram a ter com ele toda a província da Judéia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão”.

O fato aqui registrado é um daqueles que freqüentemente é negligenciado. Tendemos a perder de vista aquele que serviu como precursor de nosso Senhor, vendo somente o próprio Senhor. Esquecemo-nos da estrela matutina perante o resplendor do sol. No entanto, é

evidente que a pregação de João Batista atraiu a atenção de todo o povo judaico, criando uma grande agitação por toda a Palestina. Ele despertou a nação judaica de sua sonolência, preparando-a para o ministério de nosso Senhor, quando esse aparecesse. Jesus mesmo disse: “Ele era a lâmpada que ardia e alumiaava, e vós quisestes por algum tempo alegrar-vos com a sua luz” (Jo 5.35).

Cumpre-nos notar, a esta altura, que pouco devemos depender do que se chama de “popularidade”. Se já ouve alguém que foi um ministro popular, por algum tempo, esse alguém foi João Batista. Entretanto, de tantos que ouviram a sua pregação e foram batizados por ele, quão poucos, é de temer-se, realmente foram convertidos! Alguns, segundo pensamos, como André, foram guiados por João Batista até Cristo. Contudo, a grande maioria, com toda a probabilidade, morreu em seus pecados. Não esqueçamos essa realidade, sempre que vírmos algum templo evangélico repleto de gente. Sem dúvida, um templo repleto é uma cena gratificante. Porém, sempre devemos nos perguntar: Quantas dessas pessoas alcançarão finalmente o céu? Não basta ouvir e admirar pregadores populares. Não é prova de conversão adorarmos em algum lugar onde se congrega uma multidão. Antes, cuidemos em ouvir a voz do próprio Cristo e em segui-Lo.

Em último lugar, observemos *quanto a pregação de João Batista caracterizava-se por uma doutrina clara*. Ele exaltava a pessoa de Cristo: “Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu”; e falava claramente sobre o Espírito Santo: “Ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo”.

Essas verdades nunca tinham sido proclamadas de modo tão claro por qualquer homem. Verdades mais importantes do que essas não são encontradas no sistema doutrinário do cristianismo, em nossos próprios dias. A principal incumbência de cada fiel ministro do evangelho é expor integralmente a pessoa do Senhor Jesus ao seu povo, mostrando-lhe a sua plenitude e o seu poder de salvar. A segunda grande tarefa que cabe ao ministro do evangelho consiste em esclarecer ao povo a obra do Espírito Santo, juntamente com a necessidade do novo nascimento e do batismo interior do Espírito, mediante a graça divina. Essas duas poderosas verdades fluíam com freqüência dos lábios de João Batista. Como seria bom, para a igreja e para o mundo, se houvesse mais ministros como ele!

Ao deixarmos esta passagem de Marcos, indaguemos a nós mesmos quanto já conhecemos, por experiência, das verdades que João Batista pregava. O que pensamos acerca de Cristo? Já sentimos a necessidade que temos dEle e já nos refugiamos nEle para termos paz com Deus? Jesus é Rei sobre nossos corações e sobre tudo quanto diz

respeito às nossas almas? O que pensamos do Espírito Santo? Já operou Ele qualquer obra em nossos corações? Ele já os renovou e os transformou? Já nos tornou participantes da natureza divina? A vida e a morte dependem das nossas respostas a essas indagações. “E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9).

Batismo e Tentação de Cristo; O Chamamento de Seus Primeiros Discípulos

Leia Marcos 1.9-20

Esta passagem é particularmente repleta de informações. Ela serve de notável exemplo da brevidade de estilo que é a característica peculiar do Evangelho de Marcos. O batismo de nosso Senhor, sua tentação no deserto, o início de seu ministério de pregação e o chamamento de seus primeiros discípulos — tudo é relatado no breve espaço de doze versículos.

Notemos, em primeiro lugar, *a voz vinda do céu, ouvida por ocasião do batismo de nosso Senhor*. Lemos: “Então foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo”.

Aquela voz era de Deus Pai. Ele declarava o maravilhoso e inefável amor que existe, desde toda a eternidade, entre o Pai e o Filho. “O Pai ama ao Filho, e todas as cousas tem confiado às suas mãos” (Jo 3.35). Também, proclamava a total e completa aprovação do Pai à missão de Cristo, de buscar e salvar os perdidos. Ela anunciava a aceitação do Filho, por parte do Pai, como o Mediador, Substituto e Fiador da nova aliança.

Deparamo-nos com uma riquíssima fonte de consolação, nessas palavras, para todos os que são crentes e membros de Jesus Cristo. Em si mesmos, ou em seus próprios feitos, nada há neles que possa agradar a Deus. A cada dia eles são conscientes de fraquezas, falhas e imperfeições, em tudo o que fazem. Entretanto, convém que recordem que o Pai os considera membros de seu amado Filho, Jesus Cristo. O Pai não vê qualquer mácula neles (Ct 4.7). Ele os contempla “em Cristo”, vestidos de sua retidão e envolvidos com os seus méritos. Os crentes são aceitos “no Amado” (Ef 1.6). Assim, quando os santos olhos de Deus os contemplam, Ele se “compraz”.

Em segundo lugar, notemos *a natureza da pregação de Cristo*. Lemos que o Senhor Jesus surgiu proclamando: “Arrependei-vos e crede no evangelho”.

Esse é o mesmo antigo sermão que todas as fiéis testemunhas

de Deus têm pregado continuamente, desde os primórdios do mundo. Desde Noé até o presente, a essência da mensagem de todos eles sempre tem sido a mesma — “arrependei-vos e crede”.

Declarou o apóstolo Paulo aos anciãos da igreja em Éfeso, quando os deixou pela última vez, que a substância do ensino que lhes ministrara fora “o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus [Cristo]” (At 20.21). Paulo contava com o melhor de todos os precedentes em tal pregação. O próprio Cabeça da igreja lhe fornecera o modelo. O arrependimento e a fé tinham sido as pedras fundamentais do ministério de Cristo. O arrependimento e a fé devem ser os principais assuntos do ensino ministrado por todo fiel ministro do evangelho.

Quando levamos em conta as necessidades da natureza humana, não precisamos admirar-nos disso. Todos nós, por natureza, somos nascidos em pecado e filhos da ira. Todos precisamos arrepender-nos, converter-nos e nascer de novo, se quisermos ver o reino de Deus. Por natureza, todos somos culpados e estamos condenados aos olhos do Senhor; todos precisamos recorrer à esperança que nos foi proposta, por meio do evangelho, crendo nele, se quisermos ser salvos. Todos nós, uma vez arrependidos, precisamos despertar-nos diariamente para um arrependimento ainda mais profundo. Embora já sejamos crentes, todos nós precisamos de contínua exortação para crescermos na fé.

Indaguemos a nós mesmos o que sabemos a respeito desse arrependimento e dessa fé. Já sentimos e abandonamos os nossos pecados? Já descansamos em Cristo e nele confiamos? Podemos chegar ao céu sem muita cultura, riqueza, saúde ou grandeza neste mundo. No entanto, jamais chegaremos ao céu se morrermos na impenitência e na incredulidade. Um coração novo e uma viva fé no Redentor são imprescindíveis à salvação da alma. Nunca descansemos enquanto não chegarmos a conhecer, por experiência própria, essas realidades espirituais, e enquanto não pudermos dizer que elas nos pertencem de fato. Com elas, todo o verdadeiro cristianismo começa na alma. A religião cristã consiste no praticá-las diariamente. Somente quando os homens chegam a possuí-las é que, finalmente, podem obter paz. Ser membro de uma igreja ou receber a absolvição da parte de algum sacerdote não salva ninguém. Morrem no Senhor exclusivamente aqueles que “se arrependem e crêm”.

Em terceiro lugar, notemos *a ocupação daqueles que primeiro foram chamados para ser discípulos de Cristo*. Lemos que nosso Senhor chamou Simão e André, quando eles lançavam “a rede ao mar”. Por sua vez, João e Tiago foram chamados quando estavam “consertando as redes”.

Com base nessas palavras, torna-se evidente que os primeiros seguidores de nosso Senhor não eram pessoas que ocupavam posições

importantes neste mundo. Eram homens destituídos de riquezas, poder e posição social. Todavia, o reino de Cristo não depende de tais coisas. A causa do Senhor, neste mundo, avança não “por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o SENHOR dos Exércitos” (Zc 4.6). Serão sempre verdadeiras as palavras de Paulo: “Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação: visto que não foram chamados muitos sábios segundo a carne, nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as cousas loucas do mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as cousas fracas do mundo para envergonhar as fortes” (1 Co 1.26,27). A igreja, que começou com alguns pescadores, mas que se espalhou pela metade do globo, sem dúvida alguma foi fundada por Deus.

Precisamos ter o cuidado de não ceder diante da noção comum de que é uma situação deplorável ser pobre e trabalhar com as próprias mãos. A Bíblia contém muitos exemplos de privilégios especiais concedidos a trabalhadores. Moisés estava cuidando de ovelhas, quando Deus lhe apareceu na sarça ardente. Gideão malhava o trigo, quando um anjo lhe trouxe uma mensagem celestial. Eliseu arava o campo, quando Elias o chamou para tornar-se profeta em seu lugar. Os apóstolos estavam pescando, quando Jesus os chamou para O seguirem. É lamentável ser ganancioso, ou orgulhoso, ou embusteiro, ou dado a jogatinas, ou alcoólatra, ou glutão ou imoral. Entretanto, não é um opróbrio alguém ser pobre. Aquele que serve fielmente a Cristo é muito mais honrado, aos olhos de Deus, do que um nobre que serve ao pecado.

Devemos notar, em último lugar, *o trabalho para o qual nosso Senhor convocou os seus primeiros discípulos*. Lemos que o Senhor Jesus lhes disse: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens”.

A significação dessas palavras é clara e inequívoca. Os discípulos de Jesus haveriam de tornar-se pescadores de almas. Eles deveriam trabalhar para arrancar os homens das trevas e do poder de Satanás, para levá-los a Deus. Eles deveriam esforçar-se para trazer os homens à igreja de Cristo, a fim de que pudessem ser salvos e não perecessem eternamente.

Devemos destacar bem essa expressão. Ela é repleta de ensinamentos. *Pescadores de homens* é o mais antigo título pelo qual o ofício ministerial é descrito nas páginas do Novo Testamento. Esse título tem raízes mais profundas do que os de bispo, presbítero ou diácono. É a primeira idéia que deveria ficar impressa na mente de todo ministro do evangelho. Um ministro não é um mero leitor de rituais ou um administrador de ordenanças. Compete-lhe ser um “pescador” de almas. O ministro que não se esforça por fazer jus a esse nome está enganado quanto ao seu chamamento.

Um pescador faz esforços para apanhar peixes? Ele se utiliza de todos os meios disponíveis e entristece-se quando não é bem sucedido na pesca? Um ministro do evangelho deve fazer o mesmo. Um pescador mostra-se paciente? Continua trabalhando dia após dia, aguardando e esforçando-se, esperançoso? Que todo ministro do evangelho faça o mesmo. Feliz é o homem em quem estão combinadas a habilidade, a diligência e a paciência de um pescador.

Tomemos a resolução de orar intensamente em favor dos ministros do evangelho. Quando eles cumprem corretamente seu ofício, seu trabalho não é leve. Eles carecem de muita intercessão da parte de todos os que são pessoas de oração. Eles não somente precisam cuidar de suas próprias almas, mas também das almas de outros. Não admira que Paulo tenha exclamado: “Quem, porém, é suficiente para estas cousas?” (2 Co 2.16). Se não tínhamos o costume de orar em favor dos ministros do evangelho, então comecemos a fazê-lo a partir de hoje.

A Expulsão de um Espírito Imundo; A Cura da Sogra de Pedro

Leia Marcos 1.21-34

Estes versículos começam a longa relação de milagres contidos no Evangelho de Marcos. Eles nos relatam como nosso Senhor expulsou demônios, em Cafarnaum, e como curou de febre a sogra de Pedro.

Destes versículos aprendamos, inicialmente, *quão inútil é o conhecimento meramente intelectual das coisas espirituais*. Por duas vezes somos informados que os espíritos imundos conheciam nosso Senhor. Em um lugar, lemos: “Sabiam quem ele era”. Em outro, o demônio exclamou: “Bem sei quem és: o Santo de Deus!” Eles sabiam quem era Jesus Cristo, embora os escribas ignorassem a respeito dEle e os fariseus preferissem não reconhecê-Lo. Entretanto, tal conhecimento não era para a salvação.

A mera crença nos fatos e doutrinas do cristianismo não salvará a alma. Essa crença não é superior à dos demônios. Eles crêem e sabem que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus. Também crêem que um dia Jesus julgará o mundo e que eles serão lançados em intermináveis tormentos, no inferno. É um pensamento solene e entristecedor que, quanto a isso, alguns que se dizem cristãos têm menos fé do que o próprio diabo. Existem pessoas que duvidam da realidade do inferno e da eternidade da punição. Dúvidas desse tipo só encontram guarida nos corações de

homens e mulheres obstinados. Entre os demônios, entretanto, não existe tal incredulidade: eles “crêem e tremem” (Tg 2.19).

Devemos ter cuidado para que a nossa fé envolva não somente a cabeça, mas também o coração. Cuidemos para que o nosso conhecimento exerça uma influência santificadora sobre nossos afetos e nossas vidas. Não somente conheçamos a Cristo, mas igualmente amemo-Lo, motivados pelos reais benefícios que temos recebido dEle. Devemos não apenas crer que Ele é o Filho de Deus e o Salvador do mundo, mas também precisamos regozijar-nos nEle e apegarmo-nos a Ele com coração resolutivo. Familiarizemo-nos com Cristo, não só por ouvirmos a seu respeito, mas também por pedirmos diariamente sua misericórdia e graça. Disse Martinho Lutero: “A vida do cristianismo consiste em pronomes possessivos”. Uma coisa é afirmar: “Cristo é um Salvador”; e outra, inteiramente diferente, é dizer: “Cristo é meu Salvador e meu Senhor”. O diabo é perfeitamente capaz de fazer a primeira declaração. Mas somente um verdadeiro crente pode fazer a segunda.

Em segundo lugar, aprendamos *a que remédio o crente deve recorrer, antes de tudo, nos tempos de tribulação*. O crente precisa imitar o exemplo dos amigos da sogra de Simão Pedro. Lemos que, quando ela “achava-se acamada, com febre”, esses amigos “logo lhe falaram a respeito dela”.

Não existe medicamento que se compare a esse. Os meios postos à nossa disposição devem ser usados com diligência, sem dúvida, em todo momento de necessidade. Os médicos devem ser consultados em caso de enfermidade. Os advogados devem ser ouvidos quando a propriedade ou o indivíduo precisam de defesa. A ajuda dos amigos deve ser procurada. No entanto, a primeira coisa que devemos fazer é clamar ao Senhor Jesus Cristo, rogando-Lhe ajuda. Ninguém será capaz de nos aliviar com tanta eficácia quanto Ele. Ninguém é tão compassivo e tão disposto a aliviar nossas dificuldades. Quando Jacó se viu envolvido em grande dificuldade, primeiramente voltou-se para Deus e suplicou: “Livra-me das mãos de meu irmão Esaú” (Gn 32.11). Quando Ezequias sentiu-se pressionado, antes de mais nada abriu, diante do Senhor, a carta enviada por Senaqueribe; e, então, rogou: “Agora, pois, ó SENHOR nosso Deus, livra-nos das suas mãos” (2 Rs 19.19). Quando Lázaro adoeceu gravemente, suas irmãs imediatamente mandaram dizer a Jesus: “Senhor, está enfermo aquele a quem amas” (Jo 11.3). Devemos agir precisamente dessa maneira. “Confia os teus cuidados ao SENHOR, e ele te susterá” (Sl 55.22). “Lançando sobre ele toda a vossa ansiedade” (1 Pe 5.7). “Em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com ações de graça” (Fp 4.6).

Não somente nos lembremos disso, mas também pratiquemos.

Vivemos em um mundo caracterizado pelo pecado e pela tristeza. São muitos os dias tenebrosos na vida de um homem. Não é mister alguém ter visão profética para prever que haveremos de chorar muito e sentir muitos apertos no coração, antes de morrermos. Estejamos armados com a receita contra o desespero, antes que surjam nossas dificuldades. Devemos saber o que fazer, quando a enfermidade, a perda de um ente querido, a perseguição por causa de Cristo, os fracassos e os desapontamentos caírem sobre nós, como se fossem homens armados. Façamos conforme se fez na casa da sogra de Pedro, em Cafarnaum. Contemos tudo, na hora, a Jesus.

Em último lugar, destes versículos, aprendamos sobre *a completa e perfeita cura que o Senhor Jesus realiza*. Cristo tomou aquela mulher enferma pela mão, ergueu-a do leito e, imediatamente, “a febre a deixou”. Entretanto, isso não foi tudo. Um milagre ainda maior foi efetuado. Em seguida, lemos que a sogra de Pedro passou a “servi-los”. No caso da sogra de Pedro, a debilidade física e a prostração que os estados febris geralmente impõem a todas as suas vítimas foram prontamente removidas. A mulher que tinha febre não só foi curada num momento, mas também, foi fortalecida e capacitada a trabalhar.

Nesse incidente de cura, podemos perceber um símbolo vivo de como Jesus Cristo cuida das almas enfermadas pelo pecado. O nosso bendito Salvador não somente concede misericórdia e perdão; mas também nos proporciona sua graça renovadora. Ele confere o poder de serem feitos filhos de Deus a todos os que O recebem como o médico de suas almas. Jesus os purifica, mediante seu Espírito, quando os lava em seu precioso sangue. Aqueles a quem Ele justifica, a esses também santifica. Quando Ele concede a absolvição, também concede um coração novo. Quando Ele proporciona o perdão gratuito dos pecados passados, também outorga forças para “servi-Lo”. A alma, enfermada pelo pecado, não é meramente curada, para então ser entregue a si mesma; ela recebe um coração novo e um espírito reto, sendo capacitada a viver de modo que agrade a Deus.

Há um grande consolo nesse pensamento para todos que têm o desejo de servir a Cristo, mas que, no presente, têm receio de começar. Existem muitas pessoas que se acham presas a esse temor. Temem que, se vierem ousadamente e apanharem a cruz, acabarão sucumbindo em algum ponto do caminho. Receiam que não serão capazes de perseverar e que lançarão em descrédito sua própria profissão de fé. Não deveriam continuar sentindo esse medo. Que elas saibam que Jesus é um Salvador Todo-Poderoso, que jamais se esquece daqueles que se entregam a seus cuidados. Uma vez que foram ressuscitados da morte do pecado pela sua todo-poderosa mão, e que foram purificados em seu precioso sangue,

continuarão a servir ao Senhor até o final de suas vidas na terra.

Eles receberão poder que os capacitará a vencer o mundo, crucificar a carne e resistir ao diabo. Basta que comecem, para que prossigam adiante. Jesus desconhece inteiramente casos de cura pela metade e de obras feitas pela metade. Portanto, que eles confiem em Jesus e avancem. A alma perdoada será sempre capacitada a servir a Cristo.

Nessa verdade há um grande consolo para todos aqueles que realmente estão servindo a Cristo, mas que, a despeito disso, desanimam diante do sentimento de sua própria fraqueza. Muitos são os casos assim. Tais crentes sentem-se oprimidos por dúvidas e ansiedades. Algumas vezes eles imaginam que jamais chegarão ao céu; antes, que serão deixados a perecer no deserto. Basta com esse temor! Suas forças irão aumentando, na medida de suas necessidades. As dificuldades que eles agora temem desaparecerão de sua jornada, conforme forem prosseguindo. O leão no caminho, que agora eles temem, mostrar-se-á uma fera acorrentada. A mesma mão graciosa que, no começo, os tocou e sarou, haverá igualmente de sustentá-los, fortalecê-los e guiá-los até o fim. O Senhor Jesus, sob hipótese alguma, perderá qualquer de suas ovelhas. Ele ama até o fim aqueles a quem Ele ama e perdoa. Embora, ocasionalmente, os crentes sintam-se desencorajados, jamais serão rejeitados pelo Senhor. A alma curada continuará, para sempre, a servir ao Senhor. A graça divina a conduzirá continuamente até a glória.

Orações Particulares de Jesus; O Propósito da Vinda de Cristo ao Mundo

Leia Marcos 1.35-39

Cada acontecimento da vida de nosso Senhor e cada declaração proferida por seus lábios deveriam ser profundamente interessantes para todo o verdadeiro crente. Na passagem que agora consideramos, vemos um desses eventos e uma dessas declarações que deveriam atrair a nossa atenção.

Antes de qualquer coisa, vemos aqui *um exemplo dos hábitos de nosso Senhor Jesus Cristo, em relação a suas orações particulares*. Somos informados que “tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto, e ali orava”.

Encontramos essa cena freqüentemente na história de Jesus Cristo, nos evangelhos. Lemos que, após ter sido batizado, Jesus esteve “a orar” (Lc 3.21). Por ocasião da transfiguração, é-nos contado que “enquanto Ele orava, a aparência do seu rosto se transfigurou” (Lc 9.29). Antes

da escolha de seus doze apóstolos, lemos que Ele “passou a noite orando a Deus” (Lc 6.12). Enquanto todos falavam bem a respeito dEle e pretendiam torná-Lo rei, lemos que Ele subia “ao monte, a fim de orar sozinho” (Mt 14.23). Quando foi provado, no jardim do Getsêmani, Jesus disse aos discípulos: “Assentai-vos aqui, enquanto eu vou orar” (Mc 14.32). Em suma, nosso Senhor orava continuamente e não esmorecia. Sem pecado como Ele era, deixou-nos um grande exemplo de diligente comunhão com seu Pai. A sua divindade não O tornou independente de empregar todos os meios disponíveis, como homem. Sua perfeição era mantida pelo exercício da oração.

Em tudo isso, devemos perceber a imensa importância das devoções particulares. Se Aquele que era “santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores, e feito mais alto do que os céus” (Hb 7.26) orava dessa maneira, sem cessar, quanto mais nós, cercados de fraqueza por todos os lados, deveríamos dedicar-nos à oração! Se Ele sentiu necessidade de oferecer súplicas com forte clamor e lágrimas, quanto mais isso se faz necessário para nós, que a cada dia ofendemos a Deus em muitas coisas!

Que diríamos, diante de uma passagem como essa, àqueles que nunca oram? É de se temer que na lista de pessoas batizadas haja muitas que se comportam assim. Muitos há que se levantam todas as manhãs e deitam à noite sem proferir qualquer oração; muitos que jamais dirigem a Deus uma palavra sequer. Tais pessoas serão crentes? É impossível fazer esta afirmação. Um Senhor dedicado à oração, como Jesus, não pode ter servos que jamais oram. O Espírito de adoção sempre fará um homem invocar a Deus. Não orar é a mesma coisa que estar sem Cristo, sem Deus, avançando pelo caminho da perdição.

Que poderíamos dizer àqueles que oram, embora dediquem pouco tempo à oração? Somos obrigados a afirmar que esses, no momento, revelam bem pouco da mente de Cristo. Visto que pedem pouco, também só podem esperar receber pouco. Buscando pouco, não podem surpreender-se por possuir pouco. Sempre descobriremos que, quando as orações são poucas, a graça, a força, a paz e a esperança serão igualmente limitadas.

Faremos muito bem em manter sob uma santa vigilância os nossos hábitos de oração. É dessa maneira que podemos sentir o pulso de nosso cristianismo. Esse é um autêntico teste de nosso estado perante Deus. A verdadeira religião, na alma de um homem, começa com a oração. A vida de oração decai e retrocede, ao afastar-se o homem de Deus. Caminhemos, seguindo os passos de nosso bendito Mestre, tanto na questão da oração quanto em todos os demais aspectos da vida cristã. Assim como Cristo, mostremo-nos diligentes em nossas devoções

particulares. Saibamos o que significa “sair para um lugar solitário e orar”.

Em seguida, nesta passagem, encontramos *uma notável afirmativa de nosso Senhor, quanto aos propósitos pelos quais Ele veio a este mundo*. O Senhor Jesus diz: “Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim”.

O sentido dessas palavras é claro e inequívoco. Nosso Senhor declarou que Ele veio a este mundo a fim de ser pregador e mestre. Veio a fim de desempenhar o ofício profético, para ser o profeta maior do que Moisés, cuja vinda, há muito, fora predita (Dt 18.15). Ele deixou a glória que tinha junto ao Pai, desde toda a eternidade, a fim de realizar a obra de evangelista. Ele veio à terra com o intuito de mostrar aos homens o caminho da paz, proclamar a libertação aos cativos e recuperar a vista dos cegos. Um dos principais aspectos de sua missão neste mundo consistiu em percorrer muitas localidades, publicando as boas novas e oferecendo cura àqueles que tivessem o coração partido, luz para os que estavam nas trevas e perdão aos piores pecadores. Jesus disse: “Pois para isso é que eu vim”.

Devemos observar quão infinita honra o Senhor Jesus atribuiu ao ofício de pregador. Foi um ofício exercido pelo próprio Filho de Deus. Jesus poderia ter passado o seu ministério terreno instituindo e observando cerimônias religiosas, à semelhança de Arão. Ele poderia ter legislado e reinado, à semelhança de Davi. No entanto, preferiu um chamamento inteiramente diverso. Até ao dia em que morreu como o sacrifício expiatório pelos nossos pecados, o seu trabalho diário, e talvez a cada hora, consistia em pregar. “Pois para isso é que eu vim”, disse Ele.

Nunca nos deixemos abalar por aqueles que depreciam o ofício de pregador, afirmando que as ordenanças cristãs são mais importantes do que os sermões. Cumpre-nos dar a cada aspecto da adoração pública o seu devido lugar e honra; mas, tenhamos o cuidado de nunca emprestar a qualquer outra parte da adoração pública, um papel mais destacado do que à pregação. Foi mediante a pregação que a igreja de Cristo veio a ser chamada e formada desde o princípio; pela pregação, a igreja é mantida em estado saudável e próspero. Mediante a pregação, os pecadores são despertados. Mediante a pregação, pessoas interessadas são conduzidas a Cristo. Pela pregação, os santos são edificados. Por meio dela, o cristianismo está sendo anunciado ao mundo pagão. Há muitos, em nossos dias, que escarnecem dos missionários e zombam daqueles que percorrem as vias públicas de nosso país, anunciando o evangelho às multidões, ao ar livre. Eles, entretanto, deveriam parar e pensar

calmamente no que estão fazendo. Porquanto a obra que tanto ridicularizam é justamente o trabalho que transtornou o mundo, derrubando por terra o paganismo. Acima de tudo, essa é a grandiosa obra que Cristo mesmo empreendeu. O próprio Rei dos reis e Senhor dos senhores foi um pregador. Durante três longos anos Ele andou por toda a parte, proclamando o evangelho. Algumas vezes nós O encontramos em alguma casa; outras, em alguma encosta de montanha ou em alguma sinagoga; e, outras vezes, sentado em um barco, à beira-mar. Porém, a grande tarefa que Ele nunca deixou de cumprir foi sempre a mesma — pregar e ensinar. Ele disse: “Pois para isso é que eu vim”.

Passemos adiante desta passagem com a solene exortação: “Não desprezeis profecias” (1 Ts 5.20). O ministro do evangelho que estamos acostumados a ouvir talvez não seja altamente capacitado. Os sermões que ouvimos talvez sejam fracos e pobres; mas, no final das contas, a pregação é a grande ordenança de Deus, para a conversão e salvação das almas. O fiel pregador do evangelho vive a manejar a arma que o Filho de Deus nunca se envergonhou de empregar. Essa é a grande obra a respeito da qual Cristo asseverou: “Pois para isso é que eu vim”.

A Purificação de um Leproso

Leia Marcos 1.40-45

Nestes versículos, lemos como nosso Senhor Jesus Cristo curou um leproso. Dentre todos os milagres de cura, feitos por Cristo, provavelmente os mais maravilhosos envolveram leprosos. Todavia, somente dois desses casos foram descritos por completo nos evangelhos. Este que agora consideramos é um deles.

Procuremos entender, em primeiro lugar, *a horrenda natureza da enfermidade que Jesus curou*. Há países onde pouco se sabe sobre a lepra; contudo, nas terras bíblicas ela é uma enfermidade bastante comum. É uma doença totalmente incurável. Não é meramente uma infecção da pele, como alguns erroneamente supõem. Ela ataca o organismo humano inteiro; não somente a pele, mas também o sangue, a carne e os ossos, de maneira tal que o infeliz doente começa a perder as extremidades do corpo, que vão apodrecendo. Lembremos ainda que, entre os judeus, o leproso era considerado uma pessoa imunda, cortada do convívio com a sua comunidade e privada das ordenanças religiosas. Um leproso via-se forçado a viver numa casa separada. Ninguém podia tocar nele ou prestar-lhe qualquer ajuda. Lembremos desses pormenores e então teremos uma idéia das desgraças de um leproso. Recordemo-nos

das palavras de Arão, quando intercedeu por Miriã: “Ora, não seja ela como um aborto que, saindo do ventre de sua mãe, tenha metade de sua carne já consumida” (Nm 12.12).

Existe entre nós algo semelhante que se possa comparar à lepra? Sim, de fato, existe! Há uma terrível enfermidade da alma, que faz parte integrante da nossa própria natureza, que se arraiga em nossos ossos e medula com uma força mortífera. Essa enfermidade é a praga do pecado. Tal como a lepra, trata-se de uma doença profundamente arraigada, que infecciona cada porção da nossa natureza, coração, vontade, consciência, entendimento, memória e afeições. Tal como a lepra, o pecado nos torna asquerosos e abomináveis, incapazes do convívio com Deus e despreparados para a glória celestial. Tal como a lepra, o pecado é incurável se o tratamento for feito por qualquer médico terreno; e vai-nos arrastando, lenta mas seguramente, para a segunda morte. E o pior de tudo é que, muito mais do que a lepra, o pecado é uma enfermidade da qual nenhum homem está isento. Aos olhos de Deus, “todos nós somos como o imundo” (Is 64.6).

Temos conhecimento dessas coisas? Já tivemos oportunidade de descobri-las? Já detectamos a nossa própria pecaminosidade, culpa e corrupção? Feliz, realmente, é aquele que já foi instruído a sentir que é um miserável pecador, que não há nele bem nenhum! De fato, bem-aventurado é quem já aprendeu que não passa de um leproso espiritual, uma criatura maligna, iníqua e pecaminosa! Tomar conhecimento de nossa própria enfermidade é um passo na direção da cura. A miséria e a ruína de muitas almas é que elas nunca percebem os seus próprios pecados e a necessidade de purificação.

Em segundo lugar, aprendamos *o admirável e imenso poder do Senhor Jesus Cristo*. Lemos que o infeliz leproso acercou-se de nosso Senhor, “rogando-lhe, de joelhos: Se quiseres, podes purificar-me”. Ficamos sabendo que Jesus, “profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: Quero, fica limpo!” Imediatamente a cura foi efetuada. Naquele exato momento desapareceu aquela praga mortal e o pobre sofredor ficou curado. Bastou uma palavra e um toque e ali estava, diante de nosso Senhor, não mais um leproso, mas um homem sadio e forte. Quem pode imaginar a grandeza da transformação nos sentimentos desse leproso, depois de perceber que estava inteiramente curado? O sol da manhã resplandeceu sobre ele, um ser miserável, mais morto do que vivo, cuja estrutura física fora uma massa de pústulas e de corrupção e cuja existência era um fardo. O sol poente viu-o repleto de esperança e de alegria, livre de dores e apto para viver em sociedade com seus semelhantes. Por certo, essa transformação deve ter sido como da morte para a vida.

Bendigamos a Deus pelo fato que o Salvador com quem temos de tratar é Todo-Poderoso. É um pensamento animador e repleto de consolo saber que nada é impossível para Cristo. Nenhuma enfermidade do coração acha-se tão profundamente arraigada que Ele não seja capaz de curá-la. Nenhuma praga da alma é tão virulenta que nosso grande Médico não possa sarar. Nunca devemos desistir da salvação de quem quer que seja, enquanto tal pessoa viver. Os piores casos de lepra espiritual podem ser purificados. Não poderia haver casos de lepra espiritual pior do que os de Manassés, Saulo e Zaqueu; mas eles foram todos curados. Jesus Cristo os curou. Até mesmo o principal dos pecadores pode ser aproximado a Deus mediante o sangue e o Espírito de Cristo. Os homens perdem-se eternamente não por serem ruins demais para serem salvos, e, sim, por não virem a Cristo para que Ele os salve.

Em último lugar, aprendamos que *há um tempo de silenciar e um tempo de falar sobre as obras de Cristo*. Essa verdade é aqui ensinada de uma maneira extraordinária. Encontramos nosso Senhor recomendando com veemência àquele homem que nada relatasse sobre a sua cura: “Olha, não digas nada a ninguém”. Todavia, o homem, no calor do seu entusiasmo, desobedeceu e começou a publicar “muitas coisas e a divulgar a notícia” por toda parte. Somos informados que o resultado disso foi que Jesus não mais podia “entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos”.

Nesse incidente há uma lição da mais profunda importância, por mais difícil que nos pareça pô-la corretamente em prática. É evidente que há ocasiões em que nosso Senhor quer que trabalhem para Ele tranqüila e silenciosamente, ao invés de atrairmos a atenção do público por meio de um zelo ruidoso. Há um zelo que se manifesta não “com entendimento”, como também há um zelo justo e digno de elogios. Tudo é belo quando feito no seu tempo próprio. A causa de nosso Senhor, às vezes, pode ser levada avante mais pela quietude e pela paciência do que por outra maneira qualquer. Não devemos dar as coisas santas “aos cães”, nem lançar as nossas pérolas “aos porcos”. Se esquecermos esses fatos, talvez estejamos retardando a própria causa que desejamos defender.

Sem dúvida, esse assunto é delicado e difícil. É inquestionável que a maioria dos crentes inclina-se muito mais a fazer silêncio acerca de seu glorioso Senhor do que a confessá-Lo diante dos homens — tais crentes precisam muito mais de espora do que de freio. Porém, é inegável que há um tempo para cada coisa, e conhecer o tempo certo deve ser um dos grandes alvos de um crente. Há homens bons que demonstram ter mais zelo do que discrição, chegando mesmo a prestar ajuda ao inimigo, por seus atos e palavras fora de tempo.

Oremos, solicitando o espírito de sabedoria e uma mente sã. Procuremos conhecer diariamente a senda do dever, rogando ao Senhor que nos dê, diariamente, discricção e bom senso. Mostremo-nos ousados como leões, quando tivermos de confessar a Cristo, não tenhamos qualquer receio de falar sobre Ele, até mesmo diante de príncipes, se necessário. Porém, nunca esqueçamos que “a sabedoria resolve com bom êxito” (Ec 10.10). Estejamos alertas, a fim de não causarmos danos, por causa de um zelo mal orientado.

Os Privilégios de Cafarnaum; A Cura de um Paralítico

Leia Marcos 2.1-12

Esta passagem nos mostra nosso Senhor, uma vez mais, em Cafarnaum. Uma vez mais, nós O encontramos fazendo sua obra costumeira — pregando a Palavra e curando os doentes.

Nestes versículos, percebemos *quão grandes privilégios espirituais algumas pessoas desfrutam, embora não façam uso deles*. Essa é uma verdade ilustrada de forma saliente nessa narrativa sobre Cafarnaum. Nenhuma outra cidade da Palestina parece haver usufruído tanto da presença de nosso Senhor, durante o seu ministério terreno, quanto essa cidade. Foi para lá que Jesus se mudou ao deixar Nazaré (Mt 4.13). Essa foi a localidade onde muitos dos seus milagres foram realizados e muitos dos seus sermões foram proferidos. Entretanto, nada do que Jesus disse ou fez parece ter produzido qualquer efeito nos corações de seus habitantes. Eles costumavam ajuntar-se em multidão para ouvi-Lo e, conforme lemos nesta passagem, eram “tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar”. Ficavam admirados; estarecidos. Ficavam maravilhados diante das poderosas obras de Jesus. Não obstante, não se converteram. Viveram sob a luz ofuscante e radiante do Sol da Justiça, mas seus corações permaneceram endurecidos. Assim, receberam de nosso Senhor a mais grave condenação já proferida contra qualquer outra localidade, exceto Jerusalém: “Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá no dia do juízo para com a terra de Sodoma, do que para contigo” (Mt 11.23,24).

Convém salientarmos bem esse incidente que envolveu Cafarnaum. Todos tendemos a supor que nada mais se faz necessário, para que

as almas se convertam, do que uma poderosa pregação do evangelho. Supomos também que se o evangelho for anunciado em algum lugar, todos *deverão* crer. Mas, esquecemos do grande poder da incredulidade e da profundidade da inimizade do homem contra Deus. Esquecemos que os habitantes de Cafarnaum ouviram a mais infalível pregação e que a viram confirmada mediante os mais surpreendentes milagres; mas, mesmo assim, permaneceram mortos em seus delitos e pecados. Precisamos lembrar que o mesmo evangelho, que é perfume de vida para alguns, é odor de morte para outros; e que as mesmas chamas, que amolecem a cera, endurecem a argila. Efetivamente, nenhuma outra coisa parece endurecer tanto o coração dos homens como ouvirem regularmente o evangelho, enquanto preferem deliberadamente servir ao pecado e ao mundo. Nunca houve uma população tão favorecida como a de Cafarnaum; também nunca houve um povo que parece ter se tornado tão endurecido quanto aquele. Tenhamos cautela de não seguir pelas pisadas deles. Precisamos fazer, com freqüência, esta oração: Da dureza de coração, ó Senhor Deus, livra-nos.

Nestes versículos, em segundo lugar, observemos *como as aflições podem redundar em grande bênção para a alma de um homem*. Somos inteirados que um paralítico foi levado à presença de nosso Senhor, em Cafarnaum, a fim de ser curado. Incapaz e dependente, ele foi transportado em seu leito por quatro bondosos amigos e descido bem no meio do lugar onde Jesus estava pregando. Imediatamente o paralítico obteve aquilo que buscava. O grande Médico do corpo e da alma viu-o e deu-lhe alívio imediato. Restaurou-lhe a saúde e as forças físicas. Além disso, concedeu-lhe a bênção ainda maior do perdão dos pecados. Em poucas palavras, o homem que, naquela manhã, fora levado de sua própria casa, muito débil, vencido tanto no corpo quanto na alma, retornou regozijando-se.

Quem pode duvidar que, até o fim de sua vida, aquele homem tenha ficado grato a Deus por aquela paralisia? Sem ela, mui provavelmente teria vivido e morrido na ignorância, sem jamais ter conhecido a Cristo. Sem a paralisia, ele talvez teria cuidado de suas ovelhas nas verdejantes colinas da Galiléia, a vida inteira, sem nunca ter sido conduzido a Cristo, e nunca ouviria aquelas abençoadas palavras: “Filho, os teus pecados estão perdoados”. Aquela paralisia foi, de fato, uma bênção para ele. Quem pode negar que aquele mal foi o começo da vida eterna para a sua alma?

Quantos outros, no decorrer dos séculos, podem testificar que a sua experiência tem sido a mesma! Esses têm aprendido a ser sábios através das aflições. A perda de entes amados tem trazido misericórdias. Uma perda acaba redundando em ganhos. As enfermidades têm levado

muitas pessoas ao grande Médico das almas, levando-as às Escrituras, afastando-as do mundo, mostrando-lhes a sua insensatez, ensinando-lhes a orar. Milhares, como Davi, podem dizer: “Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos” (Sl 119.71).

Tenhamos muito cuidado para não murmurarmos quando submetidos a aflições. Podemos ter certeza de que há um motivo imperioso para cada cruz e uma sábia razão para toda provação. Cada tristeza ou enfermidade é uma graciosa mensagem da parte de Deus, cujo propósito é aproximar-nos um pouco mais do Senhor. Oremos para sermos capazes de aprender a lição que cada sofrimento visa ensinar-nos. Cuidemos em não desprezar Aquele que “dos céus nos adverte” (Hb 12.25).

Em último lugar, nestes versículos, vemos *o poder sacerdotal de perdoar pecados, que possui nosso Senhor Jesus Cristo*. Lemos que nosso Senhor disse ao paralítico: “Filho, os teus pecados estão perdoados”. Jesus proferiu essas palavras com um propósito. Ele conhecia os corações dos escribas ao seu redor. Ele tencionava mostrar-lhes que tinha o direito de ser o verdadeiro Sumo Sacerdote, que tinha o poder de perdoar aos pecadores, embora, até o momento, raramente tivesse apresentado essa reivindicação. Ele tinha o poder e declarou-lhes isso claramente. Ele disse: “Para que saibais que o Filho do homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados”. Ao dizer: “Filho, os teus pecados estão perdoados”, Cristo estava tão-somente exercendo seu legítimo ofício.

Consideremos, agora, quão grande deve ser a autoridade dAquele que tem o poder de perdoar pecados! Isso é algo que ninguém mais pode fazer, exceto Deus. Nenhum anjo nos céus, nenhum homem sobre a terra, nenhuma igreja em Concílio, nenhum ministro de qualquer denominação cristã pode tirar, da consciência de um pecador, a carga da culpa, outorgando-lhe paz com Deus. Tão-somente podem apontar para a fonte aberta para a purificação de todo pecado. Podem apenas declarar, com autoridade, que Deus está disposto a perdoar pecados. Porém, eles não podem perdoar pecados por sua própria autoridade. Eles não podem remover as transgressões de quem quer que seja. Essa é uma prerrogativa peculiar de Deus, uma prerrogativa posta nas mãos de seu Filho, Jesus Cristo.

Pensemos, por alguns instantes, sobre quão grande é a bênção de ser Jesus o nosso grande Sumo Sacerdote e que, por isso, sabemos onde buscar a absolvição! Precisamos de um sacerdote e de um sacrifício que se interponha entre nós e Deus. Nossa consciência exige expiação por nossos inúmeros pecados. A santidade de Deus, por sua vez, torna isso uma necessidade absoluta. Sem um sacerdote que faça expiação, não pode haver paz no coração. Jesus Cristo é o Sacerdote que precisamos,

poderoso para perdoar e absolver, dotado de um terno coração e sempre disposto a salvar.

Portanto, indaguemos a nós mesmos se já conhecemos ao Senhor Jesus como o nosso Sumo Sacerdote. Já apelamos para Ele? Já buscamos nEle a absolvição? Caso contrário, continuamos em nossos pecados. Não descansemos enquanto o Espírito de Deus não testificar, junto ao nosso espírito, que nos temos assentado ao pés de Jesus, que já ouvimos sua voz dizer-nos: “Filho, os teus pecados estão perdoados”.

A Chamada de Levi; Cristo, o Médico da Alma; Vinho Novo em Odres Velhos

Leia Marcos 2.13-22

O homem que atendia pelo nome de Levi, nesta passagem, é o mesmo homem chamado Mateus, no primeiro dos quatro evangelhos. Não nos esqueçamos disso: Ele foi nada menos que um apóstolo e evangelista, cuja história acha-se agora diante de nós.

Destes versículos aprendamos, primeiramente, sobre *o poder que Jesus Cristo tem de chamar os homens para fora do mundo, transformando-os em seus discípulos*. Lemos que o Senhor disse a Levi: “Segue-me!”, quando este estava “sentado na coletoria”. Imediatamente Levi “se levantou e o seguiu”. De publicano, Levi tornou-se um dos apóstolos e o autor do primeiro livro do Novo Testamento, agora conhecido por todo o mundo.

Essa é uma verdade de importância profunda. Sem uma chamada divina, ninguém pode ser salvo. Estamos de tal maneira atolados no pecado, de tal maneira presos ao mundo, que simplesmente não podemos nos voltar para Deus e buscar a salvação, a menos que, primeiramente, Ele nos chame, mediante a sua graça. Deus precisa falar aos nossos corações, através de seu Espírito, antes que possamos falar com Ele. Diz um dos artigos de uma declaração de fé que aqueles que são filhos de Deus foram “chamados de conformidade com o propósito divino, por meio do Espírito de Deus, o qual opera no tempo devido”. Quão feliz é a idéia de que esse chamamento dos pecadores foi confiado a um tão gracioso Salvador como Jesus Cristo!

Quando o Senhor Jesus chama algum pecador para ser seu servo, Ele age como um soberano; mas, também com infinita misericórdia. Com freqüência, o Senhor convoca aqueles que parecem os menos dispostos a cumprir sua vontade, que parecem estar mais distanciados de seu reino. Ele os atrai para Si, com um tremendo poder, quebrando as cadeias

de seus antigos hábitos e costumes, transformando-os em novas criaturas. Da mesma forma que um imã atrai o ferro, ou que o vento sul dissolve a neve, assim a chamada de Cristo atrai do mundo os pecadores, quebrantando os mais empedernidos corações. “A voz do SENHOR é poderosa” (Sl 29.4). Bem-aventurados aqueles que, ao ouvirem a sua voz, não endurecem os seus corações.

Nunca devemos desesperar da salvação de quem quer que seja, sobretudo depois de havermos lido esta passagem das Escrituras. Aquele que chamou Levi, continua vivo e atuante. A época dos milagres ainda não passou. O amor ao dinheiro é um poderoso princípio de vida, mas a chamada de Cristo à alma é mais poderosa. Não desanimemos nem mesmo no tocante àqueles que estão sentados “na coletoria”, alegrando-se na fartura das boas coisas do mundo. A voz que disse a Levi: “Segue-me!” poderá alcançar outros corações. Ainda poderemos vê-los levantando-se, tomando a sua própria cruz e seguindo a Cristo. Esperemos continuamente e oremos em favor de outras pessoas. Quem pode dizer o que Deus haverá de fazer por aqueles que vivem à nossa volta? Ninguém é mau demais para ser chamado por Cristo. Oremos em favor de todas as pessoas.

Destes versículos também aprendamos que *um dos principais ofícios de Cristo é o de médico*. Os escribas e fariseus criticaram a Jesus por comer e beber em companhia de publicanos e pecadores. Mas, ao ouvir tais críticas, Jesus retrucou: “Os sãos não precisam de médico, e, sim, os doentes; não vim chamar justos, e, sim, pecadores”.

Diferentemente do que alguns imaginam, o Senhor Jesus não veio ao mundo somente para ser um legislador, um rei, um mestre ou um exemplo. Se esse tivesse sido todo o propósito de sua primeira vinda, haveria bem pouca esperança para os homens. Dietas e normas para a vida diária talvez seja bom para a pessoa em convalescença, mas não para o homem que sofre de alguma doença terminal. Um mestre e um bom exemplo talvez sejam suficientes para algum ser não caído no pecado, como Adão, no jardim do Éden; mas pecadores caídos, como nós, precisam ser curados, antes de poderem dar valor a regras.

O Senhor Jesus veio a este mundo para ser tanto médico quanto mestre. Ele sabia o que a natureza humana necessita. Vê a todos nós como seres enfermos de uma doença mortal, feridos pela praga do pecado, morrendo a cada dia. Ele teve piedade de nós e veio ao mundo a fim de trazer o remédio divino para nos aliviar. Veio para curar os moribundos, para sarar os de coração despedaçado e para oferecer vigor ao fraco. Nenhuma alma enferma pelo pecado está fora do seu alcance. A sua glória consiste em curar, restaurando à vida os casos mais desesperadores. O grande Médico das almas desconhece rival para a sua

infallível habilidade, para a sua incansável ternura, para a sua longa experiência com os males espirituais dos homens. Não há ninguém que se compare a Ele.

Mas, o que nós mesmos conhecemos a respeito desse ofício especial de Cristo? Temos sentido a nossa necessidade espiritual e recorrido a Ele para receber alívio? Jamais seremos retos ao olhos de Deus, se não fizermos isso. Nosso conhecimento sobre religião cristã será distorcido, se pensamos que o senso de pecado deve fazer-nos evitar a Cristo. Sentirmos nossos pecados e reconhecermos nossa enfermidade espiritual é o começo do real cristianismo. Sentirmos nossa própria corrupção e abominarmos nossas transgressões são os primeiros sintomas de saúde espiritual. De fato, felizes os que descobriram as enfermidades de suas almas; que reconhecem ser Cristo o grande Médico do qual necessitam e assim se beneficiam dEle.

Por último, aprendamos que, *no terreno da religião cristã, é profundamente inútil tentar misturar coisas que são essencialmente diferentes*. Jesus instruiu aos fariseus: “Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha... Ninguém põe vinho novo em odres velhos”.

Como é óbvio, devemos entender estas palavras de Jesus como uma parábola. Foram proferidas com referência especial à pergunta que os fariseus tinham acabado de formular: “Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?” A resposta de nosso Senhor, como é evidente, deu a entender que impor jejum aos seus discípulos seria inconveniente e fora de hora. O seu pequeno rebanho de seguidores ainda era muito jovem na graça e fraco na fé, no conhecimento e na experiência; precisava ser conduzido suavemente, e não sobrecarregado com exigências que não era capaz de suportar. Além do mais, jejuar podia ser apropriado para os discípulos daquele que era apenas o amigo do Noivo, amigo esse que vivia no deserto, pregava o batismo de arrependimento, vestia-se com pêlos de camelo e comia gafanhotos e mel silvestre. Mas o jejum não era igualmente adequado para os discípulos dAquele que é o próprio Noivo, que anunciava as boas novas aos pecadores, que viera para viver como homem. Em suma, requerer o jejum dos discípulos de Cristo, naquela oportunidade, seria como pôr “vinho novo em odres velhos”. Seria como tentar misturar coisas que são incompatíveis.

O princípio estabelecido nesta breve parábola reveste-se de suprema importância. Temos aí uma espécie de provérbio, que admite várias aplicações. Esquecer tal verdade com frequência tem causado muitos males à igreja de Cristo. Os males que têm surgido, resultantes da tentativa de costurar um remendo de pano novo em alguma veste

velha, ou de se pôr vinho novo em odres velhos, não têm sido nem poucos nem pequenos.

O que sucedeu entre as igrejas cristãs da Galácia? Ficou tudo registrado na epístola de Paulo. Naquelas igrejas havia homens que queriam conciliar o judaísmo com o cristianismo, tanto batizando quanto circuncidando os convertidos. Eles esforçaram-se para manter vivas as leis referentes às cerimônias e às ordenanças, paralelamente ao evangelho de Cristo. Na verdade, eles pensavam ter conseguido pôr “vinho novo em odres velhos”; mas, ao assim fazerem, erraram grandemente.

O que aconteceu às novas igrejas cristãs depois que os apóstolos faleceram? Nós o temos registrado nas páginas da História da Igreja. Alguns tentaram fazer o evangelho mais aceitável, misturando-o com a filosofia platônica. Outros trabalharam para torná-lo recomendável aos pagãos, mediante o empréstimo de formas, rituais e vestimentas copiadas dos templos de falsos deuses. Assim, eles costuraram “remendo novo em veste velha”. Ao fazerem isso, espalharam por toda a parte as sementes de um enorme mal. Pavimentaram o caminho para a completa apostasia romana.

O que acontece a tantos crentes em nossos dias? Basta olharmos ao nosso redor para descobrir. Há milhares de crentes que estão procurando conciliar o servir a Cristo com o servir ao mundo, procurando ter o nome de cristãos e, ao mesmo tempo, viver a vida própria dos ímpios — mantendo a companhia de servos dos prazeres e do pecado, enquanto pretendem ser seguidores do Jesus crucificado. Em suma, estão tentando desfrutar do “vinho novo”, ainda sem se desfazerem dos “odres velhos”. Algum dia, entretanto, descobrirão que estão tentando fazer aquilo que é impossível.

Deixemos esta passagem com uma atitude de séria auto-inquirição. Este texto deveria levar-nos a fazer profunda sondagem em nossos próprios corações. Certamente já lemos o que as Escrituras dizem: “Ninguém pode servir a dois senhores... Não podeis servir a Deus e às riquezas” (Mt 6.24). Ponhamos lado a lado com essas palavras de Mateus as conclusivas palavras de nosso Senhor, nesta passagem: “Põe-se vinho novo em odres novos”.

O Correto Ponto de Vista Sobre o Dia de Descanso

Leia Marcos 2.23-28

Estes versículos apresentam diante de nós uma cena notável do

ministério terreno de nosso Senhor Jesus Cristo. Vemos ali nosso bendito Mestre e seus discípulos, atravessando, “em dia de sábado, as searas”. Também somos informados que os discípulos, enquanto caminhavam, “colhiam espigas”. Imediatamente os fariseus puseram-se a acusá-los, como se os discípulos tivessem cometido uma tremenda ofensa moral. “Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados?” Os fariseus receberam uma resposta transbordante de sabedoria, que todos devemos estudar detidamente, se quisermos compreender bem a questão da observância do dia de descanso.

Por intermédio destes versículos, aprendamos *quão exagerada importância é conferida a ninharias, por aqueles que são apenas formalistas religiosos*. Os fariseus eram meros formalistas, como talvez nunca houve iguais. Parece que pensavam exclusivamente na parte exterior, na casca, na fachada e nas cerimônias da religião. A essas externalidades, acrescentavam as tradições por eles mesmos inventadas. Sua piedade compunha-se de abluções, jejuns e peculiaridades nos trajés e na forma de adoração, enquanto o arrependimento, a fé e a santidade eram comparativamente esquecidas.

Os fariseus provavelmente não teriam encontrado falha alguma, se os discípulos tivessem sido culpados de alguma ofensa contra a lei moral. Eles teriam dado pouca importância à cobiça, ao perjúrio, ou à extorsão, porquanto esses eram pecados para os quais eles mesmos se inclinavam. Entretanto, tão logo viram uma infração às suas próprias tradições a respeito da guarda do sábado, eles protestaram em altos brados e acharam falta nos discípulos.

Oremos e vigiemos para não nos precipitarmos no mesmo erro dos fariseus. Existem crentes que caminham pelas mesmas veredas deles. Há milhares, em nossos dias, que pensam muito mais acerca das meras cerimônias religiosas do que a respeito das doutrinas do cristianismo. Tais pessoas fazem muito mais barulho a respeito do guardar os dias santos, do inclinarem-se na direção do oriente, do recitar o credo e do prostrar-se ao ser proferido o nome de Jesus, do que a respeito do arrependimento, da fé e do separar-se deste mundo. Estejamos permanentemente em guarda contra tal atitude. Ela não nos pode consolar, satisfazer ou salvar.

Deve ser um princípio bem fixado em nossas mentes o fato que a alma de um homem está em mau estado, quando ele começa a considerar os ritos e as cerimônias, criados pelos homens, como de superior importância, exaltando-as acima da pregação do evangelho. Esse é um sintoma de enfermidade espiritual. Há um engano por trás dessa atitude. Com demasiada freqüência, ela é sinal de uma consciência intranquã. Os primeiros passos no afastamento do verdadeiro evangelho, em geral,

seguem nessa direção. Não admira que o apóstolo Paulo tenha escrito aos gálatas: “Guardais dias, e meses, e tempos, e anos. Receio de vós tenha eu trabalhado em vão para convosco” (Gl 4.10,11).

Destes versículos aprendamos, em segundo lugar, *o valor de um sólido conhecimento das Sagradas Escrituras*. Nosso Senhor rebate a acusação dos fariseus com uma passagem da Bíblia. Ele lembra aos seus adversários qual havia sido a conduta de Davi, quando ele “se viu em necessidade e teve fome”. “Nunca lestes o que fez Davi...?” Eles não podiam negar que o escritor do livro de Salmos, o homem segundo o coração de Deus, dificilmente poderia ter dado um mau exemplo. Na verdade, eles sabiam que Davi nunca se desviara dos mandamentos de Deus, todos os dias de sua vida, “senão só no caso de Urias, o heteu” (1 Rs 15.5). Não obstante, o que fizera Davi? Ele entrara na casa de Deus, quando sentiu fome, e comera “os pães da proposição, os quais não é lícito comer, senão só aos sacerdotes”. Jesus mostrou que, em casos de necessidade, alguns dos requisitos da lei cerimonial de Deus podem ser abrandados. Nosso Senhor, pois, apresentou aos seus adversários esse exemplo, extraído das próprias Escrituras. Coisa alguma puderam encontrar para retorquir ao seu argumento. A espada do Espírito foi uma arma diante da qual não puderam resistir. Foram silenciados e envergonhados.

Ora, a conduta de nosso Senhor, nessa oportunidade, deve servir de exemplo para todo o seu povo. A grande razão impulsionadora de nossa fé e prática deve ser sempre a seguinte: “Está escrito” na Bíblia. E, igualmente: “Que diz a Escritura?” Deveríamos nos esforçar por ter a Palavra de Deus do nosso lado, em todas as questões polêmicas. Deveríamos ser capazes de dar uma resposta bíblica em apoio à nossa conduta, em todas as questões suscetíveis de discussão. Deveríamos apresentar as Escrituras diante de nossos adversários como a nossa regra de conduta. Acabaremos descobrindo que um texto bíblico claro é o mais poderoso argumento que podemos usar. Em um mundo como o nosso, devemos esperar que nossas opiniões sejam atacadas, se estamos servindo a Cristo, e devemos estar certos de que coisa alguma é capaz de silenciar os nossos adversários tão prontamente como uma citação das Escrituras.

Lembremos, entretanto, que se tivermos de usar a Bíblia conforme fez nosso Senhor, teremos de conhecê-la bem e estar familiarizados com o seu conteúdo. Devemos lê-la, diligente e humildemente, com perseverança e com muita oração; ou os textos bíblicos nunca nos ocorrerão nos momentos de necessidade. Para que usemos a espada do Espírito de modo eficaz, teremos de estar habituados a ela, por tê-la manuseado com freqüência. Não existe outro modo para adquirir o conhecimento

da Bíblia. Tal conhecimento não vem intuitivamente ao homem. O Livro Sagrado deve ser estudado, ponderado e pesquisado. Devemos orar sobre ele e jamais deixá-lo em alguma estante, para o examinarmos de vez em quando, descuidadamente. Os que estudam a Bíblia, e somente eles, descobrirão que a Escritura lhes serve de arma sempre pronta, à mão, no dia da batalha.

Em último lugar, destes versículos, aprendamos *o verdadeiro princípio pelo qual todas as questões acerca da observância do sábado deveriam ser decididas*. Ensinou o Senhor Jesus Cristo: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado”.

Nestas palavras de Jesus, há uma fonte de profunda sabedoria. Merecem toda a nossa atenção, tanto mais porque ficaram registradas exclusivamente no Evangelho de Marcos. Vejamos o que elas contêm.

“O sábado foi estabelecido por causa do homem.” Deus estabeleceu o dia de descanso em favor de Adão, no paraíso; e renovou-o para Israel, no monte Sinai. O dia de descanso foi estabelecido em favor de toda a humanidade, não somente para os israelitas, mas antes, para toda a descendência de Adão. Foi estabelecido tendo em vista o benefício e a felicidade do homem. Visava o bem de seu corpo, de sua mente e de sua alma. Foi dado ao homem como uma bênção e uma graça, não como um fardo. Assim foi sua instituição original.

Porém, o homem não foi criado “por causa do sábado”. A observância do dia do Senhor nunca teve a finalidade de ser imposta como algo injurioso à saúde do homem; nunca foi instituída para interferir nas necessidades humanas. O mandamento original: “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar” (Êx 20.8), não tinha o intuito de ser interpretado como prejudicial ao corpo do homem, ou como empecilho aos atos de misericórdia em favor do próximo. Esse era o ponto crucial que os fariseus tinham esquecido ou sepultado debaixo de suas tradições.

Em tudo isso, nada existe que apóie a precipitada afirmação de alguns, que nosso Senhor anulou o quarto mandamento. Pelo contrário, Jesus falou manifestamente sobre o dia de descanso como um privilégio e uma dádiva, e regulamentou a extensão de sua observância. Cristo mostrou que obras necessárias e de misericórdia podem ser realizadas no dia do Senhor; mas não proferiu uma única palavra que justificasse a noção de que os crentes não precisam lembrar-se do dia de descanso, “do dia de sábado, para o santificar”.

Sejamos zelosos em nossa própria conduta, quanto à observância do dia de descanso. Há bem pouco perigo de que ele esteja sendo observado muito estritamente em nossos dias. Há um perigo muito maior de que o dia do Senhor esteja sendo profanado e esquecido completamente.

Devemos contender zelosamente por sua preservação, entre nós, em toda a sua integridade. Podemos ter a certeza de que o desenvolvimento pessoal na graça de Deus e a prosperidade nacional estão intimamente vinculados à manutenção de um dia santificado ao Senhor.

A Cura do Homem de Mão Ressequida; Cristo se Indigna ao ser Observado por Seus Inimigos

Leia Marcos 3.1-12

Estes versículos nos mostram, novamente, nosso Senhor operando um milagre. Na sinagoga, Ele curou um homem “que tinha ressequida uma das mãos”. Sempre atarefado nos negócios de seu Pai, sempre fazendo o bem, à vista tanto de amigos quanto de inimigos — esse era o teor diário do ministério terreno de nosso Senhor. Jesus deixou o “exemplo para seguides os seus passos” (1 Pe 2.21). Verdadeiramente, bem-aventurados aqueles que se esforçam, ainda que debilmente, por imitar seu Senhor!

Observemos, nestes versículos, *como nosso Senhor Jesus Cristo era observado pelos seus inimigos*. Lemos que eles “estavam observando a Jesus para ver se o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem”.

Que melancólica prova temos aqui da iniquidade da natureza humana! Essas coisas sucederam num sábado. Aconteceram na sinagoga, onde os homens se reuniam a fim de ouvir a Palavra de Deus e de adorar ao Senhor. No entanto, até mesmo no dia do Senhor e no tempo dado a adoração a Deus, aqueles miseráveis formalistas planejavam prejudicar nosso Senhor. Os próprios homens que reivindicavam tanta rigidez e santidade em pequeninas coisas estavam repletos de malícia e de pensamentos iracundos, “no meio da assembléia e da congregação” (Pv 5.14).

O povo que pertence a Cristo não pode esperar ser tratado melhor do que foi seu Senhor. Eles são sempre observados por um mundo mau e despeitado. A conduta deles é examinada com olhos invejosos e argutos. Os seus modos e maneiras são notados com grande diligência. Eles são pessoas marcadas. Não podem fazer coisa alguma sem serem observados pelo mundo. Suas roupas, seus gastos, o modo como empregam seu tempo, sua conduta em todas as relações da vida, tudo é rígida e atentamente observado. Seus adversários esperam um deslize; e, se nalguma ocasião eles caem no erro, os ímpios se regozijam.

Convém que todos os crentes conservem isso na mente. Não

importa onde formos ou o que fizermos, lembremos que, tal como sucedeu a nosso Senhor, estaremos sendo “observados”. Esse pensamento deveria levar-nos a exercer um santo cuidado quanto a toda nossa conduta, para nada fazermos que leve o inimigo a blasfemar. Tudo isso deve tornar-nos diligentes, a fim de evitarmos “toda aparência do mal”. Acima de tudo, deve fazer-nos orar muito, para que saibamos como controlar nosso temperamento, nossa língua e como conduzir nosso comportamento diário. O Salvador, que foi observado, sabe como simpatizar com seu povo e como suprir a graça capaz de socorrer em tempos de necessidade.

Em segundo lugar, notemos *o grande princípio deixado por nosso Senhor acerca da guarda do dia do Senhor*. Jesus ensinou que é legítimo “praticar o bem” no dia do Senhor.

Esse princípio foi ensinado por Cristo mediante uma pergunta. Ele indagou àqueles que estavam ao seu redor: “É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? salvar a vida ou tirá-la?” Seria melhor curar aquele pobre homem sofrendo, com sua mão mirrada, ou deixá-lo abandonado? O que seria mais pecaminoso: restaurar a saúde a uma pessoa, no sábado, ou planejar um assassinato e nutrir ódio contra uma pessoa inocente, conforme estavam fazendo naquele momento contra Jesus? Jesus deveria ser acusado por haver salvo uma vida no sábado? Eram inocentes aqueles que desejavam matá-Lo? Não admira que, diante de tal indagação, os adversários de nosso Senhor “ficaram em silêncio”.

Diante das palavras de nosso Senhor, crente algum precisa hesitar em fazer qualquer obra realmente boa, no domingo, o dia do Senhor. Uma verdadeira obra de misericórdia, como a de ministrar aos enfermos ou a de procurar aliviar as dores dos que sofrem, sempre pode ser realizada sem hesitação. A santidade com a qual o quarto mandamento reveste o dia do Senhor não é invalidada, em nenhum sentido, por qualquer coisa boa que se possa realizar nesse dia.

Todavia, cumpre-nos cuidar para que o princípio aqui estabelecido por nosso Senhor não seja alvo de abusos e nem seja transformado em algo negativo. Não devemos supor que a permissão para “fazer o bem” subentenda que cada um de nós deve procurar os seus próprios prazeres no domingo. A permissão para “fazer o bem” nunca teve por finalidade abrir as portas para diversões, festividades mundanas, viagens, passeios e satisfação sensual. Também nunca teve a finalidade de servir de licença para passeios, turismo ou visitas a feiras e exposições, no domingo. Essas coisas, quando feitas no domingo, não fazem bem a quem quer que seja, e certamente prejudicam a muitos. Furtam empregados de seu descanso semanal. Transformam o domingo de milhares de pessoas num dia de árduos labores. Tenhamos cuidado para não pervertermos

o significado correto das palavras de nosso Senhor. Lembremos que tipo de “fazer o bem”, no domingo, foi sancionado pelo seu bendito exemplo. Indaguemos a nós mesmos se há a mais leve semelhança entre as obras realizadas por nosso Senhor, no sábado, e aquelas formas de passar o domingo que muitos reivindicam, embora ousem apelar para o exemplo deixado por nosso Senhor. Recorramos ao significado claro das palavras de nosso Senhor e firmemo-nos nelas. Cristo nos proporciona a liberdade de “fazer o bem” no domingo; mas, no tocante a festas, turismo, diversões e excursões, Ele não nos dá nenhuma liberdade.

Observemos, em último lugar, *os sentimentos despertados no coração de nosso Senhor, pelas atitudes de seus inimigos*. Somos informados que Jesus olhou ao redor, “indignado e condoído com a dureza dos seus corações”.

Essa expressão é realmente admirável e requer especial atenção. Ela procura lembrar-nos que nosso Senhor Jesus Cristo era um homem semelhante a nós, em todas as coisas, exceto no pecado. Todos os sentimentos não-pecaminosos que são característicos ao homem foram vividos por nosso Senhor. Lemos que Ele “maravilhou-se”, que Ele “regozijou-se”, que “chorou” e que “amou”; e também, aqui, lemos que Ele ficou “indignado”.

Essas palavras nos permitem concluir que há uma “indignação” que é legítima, correta e não-pecaminosa. Há uma justa indignação, a qual, em determinadas ocasiões, pode manifestar-se adequadamente. As palavras de Salomão e as do apóstolo Paulo parecem ensinar-nos a mesma lição: “O vento norte traz chuva, e a língua fingida, o rosto irado” (Pv 25.23); “Irai-vos, e não pequeis; não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Ef 4.26).

Contudo, precisamos confessar que esse assunto é repleto de dificuldades. Dentre todos os sentimentos experimentados pelo coração humano, talvez nenhum outro leve tão rápido ao pecado quanto o sentimento da ira. Nenhum outro sentimento, depois de manifestar-se, torna-se tão difícil de ser controlado quanto esse. Nenhum outro sentimento pode conduzir-nos a tão grandes males. Todos precisamos conhecer até onde o mau gênio e a irritabilidade podem conduzir os homens, mesmo os piedosos. A história da desavença entre Paulo e Barnabé, em Antioquia, e a história de Moisés, que por ter sido tão provocado “falou irrefletidamente”, são narrativas familiares a todos os leitores da Bíblia. O tremendo fato de que palavras carregadas de ira são uma quebra do sexto mandamento é plenamente ensinado no Sermão da Montanha. No entanto, vemos aqui que há uma indignação legítima.

Passemos adiante deste assunto com uma fervorosa oração, pedindo que todos sejamos capacitados a evitar a ira. Podemos ficar certos

de que não há outro sentimento humano que necessite de tanta vigilância quanto esse. A indignação sem pecado é um sentimento raríssimo. A ira do homem raramente redundará na glória de Deus. Em todos os casos, devemos manifestar uma justa indignação temperada com tristeza e lamentação por aqueles que a provocam, conforme aconteceu com nosso Senhor. Mas, seja como for, devemos estar bem certos que é melhor nunca nos irmos do que nos irmos e pecarmos.

Ordenação dos Doze Apóstolos; O Zelo de Cristo é Mal Entendido por Seus Amigos

Leia Marcos 3.13-21

O começo desta passagem descreve a nomeação dos doze apóstolos. Esse acontecimento, no ministério terreno de nosso Senhor, deveria ser lido por nós com profundo interesse. Quão vasta é a lista de benefícios que aqueles poucos homens conferiram à humanidade! Os nomes de alguns pescadores judeus são conhecidos e amados por milhões de pessoas por todo globo terrestre, ao passo que os nomes de muitos reis e homens ricos têm-se perdido e esquecido totalmente. São aqueles que fazem o bem às almas que serão tidos “em memória eterna” (Sl 112.6).

Observemos, nestes versículos, *quantos dos doze foram chamados para ser discípulos, antes de terem sido ordenados como apóstolos*. Há pelo menos seis, dentre os doze, cuja chamada inicial para seguir a Cristo é registrada nos evangelhos. São eles: Pedro e André, Tiago e João, Filipe e Mateus. Em suma, há pouca dúvida de que onze, dentre os doze apóstolos de nosso Senhor, converteram-se antes de serem ordenados ao apostolado.

O mesmo deve acontecer com todos os ministros do evangelho. Eles devem ser homens que, primeiramente, foram chamados pelo Espírito Santo, antes de terem sido separados para a grandiosa tarefa de ensinar a Palavra de Deus. A regra deve ser idêntica àquela que envolveu os apóstolos: primeiro, a conversão, e então, a ordenação.

É impossível exagerar a importância desse fato para os interesses da verdadeira religião. Pastores e presbíteros nunca podem ser exigentes ou minuciosos demais nas indagações acerca do caráter espiritual dos candidatos ao ministério. Um ministro não-convertido é totalmente incapaz para o seu ofício. Como pode falar da experiência da graça divina, se ele mesmo nunca a provou? Como pode ele apresentar para seu povo um Salvador que ele próprio nunca conheceu? Como pode

exortar as almas a respeito da necessidade de conversão e do novo nascimento, se ele mesmo jamais os experimentou? Misericordemente enganados estão aqueles pais que persuadem seus filhos a se tornarem ministros do evangelho, a fim de obterem uma maneira fácil de viver ou seguirem uma profissão respeitável! O que é isso, senão persuadi-los a dizer o que não é verdade e a tomar o nome do Senhor em vão? Ninguém prejudica tanto a causa do cristianismo como os ministros não-convertidos e mundanos. Esses são um estímulo ao incrédulo, uma satisfação para o diabo e uma ofensa a Deus.

Em segundo lugar, observemos a *natureza do ofício para o qual os apóstolos foram ordenados*. Jesus “designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar, e a exercer a autoridade de expelir demônios” e “curar toda sorte de doenças e enfermidades”.

Estes quatro pontos requerem a nossa atenção. Eles contêm muita instrução. Os doze apóstolos de nosso Senhor, sem dúvida, formavam uma classe seleta de homens. Ao morrerem, não deixaram sucessores. Estrita e literalmente falando, não existe algo como a sucessão apostólica. Ninguém pode ser legitimamente chamado de “sucessor dos apóstolos”, a menos que também seja capaz de operar milagres e ensinar de modo infalível, conforme os apóstolos o fizeram. Ao dizermos isto, não podemos esquecer que, quanto a muitas coisas, os apóstolos foram escolhidos com o propósito de servir de padrão e modelo para todos os ministros do evangelho. Mantendo isso em mente, poderemos extrair as mais úteis lições da presente passagem, no que concerne aos deveres de um ministro fiel.

À semelhança dos apóstolos, o ministro fiel deve manter-se em íntima comunhão com Cristo. Ele deve estar mais “com Ele”. A comunhão dele deve ser com o Filho (1 Jo 1.3). Ele deve permanecer em Cristo. Deve separar-se do mundo e, à semelhança de Maria, assentar-se diariamente aos pés de Jesus a fim de ouvir sua palavra. Deve estudar sobre a pessoa de Cristo, imitando-O, bebendo de seu Espírito e andando nos seus passos. Todo ministro do evangelho deve esforçar-se para ser capaz de dizer, ao subir ao púlpito: “O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros” (1 Jo 1.3).

Tal como os apóstolos, o fiel ministro do evangelho deveria ser um pregador. Essa deve ser sempre a sua principal tarefa, absorvendo a maior parte dos seus pensamentos. Ele deve colocar a pregação acima da administração das ordenanças (1 Co 1.17); ele deve exaltá-la acima da leitura de liturgias. Um ministro que não prega tem bem pouca utilidade na igreja de Cristo. Tal ministro é como um farol que não ilumina; como um corneteiro silencioso; como um vigia adormecido; como uma chama que não aquece.

À semelhança dos apóstolos, o fiel ministro deve labutar para praticar o bem, de todas as formas possíveis. Embora não possa curar os enfermos, deverá procurar aliviar as tristezas e aumentar a felicidade entre todos aqueles com quem tiver de relacionar-se. Deve esforçar-se para ser conhecido como consolador, conselheiro, pacificador, ajudador e amigo de todos. Os homens devem conhecê-lo, não como alguém que os domina e que neles manda, mas como alguém que é seu servo “por amor de Jesus” (2 Co 4.5).

Tal como os apóstolos, o fiel ministro do evangelho deve fazer oposição a todas as obras do diabo. Embora não seja chamado hoje para expelir demônios, deve estar sempre pronto para resistir aos astuciosos ataques de Satanás, denunciando suas armadilhas contra as almas. Ele precisa expor a tendência dos homens para as jogatinas, os teatros, os bailes, o alcoolismo e para a profanação do dia do Senhor e para a satisfação de impulsos sexuais pecaminosos. Cada geração possui artimanhas de Satanás. Porém, sem importar o ponto sobre o qual Satanás esteja se ocupando mais, o ministro precisa estar sempre pronto a confrontá-lo e a oferecer-lhe resistência.

Quão grande é a responsabilidade dos ministros do evangelho! Quão pesada será a sua tarefa, se estiverem cumprindo o seu dever! Precisam muito, pois, das orações de todos os crentes dedicados à oração, a fim de receberem apoio e fortalecerem as suas mãos. Não admira que o apóstolo Paulo tenha solicitado tantas vezes às igrejas: “Orai por nós”. Notemos, por último, *como o zelo de nosso Senhor Jesus Cristo foi mal compreendido pelos seus adversários*. Somos informados que “saíram para o prender; porque diziam: Está fora de si”.

Nesse fato, nada existe que nos surpreenda. O profeta que fora ungir a Jeú foi chamado de “louco” (2 Rs 9.11). Festei disse a Paulo: “Estás louco” (At 26.24). Poucas coisas demonstram mais abertamente a corrupção da natureza humana do que a incapacidade dos homens compreenderem o zelo religioso. O zelo para com o dinheiro, a ciência, a guerra, o comércio ou os negócios é algo inteligível para o mundo. Todavia, o zelo relativo à religião, com grande frequência, é considerado como insensatez, fanatismo e sinal de uma mente débil. Se um homem chegar a prejudicar a sua saúde, por causa dos estudos ou pela excessiva atenção aos negócios, nenhuma falta lhe será atribuída; mas dirão: Ele é um homem diligente. Porém, se alguém desgastar-se com a pregação, ou se passar quase todo o seu tempo em fazer o bem às almas, então logo se ouvirá: Ele é um radical, uma pessoa demasiadamente correta. O mundo continua inalterado. “As cousas do Espírito” sempre serão “loucura” para “o homem natural” (1 Co 2.14).

Não deixemos nossa fé abalar-se, se tivermos de beber do mesmo

cálice que nosso bendito Senhor bebeu. Por mais difícil que seja para a nossa carne e sangue o não sermos compreendidos pelos nossos próprios parentes, devemos nos recordar que isso não é novidade. Lembremo-nos das palavras de nosso Senhor: “Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim, não é digno de mim” (Mt 10.37). Jesus conhece o gosto amargo de nossas provações. Ele sente por nós. Ele nos prestará a ajuda necessária.

Suportemos com paciência as atitudes irracionais dos homens não-convertidos, a exemplo do que fez nosso Senhor. Tenhamos compaixão de sua cegueira e de sua falta de conhecimento espiritual; não os amemos menos por causa disso. Acima de tudo, oremos para que Deus transforme os seus corações. Quem pode afirmar que as próprias pessoas que agora procuram afastar-nos de Cristo, não serão algum dia novas criaturas, vendo todas as coisas por um prisma diferente e seguindo a Cristo?

Precaução Contra as Divisões; A Plenitude do Perdão Oferecido no Evangelho; A Condenação Eterna

Leia Marcos 3.22-30

Todos sabemos o quanto nos é doloroso quando a nossa conduta é mal-entendida e mal-interpretada, quando estamos fazendo o que é certo. Essa foi uma das provações que nosso Senhor Jesus Cristo precisou enfrentar continuamente, durante todo o seu ministério terreno. Encontramos um exemplo disso nesta passagem. “Os escribas que haviam descido de Jerusalém” contemplavam os milagres realizados por Jesus. Não podiam negar a realidade desses prodígios. Nesse caso, o que fizeram eles? Acusaram o nosso bendito Salvador de estar ligado ou em parceria com o diabo. Disseram eles: “Ele está possesso de Belzebu, e: É pelo maioral dos demônios que expelle os demônios”.

Na resposta dada pelo Senhor Jesus a essa ímpia acusação, algumas expressões merecem nossa mais especial atenção. Vejamos quais lições para nosso benefício estão contidas nessa resposta.

Devemos observar, em primeiro lugar, *quão grave é a malignidade das dissensões e das divisões*. Essa é uma lição fortemente salientada no começo da resposta de nosso Senhor aos escribas. Jesus mostrou o absurdo da suposição de que Satanás viria “expelir a Satanás”, ajudando, dessa forma, a derrubar o seu próprio reino. Ele apelou para o fato notório, que até os seus adversários tiveram de admitir, que não pode

haver força onde há divisão: “Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir”.

Essa verdade, entretanto, não tem recebido suficiente consideração. Em nenhum outro ponto, o abuso do direito de interpretação individual tem produzido tão grandes males. As divisões existentes entre os cristãos são uma das grandes causas da debilidade da igreja.

Elas com freqüência absorvem energia, tempo e poder, que poderiam ser melhor empregados em atividades mais importantes. Tais divisões fornecem aos incrédulos excelentes argumentos contra a veracidade do cristianismo. Elas ajudam o diabo. Na verdade, Satanás é o principal promotor das divisões religiosas. Visto que ele é incapaz de extinguir o cristianismo, esforça-se por fazer os crentes contenderem uns contra os outros e levantarem as mãos contra seus irmãos. Ninguém sabe, melhor do que Satanás, que “dividir é conquistar”.

Tanto quanto depender de nós, resolvamos evitar diferenças, dissensões e disputas no campo religioso. Sintamos aversão e abominação por essas divisões, como uma praga que assedia as igrejas. Não podemos ser demasiadamente zelosos quanto a cada uma das verdades a respeito da salvação. É muito fácil confundirmos os escrúpulos mórbidos com a boa consciência, e o zelo sobre meras ninharias com o zelo em torno das verdades da Bíblia. Coisa alguma justifica o afastar-nos de uma igreja, a não ser o fato dessa igreja ter se desviado para longe do evangelho. Estejamos dispostos a ceder muito, a fazer grandes sacrifícios, pela unidade e concórdia.

Em segundo lugar, devemos notar, nestes versículos, *que gloriosa declaração fez nosso Senhor sobre o perdão dos pecados*. Asseverou Ele: “Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados, e as blasfêmias que proferirem”.

Essas palavras de Cristo são recebidas levianamente por muitas pessoas; elas não percebem qualquer encanto especial nelas. Porém, para aquele que é profundamente cômico de sua própria pecaminosidade e de sua necessidade da misericórdia divina, essas palavras são doces e preciosas. “Tudo será perdoado.” Os pecados da juventude e da velhice, os pecados da mente, das mãos, da língua, da imaginação, os pecados contra os mandamentos de Deus, os pecados cometidos por perseguidores como Saulo, os pecados de idólatras como o rei Manassés, os pecados dos inimigos declarados de Cristo, como aqueles judeus que O crucificaram, os pecados dos reincidentes, à semelhança de Pedro — todos podem ser perdoados. O sangue de Cristo é poderoso para purificar todos os pecados completamente. A retidão de Cristo pode cobrir todos os nossos delitos, ocultando-os dos olhos de Deus.

A doutrina aqui apresentada é a coroa e a glória do evangelho.

A primeira coisa que o evangelho oferece aos homens é o perdão gratuito, o perdão pleno, a remissão completa, sem dinheiro e sem preço. “Tomai... conhecimento de que se vos anuncia remissão de pecados por intermédio deste; e por meio dele todo o que crê é justificado de todas as cousas” (At 13.38,39).

Apeguemo-nos a essa doutrina sem demora, se ainda não lhe demos acolhida. Ela visa o nosso benefício, bem como o de nossos semelhantes. Nós, igualmente, neste mesmo instante, se viermos a Jesus Cristo, poderemos ser completamente perdoados. “Ainda que os vossos pecados são como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve” (Is 1.18).

Agarremo-nos a essa doutrina com determinação, se já a recebemos no coração. Algumas vezes, talvez nos sintamos desanimados, indignos e abatidos. Mas, se realmente já viemos a Jesus Cristo mediante a fé, os nossos pecados foram completamente perdoados. Eles foram lançados para longe dos olhos de Deus, foram apagados do livro de suas memórias, foram atirados nas maiores profundezas do mar. Portanto, creiamos e não fiquemos temerosos.

Em último lugar, observemos que *é possível à alma de um homem perder-se eternamente*. As palavras de nosso Senhor foram claras e expressivas. Ele referiu-se a alguém que “não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno”.

Sem a menor dúvida, esta é uma espantosa verdade, e não podemos fechar os olhos diante dela. Nós a encontramos reiterada muitas e muitas vezes nas Sagradas Escrituras. Símbolos de todos os tipos se multiplicam, e toda forma de linguagem foi utilizada, a fim de deixar essa verdade bem clara e inequívoca. Em suma, se não existe tal coisa como a “condenação eterna”, então podemos desfazer-nos da Bíblia, afirmando que as suas palavras não fazem qualquer sentido.

Nestes últimos dias temos a premente necessidade de fixar nossa atenção nessa verdade. Estão se levantando mestres que atacam abertamente a doutrina da punição eterna, ou que estão procurando invalidá-la mediante as suas distorcidas explicações. Muitos estão ouvindo declarações plausíveis sobre “o amor de Deus” e a impossibilidade de um Deus amoroso permitir um inferno de chamas eternas para os homens. Assim, a eternidade da punição é divulgada como uma mera “questão especulativa” acerca da qual os homens podem acreditar da forma que mais lhes agrada. Em meio a todo esse dilúvio de falsas doutrinas, retenhamos firmemente a antiga verdade da Bíblia. Não nos envergonhemos de crer que existe um Deus eterno, um céu eterno e uma eterna punição. Lembremo-nos que o pecado é um mal infinito. Foi necessário uma expiação de infinito valor para livrar o crente das

conseqüências do pecado; e há uma infinita perda, para o incrédulo que recusa o único remédio providenciado para resolver o problema do pecado. Acima de tudo, depositemos toda a nossa confiança nas claras afirmações bíblicas, como esta que temos à nossa frente. Um texto bíblico claro vale mais do que mil argumentos confusos.

Finalmente, visto ser verdade que há uma “condenação eterna”, mostremo-nos diligentes, a fim de que nós mesmos não venhamos a ser eternamente condenados. Escapemos, para salvar a própria vida, e não nos demoremos (Gn 19.16,17). Fugamos para o refúgio, para a esperança que o evangelho coloca diante de nós e não descansemos enquanto não tivermos certeza de que estamos salvos. Nunca, jamais, tenhamos vergonha de buscar a eterna segurança. Com razão poderemos nos envergonhar do pecado, do mundanismo e do amor aos prazeres. Porém, jamais nos envergonhemos de buscar o livramento das eternas chamas do inferno.

O Irmão, a Irmã e a Mãe de Cristo

Leia Marcos 3.31-35

Nos versículos anteriores a esta passagem, vemos nosso bendito Salvador sob a acusação dos escribas, que diziam estar Ele em aliança com o diabo. Haviam asseverado: “Ele está possesso de Belzebu, e: É pelo maioral dos demônios que expelle os demônios”.

Nos versículos que lemos agora, percebemos que essa absurda acusação, feita pelos escribas, não foi tudo quanto Jesus precisou tolerar, naquela ocasião. Somos informados também que “nisto chegaram sua mãe e seus irmãos, e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo”. Eles ainda eram incapazes de compreender a beleza e a utilidade da vida que nosso Senhor vivia. Embora, sem dúvida, O amassem muito, eles O teriam, de bom grado, persuadido a interromper as suas atividades, com a finalidade de “poupá-Lo”. Não sabiam o que estavam fazendo! Pouco haviam observado ou compreendido das palavras de nosso Senhor, quando Ele tinha apenas doze anos de idade: “Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?” (Lc 2.49).

É interessante observarmos a tranqüila mas firme perseverança de nosso Senhor diante de todos os desencorajamentos. Nenhuma dessas coisas foi capaz de abalá-Lo. As caluniosas insinuações de seus adversários e as bem-intencionadas reprimendas de amigos e parentes ignorantes se mostraram igualmente incapazes de fazê-Lo desviar-se de seu curso. Jesus havia voltado o rosto, decididamente, na direção

da cruz e da coroa. Ele sabia que missão viera cumprir neste mundo. Ele tinha um batismo com o qual teria de ser batizado e angustiava-se intimamente enquanto tudo não estivesse terminado (Lc 12.50).

Assim deve acontecer com todos os verdadeiros servos de Cristo. Que nada, por um momento sequer, os desvie do caminho estreito, ou os leve a parar e a olhar atrás. Que eles não dêem atenção às maldosas observações dos inimigos. Que não desistam diante de bem-intencionadas, mas errôneas, súplicas de parentes e amigos não-convertidos. Pelo contrário, que eles respondam com as palavras de Neemias: “Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer” (Nm 6.3). Que eles declarem: Já tomei a minha cruz e de modo nenhum me desfarei dela.

Destes versículos aprendamos uma poderosa lição. Aprendamos *quem Jesus considera como seus familiares*. Os seus familiares são os seus discípulos, aqueles que fazem “a vontade de Deus”. Acerca desses, o grande Cabeça da igreja afirma: “Esse é meu irmão, irmã e mãe”.

Quanta riqueza esconde-se nessa simples expressão! Que inesgotável fonte de consolações ela abre para todos os verdadeiros crentes! Quem é capaz de conceber a profundidade do amor de nosso Senhor para com Maria, a mãe que O gerou, em cujo colo foi criado? Quem pode calcular a amplitude de seu amor para com os seus irmãos segundo a carne, entre os quais Ele passou os tenros anos de sua infância? Sem dúvida, jamais outro coração teve tão profundos mananciais de afeição como o de Jesus. Não obstante, Ele disse a respeito de todos os que fazem “a vontade de Deus”, que cada um deles é seu “irmão, irmã e mãe”.

Todos os verdadeiros crentes devem buscar consolo nessas palavras de Jesus. Devem reconhecer que há alguém que os conhece e que os ama, que cuida de suas vidas e os considera como membros de sua própria família. Que importa se eles são pobres neste mundo? Não têm qualquer motivo para se sentirem envergonhados, quando se lembram que são irmãos e irmãs do Filho de Deus. Que importa se forem perseguidos e maltratados pelos seus próprios familiares, por causa do cristianismo? Devem lembrar as palavras de Davi e aplicá-las a seu próprio caso: “Porque se meu pai e minha mãe me desampararem, o SENHOR me acolherá” (Sl 27.10).

Finalmente, que todos os que ridicularizam e perseguem seus semelhantes, por causa do cristianismo, deixem-se advertir por essas afirmações e arrependam-se. A quem tais pessoas estão procurando ridicularizar e perseguir? Aos parentes de Jesus, o Filho de Deus, à família do Rei dos reis e Senhor dos senhores! Por certo, todos esses procederiam sabiamente se ficassem quietos e considerassem bem o que estão fazendo. Aqueles a quem estão perseguindo têm um poderoso

Amigo: “O seu Vingador é forte, e lhes pleiteará a causa” (Pv 23.11).

A Parábola do Semeador

Leia Marcos 4.1-20

Estes versículos contêm a parábola do semeador. De todas as parábolas contadas por nosso Senhor, é provável que nenhuma delas seja tão conhecida quanto essa. Não há outra tão facilmente compreendida por todos, devido à familiaridade das figuras que contém. Não existe outra parábola que tenha aplicação tão universal e perene. Enquanto houver alguma congregação de crentes, uma representação da igreja de Cristo, também haverá utilidade para essa parábola. A sua linguagem não requer esclarecimentos. Como disse um antigo escritor: “Ela não precisa de explicação, mas somente de aplicação”. Vejamos agora o que ela nos ensina.

Em primeiro lugar, aprendamos que *há alguns ouvintes do evangelho cujos corações são como a beira do caminho que atravessa um campo cultivado*. Esses são os que ouvem sermões, mas não lhe prestam atenção alguma. Frequentam os cultos, ou por formalidade e modismo, ou para parecerem respeitáveis diante dos homens. Porém, não têm qualquer interesse pela pregação. Para esses, a pregação é um mero amontoado de palavras, nomes e considerações ininteligíveis. Nela não se fala sobre dinheiro, comida, bebidas, roupas, ou empresas; e, enquanto tais pessoas escutam os sermões, perdem-se em pensamentos sobre essas coisas. Pouco lhes importa se a pregação está tratando de assuntos concernentes ao evangelho. A pregação não surte sobre eles maior efeito do que água sobre a rocha. E, terminado o sermão, retiram-se sem saber mais do que quando ali chegaram.

Existem milhares de cristãos que se encontram nesse estado espiritual. Dificilmente haverá alguma igreja onde tais pessoas não possam ser encontradas. Domingo após domingo, essas pessoas permitem que o diabo arrebate de seus corações a boa semente que ali foi semeada. Semana após semana, elas vão vivendo, sem fé, sem temor, sem conhecimento e sem a graça divina — nada sentindo, com nada se importando, desinteressadas pelo cristianismo, como se Jesus nunca tivesse morrido na cruz. É nessa condição que, com frequência, morrem, são sepultadas e perdem-se para sempre, no inferno. Trata-se de um quadro lamentável, mas absolutamente real.

Em segundo lugar, aprendamos que *há alguns ouvintes do evangelho cujos corações são como o terreno rochoso em um campo lavrado*.

Sobre esses a pregação do evangelho produz influências temporárias, mas não produz efeitos profundos e permanentes. Essas pessoas têm prazer em ouvir sermões nos quais a verdade é fielmente exposta. Elas falam com aparente alegria e entusiasmo sobre a doçura do evangelho e sobre a felicidade que experimentam ao ouvi-lo. Podem ser comovidas até às lágrimas pelos apelos dos pregadores e podem falar com aparente sinceridade acerca dos seus próprios conflitos interiores, esperanças, dificuldades, desejos e temores. Infelizmente, entretanto, não há qualquer estabilidade no cristianismo dessas pessoas. “Mas eles não têm raiz em si mesmos, sendo antes de pouca duração.” Não há qualquer real operação do Espírito Santo em seus corações. A influência da pregação em tais pessoas assemelha-se à planta de Jonas, que nasceu em uma noite e em uma noite pereceu. Desapareceram essas impressões tão rapidamente quanto haviam aparecido. “Em lhes chegando a angústia ou a perseguição”, logo voltam para trás. A virtude deles, portanto, mostra-se “como a nuvem da manhã e como o orvalho da madrugada, que cedo passa” (Os 6.4). A religiosidade deles não possui mais vida do que uma flor arrancada da terra; não tendo raiz, logo murcha.

Em qualquer congregação que anuncia o evangelho, muitos existem que estão nessa situação espiritual. Não se mostram ouvintes descuidados e desatentos, como muitos ao seu redor, sendo, portanto, tentados a pensar que estão em boas condições espirituais. Sentem prazer na pregação que ouvem, e, por essa razão, iludem-se, imaginando que a graça de Deus deve estar residindo em seus corações. No entanto, estão totalmente enganados. As coisas antigas ainda não passaram. Não houve qualquer obra real de conversão em seu homem interior. Em todos os seus sentimentos, afetos, alegrias, esperanças e desejos, eles estão na realidade caminhando pela estrada que leva à destruição.

Em terceiro lugar, somos instruídos que *há alguns ouvintes do evangelho cujos corações são semelhantes ao campo coberto de espinhos*. São aqueles que dão atenção à pregação da verdade de Cristo e que, até certo ponto, obedecem-na. Em seu entendimento concordam com ela. Em sua capacidade de julgar, aprovam-na. A consciência deles é afetada pela verdade. Os seus afetos voltam-se favoravelmente para a verdade de Cristo. Eles a reconhecem como boa e digna de ser recebida por eles. Chegam mesmo a abster-se de muitas coisas que o evangelho condena e adotam muitos hábitos exigidos pelo evangelho. Todavia, eles vão somente até esse ponto. Parece que existe alguma barreira que os impede e nunca vão além de determinado ponto, em sua atitude religiosa. Ora, o grande segredo da condição deles é o mundanismo. “Mas os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições, concorrendo, sufocam a palavra, ficando ela infrutífera.” Isso impede

que a Palavra exerça seu pleno efeito sobre suas almas. Com tudo que é, aparentemente, favorável e promissor em seu estado espiritual, eles param e não avançam. Jamais chegam ao completo padrão do cristianismo neotestamentário. Não chegam a produzir fruto perfeito.

Poucos são os fiéis ministros de Cristo que não podem citar casos similares. Dentre todos, esses são os mais melancólicos. Ir tão longe, mas não avançar; perceber tanto, e, no entanto, não ver tudo; reconhecer tanta coisa, mas não entregar o coração a Cristo — de fato, isto é extremamente deplorável. Há apenas um veredito que pode ser dado a essas pessoas. Sem uma definitiva mudança de alma, elas jamais entrarão no reino dos céus. Cristo quer ter a totalidade de nossos corações. “Aquele, pois, que quiser ser amigo do mundo, constitui-se inimigo de Deus” (Tg 4.4).

Por último, aprendamos que *há alguns ouvintes do evangelho cujos corações se assemelham ao bom terreno*. São aqueles que, realmente, recebem a verdade de Cristo no mais profundo dos seus corações, crêem nela completamente e mostram-se totalmente obedientes a ela. Nesses podemos perceber os frutos da verdade — resultados constantes, claros e inequívocos, nos seus corações e vidas. Eles odiarão verdadeiramente o pecado, lamentando-se, resistindo e renunciando a ele. Amarão verdadeiramente a Cristo, confiando nEle, seguindo-O e sendo-O obedientes. A santidade haverá de transparecer em suas conversas, pela humildade, discernimento espiritual, paciência, mansidão e afetividade. Haverá neles alguma coisa absolutamente perceptível. A obra autêntica do Espírito Santo não poderá manter-se oculta neles.

Sempre haverá algumas pessoas que se encontrem nesse estado de espírito, onde quer que o evangelho seja fielmente pregado. O número de tais pessoas provavelmente será pequeno, comparado com o grande número ao seu redor. A experiência e o grau de espiritualidade em que se encontram pode diferir grandemente, porquanto alguns deles produzirão a trinta, outros a sessenta e outros a cem por um. Entretanto, o fruto da semente lançada na boa terra será sempre da mesma espécie. Sempre haverá neles um arrependimento, uma fé em Cristo e uma santidade de vida perceptíveis. Sem essas manifestações não há uma verdadeira experiência de salvação.

Agora, perguntemos a nós mesmos: O que somos nós? Em que categoria de ouvintes do evangelho poderíamos ser classificados? Com qual atitude de alma ouvimos a Palavra do Senhor? Nunca, nunca esqueçamos que há três maneiras de se ouvir a Palavra de Deus, sem qualquer proveito, e que só há uma maneira de ouvi-la corretamente! Nunca, nunca nos esqueçamos que só há um sinal infalível de que somos ouvintes “de bom e reto coração”! Esse sinal consiste no produzir

frutos espirituais. Não produzir fruto é estar a caminho do inferno.

A Lâmpada no Velador; A Importância de Ouvir e Aplicar o que Ouvimos

Leia Marcos 4.21-25

Estes versículos parecem ter por finalidade reforçar a mensagem da parábola do semeador para aqueles que a ouviram. São versículos notáveis devido à sucessão de declarações breves, sucintas e proverbiais que contêm e porque despertam a atenção de qualquer leitor. Com frequência, fixam-se na memória, mesmo depois que o assunto principal de um sermão já foi esquecido.

Estes versículos nos ensinam que *não somente devemos adquirir o conhecimento, como também temos a obrigação de transmiti-lo a outros*. Uma vela não é acesa para ser, em seguida, ocultada debaixo de alguma coisa, mas, para ser posta em um castiçal e iluminar o ambiente. A luz religiosa não é conferida a um homem visando somente o seu próprio benefício, mas também o benefício alheio. Devemos propagar e difundir nosso conhecimento bíblico. Devemos apresentar aos outros o precioso tesouro que temos achado, persuadindo-os a procurá-lo também por si mesmos. Devemos falar-lhes a respeito das boas novas que temos ouvido, esforçando-nos por fazê-los crer nelas e dar-lhes o devido valor.

Um dia prestaremos contas do uso que tivermos feito do conhecimento bíblico que adquirimos. Os livros de Deus, no dia do julgamento, demonstrarão aquilo que tivermos feito nesse sentido. Se tivermos enterrado o nosso talento, se nos tivermos contentado com um cristianismo preguiçoso, ocioso, que nada realiza, que não se importa com o que pode acontecer a outras pessoas, contanto que nós mesmos sejamos levados para o céu, haverá um temível desmascaramento, naquele dia: “Pois nada está oculto, senão para ser manifesto; e nada se faz escondido senão para ser revelado”.

Convém que todos os crentes guardem esses conceitos em seus corações. Já é tempo de rejeitarmos por completo a antiga tradição de que somente os clérigos devem ensinar e divulgar o conhecimento religioso. Fazer o bem e difundir a luz é dever de todos os membros da igreja de Cristo, sejam ministros ou leigos. Os cristãos devem anunciar aos seus vizinhos que encontraram remédio infalível contra o juízo de Deus. Os crentes devem anunciar que conhecem a cura para as almas dos que perecem sem conhecimento. O que o apóstolo Pedro recomendou? “Servi uns

aos outros, cada um conforme o dom que recebeu (1 Pe 4.10). Serão dias felizes para a igreja de Cristo, quando esse texto bíblico for obedecido.

Em segundo lugar, aprendamos, destes versículos, *a importância de se ouvir e considerar bem aquilo que se tiver ouvido*. Esse é um ponto ao qual nosso Senhor atribuiu claramente uma grande importância. Já vimos esse aspecto da verdade sendo salientado na parábola do semeador. E vemo-lo aqui reforçado, por duas expressões que se destacam: “Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça”, e: “Atentai no que ouvis”.

Ouvir a verdade é um dos principais meios pelo qual a graça divina é proporcionada à alma do ser humano: “A fé é pelo ouvir” (Rm 10.17 - Edição Revista e Corrigida). Um dos primeiros passos na direção da conversão consiste em receber do Espírito Santo um ouvido disposto a ouvir. Raramente os homens serão levados ao arrependimento e à fé em Cristo, antes de “ouvir”. A regra geral é aquela que o apóstolo Paulo lembrou aos crentes de Éfeso: “Também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido” (Ef 1.13).

Retenhamos isso na mente, quando ouvirmos alguém subestimar a pregação, como um meio da graça divina. Nunca faltarão homens procurando derrubar a pregação do pedestal em que a Bíblia a coloca. Existem muitos que proclamam, em alta voz, que é muito mais importante para a alma ouvir a leitura de liturgias e receber a Ceia do Senhor, do que ouvir a exposição da Palavra de Deus. Estejamos precavidos contra idéias dessa natureza. Tenhamos como sólido princípio que “ouvir a Palavra” é um dos principais meios de graça, conferidos por Deus aos homens. Outorguemos a todos os demais meios de graça e ordenanças o devido valor e proporção. Porém, jamais esqueçamos das palavras do apóstolo Paulo: “Não desprezeis profecias” (1 Ts 5.20); nem as suas palavras a Timóteo, quando à morte: “Prega a palavra” (2 Tm 4.2).

Em último lugar, destes versículos, aprendamos *quão importante é o uso diligente dos nossos privilégios religiosos*. Que disse o Senhor? “Pois ao que tem se lhe dará; e, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado”.

Esse é um princípio continuamente salientado nas Escrituras. Tudo quanto os crentes possuem, sem dúvida, foi lhes conferido pela graça divina. O seu arrependimento, fé e santidade, tudo é dádiva de Deus. Porém, o nível que cada crente atinge na graça, conforme fica perfeitamente claro, é diretamente proporcional à sua diligência no uso dos meios da graça, bem como à sua fidelidade em viver totalmente à altura da luz e do conhecimento que possui. A indolência e a preguiça são sempre desencorajadas na palavra de Deus. Mas, um ouvir laborioso

e atento, juntamente com a leitura da Bíblia e a dedicação à oração são sempre apresentados como atitudes que trazem a sua própria recompensa: “A alma dos diligentes se farta” (Pv 13.4). “O ocioso vem a padecer fome” (Pv 19.15).

Atenção a esse importante princípio é o fundamental segredo da prosperidade espiritual. O homem que faz um rápido progresso em conquistas espirituais, que cresce visivelmente na graça, no conhecimento, na força e na utilidade, será sempre um homem diligente. Ele não deixa de revirar qualquer pedra, para promover o bem-estar de sua própria alma. Ele é um diligente estudioso da Bíblia, diligente em suas devoções particulares, um diligente ouvinte de sermões, diligente em sua freqüência à mesa do Senhor. Ele colhe de acordo com o que semeia. Da mesma forma que os músculos do corpo são fortalecidos mediante o exercício físico regular, assim também as graças que beneficiam a alma aumentam por meio do uso diligente que delas se faz.

Desejamos crescer na graça? Desejamos ter uma fé mais robusta, uma esperança mais resplandecente e um conhecimento mais claro? Se somos verdadeiros crentes, sem dúvida que desejamos. Nesse caso, vivamos inteiramente à luz dessa verdade, aproveitando cada oportunidade. “Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.” Quanto mais fizermos em prol das nossas próprias almas, tanto mais descobriremos que Deus agirá em benefício delas.

A Parábola da Semente Lançada à Terra

Leia Marcos 4.26-29

A parábola contida nestes versículos é breve e foi registrada apenas no Evangelho de Marcos. Porém, ela é profundamente interessante para todos aqueles que são verdadeiros crentes. Ela nos mostra a história da obra da graça divina na alma de cada pessoa. Ela nos convoca a um exame de nossa própria experiência quanto às realidades divinas.

Nesta parábola há determinadas expressões que não devemos insistir demasiadamente nelas, tais como, “dormisse”, “se levantasse” e “de noite e de dia”. Nesta, como em muitas outras parábolas de nosso Senhor, precisamos manter cuidadosamente em foco o escopo principal e o objetivo da narrativa inteira, não dando ênfase demasiada aos pontos menos importantes. Nesta parábola, o ensino principal recai sobre a grande semelhança que há entre certas atividades no cultivo de trigo e a obra da graça divina nos corações dos homens. Vamos, pois, confinar a isso a nossa atenção.

Antes de tudo, somos instruídos que, tal como no cultivo do trigo, assim também na obra da graça divina *deve haver um semeador*. Conforme sabemos, a terra por si mesma jamais produziria o trigo. Sozinha pode produzir espinhos e abrolhos, mas nunca o trigo. A mão humana precisa arar a terra e espalhar a semente, senão jamais haverá colheita.

Por semelhante modo, o coração humano jamais se voltará por seu próprio impulso, para Deus, arrependendo-se, crendo nEle e obedecendo-Lhe. O coração do homem é totalmente destituído da graça divina. Está inteiramente morto para com Deus e incapacitado de conferir a si mesmo vida espiritual. O Filho do homem precisa quebrantá-lo, através do Espírito Santo, e dar-lhe uma nova natureza. Precisa espalhar sobre ele a boa semente da sua Palavra, através da mão cooperadora de seus ministros.

Compete-nos frisar bem essa verdade. A graça divina no coração humano é algo incomum. Trata-se de um novo princípio, proveniente de fora, enviado do céu e implantado na alma do homem. Entregue a si mesmo, nenhum ser humano vivo jamais buscaria ao Senhor. No entanto, ao conferir aos homens a sua graça, Deus opera normalmente através de meios apropriados. Desprezar como seus instrumentos os mestres e pregadores da Palavra é esperar uma colheita onde nenhuma semente foi plantada.

Em segundo lugar, somos ensinados que, assim como no cultivo do trigo, na obra da graça *há muita coisa que ultrapassa o poder de compreensão e de controle dos homens*. O mais sábio agricultor jamais será capaz de explicar exatamente o que ocorre a um grão de trigo, após tê-lo semeado. Todavia, ele reconhece o fato que, a menos que plante o grão, não haverá qualquer trigo para ser colhido no tempo da sega. Mas, ainda assim ele não pode determinar a prosperidade de cada grão. Também não poderá esclarecer por qual razão alguns desses grãos morrem e outros crescem. Ele também não será capaz de especificar a hora e o minuto em que a vida começará e se fará ver nos grãos. Não pode definir no que consiste aquela vida. Essas são questões que ele tem de deixar sem qualquer explicação. O semeador planta a semente e deixa o crescimento dela aos cuidados de Deus. “Deus... dá o crescimento” (1 Co 3.7).

Da mesma forma, as operações da graça divina, no coração de um homem, são inteiramente misteriosas e insondáveis. Não podemos explicar por qual motivo a Palavra de Deus produz efeitos numa pessoa e noutra nada faz. Nem sabemos explicar por que, em alguns casos, a despeito de todas as vantagens possíveis e apesar das muitíssimas exortações, certas pessoas rejeitam a palavra de Deus e continuam mortas em seus delitos e pecados. Não podemos explicar por que, em outros

casos, com tantas dificuldades e sem nenhum encorajamento, pessoas nascem de novo e tornam-se cristãos resolutos. Não podemos definir a maneira como o Espírito de Deus transmite a vida eterna a uma alma, nem sabemos delinear o processo exato pelo qual um crente recebe a nova natureza. Todas essas coisas estão ocultas para nós. Podemos ver resultados, mas não podemos ir além disso. “O vento sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito” (Jo 3.8).

Convém que assinalemos essa verdade, porquanto ela é profundamente instrutiva. Sem dúvida, ela humilha tanto a ministros do evangelho como a evangelistas. As habilidades mais elevadas, a mais poderosa oratória, a mais diligente atuação humana, não podem garantir o sucesso. Somente Deus é capaz de dar a vida eterna. Porém, essa é uma verdade que, ao mesmo tempo, fornece um admirável antídoto para o desânimo e para a excessiva solicitude. A nossa principal tarefa consiste em semear a Palavra. Feito isso, podemos esperar os resultados com fé e paciência. Devemos descansar, noite e dia, deixando nas mãos do Senhor o resultado do nosso trabalho. Somente Ele pode determinar o resultado, e se achar conveniente, dará o sucesso.

Em terceiro lugar, somos ensinados que, tal como se dá no cultivo do trigo, nas operações da graça divina *a vida se manifesta gradualmente*. Há um provérbio que diz: “A natureza nada faz rapidamente”. A espiga madura do trigo não aparece tão logo a semente explode para a vida. A planta precisa passar por vários estágios antes de atingir a maturidade. “Primeiro a erva, depois a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga”. Porém, em cada um desses diferentes estágios, uma coisa muito importante é sempre verdade — mesmo quando ainda está bem tenra, a planta está perfeitamente viva.

A obra da graça divina, semelhantemente, vai-se desenvolvendo no coração humano por etapas. Os filhos de Deus não nascem perfeitos na fé, na esperança, no conhecimento ou na experiência cristã. Os primórdios espirituais deles geralmente consistem em dias de “humildes começos” (Zc 4.10). Eles vêm apenas em parte a sua própria pecaminosidade, a plenitude de Cristo e a beleza da sua santidade. Mas, apesar de tudo isso, o mais fraco dos filhos da família de Deus é um verdadeiro filho de Deus. Com todas as suas debilidades e fraquezas, ele está vivo. A semente da graça divina nasceu em seu coração, embora, no presente, ele se encontre apenas em estado de erva. Ele é alguém que está “vivo dentre os mortos”. Tal como o sábio disse: “mais vale um cão vivo do que um leão morto” (Ec 9.4).

Salientemos com destaque essa verdade, pois ela está repleta de consolação para nós. Não desprezemos as manifestações da graça divina,

mesmo que pareçam fracas; nem imaginemos que as pessoas não são convertidas, somente porque ainda não são dotadas de uma fé tão poderosa quanto a do apóstolo Paulo. Lembremo-nos que a graça, tal como qualquer outra coisa, deve ter um começo. O mais gigantesco carvalho era, a princípio, apenas uma semente. O homem mais vigoroso já foi apenas um bebê. É mil vezes preferível ter graça de Deus, ainda na erva, do que não possuí-la de maneira alguma.

Em último lugar, somos informados que, assim como no cultivo do trigo, *nas operações da graça não haverá colheita, enquanto a semente não estiver madura*. Nenhum agricultor pensaria em cortar o trigo que está brotando, quando ainda está verde. Antes, espera até que o sol, a chuva, o calor e o frio terminem as suas diversas e necessárias operações, e até que as espigas já estejam cheias e douradas. Então, e nunca antes disso, é que ele lançará a foice e fará a sega e o recolherá ao seu celeiro.

Nas operações da graça, Deus age precisamente dessa mesma maneira. Ele jamais remove o seu povo deste mundo enquanto não estiverem maduros e preparados. Ele nunca os recolhe para Si enquanto o trabalho deles não estiver terminado. Os crentes nunca morrem no tempo errado, por mais misteriosas que suas mortes possam parecer aos homens. Josias e Tiago, irmão do apóstolo João, foram removidos em meio à sua grande utilidade no reino de Deus. O rei Eduardo VI, da Inglaterra, nem conseguiu atingir a maioridade. Porém, na manhã da ressurreição descobriremos que para isso houve uma justificativa. Tudo aconteceu corretamente tanto no que concerne à morte, como ao nascimento deles. O grande Agricultor jamais arranca o seu trigo enquanto ele não está maduro.

Guardemos em nossas mentes esta parábola que contém tão grande verdade e consolemo-nos diante da morte de todo e qualquer crente. Fiquemos satisfeitos diante do fato que não existe acaso, nem acidente nem equívoco no que concerne ao falecimento de qualquer dos filhos de Deus. Eles são a “lavoura de Deus”; e Ele sabe perfeitamente bem quando eles estão maduros para a colheita.

A Parábola da Semente de Mostarda

Leia Marcos 4.30-34

A parábola da semente de mostarda é uma das que possuem caráter tanto histórico quanto profético. Parece que a sua finalidade era ilustrar a história da igreja de Cristo na terra, desde os dias da primeira vinda até ao dia do julgamento final. A semente lançada à terra, na parábola

anterior, mostrou-nos a obra da graça divina no coração humano. Esta parábola da semente de mostarda mostra-nos o progresso do cristianismo no mundo.

Em primeiro lugar, aprendamos que, assim como um grão de mostarda, *a igreja de Cristo era pequena e fraca em seu começo*. Uma semente de mostarda era uma expressão proverbial comum entre os judeus, para indicar algo muito pequeno e insignificante. Nosso Senhor caracterizou-a como “a menor de todas as sementes sobre a terra”. Por duas vezes, nos evangelhos, encontramos nosso Senhor usando essa figura como uma comparação àqueles de fé ainda fraca (Mt 17.20 e Lc 17.6). Sem dúvida, a idéia era bem familiar para a mente judaica, por mais estranha que ela nos pareça. Aqui, como em outros lugares das Escrituras, o Filho de Deus mostra-nos a sabedoria do uso de uma linguagem com a qual os ouvintes estejam familiarizados.

Seria muito difícil encontrar outro símbolo que representasse mais fielmente a história da igreja de Cristo do que a figura da semente de mostarda.

A fraqueza e a aparente insignificância, sem dúvida, são grandes características do início da igreja. Como foi que o Cabeça e Rei da igreja veio ao mundo? Ele veio como um frágil bebê, nascido em uma manjedoura, em Belém, destituído de riquezas, exércitos, cortesãos ou poder. Quem foram os homens que o Cabeça da igreja ajuntou ao seu redor e nomeou como seus apóstolos? Foram homens pobres e iletrados — pescadores, publicanos e homens de ocupações semelhantes — e, segundo todas as aparências, os mais incapazes de abalar o mundo.

Qual foi o último ato público do ministério terreno do grande Cabeça da igreja? Ele foi crucificado como um malfeitor, entre dois ladrões, após ter sido abandonado praticamente por todos os seus discípulos, após ter sido traído por um deles e negado por outro. Qual foi a doutrina que os primeiros edificadores da igreja de Cristo, partindo do cenáculo de Jerusalém, saíram a pregar para toda a humanidade? Foi uma doutrina que, para os judeus, servia de pedra de tropeço, e para os gregos, era loucura. Proclamavam que o grande Cabeça da sua religião havia sido morto em uma cruz, e, a despeito disso, ofereciam a vida eterna para todos, por intermédio da morte dEle. Em tudo isso, a mente humana nada pode perceber senão fraqueza e debilidade. Verdadeiramente, o símbolo de uma semente de mostarda representa à risca aquilo que Jesus ensinou. Aos olhos dos homens, o início da igreja foi desprezível, insignificante e destituído de poder.

Em segundo lugar, aprendamos que, como a semente de mostarda, *a igreja, uma vez semeada, se desenvolveria e cresceria muitíssimo*. O Senhor Jesus disse: “Um grão de mostarda... quando semeado... cresce

e se torna maior do que todas as hortaliças”. Essas palavras podem nos espantar. Não estamos acostumados a ver uma planta de mostarda crescer em nosso país. Porém, aqueles que conhecem países do Oriente não se surpreendem com esse desenvolvimento. O testemunho de viajantes bem informados e experientes é que tal crescimento tanto é real como possível.

Nenhuma outra figura poderia ser aplicável de forma mais apropriada ao crescimento e propagação da igreja de Cristo no mundo. Ela iniciou seu crescimento no dia de Pentecoste e cresceu com uma rapidez que só pode ser explicada pela intervenção de Deus. A igreja cresceu de forma admirável quando três mil almas converteram-se de uma vez só e mais cinco mil outras almas, alguns dias mais tarde. Ela cresceu maravilhosamente quando, em Antioquia, em Éfeso, em Filipos, em Corinto e em Roma congregações de cristãos começaram a reunir-se, e o cristianismo foi se estabelecendo solidamente. A igreja cresceu de forma admirável quando, finalmente, a desprezada religião de Cristo propagou-se pela maior parte da Europa, Ásia Menor e norte da África, e, apesar de toda a feroz oposição e perseguição, suplantou a idolatria pagã e tornou-se o credo professado por praticamente todo o império romano. Esse crescimento deve ter parecido maravilhoso aos olhos de muitos. Entretanto, isso correspondeu somente àquilo que nosso Senhor havia predito, nesta parábola: “O reino de Deus... é como um grão de mostarda”.

A igreja de Cristo ainda não deixou de crescer. Não obstante a melancólica apostasia de alguns dos seus ramos e a deplorável debilidade de outros, a igreja continua a expandir-se e ampliar-se pelo mundo inteiro. Novos ramos têm florescido continuamente, nas Américas, Índia, Austrália, África, China e nas ilhas do Pacífico Sul, durante os últimos anos. Não há dúvida que a igreja enfrenta muitos males. Falsas profissões de fé e corrupções proliferam. Mas, ainda assim, como um todo, o paganismo está esmaecendo, desgastando-se e dissolvendo-se. A despeito das predições de Voltaire e de Paine, apesar dos adversários externos e das traições internas, a igreja de Cristo vai progredindo, a planta de mostarda continua a crescer.

Podemos ter certeza de que a predição feita por Jesus ainda não se exauriu. Chegará, finalmente, o dia em que o grande Cabeça da igreja virá assumir o poder e o governo de tudo, sujeitando todos os seus adversários debaixo de seus pés. A terra ainda se encherá do conhecimento de Deus, como as águas cobrem o mar (Is 11.9). Então Satanás será aprisionado; os pagãos serão a herança de nosso Senhor; e as extremidades da terra tornar-se-ão a sua possessão. Desta forma, a presente parábola terá o seu mais completo cumprimento. A pequena semente

terá se tornado uma grande árvore, que encherá toda a terra.

Deixemos este estudo com a resolução de nunca desprezarmos qualquer movimento ou instrumentalidade na igreja de Cristo, somente porque, a princípio, parece pequeno e débil. Lembremo-nos da manjedoura de Belém e aprendamos a ser sábios. O nome dAquele que ali jazia deitado, uma frágil criança, agora é conhecido por todo o globo terrestre. A minúscula semente, que foi plantada no dia do nascimento de Jesus, tornou-se uma árvore gigantesca, e nós mesmos estamos nos regozijando sob a sua sombra. Que seja um firme princípio, em nosso cristianismo, jamais desprezarmos os “humildes começos” (Zc 4.10). Uma criança pode ser o começo de uma escola próspera; uma conversão pode ser o princípio de uma poderosa igreja; uma palavra, o começo de algum abençoado empreendimento evangélico; uma semente pode ser o começo de uma rica colheita de almas salvas.

A Tempestade no Mar da Galiléia Miraculosamente Acalmada

Leia Marcos 4.35-41

Estes versículos descrevem uma tempestade no mar da Galiléia, quando nosso Senhor e os seus discípulos o estavam atravessando, bem como um milagre realizado por nosso Senhor, ao acalmar a tempestade em um único momento. Poucos dos milagres registrados nos evangelhos deixaram os apóstolos tão profundamente impressionados quanto esse. Quatro deles, pelo menos, eram pescadores. Pedro, André, Tiago e João provavelmente conheciam, desde a juventude, o mar da Galiléia, com seus temporais. Poucos eventos das jornadas de nosso Senhor sobre a terra contêm instruções mais ricas do que o relatado nesta passagem.

Aprendamos, em primeiro lugar, *que o estar a serviço de Jesus não livra seus servos de enfrentarem tempestades*. Encontramos aqui os doze discípulos de Cristo na senda do dever. Eles estavam seguindo obedientemente a Jesus, por onde quer que Ele fosse. Acompanhavam-no no seu ministério e prestavam atenção às suas palavras. Testificavam diariamente ao mundo que, sem importar o que pudessem pensar os escribas e os fariseus, eles criam em Jesus, amavam a Jesus e não se envergonhavam de haverem desistido de tudo por amor a Ele. Porém, vemo-los a enfrentar dificuldades, sendo jogados de um lado para outro, por uma tempestade, em perigo de submergirem.

Frisemos bem essa lição. Se somos cristãos autênticos, não devemos esperar que tudo corra suavemente, em nossa jornada para o céu.

Não devemos estranhar se enfrentarmos enfermidades, perdas, privações e desapontamentos, como qualquer outra pessoa. O perdão gratuito, a absolvição total, a graça divina durante o percurso neste mundo e a glória final — tudo isso o nosso Salvador prometeu nos dar. Todavia, Ele jamais prometeu que nunca teríamos aflições. Ele nos ama muitíssimo para prometer-nos tal coisa. Mediante as aflições, Ele nos ensina muitas outras lições preciosas, que não poderíamos aprender de outra forma. Mediante as aflições, Ele nos mostra o nosso próprio vazio e fraqueza, atraindo-nos para o trono da graça, purificando os nossos afetos, desprendendo-nos deste mundo, fazendo-nos ansiar pelo céu. Na manhã da ressurreição, certamente diremos: “Foi-me bom ter eu passado pela aflição” (Sl 119.71). Então, agradeceremos ao Senhor por todos os temporais.

Em segundo lugar, aprendamos que *nosso Senhor Jesus Cristo foi real e verdadeiramente um homem*. Nestes versículos somos informados que, quando a tempestade teve início e as ondas batiam contra a embarcação, Jesus estava “dormindo” na popa do barco. Jesus tinha um corpo humano exatamente igual ao nosso — um corpo que sentia fome, sede e dor, que podia cansar e precisar de repouso. Não admira que seu corpo carecia de descanso naquele momento. Ele estivera diligentemente atarefado nos negócios de seu Pai durante o dia inteiro. Ele estivera pregando a uma numerosa multidão ao ar livre. Portanto, não é estranho que, “sendo já tarde”, tendo terminado o seu trabalho, Jesus estivesse “dormindo”.

Destaquemos atentamente essa lição: O Salvador em quem devemos confiar, na realidade, tanto é homem quanto é Deus. Ele conhece as provações humanas, porquanto experimentou-as pessoalmente. Ele conhece as debilidades físicas dos homens, pois Ele mesmo as sentiu. Jesus é perfeitamente capaz de compreender o que desejamos, todas as vezes que clamamos, pedindo-lhe ajuda, neste mundo tão cheio de carências. Ele é precisamente o Salvador que homens e mulheres, com corpos cansados e cabeças doloridas, em um mundo cansativo, necessitam para o seu conforto, a cada manhã e a cada noite. “Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, antes foi ele tentado em todas as cousas, à nossa semelhança, mas sem pecado” (Hb 4.15).

Em terceiro lugar, aprendamos que *nosso Senhor Jesus Cristo, sendo Deus, tem um poder ilimitado*. Nestes versículos, vemos Jesus fazer algo claramente impossível. Ele deu ordens ao vento, e este Lhe obedeceu. Deu ordens ao mar, e este submeteu-se ao seu comando. Jesus, com poucas palavras, transformou em calma uma furiosa tempestade: “Acalma-te, emudece!” Essas foram as palavras proferidas por

Aquele que, no princípio, criou todas as coisas. Os elementos reconheceram a voz de seu Senhor, e, como servos obedientes, aquietaram-se prontamente.

Guardemos também essa lição em nossas mentes. Para o Senhor Jesus Cristo nada é impossível. Nenhum sentimento tempestuoso é tão forte que Jesus não possa domá-lo. Nenhum temperamento é tão rude e violento que o Senhor Jesus não seja capaz de transformá-lo. Nenhuma consciência humana é tão inquieta que Ele, dirigindo-lhe a palavra, não possa acalmá-la. Ninguém precisa se desesperar jamais, contanto que esteja disposto a desistir de seu orgulho, vindo a Cristo como um humilde pecador. Cristo pode operar milagres no coração de tal pessoa. Ninguém precisa desesperar-se, temendo não chegar ao fim da jornada, uma vez que tenha entregue a alma aos cuidados de Cristo. Ele haverá de conduzi-lo a salvo, em meio a qualquer perigo. Haverá de torná-lo um vencedor diante de qualquer adversário. O que pensar, se os nossos parentes voltarem-se contra nós? se os nossos vizinhos puserem-se a rir e a zombar? se a nossa situação não nos for favorável? ou, se as nossas tentações forem grandes? Tudo isso nada será, se Cristo estiver ao nosso lado, e se nós estivermos com Ele, no mesmo barco. Maior é aquele que é por nós do que todos os que são contra nós.

Finalmente, nesta passagem, aprendamos que *nosso Senhor Jesus Cristo é incrivelmente paciente e misericordioso, ao lidar com seu próprio povo*. Nessa ocasião, vemos que os discípulos de Jesus demonstraram grande debilidade em sua fé, dando lugar a temores absurdos. Esqueceram-se dos milagres efetuados por seu Mestre e dos cuidados de Cristo por eles, em dias passados. Em nada pensavam, senão no perigo pelo qual estavam passando. Assim, despertaram apressadamente a nosso Senhor, clamando: “Mestre, não te importa que pereçamos!” Podemos observar nosso Senhor tratando com eles da maneira mais terna e gentil. Jesus não os repreendeu severamente. Não fez qualquer ameaça de rejeição, diante da incredulidade deles. Tão-somente dirigiu-lhes uma comovente pergunta: “Por que sois assim tímidos? como é que não tendes fé?”

Atentemos para essa lição. O Senhor Jesus é dotado de imensa compaixão e de terna misericórdia. “Como um pai se compadece de seus filhos, assim o Senhor se compadece dos que o temem” (Sl 103.13). Jesus não trata os crentes em consonância com os pecados deles, nem lhes recompensa de acordo com as iniquidades deles. Jesus vê as fraquezas deles. Ele está ciente de suas deficiências. Ele conhece todos os defeitos da fé, da esperança, do amor e da coragem deles. E, apesar de tudo, jamais os rejeitará. Ele os sustenta continuamente. Ele os ama para sempre. Se caem, Ele os ergue. Ele os restaura de seus erros. A sua

paciência, à semelhança do seu amor, é uma paciência que excede todo o entendimento. Quando Jesus percebe um coração sincero, a sua glória cobre muitas falhas.

Deixemos estes versículos com a consoladora lembrança de que Jesus nunca muda. O seu coração continua sendo o mesmo que Ele tinha, quando atravessou o mar da Galiléia e acalmou a tempestade. Exaltado nos céus, à mão direita de Deus Pai, Jesus continua simpatizando conosco, continua sendo o Todo-Poderoso, continua mostrando-se paciente e misericordioso para com o seu povo. Mostremo-nos também mais caridosos e pacientes para com os nossos irmãos na fé. Eles talvez errem em muitas coisas; mas, se Jesus os recebeu e pode lidar com eles, certamente também nós devemos fazer o mesmo. Tenhamos uma mais radiosa esperança quanto a nós mesmos. Talvez sejamos extremamente frágeis e instáveis; mas, se pudermos realmente dizer que temos vindo a Jesus Cristo e temos crido nEle, então poderemos achar conforto. A pergunta que deve ser respondida pela nossa consciência não é: Somos como anjos? somos tão perfeitos quanto o seremos no céu? Mas, a pergunta é: Fomos realmente sinceros quando nos aproximamos de Cristo? Já nos arrependemos e cremos verdadeiramente?

Um Demônio é Expulso Entre os Gerasenos

Leia Marcos 5.1-17

Estes versículos descrevem um daqueles misteriosos milagres freqüentemente registrados nos evangelhos — a expulsão de um demônio. Dentre todos os casos desse tipo no Novo Testamento, nenhum ficou tão plenamente descrito quanto esse. Dos três evangelistas que relataram o episódio, ninguém o fez tão completa e minuciosamente como Marcos.

Nestes versículos, em primeiro lugar, vemos que *a possessão do corpo de um ser humano pelo demônio era algo real e verdadeiro, nos dias do ministério terreno de nosso Senhor*. É um fato doloroso que sempre haverá cristãos tentando explicar erroneamente os milagres de nosso Senhor. Esses procuram explicá-los através de meras causas naturais, demonstrando que não foram efetuados por algum poder extraordinário. Dentre todos os milagres de Jesus, não existe outro que eles ataquem tão extenuadamente quanto o da expulsão de demônios. Tais pessoas não sentem qualquer escrúpulo em negar inteiramente a possessão demoníaca. E nos dizem que esses casos nada mais foram do que manifestações lunáticas ou frenéticas, ou acessos de epilepsia, e que a idéia de um demônio residindo em um corpo humano é absurda.

A melhor e mais simples resposta a tais objeções céticas consiste em fazer alusão às claras narrativas dos evangelhos, em especial o episódio que temos à nossa frente. Os fatos ali detalhados são totalmente inexplicáveis, se não cremos em possessões demoníacas. É um fato bem conhecido que as manifestações lunáticas, os frenesis e os acessos de epilepsia não são males infecciosos e de modo nenhum poderiam ser transmitidos a uma vara de porcos. No entanto, muitos homens pedem-nos que acreditemos que, tão logo aquele homem foi libertado por Jesus, dois mil porcos precipitaram-se violentamente, despenhadeiro abaixo, até ao mar, movidos por um súbito impulso, sem qualquer causa aparente que explique o que os levou a fazerem aquilo! Tal raciocínio é o cúmulo da incredulidade. Quando os homens podem satisfazer-se com explicações dessa natureza, eles estão em um lamentável estado mental.

Tenhamos cuidado com atitudes de ceticismo e incredulidade, em todas as questões relativas a Satanás. Sem dúvida, há muitas coisas nas possessões demoníacas que não somos capazes de entender e explicar. Nem por isso, entretanto, devemos deixar de crer nessa realidade. Um monarca oriental, que não acreditava na possibilidade da existência do gelo, simplesmente porque vivia em região de clima tórrido e nunca vira um único pedaço de gelo, não é mais tolo do que um homem que se recusa a crer em possessão demoníaca, simplesmente porque nunca se deparou com um caso desses. Podemos estar perfeitamente seguros de que, no tocante aos assuntos que envolvem o diabo e o seu poder, inclinamo-nos muito a acreditar menos do que a acreditar mais. A incredulidade sobre a existência e a personalidade de Satanás, com frequência, tem se mostrado ser o primeiro passo na incredulidade sobre a existência de Deus.

Em seguida, nestes versículos, vemos quão horrendamente cruel, poderoso e malicioso é Satanás. Quanto a esses três pontos, a passagem que ora comentamos está repleta de instruções.

A crueldade de Satanás transparece na miserável condição do infeliz homem, cujo corpo ele invadira. Lemos que ele “vivia nos sepulcros”, e que “nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo”. Além disso, ele “andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras” e despido. Tal é o estado ao qual o diabo pode levar qualquer pessoa, se esse direito lhe for concedido. Ele regozija-se em impôr aos seres humanos a mais extrema miséria, tanto de corpo quanto de mente. Episódios assim são símbolos das misérias que prevalecerão no inferno.

O poder de Satanás transparece na espantosa resposta que os espíritos imundos deram a Jesus, quando o Senhor perguntou: “Qual é o teu nome?” Ele respondeu, dizendo: “Legião é o meu nome, porque

somos muitos”. Nós provavelmente não fazemos a mínima idéia do número, da sutileza e das atividades dos agentes de Satanás. Esquecemos que ele é o rei de um enorme exército de espíritos subordinados, que lhe satisfazem a vontade. Se os nossos olhos fossem abertos para vermos os espíritos, mui provavelmente perceberíamos que eles nos cercam em nosso trajeto, em nossos leitos, observando-nos em tudo quanto fazemos, com uma intensidade que nem podemos imaginar. Em particular ou em público, na igreja ou no mundo, existem adversários atarefados, sempre perto de nós, cuja presença nem ao menos tomamos consciência.

A malícia de Satanás aparece na estranha petição: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles”. Uma vez expulsos do homem, cujo corpo haviam habitado e possuído por tanto tempo, os demônios continuavam sedentos de praticar misérias. Incapazes de prejudicar a qualquer alma imortal, desejavam permissão para prejudicar os porcos, que se alimentavam nas imediações. Essa é uma das autênticas características de Satanás. Toda a sua natureza inclina-se por fazer o mal, roubar e destruir. Não admira, portanto, que ele tenha sido chamado de Apoliom, “o destruidor” (Ap 9.11).

Tenhamos o cuidado de não cair no hábito insensato de escarnecer do diabo. Isso nos fornece uma espantosa evidência da cegueira e da corrupção do gênero humano, além de ser um fato muito comum entre nós. Quando for apropriado a um criminoso, condenado, zombar de seu executor, então, e somente então, será apropriado ao homem mortal falar zombeteiramente de Satanás. Todos nós faríamos bem se nos esforçássemos mais por perceber a presença e o poder de nosso temível adversário espiritual, orando com maior empenho para sermos livres dos seus ataques. Um eminente cristão, agora com o Senhor, dizia uma preciosa verdade: “Nenhuma oração será completa se não contiver uma súplica pedindo que sejamos guardados do diabo”.

Em último lugar, aprendamos quão completos são o poder e a autoridade de nosso Senhor sobre Satanás. Notamos isso na súplica dos espíritos imundos: “Conjuro-te por Deus que não me atormentes”. Também o percebemos na ordem do Senhor Jesus: “Espírito imundo, sai desse homem!”, e na imediata obediência que se seguiu. Além disso, esse fato é observado na bendita mudança que prontamente teve lugar na vida daquele que estivera possesso: “Viram... o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo”. Ainda, vemos isso na solicitação de todos os demônios: “Manda-nos para os porcos”, a confissão de que eles nada poderiam fazer sem permissão. Todas essas coisas mostram claramente que alguém maior do que Satanás estava ali. Por mais forte que fosse Satanás, o grande inimigo do homem, ele estava diante de Alguém ainda mais poderoso. Por mais numerosas que fossem as hostes

do diabo, ele defrontava-se com Alguém que poderia dar ordens a mais de doze legiões de anjos: “Porque a palavra do rei tem autoridade suprema; e quem lhe dirá: Que fazes?” (Ec 8.4).

A verdade aqui ensinada é repleta de poderosas consolações, para todos os verdadeiros crentes. Vivemos em um mundo cheio de dificuldades e armadilhas. Nós somos fracos e cercados por debilidades. O espantoso pensamento de que temos um fortíssimo inimigo espiritual, próximo de nós, um ser sutil, poderoso e malicioso como é Satanás, pode bem deixar-nos inquietos e desanimados. Entretanto, graças sejam dadas a Deus, temos em Jesus um Amigo Todo-Poderoso, capaz de salvar-nos “totalmente” (Hb 7.25). Cristo já triunfou sobre Satanás, na cruz. Ele vive sempre em triunfo sobre Satanás, nos corações de todos os crentes, e intercede por eles, a fim de que não lhes desfaleça a fé. E, finalmente, Jesus triunfará sobre Satanás, de forma total e completa, ao retornar em sua segunda vinda e ao amarrar o diabo no abismo.

E agora, nós mesmos já fomos libertos do poder de Satanás? Esta é, afinal, a grande pergunta concernente às nossas almas. Satanás continua reinando e governando nos corações de todos aqueles que são filhos da desobediência (Ef 2.2). Ele continua sendo rei sobre os ímpios. Temos nós, mediante a graça divina, quebrado as suas cadeias e escapado de suas mãos? Temos, realmente, renunciado ao diabo e a todas as suas obras? Resistimos diariamente a ele, forçando-o a fugir? Nos revestimos de toda a armadura de Deus e nos postamos contra as astúcias do diabo? Que jamais descansemos, enquanto não pudermos dar respostas satisfatórias a tais perguntas.

O Ex-endemoninhado é Enviado a Seus Parentes

Leia Marcos 5.18-20

A conduta posterior daqueles a quem nosso Senhor Jesus Cristo curou, quando esteve sobre a terra, não é algo freqüentemente relatado nos evangelhos. A narrativa bíblica por muitas vezes descreve as curas miraculosas e passa a expor outros assuntos, deixando na obscuridade o que sucedeu dali por diante às pessoas curadas.

Entretanto, existem alguns casos profundamente interessantes, onde se faz a descrição da conduta posterior das pessoas curadas; e o homem de quem o diabo foi expulso, na terra dos gerasenos, é um deles. Os versículos que passamos a considerar contam o ocorrido. Embora sejam poucos, eles transbordam de preciosas instruções.

Neles, aprendamos que o Senhor Jesus sabe, melhor do que o seu povo, qual é a correta posição em que os crentes devem colocar-se. Somos informados que, quando nosso Senhor estava prestes a deixar a terra dos gerasenos, “suplicava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele”. Podemos entender perfeitamente bem esse pedido. Ele estava profundamente agradecido pela abençoada mudança que se operara nele. Seu coração sentia-se cheio de amor pelo seu Libertador. Ele deve ter pensado que não poderia fazer melhor do que seguir nosso Senhor onde quer que fosse, tornando-se um dos seus discípulos. Estava disposto a desistir de seu lar e de sua terra natal, para seguir a Cristo. Mas, por mais estranho que pareça à primeira vista, o pedido dele foi rejeitado. “Jesus, porém, não lho permitiu”. Nosso Senhor tinha outra tarefa para ele realizar. Cristo percebeu, melhor do que ele, de que maneira ele poderia glorificar mais a Deus. “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez, e como teve compaixão de ti.”

Nessas palavras de Jesus há lições de profunda sabedoria. Os lugares onde os crentes desejam estar nem sempre são os melhores lugares para as suas almas. As posições que escolheriam, se pudessem seguir os seus desejos, nem sempre correspondem àquelas que Jesus quer que eles ocupem.

Ninguém precisa tanto dessa lição como os crentes recém-convertidos a Deus. Esses, com freqüência, têm pouca capacidade de julgar aquilo que realmente contribui para o bem deles. Cheios de novos pontos de vista que graciosamente lhes foram ensinados, entusiasmados pela novidade da sua atual posição, enxergando todas as coisas à sua volta sob um novo prisma, conhecendo ainda bem pouco das profundezas de Satanás e da debilidade de seus próprios corações, sabendo tão-somente que até pouco tempo eram cegos, mas agora, pela misericórdia divina, eles vêem — dentre todas as pessoas, eles são os que correm maior perigo de cometer erros. Com as melhores intenções, são inclinados a cair em erros quanto a seus planos na vida, suas escolhas, seus movimentos, ou suas carreiras profissionais. Esquecem que aquilo que mais gostam nem sempre é o melhor para as suas almas e que a semente da graça divina precisa tanto do verão quanto do inverno, tanto do calor quanto do frio, para que amadureça para a glória.

Oremos para que o Senhor Deus nos guie em todos os nossos caminhos após a conversão, não nos permitindo errar em nossas escolhas, nem nos permitindo tomar decisões precipitadas. O lugar e a posição mais saudáveis e apropriados para nós são aqueles que nos conservam mais humildes, mais esclarecidos quanto à nossa própria pecaminosidade, mais voltados para o estudo da Bíblia e para a oração, mais dispostos

a viver pela fé, e não pelo que vemos. Talvez isso não seja exatamente o que apreciamos. Mas, se Cristo, em sua providência, nos colocou nessas condições, não tenhamos pressa em abandoná-las. Pelo contrário, permaneçamos ali, com Deus. O mais importante de tudo é não termos vontade própria, permanecendo onde Jesus quer que fiquemos.

Aprendamos também, destes versículos, que *o próprio lar de um crente merece o primeiro lugar, dentro de seu foco de atenção*. Somos instruídos quanto a isso mediante as notáveis palavras proferidas por nosso Senhor ao ex-endemoninhado: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez, e como teve compaixão de ti”. Possivelmente os parentes daquele homem não o tinham visto por alguns anos, exceto sob o poder de Satanás. O mais provável é que ele tenha sido como alguém que estava morto para eles; ou pior do que morto, como uma causa constante de apreensões, ansiedades e tristezas. Ali, pois, estava a senda do seu dever. Aquele era o modo pelo qual ele poderia glorificar a Deus. Que ele fosse para a sua casa e narrasse aos seus parentes o que Jesus realizara em seu favor. Que ele se tornasse uma testemunha viva da compaixão de Cristo, perante os olhos de todos. Que ele negasse a si mesmo o prazer de ficar na presença física de Jesus Cristo, a fim de ocupar-se em uma obra ainda maior — a de ser útil aos seus semelhantes.

Quanta riqueza oculta nestas simples palavras de nosso Senhor! Quão belos pensamentos elas deveriam despertar nos corações de todos os verdadeiros crentes! “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo...” O lar, acima de qualquer outro lugar, é onde os filhos de Deus deveriam investir os seus primeiros esforços na prática do bem. O lar é onde um crente é mais continuamente visto pelas pessoas, onde a realidade da graça divina deveria transparecer com maior nitidez. É no lar que os mais excelentes afetos deveriam concentrar-se. Ali o crente deve esforçar-se diariamente no testemunho de Cristo. Era no lar que o crente, dia após dia, fazia o mal e dava mau exemplo, no tempo em que servia ao mundo. O lar é o lugar onde o crente está, de modo especial, na obrigação de ser como uma carta viva de Cristo, desde o momento em que é misericordiosamente instruído a servir ao Senhor. Que nos lembremos dessas verdades diariamente! Que jamais digam a nosso respeito que somos santos em todos os lugares, e ímpios em nossos próprios lares; que somos pessoas que nas ruas muito falam de religião, e mundanos e sem temor em nossas próprias casas!

Mas, afinal de contas, temos alguma coisa a dizer para outras pessoas? Podemos testificar acerca da obra da graça, em nossos corações? Já experimentamos o livramento do domínio do mundo, da carne e do diabo? Já provamos quão gracioso é Jesus? Essas são perguntas realmente

sérias. Se ainda não nascemos de novo e ainda não fomos feitos novas criaturas, naturalmente nada teremos para “contar”.

Porém, se temos alguma coisa para dizer aos outros a respeito de Cristo, então falemos. Não silenciemos, se já encontramos a paz e o descanso no evangelho. Falemos aos nossos conhecidos, amigos, familiares e vizinhos, de acordo com as oportunidades que tivermos, e digamos a eles aquilo que o Senhor tem feito por nossas almas. Nem todos os crentes são chamados para o ministério. Nem todos somos chamados para pregar. Entretanto, todos podemos andar nas pegadas do homem sobre o qual temos lido, como também nas pegadas de André, de Filipe e da mulher samaritana (Jo 1.41,45; 4.29). Bem-aventurado aquele que não se envergonha de dizer aos outros: “Vinde, ouvi, todos vós que temeis a Deus, e vos contarei o que tem ele feito por minha alma” (Sl 66.16).

A Cura da Mulher Hemorrágica

Leia Marcos 5.21-34

O assunto central destes versículos é a cura miraculosa de uma mulher enferma. Imensa é a experiência de nosso Senhor nos casos de enfermidade! Profunda é a sua compaixão para com os que, de seu povo, encontram-se doentes e aflitos! As divindades pagãs geralmente são representadas como terríveis e poderosas na batalha, deleitando-se no derramamento de sangue, protetoras de homens violentos e amigas dos guerreiros. O Salvador dos crentes sempre é exposto a nós como Alguém muito gentil, fácil de abordar, Aquele que cura corações partidos, o refúgio dos fracos e oprimidos, o consolador dos aflitos, o melhor amigo dos enfermos. Não é precisamente este o Salvador que a natureza humana precisa? O mundo está cheio de dor e tribulação; os fracos, à face da terra, são mais numerosos do que os fortes.

Nestes versículos, notemos *quanta miséria o pecado tem feito no mundo*. Lemos a respeito de uma mulher que estivera sofrendo de uma dolorosa doença por “doze anos”. Ela “muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem contudo nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior”. Meios de cura de todos os tipos haviam sido experimentados em vão. A habilidade dos médicos tinha-se mostrado impotente para curá-la. Doze longos e cansativos anos tinham se escoado na batalha contra a enfermidade, e o alívio não lhe parecia mais próximo do que quando começara o tratamento. Diz-nos Provérbios 13.12: “A esperança que se adia faz adoecer o coração”.

Quão admirável é que não odiamos o pecado muito mais do que o fazemos! O pecado é a causa de todas as dores e enfermidades neste mundo. Deus não criou o homem para ser uma criatura doentia e sofredora. Foi o pecado, nada além do pecado, que trouxe à humanidade todos os males de que a carne é herdeira. É ao pecado que devemos todas as dores excruciantes, todas as enfermidades repugnantes e toda humilhante fraqueza a que nossos pobres corpos estão sujeitos. Nunca nos esqueçamos disso. Por conseguinte, odiemos ao pecado com um ódio santo.

Em segundo lugar, notemos *quão diversos são os sentimentos com que as pessoas se aproximam de Cristo*. Lemos nestes versículos que “grande multidão o seguia, comprimindo-o”. No entanto, somente uma pessoa, “vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste”, com fé, e foi curada. Muitos seguiam a Jesus por curiosidade, mas dEle não tiravam qualquer benefício. Uma pessoa, apenas uma, seguia a Cristo sob um profundo senso da sua própria necessidade e do poder de nosso Salvador para aliviá-la; e somente ela recebeu uma grande bênção.

A mesma coisa acontece continuamente na igreja de Cristo, hoje. Multidões chegam até aos nossos lugares de adoração e ocupam nossos assentos. Centenas de pessoas chegam-se à mesa do Senhor e recebem o pão e o vinho. Porém, dentre todos esses adoradores, quão poucos, realmente, obtêm alguma bênção da parte de Cristo! Moda, costumes, formalidades, hábito e busca por emoções fortes, ou um ouvido que anda à cata de novidades, são os verdadeiros motivos que impulsionam a maioria das pessoas. Há poucos, aqui e ali, que tocam em Cristo, pela fé, e voltam para suas casas “em paz”. Essas talvez pareçam afirmações amargas. Infelizmente, porém, exprimem a pura verdade!

Em terceiro lugar, notemos *quão imediata e instantânea foi a cura recebida por aquela mulher*. Ela foi curada tão logo tocou as vestes de nosso Senhor. Recebeu em um momento aquilo que estivera buscando inutilmente durante doze anos. A cura que tantos médicos não conseguiram dar-lhe foi operada e um único instante. “Sentiu no corpo estar curada do seu flagelo.”

Não temos dúvida de que isso tem por finalidade servir de figura do alívio que o evangelho proporciona à alma humana. A experiência de muitas consciências exaustas tem sido precisamente aquela que teve a mulher, após curada de sua enfermidade. Muitos têm passado anos em tristeza à busca da paz com Deus, sem jamais tê-la encontrado. Eles têm apelado para remédios terrenos, não obtendo qualquer alívio. Têm exaurido a si mesmos indo de um lugar para outro, de igreja em igreja, sem se sentirem melhores com isso, “pelo contrário, indo a pior”. Mas,

finalmente, eles encontram alívio. Onde eles o acham? Na mesma pessoa em que a mulher o encontrou — em Jesus. O crente é alguém que cessou suas próprias obras; alguém que desistiu de seus próprios esforços em busca de paz. O crente aproximou-se de Cristo, como um humilde pecador, entregando-se à sua misericórdia. Imediatamente a carga caiu dos seus ombros. O peso de consciência transforma-se em alegria e a ansiedade em paz. Um toque com verdadeira fé pode fazer mais pela alma do que uma centena de sacrifícios auto-impostos. Um olhar dirigido a Jesus é mais eficaz do que anos em cilício e cinzas. Que jamais nos esqueçamos disso, em nossa vida diária! A entrega de nós mesmos a Cristo é o segredo da paz com Deus.

Notemos, em quarto lugar, *quão apropriado é aos crentes confessarem, diante dos homens, os benefícios que eles têm recebido de Cristo*. Vemos que àquela mulher não foi permitido voltar para casa, sem que primeiro a sua cura fosse manifesta. Nosso Senhor indagou quem havia tocado nEle e “olhava ao redor para ver aquela que fizera isto”. Não há dúvida que Jesus conhecia o nome e a história daquela mulher. Não havia qualquer necessidade de que alguém O informasse a respeito dela. Não obstante, Jesus desejava ensiná-la, e aos que O rodeavam, que as almas curadas devem reconhecer publicamente as misericórdias recebidas.

Há em tudo isso uma lição que todos os verdadeiros crentes fariam bem em lembrar. Não podemos nos envergonhar de testemunhar de Cristo diante dos homens; antes, devemos deixar que tomem conhecimento do que Cristo tem feito em favor de nossas almas. Se encontramos paz por meio de seu sangue e fomos espiritualmente renovados pelo seu Espírito, não podemos evitar de reconhecer esses fatos, em todas as ocasiões adequadas. Não é mister soprar uma trombeta nas esquinas das ruas, forçando todas as pessoas que passam a darem atenção ao relato da nossa própria experiência. Tudo quanto se faz necessário é a disposição para reconhecer Cristo como nosso Senhor, sem nos encolhermos diante do ridículo ou da perseguição que certamente traremos sobre nós. Mais do que isso não é requerido de nós; porém, não nos devemos contentar com menos. Se nos envergonharmos de Jesus diante dos homens, então, algum dia, Ele se envergonhará de nós diante de seu Pai e dos anjos.

Por último, notemos *quão preciosa graça é a fé*. Disse nosso Senhor à mulher que acabara de ser curada: “Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz, e fica livre do teu mal”.

De todas as graças cristãs, nenhuma é tão freqüentemente mencionada, no Novo Testamento, como a fé; e nenhuma é tão altamente recomendada. Nenhuma outra traz tanta glória para Cristo. A esperança

confere-nos a anelante expectativa pelas coisas boas que virão; o amor outorga-nos um coração caloroso e bem disposto. A fé, contudo, apresenta uma mão vazia, recebe tudo, e não pode dar coisa alguma em troca. Nenhuma outra graça cristã é tão importante para a alma do crente. Pela fé começamos a carreira cristã. Pela fé a vivemos. Pela fé permanecemos firmes. Andamos por fé e não por vista. Pela fé superamos crises. Pela fé encontramos paz. Pela fé entramos no descanso do Senhor. Nenhuma outra graça deveria ser tão constantemente sujeita à nossa meditação. Deveríamos indagar a nós mesmos, freqüentemente: Eu creio, realmente? A minha fé é verdadeira, genuína, um autêntico dom de Deus?

Que não descansemos enquanto não pudermos dar respostas satisfatórias a essas perguntas! Cristo não mudou, desde o dia em que curou aquela mulher. Ele continua cheio de graça e poderoso para salvar. Só precisamos de uma coisa, se quisermos receber a salvação — a mão estendida da fé.

Basta que um ser humano “toque” em Jesus para que seja inteiramente curado.

A Ressurreição da Filha do Chefe da Sinagoga

Leia Marcos 5.35-43

Um grandioso milagre está registrado nestes versículos. Uma menina morta foi restaurada à vida. Por mais poderoso que seja o “rei dos terrores”, a morte, há Alguém ainda mais poderoso. As chaves da morte estão nas mãos de nosso Senhor Jesus Cristo. Um dia Ele “tragará a morte para sempre” (Is 25.8).

Estes versículos ensinam-nos que a *posição de autoridade a ninguém isenta de ser atingido pela tristeza*. Jairo era um “dos principais da sinagoga”; mesmo assim, a enfermidade e a tristeza invadiram seu lar. Jairo provavelmente tinha riquezas e toda ajuda médica que essas riquezas pudessem obter. Mas o dinheiro não pôde manter a morte longe de sua filhinha. As filhas das autoridades estão sujeitas às enfermidades e à morte tanto quanto as filhas das pessoas pobres. As filhas das autoridades também morrem.

É bom lembrarmos desse fato. Somos muito inclinados a esquecê-lo. Com freqüência, pensamos e falamos como se a possessão de riquezas fosse o grande antídoto para a tristeza, como se o dinheiro pudesse proteger-nos contra as enfermidades e a morte. Entretanto, pensar dessa maneira é o cúmulo da cegueira. Basta que olhemos à nossa volta para

encontrarmos mil provas em contrário. A morte chega aos salões e palácios tanto quanto às choupanas; tanto aos proprietários da terra quanto aos agricultores; tanto aos ricos quanto aos pobres. A morte não tem a menor cerimônia. Não se demora ante a conveniência ou o lazer dos homens. Fechaduras e barras de ferro não podem impedi-la de entrar. “Aos homens está ordenado morrerem uma só vez, e, depois disto, o juízo” (Hb 9.27). Todos os seres humanos estão se dirigindo a um único lugar — a sepultura.

Podemos estar certos de que há muito mais igualdade no que cabe aos homens do que parece à primeira vista. A enfermidade é uma grande niveladora; não faz distinção. O céu é o único lugar onde nenhum dos seus moradores dirá: “Estou doente” (Is 33.24). Felizes são os que depositam suas afeições nas coisas do alto! Eles, somente eles, possuem um tesouro incorruptível. Um pouquinho mais, e chegarão onde nunca mais ouvirão más notícias. Toda lágrima será enxugada de seus rostos. Nunca mais terão de lamentar. Não ouvirão mais aquelas entristecedoras palavras: Tua filha, teu filho, tua esposa, teu marido... morreu. As primeiras coisas terão passado.

Outra coisa que aprendemos é *quão ilimitado é o poder de nosso Senhor Jesus Cristo*. O recado que traspassou o coração do chefe da sinagoga, com a notícia da morte de sua filha, não parou nosso Senhor nem por um momento. Logo em seguida, Jesus pôs-se a animar o espírito esmagado do pai da menina, com estas graciosas palavras: “Não temas, crê somente”. Jesus foi até a casa onde muitas pessoas choravam e lamentavam, e entrou no quarto onde a mocinha jazia morta. Ele tomou-a pela mão e disse: “Menina, eu te mando, levanta-te”. Em seguida, o coração começou a pulsar de novo, e a respiração voltou ao corpo que estava sem vida. “Imediatamente a menina se levantou e pôs-se a andar.” Não admira que encontremos as palavras: “Então ficaram todos sobremaneira admirados”.

Meditemos, por alguns momentos, sobre quão maravilhosa foi a transformação ocorrida naquele lar. Do pranto ao regozijo, da lamentação à congratulação, da morte à vida — quão grandiosa e admirável deve ter sido a transição! Só pode dizer isso quem viu a morte face a face, quem teve apagada a luz de seu tabernáculo, quem sentiu o ferro entrando em sua própria alma. Esses, somente esses, são capazes de conceber o que a família de Jairo deve ter sentido, quando viram a sua querida menina de volta ao convívio deles, por efeito do poder de Cristo. Naquela noite, aquela família deve ter se reunido alegre e transbordante de felicidade!

Vejamos, nesse glorioso milagre, uma prova daquilo que Jesus Cristo pode fazer em favor das almas espiritualmente mortas. Jesus pode

ressuscitar nossos filhos que estão mortos em delitos e pecados, levando-os a andar diante dEle, em novidade de vida. Ele pode tomá-los pela mão e dizer-lhes: “Levanta-te”, ordenando-lhes que não vivam mais para si mesmos, e, sim, para Ele, que por eles morreu e ressuscitou dentre os mortos. Há em nossa família alguma alma morta nos seus pecados? Clamemos ao Senhor, para que Ele venha e a vivifique (Ef 2.1). Em oração, enviemos ao Senhor mensagem após mensagem, rogando-Lhe o seu socorro. Aquele que veio socorrer Jairo continua pleno de misericórdia e de poder.

Finalmente, vejamos, nesse milagre, *um bendito compromisso daquilo que nosso Senhor fará no dia de sua segunda vinda*. Ele chamará o seu povo, que nEle crê, de suas sepulturas. Ele lhes outorgará um corpo melhor, mais glorioso e mais belo do que tiveram nos dias de sua peregrinação. Ele recolherá os seus eleitos, do norte e do sul, do oriente e do ocidente, para nunca mais se separarem e nunca mais morrerem. Os pais crentes verão novamente os seus filhos crentes. Os maridos crentes verão outra vez as suas esposas crentes. Não nos entristecemos, como aqueles que não têm esperança, quanto aos amigos que morreram em Cristo. O mais jovem e amável crente não pode morrer antes do tempo determinado. Olhemos adiante. Há a gloriosa manhã da ressurreição ainda por vir. “Deus, mediante Jesus, trará juntamente em sua companhia os que dormem” (1 Ts 4.14). Um dia, essas palavras terão um completo cumprimento: “Eu... os resgatarei da morte: onde estão, ó morte, as tuas pragas?” (Os 13.14). Continua vivo Aquele que ressuscitou a filha de Jairo. Quando Ele reunir todo o seu rebanho, ao seu redor, no último dia, então descobriremos que não estará faltando nenhuma de suas ovelhas.

Cristo em sua Terra; O Pecado da Incredulidade

Leia Marcos 6.1-6

Esta passagem nos mostra nosso Senhor Jesus Cristo em “sua terra”, Nazaré, onde fora criado. Este texto é uma melancólica ilustração da iniquidade do coração humano e merece especial atenção.

Vemos, em primeiro lugar, *quão inclinados são os homens a subestimar as coisas com as quais estão familiarizados*. Os homens de Nazaré “escandalizavam-se” em nosso Senhor. Eles achavam inconcebível que alguém que vivera entre eles por tantos anos, cujos irmãos

e irmãs eles conheciam, merecesse ser seguido como um mestre do povo.

Nunca houve uma localidade na terra com tantos privilégios como Nazaré. Durante trinta anos, o Filho de Deus residira naquela cidade, percorrendo as suas ruas para lá e para cá. Durante trinta anos, Ele andara com Deus, perante os olhos dos habitantes da cidade, vivendo uma vida perfeita e imaculada. Porém, isso foi tudo em vão para eles. Não estavam preparados para crer no evangelho, quando o Senhor voltou ao seu convívio e pôs-se a ensinar em sua sinagoga. Não podiam acreditar que alguém cujo rosto conheciam tão bem, com quem tinham vivido tanto tempo, comendo, bebendo e vestindo-se como qualquer um deles, tivesse qualquer direito de reivindicar sua atenção. “E escandalizavam-se nele.”

Em tudo isso, não há coisa alguma que nos deva surpreender. O mesmo está sucedendo ao nosso redor, a cada dia, em nossa própria terra. As Escrituras, a pregação do evangelho, as ordenanças cristãs e os abundantes meios de graça que desfrutamos estão sendo continuamente subestimados pelo povo de nossa pátria. Eles estão de tal forma acostumados com esses privilégios que nem ao menos os reconhecem como tal. É uma espantosa verdade que, no campo da religião, mais do que em qualquer outra atividade humana, a familiaridade gera o desprezo.

Há um grande consolo nesse aspecto da experiência de nosso Senhor para alguns que fazem parte do povo de Deus. Há nisso um consolo para os fiéis ministros do evangelho, os quais se sentem desanimados diante da incredulidade do povo em geral, ou de seus ouvintes regulares. Há consolo para os verdadeiros crentes, que se sentem sozinhos entre seus familiares, vendo todos eles apegados ao mundo. Lembrem-se esses crentes que estão bebendo do mesmo cálice que o seu amado Mestre bebeu. Lembrem-se que Ele também foi desprezado por aqueles que melhor O conheciam. Aprendam que a conduta mais coerente possível não faz outras pessoas adotarem os seus pontos de vista e opiniões, tal como sucedeu ao povo de Nazaré. Que esses crentes saibam que as entristecedoras palavras de seu Senhor, em geral, cumprem-se na experiência diária dos seus servos: “Não há profeta sem honra senão na sua terra, entre os seus parentes, e na sua casa”.

Em segundo lugar, aprendamos *quão humilde foi a posição que nosso Senhor condescendeu em ocupar em sua vida, antes de iniciar seu ministério público*. Os habitantes de Nazaré comentaram a respeito dEle, com desprezo: “Não é este o carpinteiro...?”

Essa é uma expressão notável, encontrada exclusivamente no Evangelho de Marcos. Ela nos mostra claramente que, durante os primeiros trinta anos de sua vida, nosso Senhor não se envergonhou de

trabalhar com as próprias mãos. Há algo de admirável e de avassalador nesse pensamento! Aquele que criou os céus, a terra, o mar e tudo quanto neles existe, Aquele sem o qual nada do que foi feito se fez, o próprio Filho de Deus, tomou sobre Si mesmo a forma de servo, e do suor de seu rosto comeu o seu pão, como qualquer homem trabalhador. Isso, reflete “o amor de Cristo, que excede todo entendimento” (Ef 3.19). Embora rico, contudo, por amor a nós, Ele se fez pobre. Jesus humilhou-se, tanto no decorrer de toda a sua vida como na ocasião de sua morte, para que, por seu intermédio, os pecadores pudessem viver a reinar com Ele, eternamente.

Quando estivermos lendo esta passagem, lembremo-nos de que não há pecado algum na pobreza. Nunca precisaremos envergonhar-nos de ser pobres, a menos que a pobreza seja o resultado de nossos próprios pecados. Jamais deveríamos desprezar as pessoas por serem pobres. É uma desgraça alguém ser dado a jogatinas, ou ser um alcoólatra, ou um homem ganancioso, ou um mentiroso; entretanto, não há qualquer desgraça em trabalhar com as próprias mãos e ganhar o pão com o próprio labor. A idéia da carpintaria em Nazaré, deveria lançar por terra os altivos pensamentos de todos aqueles que fazem das riquezas um ídolo. Não pode ser desonroso ocupar a mesma posição que foi ocupada pelo filho de Deus e Salvador do mundo.

Em último lugar, percebemos *quão excessivamente pecaminoso é o pecado da incredulidade*. Duas notáveis expressões foram utilizadas para ensinar-nos essa lição. Uma delas é que nosso Senhor “não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos”, em razão da dureza dos corações daquelas pessoas. A outra expressão é que nosso Senhor “admirou-se da incredulidade deles”. A primeira dessas expressões mostra-nos que a incredulidade tem o poder de furtar dos homens as melhores bênçãos. E a segunda mostra-nos que a incredulidade é um pecado tão irracional e suicida que deixou o próprio Filho de Deus admirado.

Nunca será demais nossa vigilância contra o pecado de incredulidade. Esse é o mais antigo pecado da humanidade. Começou no jardim do Éden, quando Eva deu ouvidos às promessas do diabo, ao invés de crer nas palavras de Deus: “Certamente morrerás” (Gn 2.17). A incredulidade é o mais ruinoso de todos os pecados, quanto às suas conseqüências. Esse pecado trouxe a morte à humanidade inteira. Manteve o povo de Israel fora da terra de Canaã por quarenta anos. Esse é o pecado que, de modo especial, está lotando o inferno. “O que não crê já está julgado” (Jo 3.18). Esse é o mais insensato e incoerente de todos os pecados. Ele leva o ser humano a rejeitar a mais clara das evidências; ele fecha os olhos do homem diante do mais claro testemunho e leva-o a crer

na mentira. E, o pior de tudo, a incredulidade é o pecado mais comum neste mundo. Milhares de pessoas são culpadas desse delito. Quanto à profissão verbal, muitas delas se dizem cristãs. Elas nada sabem acerca das idéias de Paine e de Voltaire. Mas, na prática, elas são realmente incrédulas. Não crêem na Bíblia Sagrada, nem recebem Cristo como o seu Salvador.

Exerçamos cuidadosa vigilância sobre os nossos próprios corações quanto a questão da incredulidade. O coração, e não a cabeça, é a sede desse misterioso poder. O que torna os homens incrédulos não é nem a ausência de evidências, nem as dificuldades da doutrina cristã. Antes, é a falta de desejo para crer. Eles amam o pecado. Estão presos ao mundo. Nesse estado mental, nunca lhes faltam razões plausíveis para confirmar a vontade que têm de não crer. O coração humilde, semelhante ao de uma criança, é o coração que crê.

Continuemos a vigiar os nossos corações, mesmo depois de haveremos crido no Senhor. A raiz da incredulidade nunca é totalmente destruída. Basta que deixemos de vigiar e de orar, e logo surgirá uma grande safra de incredulidade. Nenhuma oração é tão importante quanto aquela que os discípulos fizeram: “Senhor: aumenta-nos a fé” (Lc 17.5).

Os Apóstolos Enviados a Pregar

Leia Marcos 6.7-13

Estes versículos descrevem a primeira vez em que os apóstolos foram enviados a pregar o evangelho. O grande Cabeça da igreja submeteu à prova o ministério deles, antes de deixá-los sozinhos no mundo. Ele os ensinou a testarem os seus próprios poderes de ensino e a descobrirem suas próprias fraquezas, enquanto ainda estava com eles. Dessa maneira, por um lado, Jesus poderia corrigir os erros deles. E, por outro lado, eles foram treinados para o trabalho que, algum dia, deveriam realizar sozinhos, não mais como inexperientes. Seria ótimo para a igreja de Cristo se todos os ministros do evangelho fossem preparados para os seus deveres da mesma maneira que os apóstolos foram, e não como freqüentemente se vê, quando os ministros são ocupados em seu ofício sem qualquer experiência, sem terem sido testados e sem terem sido provados.

Observemos, nestes versículos, *como nosso Senhor Jesus Cristo, enviou os seus apóstolos “de dois a dois”*. Marcos é o único evangelista que menciona esse fato. Todavia, esse é um fato que merece a nossa atenção.

Não há dúvida de que esse pormenor tem por finalidade ensinar-nos quão vantajoso é o companheirismo cristão para todos aqueles que trabalham para Cristo. O sábio tinha excelentes razões para dizer: “Melhor é serem dois do que um” (Ec 4.9).

Dois homens trabalhando juntos farão mais do que dois homens que trabalham separadamente, porquanto ajudarão um ao outro nas decisões a serem tomadas e cometerão menor número de erros. Poderão ajudar-se mutuamente nas dificuldades e fracassarão menos. Poderão animar um ao outro, quando tentados à ociosidade, e, com menos frequência, deslizarão para a indolência e indiferença. Poderão consolar um ao outro em tempos difíceis e deixar-se-ão vencer menos pelo desânimo. “Ai, porém, do que estiver só; pois, caindo, não haverá quem o levante” (Ec 4.10).

É provável que esse princípio não seja suficientemente lembrado na igreja de Cristo, nestes últimos dias. Sem dúvida, a colheita é grande, por todo o mundo, tanto em nosso próprio país quanto no estrangeiro. Os obreiros, sem dúvida, são poucos, e o suprimento de homens fiéis está sempre muito abaixo da demanda. Os argumentos em prol do envio de obreiros “um por um”, devido as atuais circunstâncias, são inegavelmente muito fortes e têm grande peso. Porém, a conduta de nosso Senhor demonstrada aqui é um fato marcante. O fato que, no livro de Atos, dificilmente encontramos um único caso onde Paulo, ou qualquer dos outros apóstolos, estivesse trabalhando inteiramente sozinho é uma outra notável circunstância. É difícil deixarmos de concluir que se a regra de se enviar obreiros “dois a dois” estivesse sendo mais rigidamente observada, os campos missionários teriam produzido bem maiores resultados do que aqueles que conhecemos.

De qualquer modo, uma coisa é clara: é dever de todos os obreiros de Cristo trabalharem juntos e se ajudarem mutuamente, sempre que puderem. “Como o ferro com o ferro se afia, assim o homem ao seu amigo” (Pv 27.17). Ministros do evangelho, missionários e professores da escola dominical deveriam aproveitar as oportunidades para se reunirem e aconselharem-se conjuntamente. As palavras do autor da epístola aos Hebreus contêm uma verdade que, com frequência, é esquecida: “Consideremo-nos também uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de congregar-nos” (Hb 10.24,25).

Em segundo lugar, observemos *quão solenes foram as palavras usadas por nosso Senhor a respeito daqueles que não querem nem receber nem ouvir seus ministros*. Asseverou o Senhor Jesus: “Em verdade vos digo que menos rigor haverá para Sodoma e Gomorra, no dia do juízo, do que para aquela cidade” (Mt 10.15).

Essa é uma verdade por diversas vezes reiterada nas páginas dos

evangelhos. É doloroso pensarmos quão inteiramente essa verdade tem sido negligenciada por muitos. Milhares de pessoas parecem supor que, enquanto estiverem freqüentando alguma igreja, e não assassinarem, roubarem, enganarem ou quebrarem abertamente algum dos mandamentos de Deus, não estarão correndo qualquer perigo. Esquecem que é preciso algo mais do que a mera abstinência de irregularidades externas para que uma alma humana seja salva. Eles não percebem que um dos mais graves pecados que uma pessoa pode cometer, aos olhos do Senhor, é ouvir o evangelho de Cristo e não aceitá-lo, ser convidado a arrepender-se e a crer, e, no entanto, permanecer negligente e incrédulo. Em uma palavra, rejeitar o evangelho fará o homem afundar ao lugar mais profundo do inferno.

Jamais deixemos para trás uma passagem bíblica como esta, sem perguntarmos a nós mesmos: O que estamos fazendo com o evangelho? Estamos vivendo em um país que se diz cristão. Temos a Bíblia em nossas casas. Com frequência, ano após ano, ouvimos a respeito da salvação oferecida através do evangelho. Todavia, já recebemos o evangelho em nossos corações? Temos, realmente, obedecido ao evangelho em nossas vidas diárias? Em suma, temos lançado mão da esperança que nos foi proposta? Temos tomado a nossa cruz e começado a seguir a Jesus Cristo? Se não, estamos em pior situação do que os pagãos, que se prostram diante de ídolos de madeira e de pedra. Estaremos sendo muito mais culpados do que o povo de Sodoma e Gomorra. Eles jamais ouviram o evangelho e por isso nunca o rejeitaram. Quanto a nós, temos ouvido o evangelho, mas não temos lhe dado crédito. Perscrutemos os nossos corações, tomando todo o cuidado para que não venhamos a arruinar as nossas próprias almas!

Em último lugar, observemos *qual era a doutrina pregada pelos apóstolos de nosso Senhor*. Lemos nesta passagem: “Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse”.

A necessidade do arrependimento pode parecer, à primeira vista, uma verdade extremamente simples e elementar. Contudo, muitos volumes poderiam ser escritos para mostrar a plenitude dessa doutrina, e como é apropriada para cada época e geração, e para cada classe da sociedade humana. O arrependimento está inseparavelmente ligado a uma correta percepção de Deus, da natureza humana, do pecado, de Cristo, da santidade e do céu. Todos os homens são pecadores e carecem da glória de Deus. Todos precisam ser levados a sentirem os seus próprios pecados, a se entristecerem por eles, a se disporem a abandoná-los e a terem fome e sede do perdão divino. Em poucas palavras, todos precisam nascer de novo e apegar-se a Cristo. Nisso consiste o arrependimento que leva à vida eterna. Nada menos do que isso se

faz necessário para a salvação de qualquer criatura humana. Nada menos do que isso deveria ser insistentemente proclamado aos homens, por todos aqueles que professam ser ensinadores da religião bíblica. Precisamos chamar homens ao arrependimento, se queremos seguir os passos dos apóstolos de Cristo; e então, depois que os homens se tenham arrependido, deveremos insistir com eles para que se arrependam cada vez mais, até ao seu último dia de vida.

Porventura, já nos arrependemos? Afinal de contas, essa é a indagação que mais nos interessa. Convém sabermos o que os apóstolos ensinaram. Convém que nos familiarizemos com todo o sistema de doutrinas do cristianismo. Entretanto, melhor ainda é que conheçamos o arrependimento por experiência própria e que o sintamos interiormente, no íntimo de nossos corações. Que não descansemos enquanto não soubermos e não sentirmos que já nos arrependemos! No reino dos céus não entrará nenhum impenitente. Todos quantos já entraram neste reino sentiram, lamentaram e abandonaram o pecado, buscando o perdão divino para eles. Essa precisa ser a nossa experiência, se esperamos ser salvos.

João é Executado por Ordem de Herodes

Lêia Marcos 6.14-29

Estes versículos descrevem a morte de um dos mais eminentes santos de Deus. Relatam o assassinato de João Batista. Dentre os quatro evangelistas, nenhum deles narra essa melancólica história de uma maneira tão completa quanto Marcos. Vejamos que lições práticas ela contém para o benefício de nossas almas.

Em primeiro lugar, detectamos *o admirável poder da verdade sobre a consciência dos homens*. Herodes “temia” a João Batista e sentiu-se perturbado depois da morte desse profeta. Um pregador destituído de amigos, solitário, sem qualquer outra arma além da verdade de Deus, perturbava e aterrorizava um rei.

Todas as pessoas têm uma consciência. Nisso jaz o segredo do poder de um fiel ministro do evangelho. Essa é a razão por que o governador Félix amedrontou-se e o rei Agripa quase deixou-se persuadir, quando Paulo, o prisioneiro, falou diante deles. Deus nunca se deixou ficar sem testemunho, até mesmo nos corações das pessoas não-convertidas. Caído e corrompido como o homem é, dentro dele há pensamentos que o acusam ou desculpam no curso de sua vida; pensamentos persistentes que podem até mesmo fazer com que monarcas, como Herodes, sintam-se intranquilos e temerosos.

Os ministros e os mestres do evangelho, mais do que ninguém, deveriam levar em conta esse fato. Se eles estiverem pregando e ensinando a verdade de Cristo, então poderão ficar descansados de que o trabalho deles não será em vão. As crianças podem parecer desatentas na escola. Os ouvintes podem parecer descuidados nos cultos. Porém, em ambos os casos, com freqüência existe mais acontecendo na consciência deles do que aparece aos nossos olhos. As sementes lançadas nos corações muitas vezes desabrocham e produzem fruto quando o semeador — como no caso de João Batista — já faleceu ou partiu para outro lugar.

Em segundo lugar, observemos *até onde é possível as pessoas se envolverem na religião, e, mesmo assim, deixarem de obter a salvação, por cederem a um pecado que as domina*. O rei Herodes envolveu-se mais do que muitos. Ele “temia a João”. Herodes sabia que João Batista “era homem justo e santo”. Ele ouvia as suas palavras e “ficava perplexo”. Ele até mesmo escutava-o “de boa mente”. Contudo, havia uma coisa que Herodes simplesmente não queria fazer. Ele não queria parar com o seu adultério. Não queria desistir de Herodias. E foi dessa maneira que arruinou a sua alma para todo o sempre.

Deixemo-nos advertir, atentando ao caso de Herodes. Não retenhamos conosco qualquer pecado, não nos apeguemos a qualquer vício favorito, não poupemos coisa alguma que se tenha colocado entre nós e a salvação. Com freqüência, examinemos o nosso homem interior, certificando-nos de não haver ali qualquer concupiscência predileta, nem qualquer transgressão favorita, semelhante à de Herodias, que nos esteja assassinando a alma. Antes, convém que decepemos a nossa própria mão direita e arranquemos o nosso próprio olho direito, ao invés de sermos precipitados por inteiro no inferno de fogo. Não nos contentemos em admirar pregadores favoritos e em ouvir de bom grado a sermões evangelísticos. Não descansemos enquanto não pudermos dizer, como Davi: “Por isso tenho por em tudo retos os teus preceitos todos, e aborreço todo caminho de falsidade” (Sl 119.128).

Em terceiro lugar, observemos *quão ousadamente todo fiel ministro de Deus deve repreender o pecado*. João Batista falava com toda a clareza para Herodes, acerca da impiedade de sua vida. João não se justificava, sob a alegação de que falar com franqueza era imprudente, ou descortês, ou inoportuno, ou inútil. Ele não proferia coisas agradáveis, nem tratava com paliativos a iniquidade do monarca, usando palavras suaves para descrever a ofensa do rei. Ele dizia a clara e franca verdade ao seu ouvinte real, sem importar-se com as conseqüências: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão”.

Eis aqui um padrão que todos os ministros do evangelho deveriam seguir e, particularmente, do púlpito ou em visitas particulares, os

pregadores deveriam repreender a todos os pecadores miseráveis e admoestar fielmente a todos quantos estejam vivendo em pecado. Isso talvez ofenda. Essa atitude pode acarretar tremenda impopularidade. Entretanto, eles nada têm a ver com essas reações. Os deveres cabem aos pregadores. Os resultados cabem a Deus.

Sem dúvida, é preciso muita graça e grande coragem para se fazer isso. Sem dúvida, um reprovador, como João Batista, tem de realizar o seu trabalho de modo sábio e amoroso, ao cumprir a comissão determinada pelo seu Mestre e ao repreender o iníquo. Porém, essa é uma questão que põe em jogo, manifestamente, o seu caráter, quanto aos aspectos da fidelidade e do amor. Se ele crê que certa pessoa está prejudicando a sua própria alma, com certeza ele deveria avisá-la disso. Se de fato ele ama essa pessoa com ternura, não deve permitir que ela se arruíne sem qualquer aviso. Sem importar quão grande seja a ofensa que esteja causando, um reprovador fiel, a longo prazo, geralmente, será respeitado. “O que repreende ao homem achará depois maior favor do que aquele que lisonjeia com a língua” (Pv 28.23).

Em quarto lugar, notemos *quão amargamente as pessoas odeiam um pregador que repreende, quando elas estão resolvidas a não abandonar os seus pecados*. Herodias, a infeliz parceira na iniquidade de Herodes, parece haver caído ainda mais profundamente no pecado do que o seu cunhado. Endurecida no pecado e de consciência cauterizada por sua iniquidade, ela odiava a João Batista por causa do fiel testemunho que ele dava e não descansou até conseguir a morte daquele profeta.

Não precisamos ficar admirados diante de tal acontecimento. Quando homens e mulheres já escolheram o que irão fazer e já determinaram seguir em seus próprios caminhos iníquos, eles aborrecem a quem quer que pretenda desviá-los de seus maus caminhos. Preferem ser deixados à vontade. Sentem-se irritados diante de qualquer oposição. Ficam irados quando ouvem a verdade. O profeta Elias foi chamado de “perturbador de Israel” (1 Rs 18.17). O profeta Micaías foi odiado por Acabe porque, conforme o monarca alegou, “nunca profetiza de mim o que é bom, mas somente o que é mau” (1 Rs 22.8). Os profetas e os pregadores fiéis, em todos os séculos, sempre foram tratados dessa maneira. Eles não somente têm sido desacreditados como também odiados por muitos.

Jamais deveríamos sentir-nos surpresos ao ouvir fiéis ministros do evangelho sendo caluniados, ultrajados e odiados. Ao invés disso, cumpre-nos lembrar que eles foram consagrados ao ministério para testemunhar contra o pecado, o mundo e o diabo, e que, se forem fiéis, não poderão evitar gerar ofensa. Não é uma desgraça, para o caráter de um ministro de Deus, quando as pessoas ímpias não gostam dele.

Não é uma honra verdadeira, para um ministro do evangelho, quando todos pensam bem dele. Aquelas palavras de nosso Senhor nem sempre são suficientemente levadas em conta: “Ai de vós, quando todos vos louvarem!” (Lc 6.26).

Em quinto lugar, podemos notar *quantos pecados podem seguir-se, às vezes, aos festejos licenciosos*. Herodes resolveu celebrar o seu aniversário com um esplêndido banquete. Convidados, bebedeiras, danças preencheram as atividades daquele dia. Em um momento de emoção, ele concedeu a uma jovem iníqua o pedido que ela fizera, que a cabeça de João Batista fosse decepada. No dia seguinte, com toda a probabilidade, Herodes arrependeu-se amargamente de sua própria conduta. Porém, a sua má ação estava consumada. Era tarde demais.

Esse é um quadro fiel daquilo que, com freqüência, resulta das festividades e das diversões. As pessoas, em tais ocasiões, no ardor de seus sentimentos, fazem coisas das quais arrependem-se profundamente. Felizes são aqueles que têm cuidado com as tentações e evitam dar ocasião ao diabo. Os homens nunca sabem o que poderão fazer quando se aventuram para longe do solo seguro. Horas avançadas, salões apinhados de convidados e esplêndidos entretenimentos, um misto de homens e de mulheres, música e danças talvez pareçam coisas inofensivas para muitas pessoas. O crente, entretanto, jamais deve esquecer que participar dessas coisas é abrir a porta para as tentações.

Finalmente, nestes versículos, percebemos *quão pouca recompensa alguns dos melhores servos do Senhor recebem neste mundo*. Um injusto encarceramento e uma morte violenta foram o derradeiro fruto que João Batista colheu como galardão pelos seus labores. À semelhança de Estevão, de Tiago e de muitos outros, de quem o mundo não era digno, João Batista foi convocado para selar o seu testemunho com o próprio sangue.

Narrações como essas têm por propósito lembrar-nos que as melhores coisas, para o verdadeiro crente, ainda estão por vir. O seu descanso, a sua coroa, o seu galardão, as suas recompensas — todas essas coisas estão do outro lado do sepulcro. Neste mundo, o crente precisa andar por fé, e não por vista. E, se ele contempla o louvor dos homens, acabará desapontado. Aqui nesta vida, o crente precisa semear, labutar, lutar e suportar as perseguições; e, se ele espera por alguma grande recompensa terrena, está esperando por aquilo que não receberá. A vida presente não é tudo. Haverá um futuro dia de retribuição. Há uma gloriosa colheita ainda por vir. O céu corrigirá a todas as injustiças e inadequações. O olho não viu, nem o ouvido ouviu as gloriosas coisas que Deus preparou para aqueles que O amam. O valor da verdadeira religião não pode ser medido pelas coisas que podemos ver, mas, ao

contrário, pelas invisíveis. “Porque para mim tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não são para comparar com a glória por vir a ser revelada em nós” (Rm 8.18). “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação” (2 Co 4.17).

Os Apóstolos Voltam da Pregação; A Importância do Descanso; A Compaixão de Cristo

Leia Marcos 6.30-34

Vamos observar, nesta passagem, a conduta dos apóstolos, quando regressaram de sua primeira missão como pregadores. Lemos no texto que “voltaram os apóstolos à presença de Jesus e lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado”.

Estas palavras são profundamente instrutivas. Servem de brilhante exemplo para todos os ministros do evangelho e para todos os obreiros na grandiosa obra de fazer o bem às almas. Esses deveriam fazer como fizeram os apóstolos de Jesus, naquela ocasião. Deveriam narrar, ao grande Cabeça da igreja, todos os acontecimentos em que tomaram parte. Deveriam expor todas as suas realizações diante do Senhor Jesus e pedir-lhe conselho, orientação, força e ajuda.

A oração é o principal segredo do sucesso nos empreendimentos espirituais. A oração põe em ação Aquele que é poderoso para mover os céus e a terra. A oração atrai, do alto, a prometida ajuda do Espírito Santo; sem esta ajuda o mais excelente sermão, o ensinamento mais claro e o trabalho mais diligente, tornam-se todos, igualmente, em vão. Nem sempre os que têm os mais eminentes dons espirituais são os obreiros mais bem sucedidos na obra de Deus. O êxito, em geral, acompanha aqueles que desfrutam uma mais íntima comunhão com Cristo e mostram-se mais constantes na oração. Esses são os que clamam, juntamente com o profeta Ezequiel: “Assim diz o SENHOR Deus: Vem dos quatro ventos, ó espírito, e assopra sobre estes mortos, para que vivam” (Ez 37.9). Esses são os que seguem com mais exatidão o modelo apostólico e podem dizer: “Quanto a nós, nos consagraremos à oração e ao ministério da palavra” (At 6.4). Feliz é a igreja que conta com ministros que não somente pregam, mas também que dedicam-se à oração! A grande pergunta que deveríamos formular sobre todo o novo ministro não deveria ser meramente: Ele é capaz de pregar bem? Antes, deveria ser: Ele ora bastante, pelo seu povo e pelo seu trabalho?

Em segundo lugar, observemos as palavras que nosso Senhor dirigiu aos apóstolos, quando retornaram, depois de seu primeiro ministério público. “E ele lhes disse: Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto.” Essas palavras refletem uma terna consideração. Nosso Senhor reconhece perfeitamente bem que os seus servos são carne, assim como são espírito, e que eles têm corpos, assim como têm almas. Jesus sabe que os seus servos têm um tesouro em vasos de barro e que os crentes estão cercados de muitas fraquezas. Ele lhes mostrou que não espera deles mais do que suas forças físicas permitem fazer. Jesus solicita de nós aquilo que podemos fazer, e não aquilo que não podemos fazer. Disse Ele: “Vinde repousar um pouco, à parte”.

Essas palavras transbordam de profunda sabedoria. Nosso Senhor sabe perfeitamente bem que os seus servos devem cuidar tanto de suas próprias almas quanto das almas alheias. Ele sabe que uma constante atenção ao trabalho público tende por fazer-nos esquecer das necessidades básicas das nossas próprias almas, e que, enquanto estamos cuidando da vinha alheia, corremos o perigo de negligenciar a nossa própria vinha (Ct 1.6). Ele nos lembra que é bom para os ministros do evangelho, ocasionalmente, afastarem-se do trabalho público e cuidarem de si mesmos. Disse Jesus: “Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto”.

Infelizmente, são poucos na igreja de Cristo que precisam dessa admoestação. Existem alguns que correm o perigo de trabalhar em demasia, prejudicando os seus corpos e suas almas, mediante a excessiva atenção que dão aos outros. Mas a maioria dos crentes compõe-se de pessoas indolentes e preguiçosas, que nada fazem em favor do mundo ao redor deles. Contudo, existem alguns poucos, comparativamente falando, que precisam do freio e não só das esporas. Esses poucos deveriam guardar no coração as lições dessa passagem bíblica. Eles deveriam poupar a sua própria saúde, considerando-a como um talento, sem desperdiçá-la como o fazem, por exemplo, os viciados em jogos. Antes, deveriam contentar-se em gastar as suas cotas diárias de forças, e não retirar imprudentemente do seu banco de recursos físicos. Também deveriam lembrar que realizar apenas um pouco, mas bem, com frequência é a melhor maneira de, a longo prazo, realizar muito. Acima de tudo, nunca deveriam esquecer de vigiar com grande zelo os seus próprios corações, proporcionando tempos regulares para um auto-exame e uma tranqüila meditação. A prosperidade do ministério e do trabalho público de uma pessoa está intimamente vinculada à prosperidade de sua própria alma. Um descanso ocasional é uma das mais úteis ordenanças.

Finalmente, cumpre-nos destacar os sentimentos de nosso Senhor Jesus Cristo para com as muitas pessoas que vinham procurá-Lo. Lemos

que Jesus “compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor”. Toda aquela gente não tinha quem os ensinasse. Não contavam com mestres, salvo os escribas e fariseus cegos. Não dispunham de alimento espiritual, a não ser as tradições inventadas pelos homens. Milhares de almas imortais estavam diante do Senhor, em estado de ignorância, desamparadas, no caminho certo para a perdição eterna. Ora, tudo isso comoveu o generoso coração de nosso Senhor Jesus Cristo. “Compadeceu-se deles... E passou a ensinar-lhes muitas cousas”.

Nunca deveríamos esquecer que nosso Senhor é o mesmo ontem, hoje e o será para sempre. Jesus jamais muda. Exaltado aos céus, à direita de Deus Pai, Ele ainda contempla compassivamente os filhos dos homens. Ele continua a ter piedade dos ignorantes e dos que estão fora do caminho. Ele continua disposto a “ensinar-lhes muitas coisas”. Ainda que o seu amor manifeste-se de modo especial para com suas ovelhas, que ouvem a sua voz, Ele continua dotado de um poderoso amor comum para com toda a humanidade — um amor que se caracteriza por uma piedade verdadeira, um amor compassivo. Não devemos esquecer esse fato. É uma teologia pobre aquela que ensina que Cristo se importa apenas com aqueles que nEle crêem. Nas Sagradas Escrituras, encontramos fundamento para dizermos, aos piores pecadores, que Jesus se compadece deles e se importa com as suas almas, que Jesus está disposto a salvá-los e que os convida a confiarem nEle e serem salvos.

Indaguemos a nós mesmos, ao deixarmos esta passagem, se sabemos algo da mente de Cristo? À semelhança dEle, preocupamo-nos ternamente com as almas das pessoas não-convertidas? Assim como Ele, sentimos profunda compaixão por todos aqueles que ainda são como ovelhas que não têm pastor? Importamo-nos com os ímpios e impenitentes que moram perto de nossa própria casa? Importamo-nos com os pagãos, os judeus, os islamitas e os católicos romanos, que vivem em outros países, ou até mesmo no nosso? Utilizamos todos os meios e contribuímos voluntariamente, com o nosso dinheiro, para a propagação do evangelho no mundo? Essas são indagações sérias, que exigem respostas sérias. A pessoa que não se importa com as almas de outros em nada se parece com Jesus Cristo. Bem se poderia duvidar que tal pessoa já se converteu e conhece o valor de sua própria alma.

A Multidão Alimentada com Cinco Pães e Dois Peixes

Leia Marcos 6.35-46

De todos os milagres realizados por nosso Senhor Jesus Cristo,

nenhum é tão freqüentemente descrito nos evangelhos como este que acabamos de ler. Cada um dos quatro evangelistas foi inspirado a registrar esse milagre. É evidente que ele requer uma especial atenção da parte de cada leitor da Palavra de Deus.

Observemos *quão grande exemplo do tremendo poder de nosso Senhor Jesus Cristo esse milagre nos fornece*. Somos informados que o Senhor Jesus Cristo alimentou cinco mil homens com cinco pães e dois peixes. Também somos informados, de modo claro, que aquela multidão nada tinha para comer naquele momento. Igualmente somos informados, em palavras claras, que a provisão total, para o sustento de toda aquela gente, consistia somente em cinco pães e dois peixes. Apesar disso, lemos que nosso Senhor tomou aqueles pães e aqueles peixes, abençoou-os, partiu-os e deu-os aos seus discípulos, para que os distribuíssem à multidão. E a conclusão da narrativa informa-nos que “todos comeram e se fartaram; e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe”.

Sem a menor dúvida, encontramos nesse relato a manifestação do poder criador. Alguma coisa real, sólida e substancial, que antes não existia, foi evidentemente trazida à existência. Não há qualquer margem para o argumento de que as pessoas estavam ali sob a influência de alguma ilusão ótica ou imaginação fértil. Cinco mil homens famintos jamais ter-se-iam satisfeito, se não tivessem comido alimentos perfeitamente materiais. Doze cestos cheios de fragmentos e sobras nunca teriam sido recolhidos, se cinco pães e dois peixes não tivessem sido miraculosamente multiplicados. Em suma, é evidente que a mão dAquele que criou o mundo do nada estava presente naquela ocasião. Ninguém, a não ser Aquele que, no princípio, criou todas as coisas e que, mais tarde, enviou a Israel o maná, no deserto, poderia ter preparado uma “mesa no deserto” (Sl 78.19).

Convém que todos os crentes autênticos entesourem em suas mentes fatos como esses e recordem-se deles em tempos de necessidade. Vivemos em um mundo maligno; percebemos que bem poucos estão ao nosso lado e que muitos estão contra nós. Dentro de nós trazemos um coração fraco, sempre pronto, a todo instante, a desviar-se do reto caminho. Temos, perto de nós, a todo momento, um diabo extremamente ativo, atento ao nosso manquejar e procurando conduzir-nos a cair em tentação. Para onde podemos nos dirigir, em busca de conforto? O que será capaz de manter viva a nossa fé e de nos guardar de afundarmos no desespero? Há somente uma resposta. Precisamos olhar para Jesus. Precisamos meditar acerca do seu imenso poder e de suas antigas maravilhas. Precisamos recordar como, do nada, Jesus criou alimentos para o seu povo e supriu as necessidades daqueles que O seguiam, até

mesmo no deserto. Assim, quando esses pensamentos nos subirem à mente, deveremos lembrar que esse mesmo Jesus continua vivo, nunca muda, e está ao nosso lado.

Outra coisa que precisamos observar, nesta passagem, é a *conduta de nosso Senhor Jesus Cristo, depois que foi realizado o milagre da alimentação da multidão*. Lemos que, “tendo-os despedido, subiu ao monte para orar”.

Existe algo profundamente instrutivo nessa circunstância. Nosso Senhor não procurava os louvores dos homens. Logo após um dos seus maiores milagres, O encontramos buscando estar sozinho e gastando tempo em oração. Jesus praticava aquilo que havia ensinado, quando disse: “Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto, e, fechada a porta, orarás a teu Pai que está em secreto; e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará” (Mt 6.6). Ninguém jamais realizou tão poderosos milagres quanto Cristo; ninguém jamais falou como Ele; e ninguém jamais se mostrou tão constante em oração.

Que a conduta de nosso Senhor, no tocante a essa questão, sirva-nos de exemplo. Não podemos realizar milagres; quanto a isso, Ele permanece sozinho. Entretanto, podemos seguir em suas pisadas no que concerne à questão da devoção particular. Se temos espírito de adoração, somos capazes de adorar. Tomemos a firme resolução de orar mais do que temos feito até o momento. Esforcemo-nos por arranjar tempo, lugar e oportunidade para ficarmos a sós com Deus. Acima de tudo, entretanto, dediquemo-nos à oração, não somente quando estivermos tentando trabalhar para o Senhor, mas também quando já tivermos executado o trabalho.

Seria bom para nós, se examinássemos com maior freqüência os nossos hábitos de oração particular. Quanto tempo dedicamos à oração, nas vinte e quatro horas do dia? Que progresso somos capazes de observar, ano após ano, quanto ao fervor, à plenitude e à seriedade das nossas orações? O que sabemos, por experiência, acerca de nos esforcarmos “sobremaneira, continuamente, ...nas orações” (Cl 4.12)? Essas são perguntas que nos deixam humilhados, mas que são úteis para as nossas almas. Poucas coisas existem, conforme é de se temer, nas quais os crentes ficam tão aquém do exemplo de Cristo, como nessa questão da oração. Os fortes clamores e as lágrimas de nosso Senhor, o fato que Ele passava noites inteiras em oração ao Pai, as suas freqüentes saídas para lugares solitários, a fim de manter-se em íntima comunhão com o Pai, são coisas mais comentadas e admiradas do que imitadas. Vivemos em uma época marcada por pressa, alvoroço e pela, assim chamada, atividade. Os homens são continuamente tentados a cortar pela metade as suas devoções particulares e a abreviar as suas orações.

Já que isso está acontecendo, não nos podemos admirar que a igreja de Cristo esteja realizando tão pouco, em proporção à sua complicada máquina administrativa. A igreja precisa aprender a imitar o seu Cabeça, de modo mais preciso. Os membros da igreja devem fechar-se por mais tempo em seus quartos para orar. “Não tendes, porque não pedis” (Tg 4.2).

Cristo Anda por Sobre as Águas

Leia Marcos 6.47-56

O primeiro acontecimento registrado nestes versículos é uma bela figura da situação de todos os crentes entre a primeira e a segunda vinda de Jesus Cristo. Tal como os discípulos de Cristo, por enquanto somos jogados de um lugar para outro, pelas tempestades da vida, e não desfrutamos da presença visível de nosso Senhor. Tal como os discípulos, contemplaremos nosso Senhor face a face, embora seu retorno seja num tempo de grandes dificuldades. Igualmente, à semelhança dos discípulos, veremos todas as coisas mudarem para melhor, quando nosso Senhor vier buscar-nos. Não seremos mais fustigados pelos temporais. Haverá uma grande bonança.

Nada existe de fantasioso na aplicação que acabamos de fazer. Não podemos duvidar que há uma profunda significação em cada passo da vida de Jesus, porquanto Ele era “Deus manifestado em carne”. Mas, por enquanto, confinemos a nossa atenção às lições claras e práticas contidas nestes versículos.

Notemos, em primeiro lugar, *como nosso Senhor percebe as dificuldades enfrentadas pelo seu povo crente, e, no devido tempo, os ajuda*. Lemos que, enquanto o barco encontrava-se no meio do mar e Jesus estava “sozinho em terra”, Ele viu os discípulos “em dificuldade, a remar, porque o vento lhes era contrário”; veio até eles, caminhando por sobre as águas; encorajou-os com as graciosas palavras: “Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!”, e transformou a tempestade em bonança.

Há, nesse incidente pensamentos de consolo para todos os crentes verdadeiros. Sem importar onde se encontrem, sem importar quais sejam as suas circunstâncias, o Senhor Jesus os vê. Sozinhos ou na companhia de alguém, enfermos ou com saúde, no mar ou em terra, em perigos na cidade, em perigos nos desertos — os mesmos olhos, que viram os discípulos sendo jogados pelas ondas do mar, estão a contemplar-nos continuamente. Nunca estamos fora do alcance dos cuidados do Senhor Jesus. Nossa situação nunca está oculta dEle. Ele conhece as veredas

pelas quais andamos e continua perfeitamente capaz de ajudar-nos. Talvez Ele não venha em nosso socorro no momento que mais gostaríamos; porém, Ele jamais permitirá que fracassemos inteiramente. Aquele que caminhou por sobre a superfície das águas não muda. No tempo certo Ele sempre chegará para sustentar o seu povo. Embora Ele possa demorar, esperemos pacientemente. Jesus sempre nos vê e jamais nos abandonará.

Em segundo lugar, prestemos atenção *aos temores dos discípulos, logo que viram a nosso Senhor andando por sobre o mar*. Somos informados que eles “pensaram tratar-se de um fantasma, e gritaram. Pois todos ficaram aterrados à vista dele”.

Encontramos aí um quadro realmente fiel da natureza humana! Quantos milhares de pessoas, em nossos dias, se tivessem visto o que os discípulos viram, ter-se-iam comportado da mesma maneira! Quão poucos seriam os que, estando a bordo de um barco, em meio a uma tempestade noturna, e, subitamente, vendo alguém aproximar-se da embarcação, andando sobre as águas — sim, quão poucos — preservariam a sua compostura e permaneceriam inteiramente livres de temores! Que os homens riam-se, se quiserem, diante dos supersticiosos temores daqueles ignorantes discípulos. Que os homens jactem-se, se desejarem, do avanço intelectual e da propagação do conhecimento, nestes nossos dias. Entretanto, podemos asseverar com confiança que poucas pessoas, se forem postos na mesma situação em que estiveram os apóstolos, haveriam de demonstrar maior coragem do que eles. Os cétricos mais ousados, algumas vezes, mostraram-se os mais covardes, quando viram aparições noturnas as quais foram incapazes de explicar.

A verdade é que, em todos os seres humanos, existe um sentimento instintivo que os leva a evitar qualquer coisa que lhes pareça pertencer ao outro mundo. Há em cada pessoa, uma consciência de que existem seres invisíveis, tal como há seres visíveis, e que a vida que agora gozamos no corpo não é a única existência que cabe ao ser humano. Muitos procuram, através de uma atitude fingida, ocultar em vão essa consciência. As narrativas comuns sobre fantasmas e aparições, sem dúvida, são tolas e supersticiosas. Quase sempre elas se derivam dos temores e das fantasias de pessoas de mente fraca. No entanto, a aceitação universal obtida por tais narrativas é um fato que merece a nossa consideração. Essa é uma evidência indireta da crença latente em coisas invisíveis, da mesma maneira que uma moeda falsa evidencia a existência do dinheiro autêntico. Essa universal aceitação é um testemunho peculiar, que os incrédulos encontram dificuldade em explicar. É uma prova que existe algo no homem, testificando a existência de um outro mundo, além da sepultura, e que ao sentir isto ele fica temeroso.

O claro dever de todo verdadeiro crente consiste em viver provido

de um antídoto contra todos os temores do grande mundo invisível. Esse antídoto consiste na fé em um Salvador invisível e na constante comunhão com Ele. Armados com esse antídoto, e contemplando Àquele que é invisível, nada nos deve amedrontar. Nós viajamos em direção a um mundo de espíritos. Neste exato instante, estamos cercados por inúmeros perigos. Porém, contando com Jesus Cristo como o nosso Pastor, não temos motivo algum para ficarmos alarmados. Tendo-O como nosso escudo, estamos em perfeita segurança.

Notemos, na conclusão deste capítulo, *que brilhante exemplo encontramos acerca de nosso dever para com os outros*. Lemos que, ao chegar o Senhor Jesus à terra de Genezaré, o povo O “reconheceu... e, percorrendo toda aquela região, traziam em leitos os enfermos, para onde ouviam que ele estava”. Também lemos que: “Onde quer que ele entrasse nas aldeias, cidades ou campos, punham os enfermos nas praças, rogando-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla de sua veste”.

Podemos ver nisso um padrão para nós mesmos. Saiamos e façamos o mesmo. Esforcemo-nos por trazer a Jesus, o grande Médico, todos que, ao nosso redor, necessitam de medicamento espiritual, a fim de serem curados. Pessoas estão morrendo a cada dia. O tempo é curto. As oportunidades escoam-se rapidamente. Já avizinha-se a noite, quando ninguém pode trabalhar. Não poupemos esforços para conduzir homens e mulheres ao conhecimento de Jesus Cristo, a fim de serem salvos. É um pensamento confortador sabermos que todos quantos O “tocavam saíam curados”.

A Religião dos Fariseus

Leia Marcos 7.1-13

Esta passagem contém um quadro humilhante a respeito do que a natureza humana é capaz de fazer, no campo da religião. É uma das passagens das Escrituras que deve ser freqüente e diligentemente estudada, por todos que desejam a prosperidade da igreja de Cristo.

A primeira coisa que atrai a nossa atenção, nestes versículos, é *o estado de vileza e de degradação da religião judaica, quando nosso Senhor esteve neste mundo*. O que pode ser mais deplorável que a declaração agora à nossa frente? Deparamo-nos com os principais mestres da nação judaica achando errado que “alguns dos discípulos... comiam o pão com as mãos impuras, isto é, por lavar”. Somos informados que os fariseus davam grande importância à “lavagem de copos, jarros e vasos de metal”. Em suma, as pessoas que davam atenção mais rígida

a meras observâncias externas, de invenção humana, eram consideradas as mais santas!

Não nos esqueçamos que a nação onde imperava aquele estado de coisas era a mais favorecida do mundo. A essa nação fora dada a lei, no monte Sinai, bem como o culto a Deus, o sacerdócio, as alianças e as promessas. Moisés, Samuel, Davi e os profetas tinham vivido e morrido entre aquela gente. Nenhuma nação na face da terra jamais teve tão grandes privilégios espirituais. Nenhuma nação jamais desprezou de modo tão espantoso os seus privilégios, esquecendo-se totalmente das misericórdias recebidas. Nunca o ouro puro tornou-se tão destituído de brilho! Da religião dos livros de Deuteronomio e de Salmos à religião do lavar as mãos, jarros e copos, quão tremenda foi a queda! Não admira, pois, que, nos tempos do ministério terreno de nosso Senhor, tenha Ele achado o povo vivendo como ovelhas que não tinham pastor. Observâncias externas, por si só, não aliviam as consciências, nem santificam os corações.

Que a história da comunidade judaica sirva-nos de advertência, a fim de que jamais brinquemos com a falsa doutrina. Se nós a tolerarmos, nunca saberemos até onde poderá ir, ou em qual abominável tipo de religião poderemos finalmente cair. Se abandonarmos o caminho da verdade do Rei, terminaremos lavando copos e jarras, à semelhança dos fariseus e dos escribas. Nada mais vil, insignificante ou irracional há para um homem, se ele volta as costas à Palavra de Deus. Em nossos dias, há ramos da cristandade onde as Sagradas Escrituras nunca são lidas, onde o evangelho jamais é pregado. Nesses segmentos da cristandade a única religião que ainda resta consiste no uso de algumas cerimônias sem sentido e a observância de certas festividades religiosas e jejuns, criados pelos homens. Esses segmentos começaram bem, como a comunidade judaica, mas, à semelhança dela caíram na pior decadência e esterilidade. Nunca chegaremos a ser zelosos demais contra a falsa doutrina. Um pouco de fermento leveda toda a massa. Contendamos zelosamente em favor de toda a fé que uma vez foi entregue aos santos.

A segunda coisa que requer a nossa atenção é *a inutilidade de um serviço prestado meramente por lábios, na adoração a Deus*. Nosso Senhor reforçou essa lição mediante uma citação do Antigo Testamento: “Bem profetizou Isaias, a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim”.

O coração é a parte do ser humano que Deus principalmente observa na religião. A cabeça pendente e os joelhos dobrados, a fisionomia séria e a postura rígida, a reação corriqueira e o “amém” formal — todas essas coisas juntas não são suficientes para fazer um adorador

espiritual. Os olhos de Deus penetram mais longe e mais profundo. Deus requer aquela adoração que parte do próprio coração. Deus diz a cada um de nós: “Dá-me, filho meu, o teu coração” (Pv 23.26).

Lembremo-nos disso quando estivermos na adoração pública. Não nos devemos contentar em levar os nossos corpos à igreja, se deixarmos os nossos corações em casa. O olho humano pode não detectar qualquer defeito em nossa adoração. O ministro da igreja poderá olhar-nos com aprovação. Os nossos vizinhos poderão pensar de nós como modelos daquilo que um crente deve ser. A nossa voz pode ser a mais ouvida no louvor a Deus e na oração; no entanto, tudo será pior do que nada, aos olhos do Senhor, se os nossos corações estiverem distantes dEle. Tudo isso é apenas como madeira, feno e palha, diante dAquele que discerne os pensamentos e lê os segredos do homem interior.

Lembremo-nos dessa verdade em nossas devoções particulares. Proferir palavras bonitas não devem nos satisfazer, se o nosso coração e os nossos lábios não estiverem em harmonia. De que nos aproveita sermos fluentes e prolixos, se o nosso pensamento estiver vagueando, enquanto estamos de joelhos? Isso de nada nos aproveita. Deus vê a nossa condição e rejeita a nossa oferenda. As orações que manam do coração são as que Ele gosta de ouvir. As orações que procedem do coração são as únicas que Ele responderá. As nossas petições talvez sejam fracas, gaguejantes e insignificantes aos nossos olhos. Talvez sejam orações expressas sem palavras finas e sem uma linguagem bem selecionada, as quais pareceriam quase ininteligíveis, se fossem escritas. Entretanto, se procedem de um coração reto, Deus as compreende. Tais orações são deleitosas para Ele.

A última coisa que nos chama a atenção, nestes versículos, é *a tendência de permitir que as invenções humanas na religião suplantem a Palavra de Deus*. Por três vezes encontramos essa acusação, apresentada por nosso Senhor, contra os fariseus: “Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens”; “Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardades a vossa própria tradição”; “Invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes”. O primeiro passo dos fariseus consistiu em acrescentar às Sagradas Escrituras as suas tradições, como suplementos úteis. O segundo passo consistiu em colocá-las no mesmo nível da Palavra de Deus, conferindo-lhes uma igual autoridade. O último passo consistiu em honrá-las acima das Escrituras, degradando a Bíblia de sua legítima posição. Foi esse o estado de coisas que nosso Senhor encontrou, quando esteve sobre a terra. Na prática, as tradições humanas eram tudo e a Palavra de Deus era nada. A obediência às tradições constituía a verdadeira religião deles. Mas, a obediência às Escrituras fora esquecida por todos.

É lamentável o fato que os cristãos, com muita freqüência, têm seguido os passos dos fariseus, no tocante a essa questão. Esse mesmo processo tem ocorrido por muitas e muitas vezes, e têm resultado nas mesmas conseqüências. Observâncias religiosas, frutos da invenção humana, têm exercido pressão, a fim de serem aceitas pelos cristãos — observâncias que, conforme todas as aparências, são úteis e, de qualquer modo, bem intencionadas; porém não são ordenadas na Palavra de Deus, em parte alguma. Tais observâncias, pouco a pouco, têm sido impostas com maior vigor do que os próprios mandamentos do Senhor e defendidas com maior zelo do que a autoridade da própria Palavra de Deus. E não precisamos rebuscar muito para acharmos exemplos. A história da nossa própria igreja suprirá os exemplos.

Tenhamos cuidado para não tentarmos adicionar qualquer coisa à Palavra de Deus, como se tal acréscimo fosse necessário à salvação. Fazer isso provoca Deus a nos entregar a uma cegueira marcada pelo legalismo. Os acréscimos à Bíblia são como dizer que ela não é perfeita e que sabemos, melhor do que Deus, o que se faz mister à salvação do homem. É tão fácil destruir a autoridade da Palavra de Deus por meio de adições, assim como o é por meio de subtrações, sepultando-a debaixo das invenções humanas ou negando a sua veracidade. A Bíblia inteira, e nada além da Bíblia, deve ser a nossa regra de fé — nada lhe deve ser adicionado, e nada lhe deve ser subtraído.

Finalmente, tracemos uma clara distinção entre aquelas coisas que, na religião, têm sido concebidas pelos homens e aquelas coisas que são claramente ordenadas na Palavra de Deus. Aquilo que Deus determinou é imprescindível à salvação. Mas, aquilo que o homem determina não o é. O que o homem planeja talvez seja útil e prático em algumas circunstâncias; mas a salvação da alma não depende da obediência a esses planos. Somente aquilo que Deus requer é essencial à vida eterna. Portanto, aquele que voluntariamente desobedece ao que Deus ordena arruína a sua própria alma.

O Coração, a Fonte da Impureza

Leia Marcos 7.14-23

Percebemos, no começo desta passagem, *quão vagarosos são os homens para entender as coisas espirituais*. Nosso Senhor disse à multidão: “Ouvi-me todos e entendei”. “Assim, vós também não entendeis?”, falou Ele aos seus discípulos.

A corrupção da natureza humana é uma enfermidade universal.

Ela afeta não somente o coração, a vontade e consciência, mas também a mente, a memória e o entendimento do homem. Uma mesma pessoa que se mostra inteligente e perspicaz no tocante às coisas deste mundo, com freqüência, fracassa totalmente em compreender as mais simples verdades do cristianismo. Muitas vezes, ela será incapaz de absorver os mais simples raciocínios do evangelho. Ela não verá significado algum nas mais claras asseverações da doutrina evangélica. Para tal pessoa, aquelas doutrinas parecerão tolas ou misteriosas. Ela as ouvirá como se estivesse ouvindo um idioma estrangeiro, captando somente uma palavra aqui e outra acolá, mas sem poder entender o sentido do todo. “O mundo não o conheceu por sua própria sabedoria” (1 Co 1.21). Sim, o mundo ouve, mas não entende. Devemos orar diariamente para que o Espírito Santo nos ensine, se queremos fazer progresso no conhecimento das coisas divinas. Sem Ele, os intelectos mais brilhantes e os mais hábeis raciocínios nos ajudam apenas um pouco. Ao ler a Bíblia e ao ouvir sermões, tudo depende do espírito com o qual lemos e ouvimos. Uma atitude de mente humilde, educável e simples como uma criança, é o segredo do sucesso. A felicidade é daquele que, como Davi, freqüentemente diz: “Ensina-me os teus decretos” (Sl 119.64). Tal pessoa não só ouvirá, como também entenderá.

Em segundo lugar, vemos que o *coração é a principal fonte de contaminação e impureza, aos olhos de Deus*. A pureza moral não depende de lavar ou não lavar, de tocar ou não tocar em coisas, de comer ou não comer certas coisas, conforme os fariseus e escribas ensinavam. “Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa contaminar; mas, o que sai do homem é o que contamina.”

Nessas palavras há uma profunda verdade que, com freqüência, é negligenciada. A nossa pecaminosidade original e a nossa inclinação natural para o mal raramente são consideradas como convém. A iniquidade dos homens, freqüentemente, é atribuída aos maus exemplos, às más companhias, a tentações peculiares, ou às armadilhas do diabo. Parece ter sido esquecido o fato que cada homem traz, dentro de si, o manancial da sua própria iniquidade. Não precisamos de qualquer companhia má para nos ensinar, nem de qualquer demônio para nos tentar, a fim de cairmos no pecado. Já temos dentro de nós a fonte de cada pecado debaixo do céu.

Devemos nos lembrar disso no treinamento e na educação das crianças. Em todo o nosso lidar com as crianças, nunca podemos esquecer que as sementes de toda iniquidade e de toda maldade encontram-se nos corações delas. Não basta manter meninos e meninas em casa, fechando a porta às tentações que vêm de fora. As crianças trazem consigo um coração preparado para qualquer transgressão. E, enquanto os seus

corações não tiverem sido transformados, as crianças não estarão seguras, sem importar o que procuremos fazer. Quando as crianças praticam algo errado, é costumeiro lançar toda a culpa sobre as más companhias. Entretanto, fazer isso é mera ignorância, cegueira e insensatez. As más companhias são um grande mal, sem dúvida; e um mal que precisa ser evitado ao máximo possível. Porém, nenhuma má companhia ensina a um menino ou a uma menina a metade dos pecados que os seus corações mesmos lhes sugerem, a menos que tenham sido renovados pelo Espírito Santo. A fonte de toda iniquidade se encontra no coração de cada um de nós. Se os pais fossem diligentes em orar pela conversão de seus filhos, pelo menos a metade do que são em procurar guardá-los de más companhias, os seus filhos viriam a ser melhores do que costumam ser.

Nesta passagem podemos perceber, em último lugar, *a tremenda lista negra de males contidos no coração humano*. Nosso Senhor ensinou: “Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios, a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfêmia, a soberba, a loucura. Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem”.

Ao lermos essas palavras, precisamos entender claramente que nosso Senhor estava referindo-se ao coração humano em geral. Ele não aludia somente ao devasso de má reputação ou ao preso na cadeia. Todos nós, grandes ou pequenos, ricos ou pobres, patrões ou empregados, idosos ou jovens, eruditos ou ignorantes — todos temos, por natureza, um coração como aquele que foi descrito por Jesus. As sementes de todos os males aqui mencionadas jazem escondidas dentro de todos nós. Elas podem permanecer adormecidas por toda a nossa vida. Podem ser reprimidas pelo temor às conseqüências, pelas restrições da opinião pública, pelo medo de sermos descobertos, pelo desejo de parecermos respeitáveis e, acima de tudo, pela onipotente graça de Deus. Porém, cada indivíduo possui, dentro de si mesmo, a raiz de todo pecado.

Quão humildes devemos nos sentir, ao lermos estes versículos! Aos olhos de Deus, “todos nós somos como o imundo” (Is 64.6). Deus vê, em cada um de nós, incontáveis iniquidades, que o mundo jamais será capaz de perceber, porquanto Deus lê os nossos corações. Certamente, que de todos os pecados a que estamos sujeitos, a justiça própria é o mais irracional e o mais impróprio.

Quão agradecidos devemos ser pelo evangelho, quando lemos estes versículos! O evangelho contém uma provisão completa para todas as necessidades de nossas pobres e contaminadas naturezas. O sangue de Cristo é poderoso para purificar-nos de “todo pecado” (1 Jo 1.7). O Espírito Santo pode transformar até mesmo os nossos corações pecaminosos e, uma vez que tenham sido transformados, conservá-los

limpos. A pessoa que não se gloria no evangelho por certo reconhece pouco da praga que abriga em seu interior.

Quão vigilantes deveríamos nos mostrar, quando recordamos estes versículos! Deveríamos manter uma cuidadosa vigilância sobre os pensamentos, a língua e todo o comportamento diário! No topo da negra lista do que os nossos corações contêm, aparecem os “maus desígnios”. Jamais deveríamos nos esquecer disso. Os pensamentos é que dão origem às palavras e às ações. Oremos diariamente por graça, a fim de guardarmos os nossos *pensamentos* em ordem, e clamemos intensa e fervorosamente: “Não nos deixes cair em tentação” (Mt 6.13).

A Mulher Siro-Fenícia Cujas Filhas Tinham um Espírito Imundo

Leia Marcos 7.24-30

Nada sabemos a respeito da mulher aqui mencionada, além do que lemos nestes versículos. O nome dela, a sua história anterior, a maneira como foi levada a procurar nosso Senhor, embora fosse gentia, ou se habitava nas fronteiras de Tiro e Sidom — todas essas coisas são desconhecidas por nós. Todavia, os poucos fatos relatados, acerca desta mulher, estão repletos de preciosas instruções. Vamos observá-los, para aprendermos a ser mais sábios.

Em primeiro lugar, *esta passagem tem por finalidade encorajar-nos a orar em favor de outros*. A mulher que veio ao Senhor Jesus sem dúvida estava passando por uma profunda aflição. Ela via a sua filha amada possuída por um espírito imundo. Ela via a sua filha em uma condição tal que nenhum ensinamento lhe alcançava a mente e nenhum medicamento era capaz de curar-lhe o corpo; numa situação em que apenas a morte poderia ser considerada coisa pior. Mas, tendo ouvido falar em Jesus, foi implorar-lhe para que “expelisse de sua filha o demônio”. Aquela mãe estava pedindo em favor de quem não podia pedir por si mesma; e não desistiu, até que a sua petição lhe foi concedida. Mediante a oração, ela obteve a cura que nenhum recurso humano poderia ter obtido. Por intermédio da oração daquela mãe, a filha foi curada. Por si mesma, aquela filha não proferiu uma única palavra; mas a sua mãe falou por ela ao Senhor, não o fazendo em vão. Por mais desesperador e irremediável que parecesse o caso daquela filha, ela contava com uma mãe que orava. E onde houver uma mãe que ore, aí haverá sempre esperança.

A verdade ensinada através desse incidente reveste-se de magna

importância. O caso relatado nestes versículos não é um caso isolado. Poucos deveres são tão fortemente recomendados como o dever da oração intercessória. Há uma longa lista de casos similares nas Escrituras que nos mostram os benefícios que podem ser conferidos a outras pessoas, quando oramos por elas. O filho do nobre de Cafarnaum, o servo do centurião, a filha de Jairo, são todos exemplos notáveis de oração intercessória. Por mais incrível que possa parecer, Deus agrada-se em fazer grandes coisas em favor das almas, quando amigos e parentes sentem-se impulsionados a orar por elas. "Muito pode, por sua eficácia, a súplica do justo" (Tg 5.16).

Pais e mães, em especial, têm obrigação de lembrar do caso dessa mulher siro-fenícia. Eles não podem dar às suas crianças corações novos. Podem, contudo, oferecer-lhes educação cristã, mostrando-lhes o caminho da vida. Não podem conferir a seus filhos a vontade de optar pelo ministério cristão, nem dar-lhes uma mentalidade de amar a Deus. A despeito disso, sempre haverá uma coisa que os pais podem fazer por seus filhos — podem orar por eles. Podem orar pela conversão de filhos devassos, que insistem em seguir os seus próprios caminhos, atirando-se avidamente no pecado. Eles podem orar pela conversão de alguma filha mundana, que deposita os seus afetos nas coisas deste mundo, amando mais aos prazeres do que a Deus. Orações dessa natureza são ouvidas lá no alto. Nunca, jamais deveríamos nos esquecer que os filhos em favor de quem são oferecidas muitas orações raramente perecem. Oremos mais por nossos filhos e por nossas filhas. Até mesmo quando eles não nos permitem falar-lhes acerca da religião cristã, não podem nos impedir de orar a Deus, em seu favor.

Em segundo lugar, *esta passagem tem por intuito ensinar-nos a perseverar em orações a favor de outros*. A mulher, cuja história estamos agora considerando, a princípio pareceu não ter conseguido coisa alguma, em seu apelo a nosso Senhor. Pelo contrário, a resposta dada por nosso Senhor foi desencorajadora. Entretanto, ela não desistiu, desesperada. Ela continuou pedindo e não desfaleceu. Ela insistiu em sua petição, utilizando argumentos hábeis. Ela não aceitaria qualquer recusa como resposta; e solicitou algumas poucas "migalhas" da misericórdia divina. Isto seria melhor do que nada. E, por meio desta santa importunação, foi bem sucedida. Finalmente, ela ouviu esta jubilosa declaração: "Por causa desta palavra, podes ir; o demônio já saiu de tua filha!"

A perseverança na oração é um assunto de muita importância. Os nossos corações tendem por mostrar-se frios e indiferentes, pensando que de nada adianta nos aproximarmos de Deus. Logo as nossas mãos descaem e os nossos joelhos tornam-se vacilantes. Satanás trabalha

sempre para nos afastar de nossas orações, enchendo as nossas mentes com razões pelas quais convém que desistamos de orar. Essas tentações são verdadeiras com respeito a todos os tipos de oração, mas, em especial, são verdadeiras no tocante às orações intercessórias. As orações intercessórias sempre se mostram mais escassas do que deveriam ser. Com frequência, dedicamo-nos a elas por algum tempo, para então as abandonarmos. Não nos deparamos com respostas imediatas; e, ao observarmos as pessoas em favor de cujas almas estamos orando, percebemos que continuam no pecado. Tiramos a conclusão de que é inútil orar por elas e paramos de interceder.

Para armarmos as nossas mentes com argumentos em prol da perseverança na oração intercessória, devemos estudar com frequência o caso dessa mulher. Recordemos que ela continuou a orar e não desistiu em face de grande desencorajamento. Notemos como, finalmente, ela voltou para casa regozijando-se; e, pela ajuda da graça de Deus, resolvamos seguir o seu exemplo.

Sabemos o que significa orar por nós mesmos? Afinal, essa é a questão mais importante para a auto-análise. A pessoa que nunca fala com Deus a respeito da sua própria alma nada pode saber acerca de orar em favor de outros. Ela continua ímpia, alguém sem Cristo, sem esperança e que precisa aprender os rudimentos da doutrina cristã. Que tal pessoa, pois, desperte e invoque a Deus.

Porém, se oramos a favor de nós mesmos, cuidemos em orar também pelos outros. Tenhamos cuidado com orações egoístas, orações que se preocupam exclusivamente com os nossos próprios interesses, nas quais não há espaço para outras almas, além das nossas. Mencionemos diante de Deus, continuamente, aqueles a quem amamos. Oremos por todos os homens — os piores, os mais empedernidos, os mais incrédulos. Continuemos a orar em favor deles, ano após ano, apesar de sua contínua incredulidade. O tempo da manifestação da misericórdia divina talvez ainda esteja distante. Os nossos olhos podem não ver qualquer resposta às nossas intercessões. A resposta do Senhor pode não vir nos próximos dez, quinze ou vinte anos. Talvez não venha até que tenhamos trocado as nossas orações pelo louvor, quando já estivermos fora deste mundo. Entretanto, enquanto vivermos, oremos por outras pessoas. Essa é a maior bondade que podemos fazer a qualquer pessoa — falar em favor dela ao nosso Senhor Jesus Cristo. O dia do julgamento mostrará que um dos maiores elos no atrair certas almas a Deus foi a oração intercessória dos crentes.

A Cura de um Surdo e Gago

Leia Marcos 7.31-37

A primeira coisa que nos chama a atenção, nestes versículos, é o poderoso milagre de Jesus aqui relatado. Lemos que trouxeram a nosso Senhor “um surdo e gago” e suplicaram-lhe que “impusesse a mão sobre ele”. Logo, o Senhor Jesus atendeu ao pedido e a cura foi operada. Mediante uma palavra e um toque de Jesus, a audição e a fala foram instantaneamente dadas ao homem. “Abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua e falava desembaraçadamente.”

Teremos percebido somente a metade do ensino desta passagem, se a considerarmos apenas como um exemplo do poder divino de nosso Senhor. Sem dúvida alguma, nesse episódio há um exemplo desse poder; porém, há algo muito maior do que isso. É mister que olhemos mais longe e mais profundamente do que à mera superfície; então, descobriremos, neste trecho bíblico, preciosíssimas verdades espirituais.

Um dos intuitos desse incidente é percebermos o poder de nosso Senhor para curar os espiritualmente surdos. Cristo pode conferir ao principal dos pecadores um ouvido que ouve. Ele pode fazer uma pessoa deleitar-se em ouvir o evangelho que, antes, desprezava e ridicularizava.

Uma outra finalidade desse registro sagrado é vermos o poder que nosso Senhor tem de curar os espiritualmente mudos. Cristo é poderoso para ensinar ao mais duro dos transgressores a invocar a Deus. Ele pode pôr um novo cântico nos lábios daquele cujas palavras, anteriormente, giravam somente em torno das coisas deste mundo. O Senhor pode fazer com que o mais vil dentre os homens fale acerca das coisas espirituais e testifique do evangelho da graça de Deus.

Quando o Senhor Jesus derrama o seu Espírito sobre alguém, nada é impossível. Jamais devemos nos desesperar da salvação de outras pessoas, nem pensar que o nosso próprio coração é mau demais para ser transformado. Aquele que curou o surdo e gago continua vivo. Os casos que a sabedoria humana considera sem esperança não são incuráveis, se forem trazidos a Cristo.

A segunda coisa que chama a nossa atenção é a maneira peculiar como nosso Senhor achou por bem realizar o milagre aqui registrado. Somos informados que quando o surdo e gago foi conduzido à presença de Jesus, Este “tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva; depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou” e então, e somente então, proferiu a palavra de comando: “Efatá, que quer dizer: Abre-te”.

Sem dúvida, há muita coisa misteriosa nesses atos de Jesus. Não

sabemos explicar por que eles foram utilizados. Para nosso Senhor, teria sido tão fácil proferir uma palavra e ordenar que a saúde retornasse imediatamente àquele homem, tal como o foi realizar os atos que acabamos de ler. As razões para o curso de ação seguido por Jesus não nos são relatadas. Tão-somente sabemos que o resultado foi o mesmo que nas demais ocasiões — o homem foi curado.

Contudo, há uma lição simples que precisamos aprender, com base na conduta de nosso Senhor, naquela ocasião. Essa lição é que Cristo não estava preso ao uso de qualquer método, ao realizar suas obras entre os homens. Algumas vezes, Ele achava apropriado agir de certo modo, e, outras vezes, de outro modo. Seus adversários nunca foram capazes de dizer que, a menos que Jesus empregasse certo método invariável, Ele nada proderia fazer.

Até hoje podemos notar que esse mesmo princípio opera na igreja de Cristo. Continuamente recebemos provas de que nosso Senhor não está limitado ao emprego de qualquer método exclusivo, quando se trata de outorgar graça à alma. Algumas vezes, Ele satisfaz-se em operar mediante a Palavra pregada publicamente; outras, mediante a Palavra lida individualmente. Algumas vezes, Jesus desperta as pessoas mediante alguma enfermidade ou aflição; outras, por meio de exortações ou conselhos de amigos. Algumas vezes, Ele utiliza os meios da graça, a fim de desviar pessoas do caminho do pecado. Mas, às vezes, Ele conquista a atenção delas por intermédio de algum ato providencial, sem a utilização de qualquer dos meios da graça. Ele não quer que algum dos meios da graça transforme-se em um ídolo e seja exaltado acima de outros meios. Ele não quer que algum dos meios da graça seja desprezado como se fosse inútil, que seja negligenciado, como se fosse destituído de valor. Todos são bons e valiosos. Todos, por sua vez, são empregados tendo em vista a mesma e grandiosa finalidade — a conversão de almas. Todos estão nas mãos dAquele que não dá “contas de nenhum dos seus atos” (Jó 33.13), dAquele que sabe melhor como usar qualquer desses meios em cada caso específico de cura.

A última coisa que demanda a nossa atenção, nestes versículos, é o notável testemunho que foi dado por aqueles que contemplaram o milagre. Eles comentaram a respeito de nosso Senhor: “Tudo ele tem feito esplendidamente bem”.

É muito provável que, ao pronunciarem tais palavras, aquelas pessoas eram pouco sensíveis para com o pleno significado delas, quando aplicadas a Jesus Cristo. À semelhança de Caifás, eles não falaram de moto próprio (Jo 11.51). Porém, a verdade que eles testificaram é repleta de profundo e indizível consolo, devendo ser lembrada diariamente por todos os verdadeiros crentes.

Lembremo-nos dela, à medida que consideramos os dias passados de nossas vidas, desde a hora de nossa conversão. Nosso Senhor “tem feito esplendidamente bem” todas as coisas. No ato inicial de trazer-nos das trevas para a sua maravilhosa luz, em nos humilhar e em fazer-nos reconhecer nossa própria fraqueza, a nossa culpa e à nossa insensatez, em despir-nos de nossos ídolos e em escolher todas as nossas porções, em colocar-nos onde nos encontramos e em dar-nos aquilo que possuímos — quanto bem Ele tem feito tudo! Quanto grande é a sua misericórdia por não termos conseguido andar em nosso próprio caminho.

Lembremo-nos disso, quando estivermos meditando acerca dos dias por vir. Não sabemos como serão, se brilhantes ou tenebrosos, se muitos ou poucos. Todavia, sabemos que estamos nas mãos dAquele que tudo “tem feito esplendidamente bem”. Ele jamais se equivocará em todo o seu relacionamento conosco. Ele dará e retirará; Ele afligirá e consternará; Ele removerá e estabelecerá, com perfeita sabedoria, no tempo certo, da maneira correta. O grande pastor das ovelhas nunca erra. Ele guia cada ovelha de seu rebanho pelo caminho certo até a cidade celestial.

Jamais seremos capazes de perceber a plena beleza dessas palavras, senão na manhã da ressurreição. Então, haveremos de rememorar as nossas vidas, reconhecendo a significação de tudo quanto nos sucedeu, desde o início até o fim. Lembraremos todo o caminho pelo qual fomos guiados e confessaremos que tudo foi “feito esplendidamente bem”. O por que e o para que, as causas e as razões de todas as coisas, que agora podem nos deixar perplexos, tornar-se-ão claros e evidentes, como a luz do sol ao meio-dia. Nos admiraremos de nossa cegueira passada, maravilhando-nos do fato que tenhamos duvidado do amor de nosso Senhor. “Porque agora vemos como em espelho, obscuramente, então veremos face a face; agora conheço em parte, então conhecerei como também sou conhecido” (1 Co 13.12).

A Multidão Alimentada com Sete Pães; A Incredulidade dos Fariseus

Leia Marcos 8.1-13

Uma vez mais encontramos nosso Senhor a alimentar uma numerosa multidão com poucos pães e peixes. Jesus conhecia o coração humano. Ele antevia o aparecimento de ríngidos e de céticos, que duvidariam da realidade das maravilhosas obras que Ele realizava. Ao repetir esse poderoso milagre, Jesus calou as bocas daqueles que não

eram obstinadamente cegos quanto às evidências. Publicamente, diante de quatro mil testemunhas, Ele demonstrou o seu infinito poder, pela segunda vez.

Nesta passagem, observemos *quão grande é a bondade e a compaixão de nosso Senhor Jesus Cristo*. Ele viu, ao seu redor, uma “grande multidão”, que nada tinha para comer. Jesus sabia que a grande maioria O estava seguindo apenas por curiosidade ociosa e que não tinham qualquer direito de serem considerados seus discípulos. Não obstante, quando Ele os viu famintos e necessitados, teve compaixão deles e disse aos discípulos: “Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanecem comigo e não têm o que comer”.

O coração sensível de nosso Senhor revela-se nessas suas palavras. Ele se compadece mesmo daqueles que não fazem parte de seu povo — aqueles que não têm fé, que estão sem a graça divina, os seguidores deste mundo. Jesus mostra-se terno para com eles, embora eles não o percebam. Ele morreu por eles, embora se importem pouco com o que Ele realizou na cruz do Calvário. Jesus está disposto a acolhê-los graciosamente, a perdoá-los gratuitamente, se eles se arrependem e crerem nEle. Guardemo-nos sempre de medir o amor de Deus por meio de qualquer medida humana. Ele tem um amor especial, não há dúvida, pelos seus que creram nEle. Porém, Ele tem também um amor geral e compassivo pelos ingratos e maus. O amor de Cristo “excede todo entendimento” (Ef 3.19).

Esforcemo-nos por fazer de Jesus o nosso grande modelo, tanto nesse aspecto quanto em todos os outros. Sejamos bondosos, compassivos, condescendentes e corteses para com todos os homens. Disponhamo-nos a fazer o bem a todos, não somente aos amigos e aos domésticos da fé. Ponhamos em prática a ordem de nosso Senhor: “Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem” (Mt 5.44). Dessa maneira, mostraremos a mente de Cristo. Essa é a maneira correta de amontoar brasas de fogo sobre a cabeça dos nossos inimigos e de tornar os inimigos em amigos (Rm 12.20).

Em segundo lugar, observemos que *coisa alguma é impossível para Cristo*. Os discípulos comentaram: “Donde poderá alguém fartá-los de pão neste deserto?” Com toda a razão indagaram tal coisa. Sem a mão dAquele que criou do nada todas as coisas, isto seria impossível. Porém, nas onipotentes mãos de Jesus, sete pães e alguns peixinhos foram o suficiente para satisfazer quatro mil homens. Coisa alguma é difícil demais para o Senhor Jesus.

Nunca devemos permitir a nós mesmos duvidar do poder de Cristo para suprir todas as necessidades espirituais do seu povo. Ele tem pão suficiente, até de sobra, para todas as almas que nEle confiam. Mesmo

que os crentes sintam-se fracos, débeis, corruptos e vazios, jamais devem desesperar, porque Jesus continua vivo. Em Cristo há um inesgotável tesouro de misericórdia e graça, para ser utilizado por todos os membros de seu corpo, um suprimento que está sempre preparado para ser concedido a todos quantos pedirem em oração. "Porque aprovou a Deus que nele residisse toda a plenitude" (Cl 1.19).

Jamais duvidemos do cuidado providencial de Cristo, no que concerne às necessidades temporais de todo o seu povo. Cristo conhece as circunstâncias de seu povo. Ele está familiarizado com todas as suas necessidades. Ele jamais permitirá que eles careçam daquilo que, de fato, é para o bem deles. O seu coração em coisa alguma mudou, desde que ascendeu às alturas e assentou-se à direita de Deus. Continua perfeitamente vivo aquele que teve compaixão da multidão faminta, no deserto, o qual também supriu a necessidade deles. Quanto mais, devemos imaginar, suprirá Ele as necessidades daqueles que nEle confiam. Sim, Ele as suprirá, sem falhar. A fé dos que confiam nEle talvez seja ocasionalmente provada. Em certas ocasiões, talvez tenham de continuar esperando e venham a ficar mal supridos. Entretanto, o crente nunca será deixado inteiramente destituído. "O seu pão lhe será dado, as suas águas serão certas" (Is 33.16).

Por último, observemos *quanta tristeza a incredulidade ocasionou ao nosso Senhor Jesus Cristo*. Somos informados que, quando os fariseus "puseram-se a discutir com ele" e "pediram-lhe um sinal do céu", Jesus "arrancou do íntimo do seu espírito um gemido". Houve um profundo significado naquele gemido! Ele saiu de um coração que lamentava pela ruína que aqueles homens ímpios traziam em suas próprias almas. A despeito de serem seus adversários, Jesus não podia contemplá-los a endurecer seus próprios corações por meio da incredulidade, sem sentir tristeza.

Os sentimentos aqui expressos por nosso Senhor sempre serão os sentimentos de todos os verdadeiros crentes. A tristeza devido aos pecados dos outros é uma das principais evidências da verdadeira graça de Deus. A pessoa que, realmente, converteu-se sempre pensará nos não-convertidos com piedade e preocupação. Essa foi a mentalidade de Davi: "Vi os infiéis, e senti desgosto, porque não guardam a tua palavra" (Sl 119.158). Essa foi a mentalidade dos piedosos, nos dias de Ezequiel: "Marca com um sinal a testa dos homens que suspiram e gemem por causa de todas as abominações que se cometem no meio dela" (Ez 9.4).

Essa foi a mentalidade de Ló: "Atormentava a sua alma justa, cada dia, por causa das obras iníquas daqueles" (2 Pe 2.8). Essa foi a mentalidade de Paulo: "Tenho grande tristeza e incessante dor no

coração... por amor de meus irmãos" (Rm 9.2,3). Em todos esses casos, percebemos alguma coisa da mentalidade de Cristo. Tal como o grande Cabeça da igreja sente, assim sentem os seus membros. Todos eles entristecem-se quando contemplan o pecado.

Deixemos agora essa passagem para trás, com uma solene auto-inquirição. Conhecemos algo da semelhança de Cristo em nós? Sentimos da mesma maneira que Ele sente? Sentimo-nos sofridos, doloridos e entristecidos, quando vemos os homens continuarem no pecado e na incredulidade? Sentimo-nos contristados e preocupados com o estado dos incrédulos? Essas são indagações que nos perscrutam o coração, exigindo séria consideração de nossa parte. Há poucas marcas mais seguras de um coração não-convertido do que o descuido e a indiferença acerca das almas dos outros.

Finalmente, jamais devemos esquecer que a incredulidade e o pecado são tão grande motivo de tristeza da parte de nosso Senhor agora, quanto o eram há dezenove séculos. Esforcemo-nos e oremos para não aumentar aquela tristeza por qualquer ato nosso. Entristecer a Cristo é um pecado que muitos cometem continuamente, sem qualquer pensamento ou reflexão. Aquele que gemeu diante da incredulidade dos fariseus continua o mesmo. Podemos duvidar de que quando Ele vê alguém persistindo na incredulidade, em nossos dias, Ele se entristece? Que sejamos livres de tal pecado!

Aviso Contra a Falsa Doutrina; A Lentidão dos Discípulos em Entender

Leia Marcos 8.14-21

Notemos a *solene advertência* que nosso Senhor deu aos seus discípulos, no início desta passagem. Ele afirmou: "Guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes".

Não somos deixados a conjecturar quanto à significação dessa advertência. Isso é esclarecido por meio de uma passagem paralela, no Evangelho de Mateus. Lemos ali que Jesus não se referia ao fermento dos "pães", mas ao fermento da "doutrina". A justiça própria e o formalismo dos fariseus, o mundanismo e o ceticismo dos cortesãos de Herodes foram o objeto do aviso de nosso Senhor. Contra essas coisas, o Senhor recomendou aos seus discípulos que se mantivessem em guarda.

Tais advertências são de grande importância. Seria conveniente para a igreja de Cristo lembrar delas com mais frequência. O surgimento

interno de falsas doutrinas tem feito mais malefícios à igreja do que os assaltos e as perseguições vindos de fora. Os falsos profetas e os falsos mestres, dentro do acampamento dos santos, têm conseguido prejudicar mais à cristandade do que todas as sanguinolentas perseguições movidas pelos imperadores de Roma. A espada brandida do adversário nunca conseguiu danificar tanto à causa da verdade quanto a língua e a pena.

As falsas doutrinas que foram especificadas por nosso Senhor são precisamente aquelas que sempre causaram maior injúria à causa do cristianismo. O formalismo, por um lado, e o ceticismo, por outro, têm sido enfermidades crônicas na professa igreja de Cristo. Em cada época, multidões de cristãos têm sido infectadas por falsas doutrinas. Em cada geração, os homens precisam vigiar contra elas e manter-se em guarda.

A expressão usada pelo Senhor, ao falar sobre as falsas doutrinas, mostra-se singularmente convincente e apropriada. Ele chamou-as de “fermento”. Nenhum vocábulo mais apropriado do que esse poderia ter sido utilizado. Essa palavra descreve, com exatidão, os pequenos começos da falsa doutrina, a maneira sutil com que, imperceptivelmente, ela invade a religião de um homem e a capacidade mortífera com a qual ela pode modificar completamente o caráter do cristianismo de uma pessoa. De fato, aqui jaz o tremendo perigo da falsa doutrina. Se ela se aproximasse de nós manifestando-se em suas verdadeiras cores, causaria pouco dano. O grande segredo do sucesso da falsa doutrina reside em sua sutileza e em sua semelhança à verdade. Cada erro religioso, alguns têm afirmado, é apenas alguma verdade que foi alterada.

Examinemos a nós mesmos se realmente estamos “na fé” (2 Co 13.5) e tenhamos cuidado com o “fermento”. Da mesma maneira que não brincaríamos com uma imoralidade limitada ou uma pequena mentira, não deveríamos brincar com um pouco de doutrina falsa. Uma vez admitida qualquer doutrina falsa em nossos corações, nunca saberemos até onde ela nos desencaminhará. O ato inicial de afastar-se da verdade pura é como um vazamento de águas — primeiramente, algumas gotas, e, finalmente, uma torrente. “Um pouco de fermento leveda toda a massa” (Gl 5.9).

Destaquemos agora a *lentidão dos discípulos em entender*, quando nosso Senhor apresentou essa advertência. Eles imaginaram que o “fermento”, sobre o qual Jesus falava, deveria ser o fermento do pão. Nem lhes ocorreu que Jesus estivesse falando acerca de doutrina. Eles receberam de Jesus uma forte repreensão: “Ainda não considerastes, nem compreendestes? tendes o coração endurecido? tendo olhos, não vedes? e, tendo ouvidos, não ouvistes?” Crentes, convertidos e regenerados, como eram os discípulos, continuavam vagarosos no tocante à apreensão das

coisas espirituais. Seus olhos continuavam ofuscados e a sua percepção era lenta naquilo que dizia respeito ao reino de Deus.

Verificaremos que é muito útil para nós lembrarmos as coisas que foram ditas aos discípulos. Elas nos ajudarão a corrigir a nossa presunçosa impressão acerca da nossa própria sabedoria, bem como nos ajudarão a manter humildes e modestos os nossos pensamentos. Não devemos imaginar que sabemos tudo, desde o momento em que nos convertemos. O nosso conhecimento, tal como todas as nossas aptidões, sempre será imperfeito, nunca estará tão distante da perfeição como esteve no início de nossa vida cristã. Em nossos corações oculta-se uma maior ignorância do que somos conscientes. “Se alguém julga saber alguma coisa, com efeito não aprendeu ainda como convém saber” (1 Co 8.2).

Acima de tudo, verificaremos que é muito útil recordarmos o que aqui ficou registrado, quando tivermos de lidar com os novos crentes. Não podemos esperar perfeição de qualquer novo convertido. Não podemos considerá-lo como alguém destituído de graça divina, como um ímpio ou como um falso crente, somente porque, a princípio, ele percebe apenas uma parte da verdade e comete muitos erros. O seu coração pode estar correto aos olhos de Deus; e, no entanto, tal como os discípulos, talvez ele seja lerdo de entendimento quanto às coisas do Espírito. Devemos tratá-lo com paciência, ao invés de repeli-lo. Precisamos dar-lhe tempo para crescer na graça e no conhecimento; pois, nos anos que se seguirem, poderemos achá-lo maduro na sabedoria, tal como Pedro e João. É um bendito pensamento aquele que nos mostra que Jesus, nosso Mestre nos céus, não despreza a qualquer um do seu povo. Por mais incrível e digna de acusação que seja a lentidão deles em aprender, a paciência de Jesus Cristo para com eles nunca fraqueja. Jesus continua a ensiná-los linha por linha e “preceito sobre preceito”. Façamos da mesma maneira. Adotemos por regra nunca desprezar a fraqueza e a lentidão dos novos crentes. Onde quer que detectemos uma fagulha da verdadeira graça, ainda que débil e misturada com imperfeições, mostremo-nos solícitos e bondosos. Tratemos com eles tal como gostaríamos de ser tratados.

A Cura do Cego de Betsaida

Leia Marcos 8.22-26

Desconhecemos as razões para o modo peculiar que Jesus utilizou na realização do milagre historiado nestes cinco versículos. Vemos um

cego miraculosamente curado. Sabemos que uma palavra proferida por nosso Senhor ou um toque de sua mão teriam sido suficientes para efetuar a cura. Mas, vemos Jesus tomando aquele cego pela mão, levando-o até fora dos limites da cidade, aplicando saliva sobre os seus olhos, impondo-lhe as mãos, e, então, somente então, restaurando-lhe a visão. Contudo, esta passagem deixa o significado de todos esses atos totalmente sem explicação.

Todavia, fariamos bem em lembrar que o Senhor Jesus não estava limitado ao emprego de qualquer método em particular. Na conversão de almas humanas há uma diversidade de operações, mas é sempre o mesmo Espírito de Deus quem converte os homens. Por semelhante modo, na cura de corpos humanos havia uma certa variedade de métodos utilizados por nosso Senhor. Mas, era sempre o mesmo poder divino que efetuava a cura. Em todas as suas obras, Deus mostra-se soberano. Ele não presta contas de qualquer de seus atos.

Nesta passagem, a natureza gradual da cura que nosso Senhor realizou nesse cego requer a nossa especial observação. Jesus não o livrou de sua cegueira de uma só vez; antes, passo a passo. O Senhor Jesus poderia tê-lo feito em um único momento, mas preferiu realizar a cura por etapas. A princípio, o cego disse que tão-somente via indistintamente “os homens... como árvores..., andando”. Posteriormente a sua visão foi totalmente restaurada, e, “passando a ver claramente, ... tudo distinguia de modo perfeito”. Quanto a isso, o milagre permanece singular. Não precisamos duvidar que essa cura gradual tinha a intenção de ser uma figura de coisas espirituais. Podemos estar certos que havia profundo significado em cada palavra e obra no ministério terreno de nosso Senhor, e, tanto aqui como em outros lugares, encontraremos lições proveitosas.

Vejamos, nessa restauração gradual, *uma vívida ilustração da maneira pela qual, com freqüência, o Espírito de Deus opera na conversão das almas humanas*. Todos nos mostramos naturalmente cegos e ignorantes nas questões relativas às nossas almas. A conversão consiste numa iluminação, uma mudança das trevas para a luz, da cegueira à visão do reino de Deus. No entanto, poucas pessoas logo ao se converterem vêem as realidades espirituais de forma distinta. A natureza e a proporção das doutrinas, das práticas e das ordenanças do evangelho são percebidas de forma ofuscada e são imperfeitamente compreendidas. Os recém-convertidos são como o cego que este relato enfoca, o qual, a princípio, via os homens como árvores andando. A visão dos recém-convertidos mostra-se ofuscada e desacostumada com o novo mundo ao qual foram introduzidos. Somente depois que a atuação do Espírito aprofunda-se é que a experiência deles, em alguma medida, amadurece,

e tornam-se capazes de ver as coisas com maior clareza e de dar a cada aspecto da religião cristã o seu devido lugar. Essa é a história de milhares dos filhos de Deus. Eles começam vendo os homens como árvores a andar; e terminam vendo tudo claramente. Feliz é aquele que tem aprendido corretamente essa lição, mostrando-se humilde e desconfiado de seus próprios juízos.

Finalmente, observemos, na cura gradual daquele cego, um notável quadro da *presente posição do povo de Cristo neste mundo*, em comparação com aquilo que está por vir. Hoje, vemos em parte e conhecemos em parte. Somos parecidos com aqueles que viajam à noite. Não compreendemos o significado de muitas coisas que ocorrem ao nosso redor. No trato providencial de Deus com os seus filhos, bem como na conduta de muitos dos santos do Senhor, vemos muita coisa que não somos capazes de entender e de alterar. Em suma, parecemo-nos com aquele homem que via os homens “como árvores... andando”.

Porém, olhemos à frente e consolemo-nos. Chegará em breve o tempo em que veremos tudo de “modo perfeito”. “Vai alta a noite e vem chegando o dia” (Rm 13.12). Contentemo-nos em aguardar, vigiar, trabalhar e orar. Quando o dia do Senhor chegar, então a nossa visão espiritual será aperfeiçoada. Nós veremos conforme temos sido vistos, conheceremos como temos sido conhecidos.

Pedro e sua Nobre Confissão de Fé; Sua Ignorância da Necessidade da Morte de Cristo

Leia Marcos 8.27-33

As circunstâncias aqui relatadas são de grande importância. Elas aconteceram durante uma viagem e surgiram de um diálogo, “no caminho”. Felizes são aquelas jornadas nas quais o tempo não é desperdiçado com coisas sem valor, mas é aproveitado, ao máximo possível, para a consideração de assuntos sérios.

Observemos que prevalecia entre os judeus *uma enorme variedade de opiniões a respeito de Jesus Cristo*. Alguns deles afirmavam que Ele era João Batista; outros, que era Elias; e outros, que era algum dos profetas. Sumariando, toda sorte de opinião tinha se tornado corrente acerca de Jesus, exceto aquela que era verdadeira.

Hoje em dia, podemos perceber a mesma coisa, por toda a parte. Cristo e o seu evangelho são pouco compreendidos; na realidade, são alvos de tantas opiniões diferentes como sucedia há dezenove séculos.

Muitos conhecem o nome de Cristo, reconhecem-No como Aquele que veio ao mundo para salvar pecadores e adoram regularmente nos templos dedicados ao seu culto. Porém, poucos percebem claramente que Ele é o próprio Deus, o único Mediador, o único Sumo Sacerdote, a única fonte de vida e paz, o próprio Pastor deles e seu próprio amigo. Idéias vagas acerca de Cristo continuam sendo extremamente comuns. A familiaridade inteligente e experimental com Cristo continua sendo algo raríssimo. Jamais poderemos descansar enquanto não pudermos dizer, no tocante a Cristo: “O meu amado é meu, e eu sou dele” (Ct 2.16). Esse é o conhecimento que salva. Nisso consiste a vida eterna.

Notemos, por igual modo, *a boa confissão de fé feita pelo apóstolo Pedro*. O Senhor Jesus perguntou: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?”, e Pedro respondeu: “Tu és o Cristo”.

Essa foi uma nobre resposta, quando consideramos as circunstâncias sob as quais ela foi dada. Ela foi dada quando Jesus era um homem pobre, sem fama, sem majestade, sem riquezas ou poder. Foi dada quando os chefes da nação judaica, tanto os de natureza religiosa quanto os de natureza civil, recusavam-se a acolher Jesus como o Messias. No entanto, sob essas circunstâncias, Simão Pedro declarou: “Tu és o Cristo”. A robusta fé do apóstolo Pedro não tropeçou diante da pobreza e do estado humilde de nosso Senhor. A confiança de Pedro não foi abalada diante da oposição dos escribas e dos fariseus, nem diante do desprezo das autoridades e dos sacerdotes. Nenhuma dessas coisas abalou Simão Pedro. Ele cria que Aquele a quem estava seguindo, Jesus de Nazaré, era o Salvador prometido, o verdadeiro Profeta, maior do que Moisés, o Messias há muito tempo predito. Pedro declarou com coragem e sem hesitação, como o seu próprio credo e o de seus poucos companheiros: “Tu és o Cristo”.

Há muita coisa que podemos aprender, com proveito, da conduta de Pedro. Por mais instável e precipitado que ele fosse, conforme algumas vezes demonstrou, a fé que exibiu, nessa ocasião, é perfeitamente digna de ser imitada. Confissões corajosas, como essa de Pedro, são evidências autênticas de uma fé viva e são requeridas em cada geração, quando homens têm de provar que são discípulos de Jesus Cristo. Como Simão Pedro, também devemos estar prontos a confessar Cristo. Jamais veremos o nosso Mestre e a sua doutrina desfrutarem de popularidade. Devemos estar preparados para confessá-Lo, com poucos do nosso lado e muitos contra nós. Porém, sejamos corajosos e sigamos os passos de Pedro, e receberemos o mesmo galardão que Pedro recebeu. Jesus nota aqueles que O confessam diante dos homens, e, algum dia, haverá de confessá-los como seus servos, diante de todo mundo reunido.

Vejamos, em seguida, *a completa declaração de nosso Senhor*

a respeito de sua própria morte e ressurreição. Lemos que “começou ele a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do homem sofresse muitas cousas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que depois de três dias ressuscitasse”.

Os eventos aqui anunciados por Jesus devem ter soado como algo estranho para os discípulos. Serem informados que o seu amado Mestre, após todas as poderosas obras que realizava, em breve seria morto, deve ter sido para eles como uma má notícia, que ultrapassava a sua compreensão. Entretanto, as palavras que transmitiram a notícia, dificilmente foram menos notáveis do que o próprio evento: “Era necessário que o Filho do homem sofresse... fosse rejeitado... fosse morto... ressuscitasse...”

Por qual motivo nosso Senhor declarou que “era necessário”? Estava Ele querendo dizer que não tinha capacidade para escapar de sofrer, que teria de morrer devido à compulsão de um poder maior que o dEle mesmo? Impossível! Isso não pode ter sido o sentido de suas palavras. Queria Ele dar a entender que tinha necessidade de morrer, a fim de dar ao mundo um grande exemplo de auto-sacrifício e de abnegação, e que somente isso tornava a sua morte necessária? Uma vez mais temos de responder: Impossível! Há um significado muito mais profundo nas palavras “era necessário que o Filho do homem sofresse” e “fosse morto”. Ele quis dar a entender que a sua paixão e morte eram imprescindíveis a fim de que houvesse expiação pelos pecados do homem. Sem derramamento de sangue, não haveria remissão de pecados. Sem o sacrifício de seu corpo, na cruz, não haveria a satisfação da santa lei de Deus. “Era necessário” que Ele sofresse, a fim de fazer a reconciliação dos homens com Deus. “Era necessário” que Ele morresse, pois sem a sua morte, como uma oferta propiciatória, os pecadores jamais poderiam receber a vida. “Era necessário” que Ele sofresse porque, sem o seu sofrimento vicário, os nossos pecados nunca poderiam ser removidos. Em uma palavra, “era necessário” que Ele fosse entregue por causa das nossas ofensas e ressuscitasse, para nossa justificação.

Encontramos nesse ponto a verdade central da Bíblia. Nunca nos esqueçamos dessa verdade. Todas as demais verdades, comparadas a essa, são de importância secundária. Sem importar quais pontos de vista mantemos quanto à verdade religiosa, tenhamos uma firme compreensão a respeito da eficácia da morte expiatória de Cristo. Que a verdade tão freqüentemente proclamada por nosso Senhor aos seus discípulos, e tão diligentemente ensinada por eles ao mundo, seja a verdade fundamental do nosso próprio cristianismo. Na vida e na morte, na saúde e na enfermidade, apoiemo-nos, com todo nosso peso, nesse poderosíssimo fato — que, embora tenhamos cometido pecado, Cristo morreu pelos pecadores; que, embora nada mereçamos, Cristo sofreu em nosso lugar,

na cruz; e que, mediante esse sofrimento, comprou o céu para todos aqueles que nEle crêem.

Finalmente, observemos *a estranha mistura de graça e de fraqueza que pode ser encontrada no coração de um verdadeiro crente*. Vemos aquele mesmo Pedro, que acabara de fazer tão nobre confissão, aventurando-se a repreender ao seu Mestre, porque Ele falara em sofrimento e em morte. Vemos Pedro atrair sobre si a mais severa repreensão que os lábios de nosso Senhor proferiram, durante o seu ministério terreno: “Arreda! Satanás, porque não cogitas das cousas de Deus, e, sim, das dos homens”.

Encontramos aqui uma humilhante prova do fato que o melhor dos santos é apenas uma pobre criatura falível. Vemos que havia *ignorância* em Simão Pedro. Ele não compreendia a necessidade da morte de nosso Senhor e até procurou impedir o seu sacrifício na cruz. Vemos que havia *presunção* em Simão Pedro. Ele imaginou que sabia o que era direito e apropriado para o seu Senhor, melhor do que o seu próprio Senhor, e incumbiu-se de mostrar para o Messias um caminho mais excelente. Finalmente, mas não menos importante, Simão Pedro fez tudo isso *com a melhor das intenções!* O seu intuito era bom. Os seus motivos eram puros. Entretanto, o zelo e a sinceridade não servem de justificação para o erro. Um homem pode ter boas intenções e, no entanto, cair em tremendos erros.

Dos fatos aqui registrados, aprendamos humildade. Tenhamos o cuidado de não ficar envaidecidos, diante de nossas próprias realizações espirituais, ou exaltados, diante dos elogios de outras pessoas. Jamais imaginemos que já sabemos tudo e que não tendemos a errar. Vimos que é bem pequena a distância entre fazer uma boa confissão e ser um “Satanás”, obstruindo o caminho de Cristo. Oremos diariamente: Senhor, sustenta-me... guarda-me... ensina-me... não me deixes errar.

Aprendamos *a ser amorosos para com os outros*, com base no ensino deste texto bíblico. Não sejamos apressados em rejeitar nosso irmão, considerando-o como uma pessoa destituída da graça divina, por causa de seus erros e equívocos. Lembremo-nos de que o coração dele pode ser reto, aos olhos do Senhor, tal como o de Pedro, embora, à semelhança daquele apóstolo, possa desviar-se do caminho por alguns momentos. Pelo contrário, ao agirmos tenhamos em mente o conselho de Paulo: “Irmãos, se alguém for surpreendido nalguma falta, vós, que sois espirituais, corrigi-o com o espírito de brandura; e guarda-te para que não sejas também tentado” (Gl 6.1).

A Necessidade da Autonegação; O Valor da Alma; O Perigo de nos Envergonharmos de Cristo

Leia Marcos 8.34-38

As palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, nesta passagem, são peculiarmente importantes e solenes. Elas foram ditas com a finalidade de corrigir as noções erradas dos discípulos quanto à natureza de seu reino. Porém, elas contêm verdades da mais profunda importância para os crentes, em qualquer época da igreja de Cristo. A passagem inteira deveria ser alvo de nossa meditação particular.

Aprendamos, com base nestes versículos, *a absoluta necessidade de autonegação, se quisermos ser salvos e tornar-nos discípulos de Cristo*. O que disse nosso Senhor? “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.”

Sem dúvida, a salvação resulta totalmente da graça divina. Ela é oferecida gratuitamente no evangelho, ao principal dos pecadores, sem dinheiro e sem preço. “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não de obras, para que ninguém se glorie” (Ef 2.8,9). Porém, todos aqueles que aceitam essa grandiosa salvação precisam dar provas da realidade de sua fé, levando a sua cruz e indo após Cristo. Eles não devem imaginar que entrarão no céu sem tribulações, dores, sofrimentos e conflitos neste mundo. Eles devem contentar-se em tomar a cruz da doutrina e a cruz da prática; a cruz do asseverar uma fé que o mundo despreza e a cruz de viver uma vida que o mundo ridiculariza, por considerá-la muito estrita e por demais reta. O discípulo de Cristo precisa estar disposto a crucificar a carne, a mortificar os feitos do corpo, a combater diariamente o diabo, a separar-se do mundo e a perder a sua vida, se necessário, por amor a Cristo e ao evangelho. Essas são declarações duras; porém, não admitem qualquer evasão. As palavras de nosso Senhor são claras e inequívocas. Se não levarmos a cruz, nunca usaremos a coroa.

Não nos sintamos impedidos de servir a Cristo, por temer a cruz. Por pesada que nos pareça aquela cruz, o Senhor Jesus nos dará a graça necessária para carregá-la. “Tudo posso naquele que me fortalece” (Fp 4.13). Milhares e milhares já a carregaram antes de nós e descobriram que o jugo de Cristo é suave e que o seu fardo é leve. Neste mundo, nenhuma coisa realmente boa é conseguida sem dificuldades. Com certeza, não podemos esperar que entraremos no reino de Deus sem dificuldades. Avancemos corajosamente, não permitindo que qualquer

dificuldade nos faça retroceder. A cruz que temos de carregar, pelo caminho, é apenas por alguns anos. A glória, ao final, é para todo o sempre.

Perguntemos a nós mesmos, freqüentemente, se o nosso cristianismo nos tem custado alguma coisa. Nosso cristianismo tem implicado em algum sacrifício? Tem ele o verdadeiro selo dos céus? Ele traz consigo qualquer cruz? Caso contrário, com razão devemos tremer e recear. Ainda temos tudo para aprender. Uma religião que nada custa, nada vale. Ela não fará qualquer benefício nesta vida e não levará a salvação alguma, na vida por vir.

Também aprendamos, nestes versículos, qual *o incalculável valor da alma humana*. O que nosso Senhor falou? Ele disse: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?" Essas palavras têm por propósito instigar-nos ao esforço e à autonegação. Elas deveriam retinir em nossos ouvidos como uma trombeta, a cada manhã, quando nos levantamos, e a cada noite, quando nos deitamos. Que elas fiquem profundamente gravadas em nossas memórias e que jamais sejam apagadas dali pelo diabo ou pelo mundo!

Cada um de nós possui uma alma que viverá para sempre. Sem importar se sabemos disso ou não, todos nós trazemos conosco algo que continuará vivendo, quando os nossos corpos estiverem sendo reduzidos a pó. Cada um de nós tem uma alma pela qual terá de prestar contas a Deus. É horrendo esse pensamento, quando consideramos quão pouca atenção a maioria dos homens tem dado a esse fato, gastando sua atenção somente com este mundo. No entanto, temos aí uma grande realidade.

Cada homem pode chegar a perder a sua própria alma. Ele não a pode salvar; somente Cristo pode fazer isso. Porém, qualquer um pode perder a sua própria alma, e isso de muitas maneiras diferentes. Um homem pode assassinar a sua própria alma por amar o pecado e por apegar-se ao mundo. Ele pode envenená-la por escolher uma religião repleta de mentiras e por crer nas superstições inventadas pelos homens. Ele pode matá-la de fome por negligenciar os meios da graça divina e por recusar-se a dar acolhida, em seu coração, ao evangelho de Cristo. Muitos são os caminhos que levam ao inferno. Mas, seja qual for o caminho que a pessoa tome, ela, e somente ela, será responsável pela sua perdição. Fraca, corrupta, caída e impotente como a natureza humana é, o homem é dotado de um tremendo poder para destruir, arruinar e perder a sua própria alma!

O mundo inteiro não pode compensar a um homem a perda de sua alma. A possessão de todos os tesouros não pode compensar a eterna ruína. As riquezas jamais nos poderiam satisfazer ou tornar-nos felizes. Elas podem ser desfrutadas somente por alguns poucos anos, quando

muito, para então serem deixadas para todo o sempre. De todas as barganhas tolas e sem proveito que um homem é capaz de realizar, a pior delas consiste em desistir da salvação de sua alma, por amor ao mundo presente. Esta é uma barganha da qual milhares de pessoas, à semelhança de Esaú (que vendeu o seu direito de primogenitura, em troca de um prato de lentilhas), já se arrependeram; mas, muitos infelizmente, à semelhança de Esaú, se arrependeram tarde demais.

Que essas declarações de nosso Senhor penetrem profundamente em nossos corações. As palavras são inadequadas para expressar a sua importância. Que nos lembremos delas na hora da tentação, quando a alma parece algo pequeno e destituído de importância, e o mundo parece tão grande e resplendente. Que nos recordemos delas na hora da perseguição, quando estivermos sendo provados pelo temor ao homem, meio inclinados a abandonar Cristo. Em momentos como esses, recordemo-nos dessa poderosa indagação de nosso Senhor, repetindo-a para nós mesmos: "Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?"

Em último lugar, tomemos conhecimento do *grande perigo de nos envergonharmos de Cristo*. O que diz o Senhor? "Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos."

Quando é possível dizer que alguém se envergonhou de Cristo? Somos culpados desse pecado quando sentimos vergonha de deixar as pessoas verem que cremos e amamos as doutrinas de Cristo e que desejamos viver de conformidade com os mandamentos dEle e ser contados entre os que fazem parte do seu povo. O ensino, os mandamentos e o povo de Cristo nunca foram populares; nunca o serão. O homem que confessa ousadamente que os ama, acabará com certeza vítima de ridículos e de perseguições. Entretanto, qualquer que procure evitar essa confissão de fé, por temer o ridículo e a perseguição, estará envergonhando-se de Cristo, sujeitando-se à sentença pronunciada nesta passagem.

Talvez existam poucas declarações de nosso Senhor que sejam mais condenatórias do que essa. "Quem teme ao homem arma ciladas, mas o que confia no SENHOR está seguro" (Pv 29.25). Há milhares de homens que corajosamente enfrentariam um leão ou uma multidão enfurecida, se o dever os chamasse, mas que ficariam envergonhados de serem considerados "religiosos". Eles não ousariam confessar que desejam agradar a Cristo e não aos homens. Realmente, assombroso é o poder do ridículo! Admirável é a servidão em que os homens vivem para com as opiniões do mundo!

Oremos todos os dias por fé e coragem para confessarmos a Cristo

diante dos homens. Com razão devemos nos sentir envergonhados do mundanismo, da incredulidade e do pecado. Jamais devemos nos sentir envergonhados daquele que morreu por nós, na cruz. A despeito das gargalhadas, das zombarias e das palavras ásperas, proclamemos ousadamente que servimos a Cristo. Contemplemos, freqüentemente, o dia de sua segunda vinda, lembrando-nos o que Ele disse neste texto. É mil vezes melhor confessarmos a Cristo agora, e sermos desprezados pelos homens, do que sermos negados por Cristo, na presença de seu Pai, no dia do julgamento.

A Transfiguração de Cristo

Leia Marcos 9.1-13

A conexão dessa passagem com o final do capítulo anterior não deveria ser negligenciada. Nosso Senhor estivera a falar de sua própria paixão e morte vindouras, da necessidade de os homens negarem a si mesmos, se desejassem ser seus discípulos, e da necessidade de perdermos as nossas próprias vidas, se as quisermos salvar. Porém, no mesmo pronunciamento, Ele passou a falar sobre o seu reino e glória futuros. O Senhor Jesus abrandou as suas “declarações difíceis”, ao prometer a visão daquela glória a alguns dos que O estavam ouvindo. E, no relato sobre a transfiguração, que é aqui registrado, vemos o cumprimento daquela promessa.

A primeira coisa que requer a nossa atenção, nestes versículos, é a maravilhosa visão que eles contêm da glória que Cristo e seu povo terão na sua segunda vinda. Não há dúvida que esse foi um dos principais propósitos da transfiguração. Ela aconteceu para ensinar aos discípulos que, embora o seu Senhor estivesse em uma aparência humilde e pobre, um dia Ele apareceria com a gloriosa majestade que será apropriada para o Filho de Deus. A transfiguração teve o propósito de ensinar aos homens que, quando o Senhor Jesus voltar, os seus santos, como Moisés e Elias, voltarão junto com Ele. A transfiguração teve por intuito lembrar aos discípulos que, embora fossem perseguidos e caluniados, porque pertenciam a Cristo, um dia eles seriam revestidos de honra e seriam participantes da glória de seu Senhor.

Temos muitas razões para agradecer a Deus por essa visão. Com freqüência, sentimo-nos tentados a desistir do serviço de Cristo, face à cruz e às aflições que esse serviço envolve. Vemos tão poucos conosco e tantos contra nós. Vemos que os nossos nomes são rejeitados, como indignos, e que toda espécie de malignidade é dita a nosso respeito,

por crermos e amarmos o evangelho. Ano após ano, vemos os nossos companheiros no serviço de Cristo serem removidos pela morte e sentimos como se pouco soubéssemos acerca deles, exceto que foram para um mundo desconhecido e que nós ficamos sozinhos. Todas essas coisas constituem-se tentações para a carne e o sangue. Não admira que a fé dos salvos, algumas vezes, enfraqueça e que os seus olhos falhem enquanto aguardam a sua esperança.

Percebamos, na narrativa sobre a transfiguração, um remédio para pensamentos duvidosos. A visão, no monte, serve-nos de graciosa garantia que há, em reserva, coisas gloriosas para o povo de Deus. O Salvador crucificado voltará outra vez com poder e grande glória. Todos os seus santos virão com Ele; e, até aquele felicíssimo dia, estão em plena segurança. Podemos esperar pacientemente. “Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória” (Cl 3.4).

A segunda coisa que nos chama a atenção, nesta passagem, é a forte expressão do apóstolo Pedro, quando contemplou o seu Senhor transfigurado. Declarou ele: “Mestre, bom é estarmos aqui”. Sem dúvida, houve muita coisa, nessa declaração, que não pode ser recomendada. Ela revelou uma ignorância do propósito pelo qual Jesus veio ao mundo — sofrer e morrer. Revelou como Pedro esqueceu de seus irmãos que não estavam em sua companhia e como esqueceu do mundo em trevas, que tanto carecia da presença do Senhor. Acima de tudo, a proposta, que ele fez, de construir “três tendas” — uma para Cristo, outra para Moisés e outra para Elias — demonstrou uma baixa consideração da dignidade de seu Senhor e deu a entender que ele não sabia que ali estava Alguém maior do que Moisés e Elias. Em todas essas coisas, a exclamação daquele apóstolo é mais condenável do que elogiável.

Porém, após termos dito isso, não deixemos de observar a imensa felicidade e alegria que esta gloriosa visão conferiu àquele amável discípulo. Percebamos em seu fervoroso grito: “Mestre, bom é estarmos aqui”, que conforto e consolação a visão da glória de Cristo pode conferir a um verdadeiro crente. Procuremos olhar adiante, buscando fazer idéia do prazer que os santos experimentarão, quando, finalmente, encontrarem-se com o Senhor Jesus, na sua segunda vinda, para nunca mais separarem-se dEle. Uma visão de poucos minutos foi suficiente para despertar e aquecer o coração de Pedro. A visão de dois santos na glória foi tão encorajadora e vivificadora que Pedro, de bom grado, teria desfrutado mais dela. Porém, o que diremos, quando virmos nosso Senhor aparecer no último dia, em companhia de todos os seus santos? Que diremos, quando a nós mesmos for permitido compartilhar de sua glória e gozar a bem-aventurada companhia dos remidos, sentindo que

nunca mais sairemos do gozo de nosso Senhor? Essas são indagações que nenhum homem é capaz de responder. A felicidade daquele grande dia de ajuntamento de todos os crentes é tal que, nesta vida, não somos capazes de conceber. Os sentimentos dos quais Pedro recebeu um pequeno antegozo serão nossos, naquela ocasião, em toda a sua plenitude. Todos diremos com um só coração e a uma voz, quando contemplarmos Cristo e todos os seus santos: “Mestre, bom é estarmos aqui”.

A última coisa que chama a nossa atenção é o *testemunho distinto que esse incidente confere ao ofício e à dignidade de Cristo, na qualidade de Messias prometido*. Nós o encontramos primeiramente no aparecimento de Moisés e de Elias, os representantes da lei e dos profetas. Eles vieram como testemunhas de que Jesus é Aquele sobre Quem haviam falado na antigüidade e a respeito de Quem escreveram que viria. Eles desapareceram após alguns minutos, deixando o Senhor Jesus sozinho, como que para mostrar que eram apenas testemunhas, e que, vindo o Senhor, os servos concedem a Ele o lugar de maior proeminência. Em segundo lugar, vemos esse testemunho na voz miraculosa que veio do céu, dizendo: “Este é o meu Filho amado: a ele ouvi”. A mesma voz de Deus Pai, ouvida por ocasião do batismo de nosso Senhor, foi novamente ouvida por ocasião de sua transfiguração. Em ambas as oportunidades, houve a mesma declaração solene: “Este é o meu Filho amado”. Nessa última, houve o acréscimo de três importantíssimas palavras: “A ele ouvi”.

A totalidade da visão teve por objetivo deixar sobre as mentes dos três discípulos uma impressão duradoura. Ensinou-lhes, de maneira notável, que o Senhor deles estava muito acima deles mesmos e dos profetas, da mesma forma que o dono de uma casa está acima dos servos; e também que os discípulos devem, em todas as coisas, crer, seguir, obedecer, confiar e ouvir a Jesus.

Por fim, as últimas palavras proferidas pela voz celestial devem estar sempre nas mentes de todos os verdadeiros cristãos. A eles compete “*ouvir a Cristo*”. Jesus é o grande Mestre; aqueles que quiserem ser sábios precisam aprender dEle. Jesus é a luz do mundo; aqueles que não quiserem errar precisam segui-Lo. Ele é o Cabeça da igreja; aqueles que quiserem ser membros do seu corpo místico terão de contemplá-Lo sempre. O que deve nos interessar não é o que os homens dizem, ou o que os ministros do evangelho afirmam, ou o que as igrejas asseveram, ou o que os concílios eclesiásticos declaram; mas, é: O que Cristo diz? Ouçamos, pois, a Jesus. Permanecemos nEle. Dependamos dEle. Olhe-mos para Ele. Ele, e somente Ele, nunca nos decepcionará, nunca nos desapontará, nunca nos desencaminhará. Felizes aqueles que conhecem, experimentalmente, o significado do texto: “As minhas ovelhas ouvem

a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna; jamais perecerão, eternamente, e ninguém as arrebatará da minha mão” (Jo 10.27,28).

A Cura do Menino Possesso de um Espírito Imundo

Leia Marcos 9.14-29

O contraste entre estes versículos e aqueles que os precedem é surpreendente. Passamos do monte da transfiguração para uma melancólica história da obra do diabo. Descemos da visão da glória para um conflito em torno de uma possessão demoníaca. Passamos da bendita companhia de Moisés e de Elias para a rude discussão dos escribas incrédulos. Deixamos de lado o antegozo da glória milenar e da voz solene de Deus Pai, que testificou sobre Deus Filho, e, uma vez mais, retornamos a uma cena de dor, fraqueza e miséria — um menino que sofria agonia em seu corpo, um pai tremendamente aflito e um pequeno grupo de fracos discípulos, desconcertados pelo poder de Satanás, incapazes de prestar qualquer alívio. Conforme percebemos, o contraste é grandioso. Contudo, esse evento é apenas uma frágil figura da mudança de cena que Jesus, voluntariamente, comprometeu-se a experimentar ao deixar de lado a sua glória e vir a este mundo. Essa cena também é um vívido quadro da vida de todos os verdadeiros crentes. Tanto para eles como para o seu Senhor, a rotina será sempre trabalho, conflito e cenas de debilidade e tristeza. Para eles, visões da glória, antegozos do céu e períodos passados no monte serão sempre a exceção.

Aprendamos também *quão dependentes da companhia e da ajuda de seu Senhor são os discípulos de Cristo*. Vemos essa verdade sendo revelada, de modo surpreendente, na cena com que se depararam os olhos do Senhor, quando Ele desceu do monte. À semelhança de Moisés, quando desceu do monte Sinai, Jesus encontrou o seu pequeno rebanho em confusão. Ele contemplou seus nove apóstolos, assediados por um grupo de maliciosos escribas e frustrados na tentativa de curar alguém que estava possesso de um demônio. Os próprios discípulos, que há pouco tempo haviam realizado muitos milagres e tinham expelido “muitos demônios”, agora se defrontavam com um caso difícil demais para eles. Estavam aprendendo, por meio dessa humilhante experiência, a grande lição: “Sem mim nada podeis fazer” (Jo 15.5). Sem dúvida, aquele incidente foi uma lição muito útil, que o Senhor usou, para o bem espiritual deles. Provavelmente, aquele acontecimento seria lembrado

por todos os dias de suas vidas. As coisas que aprendemos mediante experiências dolorosas permanecem em nossa memória, ao passo que as verdades apenas ouvidas são freqüentemente esquecidas. Entretanto, podemos ter a certeza de que, naquela ocasião, a lição recebida pelos discípulos foi amarga. Não gostamos muito de saber que nada podemos fazer sem Cristo.

Não precisamos rebuscar muito para encontrarmos inúmeras ilustrações dessa verdade, na história do povo de Cristo, em cada época. As mesmas pessoas que, em um tempo realizaram grandes feitos na causa do evangelho, em outro tempo fracassaram totalmente, mostrando-se fracas e instáveis como a água. A retratação temporária de Cranmer e de Jewell servem-nos de impressionantes exemplos. O mais santificado e melhor dos cristãos nada têm do que se jactar. A sua força não vem de si mesmo. Ele nada tem que não tenha recebido. Basta que provoque o Senhor a deixá-lo por algum tempo e logo descobrirá que todo o seu poder espiritual desapareceu. À semelhança de Sansão, quando os seus cabelos foram cortados, o crente é fraco como qualquer outro homem.

Do fracasso dos discípulos, aprendamos uma lição de humildade. Esforcemo-nos por perceber, a cada dia, a nossa necessidade da graça e da presença de Cristo. Com Cristo podemos fazer todas as coisas. Sem Cristo, nada podemos fazer. Com Ele, podemos vencer as piores tentações. Sem Ele, todavia, a menor tentação é capaz de vencer-nos. Que, a cada manhã, o nosso clamor seja: Senhor, não nos deixes depender de nós mesmos; não sabemos o que o dia de hoje pode nos trazer; se a sua presença não for conosco, Senhor, não poderemos prosseguir.

Em segundo lugar, aprendamos que *desde cedo na vida somos passíveis de ser prejudicados por Satanás*. No episódio aqui registrado, lemos uma horrenda descrição das misérias infligidas por Satanás àquele jovem. Também somos informados que o jovem estava sujeito àquela horrenda visitação “desde a infância”.

Nesse incidente, há uma lição de profunda importância, que não podemos negligenciar. Precisamos esforçar-nos por fazer o bem espiritual aos nossos filhos, desde os seus primeiros anos. Se Satanás começa tão cedo a causar-lhes dano, não podemos deixar que o inimigo nos passe para trás, por sermos negligentes em levá-los a Deus. Desde que idade uma criança torna-se responsável pelos seus atos e precisa prestar contas deles é uma questão difícil de ser resolvida. Talvez bem antes do que muitos de nós supomos. De qualquer modo, uma coisa é clara: nunca é cedo demais para nos esforçarmos e orarmos pela salvação das almas das crianças; nunca é cedo demais para conversarmos com elas, como seres morais, e falar-lhes sobre Deus e Cristo, sobre o certo e o errado. Podemos ter absoluta certeza de que o diabo não perde tempo, empenhando-se

para influenciar os de pouca idade e os jovens. Ele começa a agir sobre eles “desde a infância”. Trabalhemos arduamente com o intuito de neutralizá-lo. Se jovens corações podem ser enchidos por Satanás, eles também podem ser enchidos pelo Espírito de Deus.

Em terceiro lugar, aprendamos, destes versículos, *como a fé e a incredulidade podem estar mescladas em um mesmo coração*. As palavras ditas pelo pai daquele menino colocam essa verdade diante de nós, de modo comovente. Ele clamou: “Eu creio, ajuda-me na minha falta de fé”.

Aqui, vemos um vívido quadro do coração de muitos crentes verdadeiros. Poucos, de fato, são aqueles em quem não convivem, lado a lado, a confiança e a dúvida, a esperança e o temor. Coisa alguma é perfeita em um filho de Deus, enquanto ele estiver no corpo. Seu conhecimento, amor e humildade são mais ou menos defeituosos e misturados com a corrupção. E, tal como ocorre com os seus sentimentos, ocorre com a sua fé. O crente confia, mas, mesmo assim, tem consigo um resquício de incredulidade.

Que devemos fazer com a nossa fé? Devemos usá-la. Ainda que seja fraca, trêmula, duvidosa e débil, compete-nos usá-la. Não devemos esperar até que seja forte, perfeita e poderosa. Pelo contrário, tal como o pai daquele menino, devemos fazer uso dela, na esperança de que, um dia, ela será mais robusta. O pai do menino disse: “Eu creio”.

O que devemos fazer com a nossa incredulidade? Devemos oferecer-lhe resistência, orando sempre contra ela. Não podemos permitir que ela nos mantenha afastados de Jesus Cristo. Devemos levá-la a Cristo, da mesma forma que o fazemos com os nossos outros pecados e debilidades, clamando para que Ele nos liberte. Como aquele homem, precisamos clamar: “Ajuda-me na minha falta de fé”.

Essas são verdades experimentais. Felizes são os que conhecem algo sobre elas. O mundo é ignorante a respeito delas. A fé e a incredulidade, dúvidas e temores, todas são tolices para o homem natural. Porém, que todos os verdadeiros crentes estudem esses assuntos com cuidado e que os entendam profundamente. É de suma importância, para o nosso consolo, sabermos que um crente verdadeiro pode ser conhecido tanto por sua luta quanto por sua paz interior.

Em último lugar, assinalemos *o completo domínio que nosso Senhor exerce sobre Satanás e todos os seus agentes*. Aquele espírito, poderoso em demasia para os discípulos, foi prontamente expulso pelo Senhor. Jesus falou com poderosa autoridade, e Satanás foi imediatamente obrigado a obedecer: “Espírito mudo e surdo, eu te ordeno: Sai deste jovem e nunca mais tornes a ele”.

Que sentimentos de consolo! Maior é aquele que está conosco

do que todos aqueles que estão contra nós. Satanás é forte, diligente, ativo e malicioso. Jesus, entretanto, é capaz de salvar até ao fim, tanto do diabo quanto do pecado, tanto de Satanás quanto do mundo, a todos os que se aproximam de Deus por intermédio dele. Conservemos as nossas almas por meio da paciência. Jesus continua vivo e não permitirá que Satanás nos arranque de suas mãos. Jesus continua vivo e, em breve, voltará, a fim de libertar-nos inteiramente dos dardos inflamados do maligno. A grande corrente já está preparada (Ap 20.1). Um dia, Satanás será preso. O Deus da paz haverá de esmagar em breve a Satanás, debaixo de nossos pés (Rm 16.20).

A Crucificação é Preditada; A Humildade é Recomendada

Leia Marcos 9.30-37

Observemos, nestes versículos, o reiterado ensino de nosso Senhor, acerca de sua própria morte e ressurreição. “O Filho do homem será entregue nas mãos dos homens, e o matarão; mas, três dias depois de sua morte, ressuscitará”.

A lentidão dos discípulos, no tocante às realidades espirituais, apareceu novamente, no momento em que esse ensino foi dado. Nessas palavras, houve tanto o que era bom quanto o que parecia mal, o que era doce quanto o que era amargo, a vida quanto a morte, a ressurreição quanto a cruz. Porém, para os desorientados doze, tudo era trevas. “Eles... não compreendiam isto e temiam interrogá-lo”. As suas mentes continuavam repletas de idéias equivocadas a respeito do reinado de seu Senhor sobre a terra. Eles pensavam que o reino terrestre de seu Senhor haveria de manifestar-se imediatamente. Quando os preconceitos e as opiniões obscurecem os nossos olhos, somos lentos em entender.

A imensa importância da morte e da ressurreição de nosso Senhor transparece claramente nesse ensino. Não foi em vão que o Senhor tornou a lembrar-nos que precisava morrer. Ele queria que soubéssemos que a sua morte foi a grande finalidade para a qual veio ao mundo. Ele queria lembrar-nos que, por meio de sua morte, o grande problema seria solucionado — como Deus pode ser justo, e, ao mesmo tempo, justificar os pecadores. Jesus não veio à terra meramente a fim de ensinar, pregar e operar milagres. Ele veio para fazer satisfação pelo pecado, mediante o seu próprio sangue e o seu sofrimento sobre a cruz. Nunca nos esqueçamos disso. A encarnação, o exemplo e as palavras de Cristo, revestem-se todos de profunda importância. Entretanto, o

grande objetivo, que requer a nossa atenção, na história de seu ministério terrestre, é a sua morte no Calvário.

Em segundo lugar, notemos a ambição e o amor pela preeminência que os apóstolos demonstraram: “Pelo caminho haviam discutido entre si qual era o maior”.

Quão estranho isso nos parece! Quem poderia imaginar que alguns poucos pescadores e publicanos seriam dominados pela competição e pelo desejo de supremacia? Quem esperaria que homens pobres, que haviam desistido de tudo por amor a Cristo, seriam perturbados por contenda e dissensão quanto ao lugar e à precedência que cada um merecia? Não obstante, foi isso que aconteceu. O fato ficou escrito para o nosso aprendizado. O Espírito Santo fez com que o incidente fosse registrado, para o perpétuo uso da igreja de Cristo. Cuidemos para que ele não tenha sido escrito em vão.

É um fato terrível, mas, admitamos ou não, o orgulho é um dos mais comuns pecados que assediam a natureza humana. Todos nós nascemos fariseus. Naturalmente, todos pensamos muito melhor a respeito de nós mesmos do que devemos. Naturalmente, todos nós, imaginamos que merecemos algo melhor do que aquilo que possuímos. Esse é um pecado antiquíssimo. Começou no jardim do Éden, quando Adão e Eva pensaram que não tinham tudo o que seus méritos mereciam. Esse é um pecado sutil. Governa e dirige muitos corações sem ser detectado e pode até mesmo vestir-se de humildade. É um pecado que arruína grandemente a alma, impede o arrependimento, detém o homem de vir a Cristo, atrapalha o amor fraternal e corta pela raiz o anelo espiritual. Vigiem contra ele e estejamos alertas. De todas as vestimentas, nenhuma é tão graciosa, nos fica tão bem e é tão rara quanto a verdadeira humildade.

Em terceiro lugar, notemos o padrão peculiar de autêntica grandeza que nosso Senhor estabeleceu perante os seus discípulos. Disse-lhes Jesus: “Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos”.

Essas palavras são profundamente instrutivas. Elas nos mostram que as máximas do mundo são diretamente contrárias à mentalidade de Cristo. Dominar é a idéia que o mundo faz da grandeza; mas, a grandeza do crente consiste em servir. A ambição do mundo consiste em receber honrarias e atenções; porém, o desejo do crente deve ser o de dar, e não o de receber; o de servir ao próximo, ao invés de procurar ser servido. Em suma, o homem que mais serve aos outros e é útil, em sua época e geração, é justamente o maior, aos olhos de Cristo.

Esforcemo-nos por fazer uso prático desse princípio. Procuremos fazer o bem aos nossos semelhantes e mortificar aquela auto-satisfação e aquela auto-indulgência às quais todos nós somos inclinados. Haverá

algum serviço que possamos prestar aos nossos irmãos na fé? Haverá algum ato de gentileza que possamos fazer para ajudá-los e para promover a felicidade deles? Se a resposta é sim, façamos sem demora. Quão bom seria para os crentes se as jactâncias quanto à ser membro de determinada igreja e quanto à ortodoxia fossem menos freqüentes, e se a atenção prática a essas palavras de nosso Senhor fosse mais comum. Os homens que estão dispostos a serem os últimos, e servos de todos, por amor a Cristo, são sempre bem poucos. Não obstante, esses são os homens que fazem o bem, que derrubam por terra os preconceitos, que convencem os incrédulos de que o cristianismo é uma realidade e que sacodem o mundo.

Observemos, por último, *o encorajamento que o Senhor nos deu, a fim de demonstrarmos gentileza para com o menor e mais humilde dos que crêem em seu nome*. Jesus ensinou-nos essa lição de modo muito tocante. Ele tomou uma criança em seus braços e disse aos seus discípulos: “Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou”.

O princípio aqui estabelecido por Jesus é uma continuação daquilo que acabamos de considerar. Ele é loucura para o homem natural. A carne e o sangue não são capazes de perceber outra forma de grandeza senão o poder, a riqueza e as elevadas posições sociais no mundo. O Filho de Deus declarou que a verdadeira grandeza consiste em nos devotarmos a cuidar dos mais fracos e humildes do seu rebanho. Jesus reforçou a sua declaração mediante maravilhosas palavras, que, com freqüência, são lidas e ouvidas, mas não meditadas. Ele disse que receber uma criança, em seu nome, é receber a Ele mesmo, e receber a Ele mesmo é receber a Deus.

Há aqui um rico encorajamento para todos os que se dedicam ao caridoso trabalho de fazer o bem às almas negligenciadas. Há aqui um encorajamento para todos os que labutam a fim de trazer os proscritos de volta a um lugar na sociedade, a fim de soerguer os caídos, a fim de recolher as crianças maltrapilhas, das quais ninguém cuida, e a fim de arrancar os piores pródigos de uma vida de pecado, tirando-os do fogo, trazendo-os de volta ao lar. Há conforto nessas palavras de Jesus. O trabalho deles, com freqüência, pode ser difícil e desencorajador. Talvez eles sejam zombados, ridicularizados e escarnecidos pelo mundo. Porém, que saibam que o Filho de Deus anota tudo quanto fazem e fica satisfeito. Sem importar o que o mundo possa pensar, esses são os que Jesus deleitar-se-á em honrar, no último dia.

O Espírito de Tolerância; A Necessidade de Abnegação; A Realidade do Inferno

Leia Marcos 9.38-50

Nestes versículos, podemos perceber *a mente de Cristo sobre o grande assunto da tolerância, na religião*. O apóstolo João disse ao Senhor: “Mestre, vimos um homem que em teu nome expelia demônios, o qual não nos segue; e nós lho proibimos, porque não seguia conosco”. Aquele homem estava indubitavelmente fazendo uma boa obra. Estava guerreando do mesmo lado dos apóstolos, não há dúvida. No entanto, isso não satisfez a João. O tal homem não pertencia ao grupo dos apóstolos. Ele não estava lutando na mesma trincheira com o grupo. Portanto, João o proibira. Ouçamos, porém, o que o grande Cabeça da igreja resolveu: “Não lho proibais; porque ninguém há que faça milagre em meu nome e logo a seguir possa falar mal de mim. Pois quem não é contra nós é por nós”.

Temos aqui uma regra áurea, da qual a natureza humana necessita desesperadamente e que tem esquecido com demasiada freqüência. Homens de todos os segmentos da igreja de Cristo são capazes de pensar que nenhum bem pode ser realizado neste mundo, a menos que o seja pelo seu próprio grupo ou denominação. As suas mentes mostram-se tão pequenas que não podem conceber a possibilidade de trabalharem sob qualquer outro padrão, senão aquele ao qual estão acostumados. Fazem um ídolo de sua forma eclesiástica e não podem ver mérito algum em qualquer outra. São como aquele que pediu, quando Eldade e Medade profetizaram no arraial: “Moisés, meu senhor, proíbe-lho” (Nm 11.28).

Ao espírito de intolerância devemos algumas das páginas mais negras da história eclesiástica. Cristãos têm repetidas vezes perseguido cristãos, sem qualquer outro motivo além daquele que foi apresentado por João. Eles praticamente dizem aos seus irmãos: Ou vocês nos seguem, ou não trabalharão para Cristo, de modo algum.

Estejamos alertas contra esse sentimento, que se encontra à superfície de nossos corações. Façamos esforços para desenvolver essa atitude tolerante que Jesus nos recomendou e sejamos agradecidos pelas boas obras, onde e por quem quer que estejam sendo realizadas. Acautelemo-nos da mais leve inclinação para fazer parar e pôr obstáculos diante de outros, meramente porque eles não adotam os nossos planos nem trabalham ao nosso lado. Talvez pensemos que os nossos irmãos na

fé estejam errados em alguns pontos. Talvez imaginemos que muito mais poderia ser feito, por Cristo, se eles se unissem a nós e se todos trabalhássemos da mesma maneira. Podemos notar quantos males originam-se das dissensões e das divisões religiosas. Porém, nada disso deveria nos impedir de nos regozijarmos, se as obras do diabo estiverem sendo destruídas e as almas estiverem sendo salvas. O nosso irmão está guerreando contra Satanás? Ele está, realmente, procurando trabalhar para Cristo? Essa é a grande pergunta. É mil vezes melhor que o trabalho de Deus esteja sendo feito por outros, do que não esteja sendo feito de maneira alguma. Bem-aventurado aquele que conhece algo da atitude de Moisés, quando replicou: "Tens tu ciúmes por mim? Oxalá todo o povo do SENHOR fosse profeta, que o SENHOR lhes desse o seu Espírito!" (Nm 11.29); ou da atitude de Paulo, quando disse: "Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei" (Fp 1.18).

Também podemos notar *a necessidade de desistirmos de qualquer coisa que se interponha entre nós e a salvação das nossas almas*. A "mão" e o "pé" precisam ser decepados, o "olho" deve ser arrancado, se chegarem a ofender a Cristo ou a servirem ao pecado. Coisas que nos são queridas, como os olhos, as mãos e os pés, devem ser descartadas e abandonadas, se chegarem a prejudicar as nossas almas, não importando a dor que tal sacrifício possa custar.

Essa é uma regra que parece severa e cruel, à primeira vista. Porém, o nosso amoroso Mestre não no-la deu sem algum motivo. Aquiescência à regra é absolutamente necessário, visto que negligenciá-la é o caminho certo para o inferno. Os nossos sentidos físicos são os canais por meio dos quais muitas das nossas mais formidáveis tentações nos assaltam. Os membros de nossos corpos são instrumentos propensos para o mal, mas lentos em fazer aquilo que é bom. Os olhos, as mãos e os pés são bons servos, quando sob a orientação correta. Porém, precisam ser vigiados diariamente, a fim de que não nos induzam ao pecado.

Resolvamos, pela graça de Deus, fazer uso prático da solene exortação de nosso Senhor. Consideremo-la como o conselho de um médico sábio, como o ensino de um pai cheio de ternura, como a advertência de um amigo fiel. Por mais que os homens nos ridicularizem por causa de nosso rigor e precisão, crucifiquemos habitualmente "a carne, com as suas paixões e concupiscências" (Gl 5.24). Neguemos a nós mesmos qualquer prazer que incorra no perigo de pecarmos contra o Senhor Jesus. Andemos nos mesmos passos que Jó. Ele disse: "Fiz aliança com meus olhos" (Jó 31.1). Lembremo-nos de Paulo. Ele escreveu: "Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para

que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado" (1 Co 9.27).

Em último lugar, nestes versículos, percebamos *a realidade, o horror e a eternidade do castigo futuro*. O Senhor Jesus falou acerca do "inferno", referiu-se ao verme "que não lhes morre" e ao "fogo" que não "se apaga".

Essas são palavras assustadoras. Elas exigem mais reflexão do que exposição. Elas deveriam ser ponderadas, consideradas e lembradas por todos os que professam ser cristãos. Pouco importa se as consideramos expressões figurativas e simbólicas. Mesmo que sejam, pelo menos uma coisa fica perfeitamente clara: o verme e o fogo são símbolos de coisas reais. Existe um inferno que é real e eterno.

Não há misericórdia alguma em ocultar dos homens o assunto a respeito do inferno. Por mais temível e tremendo que seja o inferno, ele deve ser uma realidade fortemente inculcada sobre todos, como uma das grandiosas verdades do cristianismo. O apóstolo João, no livro de Apocalipse, com freqüência o descreveu. Os servos de Deus, hoje, não devem sentir-se envergonhados de confessar a sua crença nesse assunto. Se não houvesse ilimitada misericórdia em Cristo, para todos aqueles que nEle crêem, bem poderíamos nos esquivar desse temível tópico. Se não houvesse o precioso sangue de Cristo, que é capaz de purificar-nos de todo o pecado, bem poderíamos ficar em silêncio a respeito da ira vindoura. Todavia, há misericórdia para todos aqueles que a solicitarem em nome de Jesus Cristo. Há uma fonte aberta para lavar todo pecado. Portanto, ousadamente e sem hesitação, afirmemos que há um inferno e exortemos os homens a fugirem dele, antes que seja tarde demais. Sabendo dos terrores do inferno, do verme e das chamas eternas, procuremos persuadir "aos homens" (2 Co 5.11). Não é possível falar demais acerca de Cristo. Porém, é perfeitamente possível falar de menos a respeito do inferno.

Ao deixarmos esta passagem, que as palavras de nosso Senhor retinam em nossos ouvidos: "Tende sal em vós mesmos e paz uns com os outros". Certifiquemo-nos de que temos, em nossos corações, a graça salvadora do Espírito Santo, santificando, purificando, e preservando da corrupção todo o nosso homem interior. Mantenhamos sob vigilância diária a graça que nos foi proporcionada e oremos a fim de sermos guardados de toda negligência e do pecado, para que não caiamos em transgressão, trazendo miséria sobre a nossa consciência e desacreditando a nossa profissão cristã. Acima de tudo, vivamos em paz uns com os outros, não procurando grandes coisas, nem esforçando-nos por galgar a preeminência; porém, vivamos vestidos de humildade e de amor por todos aqueles que amam a Cristo com sinceridade. Essas coisas

parecem simples. Mas, há grande recompensa em atentarmos para elas.

O Ponto de Vista Correto Sobre o Matrimônio

Leia Marcos 10.1-12

O versículo inicial desta passagem nos mostra *a paciente perseverança de nosso Senhor Jesus Cristo como Mestre*. Somos informados que Ele, levantando-se, “foi dali para o território da Judéia, além do Jordão”; e que “as multidões se reuniram junto a ele e de novo ele as ensinava, segundo o seu costume”.

Por onde quer fosse, nosso Senhor estava sempre atarefado nos interesses de seu Pai, pregando, ensinando e labutando para fazer o bem às almas. Jesus não desperdiçava oportunidade alguma. Em toda a história de seu ministério terrestre, nunca lemos acerca de um dia de ociosidade. A respeito dEle pode ser dito, com verdade, que semeava “junto a todas as águas” (Is 32.20), pela manhã e à tarde, sem dar repouso à sua mão (Ec 11.6).

No entanto, nosso Senhor conhecia os corações dos homens. Ele sabia perfeitamente bem que a maioria de seus ouvintes compunha-se de endurecidos de coração e incrédulos. Ele sabia que, enquanto falava, a maior parte de suas palavras caía em solo que não recebia qualquer cuidado, e que, até onde dizia respeito à salvação das almas, grande parte do seu trabalho era inútil. Jesus sabia de tudo isso, e, no entanto, continuava a trabalhar.

Vejamos, nesse fato, um padrão permanente para todos os que tentam fazer o bem ao próximo, sem importar qual seja o seu ofício. Que isto seja lembrado por todo ministro e todo missionário, por todo superintendente e todo professor de escola dominical e todo pregador leigo, por todo chefe de família que costuma orar com os seus e por todas as mulheres que cuidam de crianças. Lembrem do exemplo de Cristo e façam o mesmo. Não podemos desistir de ensinar, somente porque não estamos vendo qualquer bom resultado. Não devemos relaxar os nossos esforços, somente porque não estamos vendo fruto de nosso labor. Devemos continuar trabalhando com toda a constância, tendo à nossa frente o grande princípio — o dever cabe a nós, os resultados cabem a Deus. É preciso que haja os que aram e os que semeiam, como também os ceifeiros e os enfiadores de feixes. Todo patrão honesto paga aos seus trabalhadores conforme o seu trabalho, e não de acordo com as safras que crescem nos campos. Nosso Senhor, no céu, tratará

com todos os seus servos da mesma forma, no último dia. Ele sabe que o sucesso não está nas mãos deles. Ele sabe que eles não têm o poder de transformar os corações. Ele os recompensará em consonância com o trabalho que tiverem realizado, e não com os frutos que tiverem resultado de seus esforços. O Senhor Jesus não dirá “entra no gozo do teu Senhor” ao servo bom e *bem-sucedido*, e, sim, ao servo “bom e *fiel*” (Mt 25.21).

A porção maior desta passagem mostra-nos *a dignidade e a importância do relacionamento matrimonial*. É patente que as predominantes opiniões dos judeus, quanto a esse assunto, quando nosso Senhor esteve sobre a terra, eram frouxas e extremamente baixas. A natureza obrigatória dos laços matrimoniais não era reconhecida. Divórcio, por motivos triviais e sem importância, era admissível e comum. Os deveres dos maridos para com as suas mulheres e destas para com os seus maridos, em consequência natural, eram pouco compreendidos. Para corrigir esse estado de coisas, nosso Senhor estabeleceu um elevado e santo padrão de princípios acerca do casamento. Ele referiu-se à instituição original do casamento, por ocasião da criação, como a união de um homem com uma mulher. Jesus citou e endossou as solenes palavras usadas no casamento de Adão e Eva, como palavras de perpétua significação: “Por isso, deixará o homem a seu pai e mãe [e unir-se-á à sua mulher], e, com sua mulher, serão os dois uma só carne”. E acrescentou um solene comentário: “Portanto, o que Deus ajuntou não o separe o homem”. Finalmente, em resposta aos seus discípulos, Jesus declarou que o divórcio, seguido por um novo casamento, exceto no caso de infidelidade (Mt 19.9), constitui uma quebra do sétimo mandamento.

A importância da questão, sobre a qual o Senhor proferiu juízo, dificilmente pode ser exagerada. Devemos nos sentir agradecidos pelo fato que possuímos uma tão clara e completa exposição de seu parecer a esse respeito. A relação matrimonial jaz à raiz do sistema social de todas as nações. A moralidade de um povo e a felicidade das famílias que compõem aquele povo estão profundamente envolvidas em toda a questão da lei do matrimônio. A experiência de todas as nações confirma a sabedoria da declaração de nosso Senhor de modo notabilíssimo. É um fato claramente averiguado que a poligamia e a permissão para obter divórcio, com base em razões insignificantes, têm uma tendência direta de promover a imoralidade. Em suma, quanto mais as leis de uma nação, atinentes ao casamento, aproximarem-se da lei de Cristo, tanto mais elevado se mostrará sempre o tom de moralidade daquela nação.

Convém que todos os casados ou os que estão com o propósito de casar-se ponderem bem esse ensino de nosso Senhor Jesus Cristo, nesta passagem. Dentre todas as relações da vida, nenhuma deve ser

considerada com tanta reverência e ser assumida tão cuidadosamente como a relação que há entre o marido e a mulher. Nenhuma outra relação traz tanta felicidade, se nela as pessoas entram de forma pensada e sabiamente e no temor de Deus. Em nenhuma outra relação será visto tanta miséria, se for assumida de forma inadvertida, superficial, desregrada e sem reflexão. De nenhum outro passo na vida resulta tanto benefício para a alma, se as pessoas casam-se “no Senhor”. Nada na vida traz tanto prejuízo à alma, se a fantasia, a paixão ou qualquer outro motivo carnal é a causa da união. Salomão foi o mais sábio dos homens. “Não obstante isso, as mulheres estrangeiras o fizeram cair no pecado” (Ne 13.26).

Infelizmente, há uma inevitável necessidade de inculcar essas verdades às pessoas. É lamentável que poucos passos na vida geralmente são tomados com tanta leviandade, obstinação e negligência para com Deus, como o casamento. Poucos são os jovens casais que pensam em convidar Cristo para a celebração do seu casamento! É um fato entristecedor que os casamentos infelizes, os quais são uma das grandes causas de miséria e de infelicidade, proliferam no mundo inteiro. As pessoas descobrem, muito tarde, que cometeram um engano e vivem amarguradas todos os seus dias. Felizes são os que, nessa questão do matrimônio, observam três regras: a *primeira* consiste em casarem-se as pessoas somente “no Senhor”, após terem orado, pedindo a aprovação e a bênção de Deus; a *segunda* consiste em não esperar demais do outro cônjuge, lembrando que o casamento, afinal de contas, é a união de dois pecadores e não de dois anjos; e a *terceira* regra consiste em esforçarem-se os cônjuges, antes de tudo, em favor da santificação mútua. Quanto mais santificado for um casal, tanto mais felizes sentir-se-ão marido e mulher. “Como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela, para que a *santificasse*” (Ef 5.25,26).

As Criancinhas são Trazidas a Cristo

Leia Marcos 10.13-16

A cena revelada nestes quatro versículos é profundamente interessante. Vemos que pequenas crianças foram trazidas a Cristo, “para que as tocasse”. Porém, os discípulos repreenderam às pessoas que as haviam trazido. Somos informados que, quando viu essa reação dos seus discípulos, Jesus “indignou-se” e repreendeu-os de uma maneira notável. E, finalmente, lemos que Jesus, “tomando-as nos braços e impondo-lhes as mãos, as abençoava”.

Aprendamos, inicialmente, *quanta atenção as almas das crianças deveriam receber da parte da igreja de Cristo*. O grande Cabeça da igreja encontrou tempo suficiente para dar atenção especial às crianças. Embora o seu tempo na terra fosse precioso, e homens e mulheres adultos estivessem perecendo por todos os lados, por falta de conhecimento, Jesus não pensava que meninos e meninas pequenos fossem menos importantes. Havia lugar, em seu poderoso coração, para as crianças. Ele demonstrou, pelo seu gesto e atitude, a sua boa vontade para com elas. E, de modo algum, a igreja deveria esquecer as palavras de Cristo a respeito das crianças: “Dos tais é o reino de Deus”.

Não devemos permitir a suposição que as almas das crianças pequenas podem estar seguras, se deixadas sozinhas. O caráter que elas formarem para a vida dependerá grandemente daquilo que tiverem visto e ouvido durante os seus primeiros sete anos de vida. Nunca as crianças são pequenas demais para aprender o erro e o pecado, nem pequenas demais para receberem impressões espirituais. As crianças pensam, à sua própria maneira infantil, acerca de Deus, de suas próprias almas, do mundo vindouro, muito mais prematuramente e com muito mais profundidade do que a maioria das pessoas parecem ter consciência. Elas se mostram dispostas a corresponder aos apelos daquilo que pensam ser certo e errado, muito mais do que muitas pessoas supõem. Cada criança tem uma consciência. Em sua misericórdia, Deus não se deixou ficar sem um testemunho nos corações delas, ainda que as suas naturezas sejam decaídas e corruptas. Cada criança tem uma alma que viverá para sempre, no céu ou no inferno. Nunca podemos começar cedo demais a esforçar-nos por trazê-las a Cristo.

Essas verdades devem ser diligentemente consideradas por todos os segmentos da igreja de Cristo. É o dever obrigatório de toda congregação evangélica prover o treinamento espiritual de suas crianças. Os meninos e as meninas de cada família deveriam ser ensinados tão logo fossem capazes de aprender; deveriam ser levados à adoração pública tão logo possam comportar-se bem; deveriam ser tratados com afetuoso interesse, como a futura congregação que ocupará os nossos lugares, quando tivermos falecido. Podemos esperar, com toda a confiança, pelas bênçãos de Cristo sobre todas as tentativas que fizermos para o bem das crianças. Nenhuma igreja pode ser reputada como saudável, se estiver negligenciando o bem espiritual das crianças, ao mesmo tempo em que se desculpa, preguiçosamente, de que é inútil, sob a alegação de que “crianças são apenas crianças”. Uma igreja assim, é claro, estaria apenas demonstrando que não possui a mente de Cristo. Uma congregação cujos membros sejam todos pessoas adultas, cujas crianças ficam ociosas em casa ou em atividades inconvenientes, encontra-se em uma condição das mais

insatisfatórias e deploráveis. Os membros de tal congregação talvez orgulhem-se de seus números e da ortodoxia de seus pontos de vista. Talvez contentem-se com veementes declarações de que não podem mudar os corações de seus filhos e que Deus haverá de convertê-los algum dia, se assim o quiser. Entretanto, eles ainda têm de aprender que Cristo os considera negligentes quanto a um solene dever e que os crentes que não se utilizam de todos os meios para conduzirem crianças a Cristo estão cometendo um grave pecado.

O Jovem Rico; O Amor de Cristo Pelos Pecadores; O Perigo em ser Rico

Leia Marcos 10.17-27

O ensino que temos agora à nossa frente foi registrado nada menos que três vezes no Novo Testamento. Mateus, Marcos e Lucas foram inspirados pelo mesmo Espírito a escrever esse incidente. Não há dúvida que houve um sábio propósito nessa tríplice repetição. O seu intuito é mostrar-nos que as lições desta passagem bíblica merecem particular atenção por parte da igreja de Cristo.

Em primeiro lugar, aprendamos *a ignorância pessoal do ser humano*. Lemos aqui “que correu um homem” ao encontro do Senhor e, “ajoelhando-se”, fez a solene pergunta: “Bom Mestre, que farei para herdar a vida eterna?” À primeira vista, havia muita coisa promissora no caso desse homem. Ele demonstrou grande ansiedade acerca das coisas espirituais, enquanto a maioria ao seu redor mostrava-se descuidada e indiferente. Ele demonstrou disposição em reverenciar a nosso Senhor, ao ajoelhar-se diante dEle, enquanto os escribas e fariseus O desprezavam. No entanto, durante todo o tempo, aquele jovem mostrou-se profundamente ignorante quanto à iniquidade de seu próprio coração. Ele ouviu nosso Senhor recitar aqueles mandamentos que revelam os nossos deveres para com o próximo e imediatamente retrucou: “Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude”. A natureza perscrutadora da lei moral e a sua aplicação aos nossos pensamentos, palavras e ações, não eram questões familiares àquele homem.

Infelizmente, a cegueira espiritual revelada aqui é muito comum. Inúmeras pessoas que se dizem cristãs, em nossos dias, não fazem idéia alguma de sua própria pecaminosidade e culpa, aos olhos de Deus. Eles lisonjeiam-se, imaginando que nunca praticaram qualquer coisa muito iníqua. Eles nunca assassinaram alguém, furtaram, cometeram adultério ou deram falso testemunho. Por certo, segundo pensam, não correm

muito perigo de perder o céu. Eles se esquecem da natureza santa do Deus com quem têm de tratar. Esquecem-se de quão freqüentemente desobedecem às leis de Deus, em seu gênio e em seu pensamento, mesmo quando a sua conduta externa está correta. Eles nunca examinam porções das Escrituras como o quinto capítulo de Mateus, ou, então, lêem-nas com um espesso véu sobre os seus corações e não as aplicam a si mesmos. O resultado é que são envoltos com a autojustiça. Como a igreja de Laodicéia, tais pessoas sentem-se como quem diz: “Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma” (Ap 3.17). Satisfeitas consigo mesmas elas vivem e, nesse mesmo estado, com grande freqüência morrem.

Tomemos cuidado com esse estado mental. Enquanto estivermos pensando que somos capazes de guardar os mandamentos de Deus, Cristo em nada nos ajudará. Oremos por autoconhecimento. Roguemos que o Espírito Santo nos convença de pecado, que nos revele os nossos próprios corações, que nos mostre a total santidade de Deus e, conseqüentemente, a necessidade que temos de Cristo. Bem-aventurado é aquele que já aprendeu, por experiência, o significado das palavras de Paulo: “Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri” (Rm 7.9). A ignorância a respeito da lei e a ignorância acerca do evangelho, em geral, encontram-se juntas. Aquele cujos olhos foram realmente abertos para a espiritualidade dos mandamentos não descansará enquanto não tiver encontrado a Cristo.

Em segundo lugar, aprendamos acerca *do amor de Cristo para com os pecadores*. Essa é uma verdade ressaltada pela expressão de Marcos, quando, em seu relato sobre o jovem rico, declarou: “Jesus, fitando-o, o amou”. Aquele amor, sem dúvida, foi marcado por piedade e compaixão. Nosso Senhor contemplou com piedade aquela estranha mistura de seriedade com ignorância, exibida por aquele homem. Jesus viu com compaixão uma alma que se debatia em toda a sua debilidade e fraqueza, resultantes da Queda — a consciência perturbada e sensível, que desejava alívio, o entendimento mergulhado em trevas e cego quanto aos princípios elementares da religião espiritual. Da mesma maneira que olhamos com pesar para uma nobre ruína arquitetônica, desprovida de teto, despedaçada e imprópria para o uso humano, mas ao mesmo tempo apresentando marcas da habilidade com a qual foi inicialmente projetada e edificada, assim também Jesus olhou para a alma daquele homem com terno interesse.

Nunca devemos esquecer que Jesus sente compaixão e amor pelas almas dos ímpios. Sem controvérsia, Ele sente um afeto peculiar pelos que ouvem a sua voz e O seguem. Esses são as suas ovelhas, dadas pelo Pai e assistidas com especial cuidado. São a sua noiva, unida a Ele por meio de uma aliança eterna, e querida, como parte dEle mesmo.

Entretanto, o coração de Jesus é um coração muito grande. Jesus tem abundância de compaixão, piedade e terno interesse, até mesmo por aqueles que estão seguindo o pecado e o mundo. Aquele que chorou sobre a incrédula Jerusalém ainda é o mesmo, até hoje. Ele abraçaria os ignorantes, os justos aos seus próprios olhos, os que não têm fé e os que são impenitentes, se ao menos eles quisessem ser acolhidos (Mt 23.37). Podemos dizer ousadamente aos piores pecadores que Cristo, em verdade, os ama. A salvação está à disposição dos piores dentre os homens, se tão-somente eles vierem a Cristo. Se os homens estão perdidos, isso não acontece porque Jesus não os ama ou porque não esteja disposto a salvá-los. As suas próprias e solenes palavras desvendam o mistério: "Os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más"; "Contudo, não quereis vir a mim para terdes vida" (Jo 3.19; 5.40).

Em último lugar, compete-nos aprender, deste texto bíblico, *o imenso perigo causado pelo amor ao dinheiro*. Essa é uma lição salientada duas vezes. Inicialmente, ela é apresentada na conduta desse homem. A despeito de todo o desejo que confessou, de receber a vida eterna, ele amava mais o dinheiro do que à sua própria alma. "Ele, porém, contrariado com esta palavra, retirou-se triste." Depois, esse ensino transparece nas solenes palavras de nosso Senhor aos seus discípulos: "Filhos, quão difícil é [para os que confiam nas riquezas] entrar no reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um rico no reino de Deus". Somente o último dia será capaz de provar o quanto essas palavras são verdadeiras.

Vigiem contra o amor ao dinheiro. O amor ao dinheiro é uma armadilha tanto para o pobre como para o rico. Não é tanto o ter dinheiro que arruína a alma, e, sim, o confiar no dinheiro. Oremos por contentamento para com as coisas que possuímos. A sabedoria mais elevada consiste em termos a mentalidade de Paulo: "Aprendi a viver contente em toda e qualquer situação" (Fp 4.11).

Encorajamento Para Deixar Tudo por Amor a Cristo; O Conhecimento que Cristo Tinha de Seus Sofrimentos

Leia Marcos 10.28-34

A primeira coisa que nos chama a atenção, nestes versículos, é *a gloriosa promessa que eles encerram*. O Senhor Jesus declarou aos seus apóstolos: "Em verdade vos digo que ninguém há que tenha deixado

casa, ou irmãos, ou irmãs, ou mãe, ou pai, ou filhos, ou campos, por amor de mim e por amor do evangelho, que não receba, já no presente, o cêntuplo de casas, irmãos, irmãs, mães, filhos e campos, com perseguições; e, no mundo por vir, a vida eterna".

Na Palavra de Deus existem poucas promessas mais amplas do que essa. Certamente, em todo o Novo Testamento, não há outra promessa que contenha tão notável encorajamento para a vida presente. Todos aqueles que se sentem temerosos e desanimados, no serviço de Cristo, considerem-na atentamente. Todos aqueles que estão enfrentando dificuldades e tribulações, por amor a Cristo, estudem-na cuidadosamente e extraiam dela conforto.

A todos os que se sacrificam a favor do evangelho Jesus prometeu, "*já no presente, o cêntuplo*". Eles não receberão somente o perdão e a glória no mundo vindouro, mas até mesmo neste mundo, receberão esperanças e alegria, além de palpáveis confortos, suficientes para compensar tudo quanto perderam. Na comunhão dos santos, eles encontrarão novos amigos, novos relacionamentos, novos companheiros, mais amorosos, mais fiéis e mais valiosos do que quaisquer que tinham antes de sua conversão. A introdução deles na família de Deus será uma abundante recompensa por haverem sido excluídos da sociedade deste mundo. Para muitos, isso pode soar como algo espantoso e incrível. Porém, milhares têm descoberto por experiência pessoal que isso é verdadeiro.

A todos aqueles que se sacrificam a favor do evangelho, Jesus prometeu, "*no mundo por vir, a vida eterna*". Assim que eles se desfizerem de seu tabernáculo terrestre, serão introduzidos em uma existência gloriosa; e, na manhã da ressurreição, receberão honra e alegria tais que ultrapassam todo o entendimento humano. As leves aflições, por alguns anos, redundarão em uma eterna recompensa. As suas lutas e tristezas, enquanto estiveram no corpo, serão trocadas por um descanso perfeito e pela coroa dos vitoriosos. Eles habitarão em um mundo onde não haverá morte, pecado, demônios, temores, choro, ou separação, porquanto as primeiras coisas terão passado. Deus o disse; e assim será.

Onde está o santo que ousaria dizer, em face dessas gloriosas promessas, que não há encorajamento algum para servirmos a Cristo? Onde está o homem, ou a mulher, cujas mãos estejam começando a descair e cujos joelhos começam a enfraquecer, na carreira cristã? Que todos ponderem essa passagem e se revistam de coragem renovada. O tempo é curto. O fim é certo. A dificuldade pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã; esperemos pacientemente no Senhor (Sl 30.5; 43.5).

A segunda coisa que exige a nossa atenção é *a solene advertência*

que estes versículos contêm. O Senhor Jesus percebeu a presunção secreta de seus apóstolos. Ele lhes deu um aviso oportuno, a fim de reprimir os seus altivos pensamentos: "Porém, muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros".

Quão verazes mostram-se essas palavras, quando aplicadas aos doze apóstolos! Entre os ouvintes de nosso Senhor, houve um homem que em certo tempo parecia ser um dos mais importantes dentre os doze. Ele aparentava ser mais cauteloso e digno de confiança que qualquer outro. Carregava a bolsa e guardava o que nela era posto. Entretanto, ele caiu e teve um triste fim. O seu nome era Judas Iscariotes. E não estava entre os ouvintes de nosso Senhor, naquele dia, um homem que, posteriormente, fez mais por Cristo do que qualquer dos doze. No tempo em que o Senhor pregava, ele era um jovem fariseu, criado aos pés de Gamaliel e zeloso pela lei. Entretanto, aquele jovem finalmente foi convertido à fé em Cristo; ele não ficou atrás dos principais apóstolos e trabalhou muito mais do que todos eles. O seu nome era Saulo. Com toda a razão, o Senhor Jesus asseverou: "Muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros".

Quão verazes mostram-se essas palavras, quando as aplicamos à história das igrejas cristãs! Houve um tempo em que a Ásia Menor, a Grécia e o nordeste da África eram cheios de igrejas que se professavam cristãs, enquanto a Inglaterra e a América eram terras pagãs. Dezesete séculos operaram uma grande mudança. As igrejas da África e da Ásia Menor caíram em total decadência. As igrejas da Inglaterra e da América estão labutando para propagar o evangelho ao redor do mundo. Com razão disse o Senhor Jesus: "Muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros".

Quão verdadeiras parecem ser essas palavras para os crentes, quando eles consideram o passado de suas próprias vidas e relembram tudo quanto tem acontecido, desde a época de sua conversão! Quantos outros começaram a servir a Cristo, ao mesmo tempo em que eles, e pareciam estar correndo bem, por algum tempo! Porém, onde estão esses outros agora. O mundo conseguiu conquistar a um deles. As falsas doutrinas enganaram a outro. Um casamento mal feito arruinou um terceiro deles. Poucos, realmente, são os crentes que não se recordam de muitos casos similares. Poucos têm deixado de descobrir, através da mais triste experiência, que os últimos, com freqüência, são os primeiros e que os primeiros são os últimos.

Aprendamos a orar por humildade, quando lermos textos bíblicos como esses. Não basta começar bem. É necessário que perseveremos e prossigamos na prática do bem. Não podemos nos contentar com as belas florescências que resultam de algumas convicções religiosas, de

algumas alegrias e tristezas, e de algumas esperanças e temores. Precisamos produzir o bom fruto dos costumeiros hábitos do arrependimento, da fé e da santidade. Bem-aventurado é aquele que, tendo iniciado a sua jornada no caminho estreito, calcula o custo e toma a firme resolução de, pela graça de Deus, jamais desviar-se do caminho.

A última coisa que requer a nossa atenção, nestes versículos, é o conhecimento claro e prévio de nosso Senhor a respeito dos seus próprios sofrimentos e da sua morte. Calma e deliberadamente, Jesus falou aos seus discípulos acerca de sua paixão vindoura, em Jerusalém. Uma após outra, Jesus descreveu todas as principais circunstâncias que envolveriam a sua morte. Coisa alguma lhes foi ocultada. Coisa alguma foi deixada para trás.

Notemos bem que nada houve de involuntário ou de imprevisto na morte de nosso Senhor. Ela resultou de sua própria, livre, resoluta e deliberada escolha. Desde o começo de seu ministério na terra, Ele via a cruz diante de Si e foi a ela como um sofredor voluntário. Ele sabia que a sua morte era o pagamento requerido, a fim de que fosse feita a reconciliação entre Deus e os homens. O pagamento que Ele contratara, e com o qual se comprometera, consistia no derramamento de seu próprio sangue. Assim, quando o tempo determinado chegou, como um fiel cumpridor da palavra empenhada, Jesus realizou o que havia decidido fazer e morreu por nossos pecados, no Calvário.

Nunca devemos cessar de louvar a Deus por causa do evangelho, o qual nos expõe um tão maravilhoso Salvador — um Salvador tão fiel aos termos da aliança, tão pronto a sofrer em nosso lugar e a ser considerado como pecado e maldição, em nosso lugar. Jamais duvidemos que Aquele que cumpriu o seu compromisso de sofrer, também cumprirá o seu compromisso de salvar todos aqueles que vierem a Ele. Não somente O recebamos alegremente, como nosso Redentor e Advogado, mas também ofereçamos, com gozo, tudo o que somos e o que temos para o seu serviço. Por certo, se Jesus morreu de bom grado em nosso lugar, então é coisa insignificante solicitar aos crentes que vivam para Ele.

A Ignorância dos Filhos de Zebedeu; A Humildade e a Devoção Ensinadas pelo Exemplo de Cristo

Leia Marcos 10.35-45

Observemos, nesta passagem, a ignorância dos discípulos de nosso Senhor. Encontramos aqui Tiago e João solicitando os primeiros lugares

no reino da glória. Encontramo-los a declarar, confiadamente, a sua capacidade de sorver o cálice de seu Senhor e de receberem o mesmo batismo de seu Senhor. Apesar de todas as claras advertências de nosso Salvador, eles apegaram-se obstinadamente à crença de que o reino de Cristo, na terra, haveria de aparecer imediatamente. Não obstante as suas muitas falhas no serviço cristão, eles não tinham preocupação alguma quanto à sua capacidade de suportar qualquer coisa que lhes sobreviesse. Apesar de toda a sua fé, graça e amor para com Jesus, eles não conheciam os seus próprios corações, nem a natureza do caminho diante deles. Eles ainda sonhavam com coroas temporais e com recompensas terrenas. Ainda não sabiam que tipo de homens eles eram.

Existem poucos crentes autênticos que não se assemelham a Tiago e João, quando iniciam seu serviço para Cristo. Inclino-nos a esperar, no presente, muito mais aprazimento, em nossa religião, do que o evangelho nos promete. Somos inclinados a esquecer a cruz e as tribulações e a pensar exclusivamente na coroa. Formamos uma estimativa incorreta de nossa própria paciência e capacidade de resistência. Julgamos de maneira errada a nossa própria capacidade de resistir às provas e às tentações. O resultado de tudo isso é que, com frequência, precisamos adquirir sabedoria pagando caro, mediante experiências amargas, após muitos desapontamentos e não poucas quedas.

Que o caso à nossa frente nos ensine a importância de um julgamento sólido e tranqüilo quanto à nossa religiosidade. Como Tiago e João, estamos corretos em almejar os melhores dons e em contarmos a Cristo todos os nossos desejos. À semelhança deles, mostramo-nos certos em crer que Jesus é o Rei dos reis, o qual, um dia, reinará neste mundo. Porém, não devemos esquecer, como eles esqueceram, que há uma cruz a ser carregada por todo crente e que "através de muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus" (At 14.22). Não confiemos, como eles confiaram, exageradamente em nossas próprias forças; prossigamos em confessar que não podemos fazer coisa alguma que Cristo requer. Resumindo, acautelemo-nos do espírito jactancioso, ao iniciarmos a carreira cristã. Se nos lembrarmos disso, poderemos nos poupar de muitas quedas humilhantes.

Observemos também, nesta passagem, *quão grandes elogios nosso Senhor deu à humildade e à preocupação com o bem do próximo*. Os outros apóstolos ficaram muito insatisfeitos com a atitude de Tiago e João, por causa da petição que fizeram ao seu Senhor. A ambição e o amor à proeminência, foram novamente estimulados ante a idéia de alguém ser colocado acima deles. Ora, nosso Senhor percebeu esses sentimentos e, como um médico sábio, imediatamente passou a aplicar a medicação corretiva. Ele lhes ensinou que as idéias que tinham acerca

da grandeza pessoal estavam edificadas sobre o fundamento errado. Ele reiterou, com forte ênfase, a lição que já havia sido ministrada no capítulo anterior: "Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos". E apoiou tudo isso com o avassalador argumento de seu próprio exemplo: "Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir".

Que todos aqueles que desejam agradar a Cristo vigiem e orem contra o amor-próprio. Esse é um sentimento profundamente arraigado em nossos corações. Milhares têm-se separado do mundo, tomado a sua cruz, professado abandonar a sua própria justiça e crido em Cristo; no entanto, têm se sentido irritados e aborrecidos quando é dada a algum irmão na fé mais honra do que a eles. Essas coisas não devem acontecer. Devemos frequentemente ponderar as palavras de Paulo: "Nada façais por partidarismo ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo" (Fp 2.3). Bem-aventurado é o homem que, com sinceridade, pode regozijar-se quando outro é exaltado, embora ele mesmo seja esquecido e posto de lado!

Acima de tudo, que todos aqueles que desejam andar nos passos de Cristo esforcem-se por ser úteis aos seus semelhantes. Que esses devotem-se à prática do bem, em seus dias e em sua geração. Sempre haverá um vasto campo para se fazer o bem, se houver vontade e inclinação. Que eles jamais esqueçam que a verdadeira grandeza não consiste em ser um almirante, um general, um estadista ou um artista. Pelo contrário, a grandeza pessoal consiste em nos devotarmos de corpo, alma e espírito, ao bendito trabalho de tornar os nossos semelhantes mais santos e mais felizes. Aqueles que se esforcem, por meio do uso das Sagradas Escrituras, para diminuir a tristeza e aumentar a alegria de todos que estão ao seu redor — esses é que são verdadeiramente grandes aos olhos de Deus. Enquanto eles vivem, são caçados, zombados e ridicularizados e, por muitas vezes, perseguidos. Entretanto, o memorial deles está nas alturas. Os seus nomes estão inscritos no céu. O louvor deles perdurará para sempre. Lembremo-nos dessas coisas e, enquanto tivermos tempo, façamos o bem a todos os homens e sejamos servos de todos, por amor a Cristo. Esforcemo-nos por deixar o mundo melhor, mais santo, mais feliz do que era quando nascemos. Uma vida gasta dessa maneira verdadeiramente se assemelha à de Cristo e traz o seu próprio galardão.

Por último, notemos, nesta passagem, *a linguagem que nosso Senhor empregou ao referir-se à sua própria morte expiatória*. Ele disse: "Pois o próprio Filho do homem... veio... para servir e dar a sua vida em resgate por muitos".

Essa é uma das declarações que deveriam ser cuidadosamente

entesouradas nas mentes de todos os verdadeiros crentes. Esse é um dos textos bíblicos que provam, de forma inegável, o caráter expiatório da morte do Senhor Jesus Cristo. Aquela não foi uma morte qualquer, como a de um mártir ou a de um homem santo. A morte de Cristo foi o pagamento das dívidas dos homens pecaminosos a um Deus todo-santo, feito publicamente por um todo-poderoso Representante. Ele foi o resgate que o divino Fiador proveu, a fim de conseguir liberdade para os pecadores amarrados e presos pelas cadeias de seus delitos e transgressões. Mediante a sua morte, Jesus fez uma completa e plena satisfação pelas incontáveis transgressões de todos os homens. Ele levou os nossos pecados em seu próprio corpo, sobre o madeiro. O Senhor colocou sobre Ele a iniquidade de nós todos. Quando Ele morreu, morreu por nós. Quando sofreu, sofreu em nosso lugar. Quando foi pendurado na cruz, Ele o foi como nosso Substituto. Quando o seu sangue foi derramado, foi como preço pelas nossas almas.

Que todos os que crêem em Cristo consolem-se no pensamento de que estão edificando sobre um alicerce seguro. É verdade que somos pecadores, mas Cristo levou sobre Si os nossos pecados. É verdade, que somos pobres devedores, mas Cristo pagou todos os nossos débitos. É verdade que merecemos tão somente ser encerrados, para sempre, na prisão do inferno; porém, graças sejam dadas a Deus, pois Cristo pagou um total e completo resgate por nós. A porta está amplamente aberta. Os prisioneiros podem sair, livres. Que todos nós conheçamos esse privilégio, mediante uma experiência de todo o coração e andemos na bendita liberdade dos filhos de Deus.

A Cura do Cego Bartimeu

Leia Marcos 10.46-52

Enquanto lemos esta narrativa de um dos milagres de nosso Senhor, vejamos nela um vívido símbolo das coisas espirituais. Não estamos estudando algum relato que nos interesse menos que os feitos de César ou de Alexandre. Temos diante de nós um quadro que deveria ser profundamente interessante para a alma de todos os crentes.

Em primeiro lugar, encontramos aqui *um exemplo de fé robusta*. Somos informados que, quando Jesus estava saindo de Jericó, “Bartimeu, cego mendigo, filho de Timeu, estava assentado à beira do caminho. E, ouvindo que era Jesus, o Nazareno, pôs-se a clamar: Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!”

Bartimeu era fisicamente cego, mas não o era em sua alma. Os

olhos do seu entendimento estavam bem abertos. Ele via coisas que Anás e Caifás, como também inúmeros escribas eruditos e fariseus, jamais viram. Ele compreendeu que Jesus de Nazaré, conforme nosso Senhor era desdenhosamente chamado — Jesus, que havia vivido por trinta anos em uma obscura aldeia da Galiléia — aquele mesmo Jesus era o Filho de Davi, o Messias, a respeito de Quem os profetas há muito haviam profetizado. Bartimeu não tinha presenciado nenhum dos poderosos milagres de nosso Senhor. Ele nunca tivera a oportunidade de ver pessoas mortas sendo ressuscitadas, mediante uma palavra proferida por Cristo, ou de ver os leprosos serem curados por meio de um toque. Desses privilégios todos, a cegueira o privava totalmente. Porém, ele ouvira as notícias acerca das poderosas obras de nosso Senhor. E, tendo-as ouvido, ele creu. Ele satisfez-se com o mero rumor de que Aquele, sobre quem coisas tão admiráveis eram contadas, tinha de ser o Salvador prometido, o qual também seria capaz de curá-lo. Dessa maneira, quando nosso Senhor se aproximava, Bartimeu começou a clamar: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!”

Esforcemo-nos e oremos para que tenhamos uma fé tão preciosa como a de Bartimeu. Também a nós não é permitido contemplar a Jesus Cristo com os nossos olhos físicos. Entretanto, no evangelho dispomos do relato de seu poder, graça e disposição para salvar os homens. Nós temos grandes e extraordinárias promessas proferidas pelos próprios lábios de Jesus, registradas para o nosso encorajamento. Confiemos nessas promessas de modo inquestionável e entreguemos as nossas almas a Cristo, sem hesitação. Não tenhamos receio de repousar toda a nossa confiança nas graciosas palavras de Jesus, crendo que o que Ele se comprometeu a fazer pelos pecadores, certamente Ele fará. Qual é o começo de toda a fé salvadora, senão a aventura de uma alma aflita que se atira nos braços de Cristo? No que consiste a vida da fé que salva, uma vez que ela se inicie, senão na contínua dependência à palavra do Salvador, embora não possamos vê-lo? Qual é o primeiro passo dado por um crente, senão um clamor como o de Bartimeu: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!”? No que consiste a carreira diária de um crente, senão em manter esse mesmo espírito de fé? “A quem, não havendo visto, amais; no qual, não vendo agora, mas crendo, exultais com alegria indizível e cheia de glória” (1 Pe 1.8).

Em segundo lugar, encontramos *um ótimo exemplo de resoluta perseverança diante das dificuldades*. Somos informados que, quando Bartimeu começou a clamar: “Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!”, houve pouco encorajamento daqueles que estavam perto dele. Pelo contrário, “muitos o repreendiam, para que se calasse”. Contudo, ele não se calaria. Se outros desconheciam a miséria da cegueira, ele

a conhecia perfeitamente bem. Se outros pensavam que não valia a pena fazer tamanho esforço a fim de obter alívio, ele, de qualquer maneira, sabia que valia. Ele em nada se incomodou com as reprovações dos insensíveis circunstantes. Bartimeu não ligou para o ridículo que a sua importunação, mui provavelmente, lhe traria. Antes, "ele cada vez gritava mais". E, clamando desta forma, obteve o que seu coração desejava e recebeu de volta a visão.

Que todos nós, que queremos ser salvos, notemos bem qual a conduta de Bartimeu e andemos, resolutamente, nas suas pisadas. A exemplo dele, não devemos nos importar com coisa alguma que outras pessoas pensem ou digam de nós, quando estivermos à procura de cura para as nossas almas. Nunca haverá falta de pessoas que insistam conosco: "ainda é cedo demais" ou "é tarde demais"; ou então que estamos "indo longe demais" ou que estamos "indo depressa demais"; porquanto, na opinião delas, não precisamos orar tanto, ler tanto as nossas Bíblias ou ficarmos preocupados acerca da nossa salvação. Não podemos dar ouvidos a tais pessoas. Como Bartimeu, temos de clamar ainda mais: "Jesus, Filho de Davi, tem compaixão de mim!"

Por qual razão os homens mostram-se tão indiferentes em buscar a Cristo? Por que tão cedo são impedidos e desencorajados de se aproximarem mais de Deus? A resposta é breve e simples. Eles não sentem, de maneira suficiente, os seus próprios pecados. Ainda não estão plenamente convencidos da praga que há em seus próprios corações e da enfermidade de sua própria alma. Porém, uma vez que um homem veja a sua própria culpa, conforme ela realmente é, ele não descansará até que tenha encontrado perdão e paz em Cristo. Esses são os que, como Bartimeu, conhecem a sua própria condição deplorável, os quais, como Bartimeu, perseveraram e, finalmente, são curados.

Em último lugar, encontramos, nestes versículos, *um exemplo da influência constrangedora que a gratidão a Cristo deve exercer sobre as nossas almas*. Bartimeu não retornou de imediato à sua casa, assim que teve a sua visão restaurada. Ele não queria separar-se daquele que lhe concedera tanta misericórdia. Imediatamente ele dedicou ao Filho de Davi, que havia operado o milagre, os novos poderes que lhe foram proporcionados. A sua história encerra-se com essa comovente expressão: "E seguia a Jesus estrada fora".

Percebamos nessas palavras simples uma vívida figura do efeito que a graça de Cristo deve ter sobre todo aquele que a experimenta. Ela deve fazer dele um seguidor de Cristo, nesta vida, atraindo-o, de forma poderosa, ao caminho da santidade. Gratuitamente perdoado, ele deve consagrar-se, livre e voluntariamente, ao serviço de Cristo. Comprado por tão elevado preço, o sangue de Cristo, ele deve dedicar-se,

de todo o coração e completamente, Àquele que o redimiui. A graça, quando é verdadeiramente experimentada, leva um homem a pensar diariamente: "Que darei ao Senhor por todos os seus benefícios para comigo?" (Sl 116.12). Assim aconteceu ao apóstolo Paulo. Ele disse: "Pois o amor de Cristo nos constrange, julgando nós isto: um morreu por todos, logo todos morreram" (2 Co 5.14). Assim sucederá, no presente, a todos os verdadeiros crentes. O homem que se jacta de ter interesse em Cristo, ao mesmo tempo em que não o segue em sua vida, está miseravelmente equivocado e arruína a sua própria alma. "Pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus [e somente eles] são filhos de Deus" (Rm 8.14).

Já foram os nossos olhos abertos pelo Espírito de Deus? Já fomos nós ensinados a ver o pecado, Cristo, a santificação e o céu, de conformidade com a sua verdadeira luz? Podemos dizer: "Uma cousa sei: Eu era cego e agora vejo" (Jo 9.25)? Se assim é, conheceremos, por experiência, aquelas realidades acerca das quais temos lido. Mas, se não, ainda estamos no caminho largo que conduz à perdição e temos de aprender tudo.

A Entrada de Jesus em Jerusalém; Sua Pobreza Voluntária

Leia Marcos 11.1-11

O acontecimento descrito nestes versículos formam uma singular exceção na narrativa do ministério que nosso Senhor efetuou na terra. Em geral, vemos o Senhor Jesus retirando-se para evitar o reconhecimento público, freqüentemente passando os seus dias nas remotas partes da Galiléia e, com freqüência, permanecendo em lugares ermos. Dessa forma Ele cumpria a profecia que dizia: "Não clamará, nem gritará, nem fará ouvir a sua voz na praça" (Is 42.2). Aqui, e somente aqui, nosso Senhor parece deixar de lado essa sua característica particular e, por sua própria escolha, atrai a atenção do público para si mesmo. Por sua própria determinação, Ele entra publicamente em Jerusalém, à frente de seus discípulos. Jesus dirigiu-se voluntariamente à cidade santa, sob o clamor "Hosana!" Ele estava rodeado por uma numerosa multidão a exemplo de Davi, quando este retornou triunfalmente a Gilgal (2 Sm 19.40). Tudo isso ocorreu quando milhares de judeus tinham se reunido em Jerusalém, vindos de vários lugares, a fim de celebrarem a páscoa.

Com razão, podemos acreditar que a cidade santa agitou-se com

a notícia da chegada de nosso Senhor. É provável que não houve uma única residência, em Jerusalém, onde a entrada do profeta de Nazaré não foi conhecida e comentada naquela noite.

Essas coisas devem ser sempre lembradas, ao lermos esse relato da vida de nosso Senhor. Não foi em vão que a chegada de Jesus, à cidade de Jerusalém, foi escrita quatro vezes, no Novo Testamento. É evidente que essa é uma cena do ministério terreno de Cristo que os crentes estão na obrigação de estudar atenciosamente. Estudemo-la, portanto, e vejamos quantas lições práticas podemos extrair desta passagem, para o bem de nossas almas.

Observemos, antes de qualquer coisa, *quão público nosso Senhor, de propósito, tornou um dos últimos atos de sua vida*. O Senhor Jesus chegara em Jerusalém a fim de dar a sua vida e queria que toda Jerusalém tomasse conhecimento disso. Quando Jesus ensinava as coisas mais profundas do Espírito, com frequência a ninguém mais as ensinava, senão aos seus doze apóstolos. Quando Ele narrava as suas parábolas, por muitas vezes dirigiu-se somente a pobres e ignorantes galileus. Ao realizar os seus milagres, Jesus geralmente o fazia na cidade de Cafarnaum ou então nos territórios de Zebulom e de Naftali. Entretanto, chegando o tempo em que Ele deveria morrer, fez uma entrada pública em Jerusalém. Ele atraiu para Si a atenção de governantes, sacerdotes, anciãos, escribas, tanto gregos quanto romanos. Ele sabia que o mais maravilhoso evento que jamais ocorrera no mundo estava prestes a acontecer. O eterno Filho de Deus estava às vésperas de sofrer em lugar de homens pecadores; o grande sacrifício pelos pecados estava para ser oferecido; o grande Cordeiro pascal estava para ser imolado; o grande ato expiatório pelos pecados do mundo estava para ser realizado. Por conseguinte, Ele cuidou para que a sua morte fosse, eminentemente, uma morte pública. Jesus determinou tudo de tal maneira que os olhos de todos em Jerusalém se fixaram sobre Ele. Assim, Ele morreu na presença de muitas testemunhas.

Percebamos aqui mais uma prova da indizível importância da morte de Jesus Cristo. Entesouremos no coração as graciosas declarações do Senhor. Esforcemo-nos por caminhar nas mesmas passadas de sua vida santa. Valorizemos a sua intercessão em nosso favor. Anelemos por sua segunda vinda. Contudo, jamais nos esqueçamos do fato coroador de tudo quanto sabemos a respeito de Jesus Cristo — a sua morte na cruz. De sua morte procedem todas as nossas esperanças. Sem ela, não estaríamos em segurança. Valorizemos, pois, aquela morte, mais e mais, a cada ano que vivemos; e, em todos os nossos pensamentos acerca de Cristo, regozijemo-nos, acima de tudo, no grandioso fato que Ele morreu por nós!

Em segundo lugar, observemos, neste texto bíblico, *a pobreza voluntária à qual nosso Senhor submeteu-se quando esteve na terra*. Como foi que o Senhor entrou em Jerusalém, naquela marcante ocasião? Chegou Ele em uma carruagem real, cercado de cavalos, de soldados e de um cortejo real, à semelhança dos monarcas deste mundo? A Bíblia não nos fala qualquer dessas coisas. Pelo contrário, lemos que Ele tomou emprestado um jumentinho para, naquela ocasião, assentar-se sobre vestes de seus próprios discípulos, por faltar-Lhe uma sela. Isso estava em perfeita consonância com o teor do seu ministério. Jesus nunca teve qualquer riqueza neste mundo. Quando Ele atravessou o lago da Galiléia, fê-lo em uma embarcação tomada por empréstimo. Ao dirigir-se à cidade santa, fê-lo em um animal que não era seu. E, ao ser sepultado, colocaram-no em um túmulo que pertencia a outro homem.

Nesse simples fato, encontramos mais uma instância daquela admirável mescla de poder e de fraqueza, de riqueza e de pobreza, de deidade e de humanidade, que, com tão grande frequência, pode ser detectada na história de nosso bendito Senhor. Quem, dentre os leitores atenciosos dos evangelhos, poderia deixar de notar que Aquele, que algumas vezes, experimentou fome, era capaz de alimentar milhares de pessoas com apenas alguns pães; que, algumas vezes, sentiu-se exausto Aquele mesmo que podia curar os doentes e enfermos; que Aquele que expelia demônios, foi Ele mesmo tentado, algumas vezes; e que Aquele que era poderoso para ressuscitar aos próprios mortos, haveria de submeter-se, Ele mesmo, à morte? Vemos exatamente a mesma coisa na passagem que estamos considerando. Vemos o poder de nosso Senhor no fato que Ele moveu as vontades de uma vasta multidão, para conduzi-lo a Jerusalém, em triunfo. Também percebemos a pobreza de nosso Senhor no fato que tomou um jumentinho emprestado, para transportá-lo em sua entrada triunfal. Tudo isso é notável; porém, é apropriado. É justo e correto nunca esquecermos essa união das naturezas divina e humana na pessoa de nosso Senhor. Se pudéssemos ver apenas os seus atos divinos, talvez esquecêssemos que Ele era um homem; se olharmos somente para os momentos em que Ele experimentou a pobreza e a debilidade, talvez esquecêssemos que Ele era Deus. O propósito de Deus é que vejamos em Jesus o poder divino e a fraqueza humana, unidos em uma única pessoa. Não somos capazes de explicar esse mistério, mas podemos consolar-nos com o pensamento: Este é o nosso Salvador, este é o nosso Cristo, Alguém capaz de simpatizar conosco, por ser homem, mas também Alguém todo-poderoso para salvar, porquanto é Deus.

Finalmente, percebamos no simples fato que nosso Senhor entrou em Jerusalém montado em um jumentinho, que tomara emprestado, uma

prova de que a pobreza, por si mesma, não é pecado. As causas que ocasionam tanta pobreza à nossa volta, sem dúvida, são causas pecaminosas. O alcoolismo, a extravagância, o desperdício, a desonestidade e a preguiça que produzem tanta ruína no mundo são inquestionavelmente errados aos olhos de Deus. Entretanto, ter alguém nascido como um homem pobre, ou nada haver ele herdado de seus pais, ter de trabalhar com as próprias mãos pelo seu pão diário, não possuir nenhuma faixa de terra que lhe pertença — nada disso é pecaminoso. O mais honesto homem pobre é tão honrável, aos olhos de Deus, como o mais rico dos reis. O Senhor Jesus Cristo foi pobre. Ele não tinha nem ouro, nem prata. Com grande frequência, nem tinha onde reclinar a cabeça. Embora fosse rico, contudo, por amor a nós, tornou-se pobre. Ser alguém parecido com Cristo, quanto às condições financeiras, não pode ser algo errado. Cumpramos, pois, os nossos deveres, naquela condição da vida dentro da qual Deus nos chamou, e, se Ele achar por bem manter-nos na pobreza, jamais nos envergonhemos. O Salvador dos pecadores cuida de nós, tanto quanto de outros. O Salvador dos pecadores sabe muito bem o que significa ser pobre.

A Humanidade de Cristo; A Figueira Amaldiçoada; A Purificação do Templo

Leia Marcos 11.12-21

No começo desta passagem de Marcos, percebamos *uma das muitas provas de que nosso Senhor Jesus Cristo era verdadeiramente homem*. Lemos que Ele “teve fome”. Jesus possuía uma natureza e uma constituição física igual à nossa, em todos os aspectos, excetuando apenas o pecado. Jesus chorava, regozijava-se e sofria dor. Ele se cansava e precisava repousar. Ficava com sede e precisava ingerir líquidos. Também sentia fome e precisava alimentar-se.

Expressões como essas deveriam ensinar-nos a grande condescendência de Jesus. Quão admiráveis são essas expressões, quando refletimos sobre elas! Aquele que é o Deus eterno, Aquele que criou o mundo e tudo que nele há, Aquele de cujas mãos saíram os frutos da terra, os peixes do mar, as aves do firmamento e as feras do campo — sim, Ele permitiu-se padecer fome, quando veio a este mundo, a fim de salvar os pecadores. Isso é um grande mistério. Bondade e amor desse tipo ultrapassam o entendimento humano. Não admira, pois, que o apóstolo Paulo tenha se referido às “insondáveis riquezas de Cristo” (Ef 3.8).

Declarações como essa deveriam nos ensinar a capacidade que Cristo tem de simpatizar com o seu povo. Ele conhece, por experiência própria, as tristezas pelas quais eles passam. Ele pode sentir-se comovido diante das debilidades do crente. Jesus passou pela experiência de viver em um corpo e de sentir as necessidades diárias desse corpo. Ele mesmo passou pelos severos sofrimentos a que o corpo humano está sujeito. Ele provou a dor, a debilidade, a exaustão, a fome e a sede. Quando nós Lhe falamos sobre essas coisas, em nossas orações, Ele sabe o que estamos querendo dizer-Lhe, não estranhando as nossas aflições. Por certo, esse é precisamente o Salvador e Amigo que a pobre, dolorida e sofredora natureza humana requer!

Em segundo lugar, destes versículos, aprendamos qual *o grande perigo envolvido na falta de frutos e na formalidade nas coisas espirituais*. Essa foi uma lição que nosso Senhor ensinou por meio de uma notável ação figurativa. Jesus, tendo-se aproximado de uma figueira, à procura de figos, nela “nada achou senão folhas”. Então o Senhor proferiu sobre ela uma solene sentença: “Nunca jamais coma alguém fruto de ti”. No dia seguinte, os discípulos “viram que a figueira secara desde a raiz”. Não podemos duvidar, por um momento sequer, que todo esse acontecimento serve de figura das coisas espirituais. Foi uma parábola teatralizada, tão repleta de significado como qualquer das outras narradas pelo Senhor Jesus.

Entretanto, a quem essa figueira ressecada tencionava falar? Ela foi um sermão de tríplice aplicação, um sermão que deveria falar em alto e bom som às consciências de todos os que se dizem cristãos. Embora ressecada até as raízes, aquela figueira ainda fala. Havia nela uma voz dirigida à comunidade judaica. Rica em folhas de formalidade religiosa, porém estéril quanto a todos os frutos do Espírito, a comunidade judaica corria um tremendo perigo, até mesmo na ocasião em que ocorreu esse ressecamento. Como teria sido bom, para a comunidade judaica, se conseguisse perceber o perigo! Naquela figueira há uma voz dirigida a todos os ramos da igreja de Cristo, em todos os séculos e em todos os lugares do mundo. Ali encontramos uma advertência contra uma vazia profissão de fé cristã, desacompanhada de doutrinas sãs e de um viver santificado — o que alguns desses ramos da igreja fariam bem em assentar no coração. Porém, acima de tudo, aquela figueira ressecada fala a todos os carnis, hipócritas e crentes de falso coração. Quão bom seria para todos os cristãos que se contentam com o nome de que vivem, enquanto, na realidade estão mortos, se ao menos quisessem contemplar os seus rostos refletidos no espelho dessa passagem da Bíblia.

Tenhamos todo o cuidado para que, individualmente, aprendamos bem a lição ministrada por essa figueira. Nunca esqueçamos o fato que

o batismo em água, o ser membro de alguma igreja local, a participação na Ceia do Senhor ou o uso diligente das cerimônias e formalidades externas do cristianismo são ineficazes para salvar as nossas almas. São apenas folhas, meras folhas. E, sem fruto, tal folhagem servirá somente para aumentar a nossa condenação eterna. Tal como as folhas de figueira, com as quais Adão e Eva fizeram para si uma vestimenta, essas folhas não conseguirão ocultar a nudez de nossas almas ante os olhos do Deus que tudo vê, além de não nos poderem dar coragem, quando estivermos perante o Senhor Deus, no último dia. Não! Temos de produzir fruto ou estaremos perdidos para sempre. Deve haver frutos em nossos corações e em nossas vidas, o fruto do arrependimento para com Deus, da fé em nosso Senhor Jesus Cristo e da autêntica santidade em conversão. Sem tais frutos, declarar-se cristão servirá tão somente para afundar as nossas almas no inferno.

Em último lugar, nesta passagem bíblica, aprendamos *quão reverentemente deveríamos utilizar-nos dos lugares consagrados à adoração pública*. Essa é uma verdade ensinada de maneira bem saliente na conduta de nosso Senhor Jesus Cristo, ao entrar Ele no templo. Lemos que o Senhor Jesus “passou a expulsar os que ali vendiam e compravam; derrubou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas”. Também lemos que Ele reforçou suas ações com a citação de um trecho das Escrituras: “Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores”.

Não há dúvida que esses atos de nosso Senhor, naquela oportunidade, revestiram-se de uma profunda significação. Todo esse evento, foi eminentemente simbólico, tal como a maldição lançada por Jesus sobre a figueira. Todavia, ao dizermos isso, não podemos perder de vista uma outra lição simples e óbvia, que jaz à superfície dessa passagem. Ela consiste na pecaminosidade do comportamento negligente e irreverente, quanto à utilização de edifícios consagrados ao culto público de Deus. Não foi tanto como uma casa de sacrifícios que Jesus purificou o templo, mas como uma “casa de oração”. As ações de Jesus, pois, indicaram claramente o sentimento com o qual cada “casa de oração” deve ser considerada. Um templo cristão, entretanto, em nenhum sentido deve ser considerado tão sagrado como o tabernáculo ou o templo dos judeus. Os arranjos de um templo cristão não têm qualquer significado simbólico. Um templo cristão não é construído de conformidade com um modelo celestial, com o intuito de simbolizar realidades celestiais. Não obstante, nem por isso um templo cristão qualquer deve ser usado com menos reverência do que num recinto particular, numa loja ou num hotel. Sem dúvida alguma, há uma reverência apropriada para um lugar

onde Cristo e seu povo se reúnem regularmente e onde são dirigidas orações públicas ao céu. É tolice e falta de sabedoria estigmatizar essa reverência de supersticiosa e confundi-la com o papismo. Existe um certo sentimento de santidade e de solenidade que deve caracterizar todos os lugares onde Cristo está sendo pregado e onde almas estão sendo levadas ao novo nascimento, um sentimento que não depende de qualquer consagração por parte do homem e que deve ser encorajado, ao invés de reprimido. De qualquer modo, a mentalidade do Senhor Jesus, neste texto bíblico, aparece como algo perfeitamente claro. Ele observa a conduta dos homens, nos lugares de adoração; e toda a irreverência ou profanação são ofensas aos seus olhos.

Lembremo-nos destes versículos sempre que estivermos na casa de Deus e cuidemos em chegar ali com uma atitude séria, a fim de não oferecermos sacrifício de tolos. Não esqueçamos onde nos encontramos, o que estamos fazendo ali, para que nos encontramos ali e na presença de Quem estamos. Guardemo-nos de prestar a Deus um culto meramente formal, enquanto os nossos corações estão cheios das coisas do mundo. Deixemos em casa a preocupação com os nossos negócios e com o nosso dinheiro; não a levemos conosco para a igreja. Não permitamos que qualquer preocupação com comprar ou vender encha os nossos corações, em meio às nossas reuniões de adoração. O Senhor Jesus continua vivo. Aquele que expulsou do templo os vendedores e os compradores, quando percebe uma conduta dessa natureza, sente-se ofendido.

A Importância da Fé; A Necessidade do Espírito de Perdão

Leia Marcos 11.22-26

Por meio destas palavras de nosso Senhor Jesus Cristo aprendamos qual *a imensa importância da fé*. Foi uma lição que nosso Senhor ensinou, inicialmente, através de um provérbio. A fé capacita o indivíduo a realizar obras e a ultrapassar obstáculos tão imensos e formidáveis como o remover de uma montanha e o fazê-la lançar-se no mar. Em seguida, essa lição é reiterada ainda mais, mediante uma exortação geral ao exercício da fé, quando estivermos orando: “Tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco”. Naturalmente, essa promessa deve ser entendida com uma razoável limitação. Essa promessa pressupõe que o crente pedirá ao Senhor coisas que não são pecaminosas e que estarão em harmonia com a soberana vontade de Deus. Quando pedimos tais coisas, podemos esperar confiantemente

que as nossas orações serão respondidas. Tiago disse: “Peça-a, porém, com fé, em nada duvidando” (Tg 1.6).

A fé aqui recomendada pelo Senhor Jesus Cristo precisa ser distinguida daquela que é essencial à nossa justificação. Em princípio, estejamos certos, toda a verdadeira fé é única e a mesma. A fé sempre consiste em crença e em confiança. Porém, é útil compreendermos que há diversidade quanto aos objetos e às operações da fé. A fé justificadora é aquele ato da alma mediante o qual um homem apega-se ao Senhor Jesus Cristo e obtém a paz com Deus. O objeto especial da fé justificadora é a expiação do pecado realizada pelo Senhor Jesus na cruz. Porém, a fé que se evidencia na passagem que estamos considerando é uma graça de significação mais geral, o fruto e a companheira da fé justificadora. Nem por isso, entretanto, deve ser confundida com aquela. Pelo contrário, trata-se de uma confiança geral no poder, na sabedoria e na boa-vontade de Deus para com todos os crentes. E o seu objeto especial são as promessas, a palavra e o caráter de Deus, manifesto em Cristo.

A confiança no poder e na vontade de Deus para ajudar cada crente em Cristo e a confiança na veracidade de cada palavra proferida por Deus é o grande segredo do sucesso e da prosperidade em nossa carreira cristã. De fato, essa é a raiz do cristianismo que leva à salvação eterna. “Pois, pela fé, os antigos obtiveram bom testemunho”; “porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (Hb 11.2,6). A fim de melhor conhecermos o valor total da fé, aos olhos de Deus, devemos estudar com frequência Hebreus 11. Desejamos crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo? Almejamos fazer progresso em nossa carreira cristã, tornando-nos crentes fortes, não meros bebês quanto às coisas espirituais? Então oremos diariamente, rogando a Deus por mais fé robusta e vigiemos a nossa fé com toda a atenção. Essa é a pedra fundamental da religião cristã. Uma falha, ou uma fraqueza, nesse ponto, afetará toda a condição do nosso homem interior. Pois, de conformidade com a nossa fé, haverá de manifestar-se o grau de nossa paz interior, nossa esperança, nossa alegria, nossa determinação no serviço de Cristo, nossa ousadia em confessarmos a Cristo, nossa força na obra cristã, nossa paciência sob as tribulações, nossa resignação diante das dificuldades e nosso sensível consolo em nossas orações. Tudo, tudo gira em torno da proporção da nossa fé. Bem-aventurados são os que sabem como repousar continuamente, com toda a sua carga, no Deus da aliança, os que andam pela fé e não por vista. “Aquele que crer não fuge” (Is 28.16).

Em seguida, aprendamos a absoluta necessidade de um espírito perdoador para com o próximo. Essa lição é aqui ministrada de maneira

bem saliente. Não há qualquer conexão imediata entre a importância da fé, sobre a qual nosso Senhor acabara de manifestar-se, e a questão de perdoar ofensas. Contudo, o elo de ligação é a oração. Em primeiro lugar, somos informados que a fé é essencial para o êxito das nossas orações. Entretanto, logo em seguida é acrescentado que nenhuma oração nossa será ouvida, a menos que parta de um coração disposto a perdoar. “E, quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai, para que vosso Pai celestial vos perdoe as vossas ofensas.”

O valor das nossas orações, podemos todos entender, depende extraordinariamente do estado mental em que as oferecemos. Contudo, o ponto que aqui precisamos considerar geralmente recebe menor atenção do que merece. As nossas orações não somente devem ser zelosas, fervorosas, sinceras e em nome do Senhor Jesus. Também precisam envolver mais um ingrediente — elas devem partir de um coração inclinado ao perdão. Não temos direito algum de esperar por misericórdia, se não estamos prontos a mostrar misericórdia para com os nossos semelhantes. Realmente, não podemos sentir a pecaminosidade das nossas transgressões, das quais solicitamos perdão, se nutrirmos a malícia contra os nossos semelhantes. Precisamos ter o coração próprio de um irmão para com o nosso próximo, se quisermos que Deus seja o nosso Pai celestial. Não podemos enganar a nós mesmos, pensando que temos espírito de adoração, se não somos capazes de tolerar e de suportar.

Essa é uma questão perscrutadora. A quantidade de malícia, amargura e espírito de partidarismo que se manifesta entre os crentes é realmente espantosa. Não admira que tantas orações pareçam ser desperdiçadas, não sendo atendidas pelo Senhor. Esse é um assunto que deveria impressionar qualquer crente. Não possuímos idênticos dons de conhecimento e capacidade de expressão, quando nos aproximamos do Senhor Deus. Porém, podemos perdoar aos nossos irmãos na fé. Esse é um assunto que nosso Senhor Jesus Cristo fez um esforço para inculcar em nossas mentes. Ele lhe outorgou um lugar proeminente no modelo de todas as orações — o Pai Nosso. Desde a infância, todos estamos familiarizados com aquelas palavras: “Perdoa-nos as nossas dívidas, assim como nós temos perdoado aos nossos devedores” (Mt 6.12). Quão bom seria, para muitos, se considerassem atentamente o que essas palavras querem dizer!

Passemos adiante desta passagem fazendo uma séria inquirição. Sabemos o que significa possuir um espírito perdoador? Podemos passar por cima de ofensas das quais, de vez em quando, neste mundo maligno, somos vítimas? Podemos deixar de lado uma transgressão e perdoar um ofensa? Caso contrário, onde estará o nosso cristianismo? Se não,

por que nos admiramos quando as nossas almas não prosperam espiritualmente? Resolvamos, pois, que corrigiremos os nossos caminhos no tocante a essa questão. Pela graça de Deus, determinemos perdoar, assim como esperamos ser perdoados. Essa é a maior aproximação que podemos fazer à mentalidade de Jesus Cristo. Esse é o caráter que mais convém a um pobre e pecaminoso descendente de Adão. O fato que Deus perdoou gratuitamente todos os nossos pecados é o mais elevado privilégio que dispomos neste mundo. O perdão gratuito que Deus nos concedeu é o único título que nos dá direito à vida eterna, no mundo por vir. Portanto, mostremo-nos sempre perdoadores, nos poucos anos de vida que ainda nos restam sobre a terra.

A Cegueira Espiritual dos Sacerdotes e Escribas; A Desonestidade dos Incrédulos

Leia Marcos 11.27-33

Observemos, nestes versículos, *quanta cegueira espiritual pode haver nos corações daqueles que ocupam elevados cargos eclesiásticos*. Vemos que vieram ao encontro de Jesus "os principais sacerdotes", levantando dificuldades e objeções à obra dEle.

Conforme sabemos, aqueles homens eram os mestres e dirigentes reconhecidos da comunidade judaica. Eram considerados pelos judeus como a fonte e a mola-mestra do conhecimento religioso, oficialmente ordenados à posição que ocupavam, podendo traçar as suas ordens eclesiásticas por serem descendentes diretos de Arão. No entanto, encontramos aqui aqueles mesmos homens, que deveriam ser os instrutores de outros, cheios de preconceitos contra as verdades e mostrando-se amargos inimigos do Messias.

Essas coisas ficaram registradas para mostrarem aos crentes que eles não podem depender em damasia de homens ordenados. Os crentes não podem considerar os seus ministros como "papas", reputando-os infalíveis. Nenhuma posição eclesiástica confere infalibilidade. Bispos, pastores e diáconos são apenas homens de carne e sangue, passíveis de erro, tanto na doutrina quanto na prática, tal como os sacerdotes e anciãos dos judeus. Os seus atos e os seus ensinamentos precisam ser sempre testados pela Palavra de Deus. Devem ser seguidos somente até o ponto em que estão seguindo fielmente às Escrituras e não mais além. Só há um Sumo Sacerdote e Bispo das almas, o qual nunca comete erros e jamais se engana — o Senhor Jesus Cristo. Somente nEle não encontramos qualquer debilidade, qualquer falha, qualquer sombra de

deficiência. Aprendamos a depender mais inteiramente dEle. Conforme Ele mesmo ensinou: "A ninguém sobre a terra chameis vosso pai; porque só um é vosso Pai, aquele que está nos céus" (Mt 23.9). Assim fazendo, nunca ficaremos desapontados.

Em segundo lugar, notemos *como a inveja e a incredulidade levam os homens a pôr em descrédito a comissão recebida por aqueles que trabalham para Deus*. Aqueles principais sacerdotes e anciãos não podiam negar a realidade dos prodígios que nosso Senhor operava misericordiosamente. Eles não podiam dizer que os ensinamentos do Senhor eram contrários às Sagradas Escrituras ou que a sua vida fosse pecaminosa. Portanto, o que fizeram eles? Atacaram as suas reivindicações pela atenção dos homens e requereram que Ele desse prova de sua autoridade para ensinar. Indagaram-Lhe: "Com que autoridade fazes estas cousas? ou quem te deu tal autoridade para as fazeres?"

Não há dúvida que, como um princípio geral, todos aqueles que se encarregam de ensinar aos outros deveriam ser oficialmente designados para a tarefa. O próprio autor da epístola aos hebreus reconheceu isso no caso de nosso Senhor, quanto à questão do seu ofício sacerdotal: "Ninguém, pois, toma esta honra para si mesmo, senão quando chamado por Deus, como aconteceu com Arão" (Hb 5.4). Até mesmo agora, quando o ofício de sacerdotes que ofereciam sacrifícios não mais existe, as palavras do artigo 23 da Igreja Anglicana mostram-se sábias e bíblicas: "Não é legítimo que qualquer homem assuma pessoalmente o ofício de pregador público, ou ministre os sacramentos na congregação, antes de haver sido legitimamente chamado e enviado a realizar essa função". Entretanto, uma coisa é alguém manter a legitimidade de uma chamada externa para ministrar as coisas sagradas; mas, é coisa inteiramente diferente asseverar que isso é a única coisa necessária, sem a qual nenhum trabalho para Deus poderia ser realizado. Evidentemente, nesse ponto estava o grande erro dos judeus, nos dias do ministério terrestre de Cristo. Esse erro, infelizmente, tem sido seguido por muitos até em nossos dias.

Tomemos cuidado com esse espírito, especialmente nestes últimos dias do mundo. Indubitavelmente, não devemos substimar a ordem e a disciplina na igreja de Cristo. A disciplina é tão valiosa e necessária na igreja quanto em um exército. Porém, nunca deveríamos supor que o Senhor Deus esteja na obrigação de usar somente homens ordenados ao ministério. Não podemos esquecer que pode haver uma chamada interna da parte do Espírito Santo, sem que haja qualquer chamada externa proveniente dos homens; da mesma forma, pode haver uma chamada humana, meramente externa, sem a chamada interna, vinda do Espírito Santo. Após tudo isso, as perguntas a serem feitas são: Este homem está a favor de Cristo, ou contra Ele? O que ele está ensinando?

Como é a sua vida? Ele está fazendo o bem? Se indagações dessa ordem puderem ser respondidas de maneira satisfatória, então agradeçamos a Deus e fiquemos contentes. Precisamos lembrar que um médico é perfeitamente inútil — por mais alto que seja o seu nível de conhecimento e o seu grau de formatura — se ele não é capaz de identificar e tratar as enfermidades. Por igual modo, um soldado torna-se inútil, por melhor uniformizado e treinado que esteja, se não pode enfrentar o inimigo, no dia da batalha. O melhor médico é o que pode curar, e o melhor soldado é aquele que é capaz de entrar em combate.

Por último, observemos *a quanta desonestidade e engano os incrédulos poder ser levados, por causa de seus preconceitos contra a verdade*. Os principais sacerdotes e os anciãos não ousaram responder à pergunta de nosso Senhor acerca do batismo de João Batista. Não ousaram dizer que esse batismo era “dos homens”, porquanto temiam o povo. Mas também não ousaram confessar que era “do céu”, pois prontamente perceberam que nosso Senhor diria: “Então por que não acreditastes nele?”; pois o batismo de João testemunhou abertamente a respeito de Jesus. O que aqueles líderes religiosos fizeram? Responderam com uma mentira: “Não sabemos”.

É um fato melancólico averiguarmos que atitudes desonestas como essa são tão comuns entre os não-convertidos. Há milhares de pessoas que esquivam-se dos apelos lançados às suas consciências, mediante respostas mentirosas. Quando são pressionados a refletirem a respeito de suas almas, dizem coisas que sabem que não correspondem à verdade. Eles amam ao mundo e aos seus próprios caminhos e, à semelhança dos adversários de nosso Senhor, estão resolvidos a não desistir desses caminhos. Pelo contrário, a exemplo daqueles religiosos, não se envergonham de proferir mentiras. Dessa maneira, respondem às exortações ao arrependimento e à decisão de seguir a Cristo por meio de falsas desculpas. Pessoas assim fingem que *não podem compreender* as doutrinas do evangelho. Um outro nos assegura que está, realmente, *tentando* servir a Deus, embora não esteja fazendo qualquer progresso nessa direção. Um terceiro declara que tem todo o desejo de servir a Cristo, mas que *não tem tempo*. Com grande freqüência, essas desculpas nada mais são do que miseráveis enganos. Em geral, elas valem tanto quanto a resposta dos principais sacerdotes: “Não sabemos”.

A verdade cristalina é que deveríamos nos mostrar extremamente cautelosos em dar crédito às razões para não servir a Cristo, apresentadas por pessoas não-convertidas. Podemos estar certos de que, quando uma dessas pessoas diz: Não posso — o verdadeiro significado de suas palavras, no seu coração, é: Não quero. Um espírito realmente honesto, quanto às questões religiosas, é uma grande bênção. Basta que uma

pessoa se disponha a viver à altura da luz que já possui e que aja de conformidade com o seu conhecimento e logo reconhecerá a doutrina de Cristo, escapando assim da servidão a este mundo (Jo 7.17). A ruína eterna de milhares de pessoas consiste meramente nisso — elas tratam com desonestidade com as suas próprias almas. Alegam pretensas dificuldades, como motivos para não estarem servindo a Cristo, ao passo que, na verdade, elas amam “mais as trevas do que a luz”, não tendo qualquer desejo honesto de mudar (Jo 3.19).

A Parábola dos Lavradores Maus

Leia Marcos 12.1-12

Os versículos à nossa frente contêm uma parábola de natureza histórica. A história da nação de Israel, desde o dia em que esse povo deixou o Egito até ao tempo da destruição de Jerusalém, é aqui exposta diante de nós, como num espelho. Usando o simbolismo de uma vinha e seus agricultores, o Senhor Jesus narrou a história do relacionamento de Deus com o seu povo, relacionamento esse que perdurava por mil de quinhentos anos. Estudemos atentamente essa passagem, aplicando-a às nossas próprias vidas.

Notemos *a bondade especial de Deus para com a comunidade e a nação judaica*. O Senhor lhes conferiu privilégios peculiares. Lidou com eles como um homem lida com um terreno, que ele separa e cerca para tornar-se uma “vinha”. Também lhes conferiu boas leis e ordenanças. Deus plantou-os em uma excelente terra, tendo expulsado dali sete outras nações. Deus deixou de lado nações maiores e mais poderosas, a fim de mostrar favor para com eles. O Senhor rejeitou o Egito, a Assíria, a Grécia e Roma, e fez chover as suas ternas misericórdias sobre um povo de alguns poucos milhões de pessoas, na Palestina. A vinha do Senhor era a casa de Israel. Nenhuma outra família debaixo do céu recebeu tantos e tão distinguidos privilégios como a família de Abraão. E nós, igualmente, podemos afirmar que não temos recebido, da parte de Deus, qualquer misericórdia especial? Não podemos. Por que nós não somos um país pagão, como a China? Por que não somos um país que adora animais, como a Índia? Devemos isso à graça distinguidora de Deus. Não é por bondade e dignidade próprias, mas por causa da graça gratuita de Deus, que certos países são o que são entre as nações. Mostremo-nos agradecidos face às misericórdias a nós demonstradas e reconheçamos a mão de onde elas nos têm vindo. Não sejamos altivos, e, sim, humildes, a fim de que não façamos com que

Deus retire de nós as suas misericórdias. Se Israel, como nação, contava com privilégios peculiares, outro tanto sucede a vários países. Que os cidadãos desses países, pois, prestem muita atenção nesse fator e tenham cuidado, a fim de que não lhes suceda aquilo que sucedeu a Israel.

Reconheçamos *a paciência e a longanimidade de Deus para com a nação de Israel*. Não consiste toda a história de Israel, registrada no Antigo Testamento, em um longo relato de repetidas provocações e perdões? Muitas e muitas vezes, lemos sobre os profetas sendo enviados aos israelitas, entregando-lhes solenes advertências; mas, com frequência incrível, todo esse esforço dos profetas foi simplesmente inútil. Um servo após outro veio à vinha de Israel, à procura de frutos. Mas, um após outro foi despachado "vazio" pelos lavradores israelitas, e a nação não produziu frutos para a glória de Deus. "Eles, porém, zombavam dos mensageiros, desprezavam as palavras de Deus e mofavam dos seus profetas, até que subiu a ira do SENHOR contra o seu povo, e não houve remédio algum" (2 Cr 36.16). Entretanto, centenas de anos passaram-se, antes que a ira de Deus se acendesse contra o seu povo e não houvesse mais remédio. Nunca, pois, houve um povo com quem Deus tratou com tanta paciência como a nação de Israel.

E nós, igualmente, não precisaríamos ser agradecidos pela longanimidade de Deus para conosco? Sem dúvida, temos motivos abundantes para dizer que o Senhor tem sido paciente conosco. Ele não nos tem tratado de acordo com os nossos pecados, nem nos tem recompensado segundo as nossas iniquidades. Com frequência, nós O temos provocado a lidar conosco assim como tratou com Tiro, Babilônia ou Roma. A despeito disso, a longanimidade e a bondade de Deus permanecem conosco. Tenhamos cuidado em não abusarmos de sua bondade. Pelo contrário, devemos ouvir a sua voz misericordiosa, que insta conosco para que produzamos frutos. Esforcemo-nos, pois, por sermos ricos daquela justiça que é a única coisa que exalta a uma nação (Pv 14.34). Que todas as famílias da nossa pátria sintam a sua responsabilidade para com Deus; então a nação inteira será vista a demonstrar os louvores do Senhor.

Observemos *a dureza e a iniquidade da natureza humana, conforme exemplificada na história do povo de Israel*. É difícil imaginar uma prova mais marcante dessa verdade do que a que achamos no relato da maneira como Israel recebeu os mensageiros de Deus. Nosso Senhor esboçou esse relato nessa parábola. Profeta após profeta foi enviado aos israelitas, mas em vão. Milagre após milagre foi efetuado entre eles, sem qualquer efeito duradouro. O próprio Filho de Deus, o Amado, finalmente desceu até eles; mas, não creram nEle. Deus mesmo manifestou-se em carne, habitando entre os homens; no entanto, os israelitas "agarrando-o, mataram-no".

Não existe outra verdade tão pouco percebida e crida como a da "terrível iniquidade" do coração humano. Que essa parábola seja sempre considerada uma das provas permanentes dessa verdade. Vejamos nela o que homens e mulheres podem fazer em meio a uma abundância de privilégios religiosos, em meio a profecias e milagres e na presença do próprio Filho de Deus. "O pendor da carne é inimizade contra Deus" (Rm 8.7). Os homens nunca viram Deus face a face, senão apenas uma vez, quando o Filho de Deus tornou-se homem e viveu sobre a terra. Eles O viram como um homem santo, inculpável, imaculado, a praticar o bem. No entanto, não O quiseram, rebelaram-se contra Ele, e, finalmente, O mataram. Arranquemos da nossa mente a idéia de que há qualquer bondade inata ou retidão natural em nossos corações. Joguemos fora a comum noção de que ver e conhecer o que é bom é o suficiente para fazer de um homem um cristão. A grande experiência nesse sentido já foi feita, no caso da nação judaica. Nós, tal qual a nação de Israel, poderíamos ter entre nós milagres, profetas e a companhia do próprio Cristo, em carne; contudo, à semelhança do povo de Israel, tê-los seria em vão. Coisa alguma, exceto o Espírito de Deus, é capaz de mudar o coração do homem. "Importa-vos nascer de novo" (Jo 3.7).

Por último, observemos que *a consciência humana pode ser despertada e, ainda assim, continuar na impenitência*. Os judeus, a quem nosso Senhor dirigiu essa solene parábola histórica, perceberam claramente que ela se aplicava a eles. Compreenderam que eles e os seus antepassados eram os agricultores a quem a vinha havia sido entregue, os quais deveriam ter produzido fruto para Deus. Entenderam que eles e os seus antepassados eram os agricultores iníquos, que se tinham recusado a dar ao senhor da vinha o que lhe cabia por direito, tendo tratado de modo vergonhoso os servos dEle, porquanto "espancaram uns e mataram outros". Acima de tudo, sabiam que eles mesmos estavam planejando o ato final e coroador de sua iniquidade, ato esse que a parábola descreveu. Eles estavam prestes a matar o próprio Filho amado e a atirarem-No "para fora da vinha". Tudo isso eles reconheceram perfeitamente bem. Compreenderam que contra eles proferia esta parábola. Porém, ainda assim, não se arrependeram. Embora convencidos por suas próprias consciências, estavam endurecidos no pecado.

Deste horrível fato, aprendamos que o conhecimento e a conversão, por si mesmos, não salvam qualquer alma. É perfeitamente possível alguém estar cômico de que está errado, ser incapaz de negar o fato, e, apesar disso, apegar-se obstinadamente aos seus pecados, vindo a perecer miseravelmente no inferno. Aquilo que todos precisamos é de uma mudança no coração e na vontade. Oremos intensamente pedindo essa mudança. Não tenhamos descanso, enquanto não a houvermos

recebido. Sem ela, jamais seremos verdadeiros crentes e nunca chegaremos ao céu. Sem essa mudança, poderemos viver toda a nossa vida como os judeus, reconhecendo interiormente que estamos errados, e ainda, à semelhança deles, perseverarmos em nosso próprio caminho e morreremos em nossos pecados.

As Reivindicações de César e de Deus

Leia Marcos 12.13-17

Observemos, no começo desta passagem, *como homens de diferentes opiniões religiosas podem unir-se em sua oposição a Cristo*. Lemos aqui que “fariseus” e “herodianos” aliaram-se, a fim de apanharem ao Senhor “em alguma palavra” e de fazê-lo ficar perplexo com uma difícil pergunta. Os fariseus eram formalistas supersticiosos, que com nada mais se importavam senão com as cerimônias externas da sua religião. Os herodianos eram apenas homens do mundo, que desprezavam toda e qualquer religião, importando-se tão-somente em agradar aos homens e não a Deus. Entretanto, quando surgiu entre eles um poderoso Mestre, que atacava as paixões controladoras daqueles dois grupos, não poupando nem os formalistas nem os mundanos, vemo-los a unir-se em torno de uma causa comum, o esforço para fazer Jesus calar a sua boca.

Sempre aconteceu assim, desde os primórdios da humanidade. Podemos perceber a mesma coisa a acontecer nos nossos dias. Homens mundanos e homens formalistas têm bem pouca simpatia uns pelos outros. Eles desprezam os princípios e os modos de agir um do outro. Contudo, há uma coisa que juntos eles desprezam ainda mais — o puro evangelho de Jesus Cristo. Partindo disso, sempre que há alguma oportunidade para oporem-se ao evangelho, veremos os homens mundanos e os formalistas combinando-se e agindo juntos. Não podemos esperar misericórdia da parte deles; eles jamais exibirão tais sentimentos. Nunca devemos levar em conta o fato que estão divididos; sempre conseguirão arquitetar alguma aliança a fim de resistirem a Cristo.

Em seguida, cumpre-nos notar *a excessiva sutileza da pergunta feita ao nosso Senhor*. Os adversários de Cristo perguntaram-Lhe: “É lícito pagar tributo a César ou não? Devemos ou não devemos pagar?” Ali estava uma pergunta que, à primeira vista, parecia impossível de responder sem correr perigo. Se nosso Senhor tivesse respondido “sim”, então os fariseus teriam-No acusado, diante dos sacerdotes, como alguém que considerava a nação judaica sujeita aos romanos. Mas, se nosso Senhor tivesse dito “não”, então os herodianos poderiam acusá-Lo

diante de Pilatos, como uma pessoa que ensinava rebelião contra o governo romano. Na verdade, a armadilha foi bem planejada. Certamente podemos perceber, no incidente, a astuciosa mão de alguém maior que o homem. A antiga serpente, o diabo, estava ali.

Faríamos bem em lembrar que, dentre todas as questões que têm deixado os crentes perplexos, nenhuma tem se mostrado tão intrincada e complicada como a classe de perguntas que os fariseus e os herodianos aqui propuseram. Quais são as reivindicações de César e quais as reivindicações de Deus? Onde terminam os direitos da igreja e onde começam os direitos do Estado? Quais são as legítimas demandas civis e quais as legítimas demandas religiosas? Todas essas questões são como um nó cego, difícil de desatar, ou seja, profundos problemas que, com grande frequência, os crentes têm encontrado dificuldades para solucionar. Oremos para que sejamos libertados de tais dilemas astuciosos. A causa de Cristo sofre muito quando o diabo consegue fazer as igrejas evangélicas entrarem em conflitos com o poder civil. Neles é desperdiçado um tempo precioso, energias são erroneamente investidas, ministros do evangelho são retirados do seu trabalho e sofrem as almas de muitas pessoas; a vitória mostra-se quase como que uma derrota. Ó, Senhor, dá-nos paz, nos dias de nossa vida!, é uma petição de ampla significação, que, com frequência, deveria aflorar dos lábios dos crentes.

Por último, observemos *a admirável sabedoria que nosso Senhor demonstrou em sua resposta aos seus adversários*. As lisonjeiras palavras dos inimigos de Jesus não O enganaram. Jesus percebeu-lhes “a hipocrisia”. Os olhos daquele que tudo vê perceberam que diante de si estavam vasos “de barro” cobertos “de escórias de prata” (Pv 26.23). Ele não foi enganado, como muitos do seu povo, por uma linguagem brilhante e por belos discursos.

Jesus valeu-se da prática diária dos seus próprios adversários para encontrar uma resposta para a astuciosa indagação deles. Ele solicitou que Lhe trouxessem “um denário”, ou seja, uma moeda comum, que eles mesmos estavam acostumados a usar. Então lhes perguntou: “De quem é esta efígie e inscrição?” Eles foram obrigados a responder: “De César”. Eles mesmos estavam usando uma moeda romana, cunhada e posta em circulação pelo governo romano. Por meio de sua própria confissão, eles mostraram que estavam de algum modo, debaixo do poder dos romanos; ou, então, aquele dinheiro romano não seria válido entre eles. Em seguida, nosso Senhor silenciou-os de vez, mediante aquelas memoráveis palavras: “Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. O Senhor Jesus ordenou-lhes que pagassem tributo ao governo romano, quanto às coisas temporais; pois, ao usarem o dinheiro romano, eles mesmos obrigavam-se à tributação. Por outro lado,

ordenou-lhes que prestassem obediência a Deus, quanto às coisas espirituais, sem jamais suporem que os deveres para com um soberano terrestre e os deveres para com o Soberano celeste sejam incapazes de ser conciliados um com o outro. Sumariando, Jesus ordenou que os orgulhosos fariseus não se negassem a cumprir as suas obrigações civis para com César e que os mundanos herodianos não se recusassem a cumprir as suas obrigações para com Deus.

Dessa magistral resposta, aprendamos o importante princípio de que o verdadeiro cristianismo nunca teve por finalidade interferir na obediência do homem ao poder civil. Bem longe disso, o cristianismo deve levar o homem a uma sujeição sóbria, leal e fiel. Ele deve considerar as autoridades que existem como instituídas por Deus e submeter-se às regras e regulamentos estabelecidos por elas, por todo o tempo em que as leis estejam vigorando, mesmo que ele não as aprove completamente.

Se as leis de um país e a lei de Deus entram em conflito, então não há dúvida quanto ao curso a ser tomado — o crente precisa obedecer a Deus e não aos homens. Como os três amigos de Daniel, ainda que ele sirva a uma autoridade pagã, nunca deve prostrar-se diante de um ídolo. Como Daniel, embora ele se submeta a um governo despótico, não deve deixar de orar, somente para agradar às autoridades constituídas.

Oremos com frequência, pedindo uma porção mais rica daquele espírito de sabedoria que tão abundantemente residia em nosso bendito Senhor. Muitos têm sido os males que têm surgido na igreja de Cristo, por causa de um mórbido e distorcido ponto de vista acerca da posição relativa entre o governo civil e o de Deus. Muitas têm sido as rupturas e as divisões ocasionadas pela ausência de um sã discernimento quanto às reivindicações desses dois governos, o civil e o espiritual. Bem-aventurado é aquele que se lembra da afirmativa de nosso Senhor nesta passagem, que a compreende corretamente e faz dela uma aplicação prática em seu próprio tempo.

Os Saduceus e a Ressurreição

Leia Marcos 12.18-27

Estes versículos relatam um diálogo entre nosso Senhor e os saduceus. A religião dos saduceus, conforme sabemos, era pouco melhor que a infidelidade. Eles afirmavam “não haver ressurreição”. Como os fariseus, eles também imaginaram-se capazes de embarçar e deixar perplexo o Senhor Jesus, por meio de perguntas difíceis. A igreja de Cristo não deve esperar ser melhor tratada do que o seu Senhor o foi.

O formalismo, por um lado, e a infidelidade, por outro, são os dois adversários contra cujos ataques sempre deveríamos estar preparados.

Desta passagem, aprendamos *quanta injustiça podemos detectar, com frequência, nos argumentos dos infiéis*. A questão proposta ao Senhor Jesus, pelos saduceus, serve de notável ilustração desse fato. Eles falaram-Lhe acerca de uma mulher que se casara com sete irmãos, sucessivamente, sem ter tido filhos, a qual sobreviveu aos seus sete maridos. Em seguida, os saduceus indagaram “de qual deles” aquela mulher viria a ser esposa, “na ressurreição”. Podemos perfeitamente supor que o caso era inteiramente hipotético, não real. O episódio trazia uma forte aparência de improbabilidade. As possibilidades de um tal fato ter ocorrido, qualquer estatístico poderia nos informar, são remotas. Entretanto, isso nada significava para os saduceus. Tudo quanto lhes importava era levantar uma dificuldade e, se possível, fazer o Senhor calar-se. Eles não tinham coragem de negar ousadamente a doutrina da ressurreição. As possíveis conseqüências dessa doutrina foi o ponto que eles resolveram trazer a tona.

Há três coisas que faremos bem em lembrar, se algum dia, infelizmente, tivermos de argumentar com os infiéis. *Recordemo-nos* do fato que o infiel sempre tentará pressionar-nos com dificuldades e coisas confusas quanto aos assuntos religiosos, especialmente aquelas relacionadas ao mundo por vir. Precisamos evitar esse tipo de argumentação tanto quanto possível. Isso é deixar de lutar em campo aberto para lutar na selva. Devemos nos esforçar, tanto quanto possível, para fazer as nossas discussões girarem em torno dos grandes fatos e evidências do cristianismo. Além disso, *convém-nos lembrar* que é mister estarmos alertas contra a injustiça e a desonestidade nos argumentos. Talvez pareça duro e não muito amável dizer tal coisa; porém, a experiência demonstra que isso é necessário. Milhares de infiéis, em seus últimos dias de vida, têm confessado que jamais estudaram a Bíblia, a qual pretendiam negar; e, embora bem versados nos escritos dos incrédulos e dos céticos, nunca examinaram calmamente os fundamentos do cristianismo. Acima de tudo, *não nos esqueçamos* que todo infiel é dotado de consciência. Sempre poderemos apelar para essa consciência com toda a confiança. Os próprios indivíduos que falam mais arrogantemente e com maior desdém, contra as coisas espirituais, com frequência têm um sentimento consciente de que estão errados, mesmo enquanto argumentam. Os próprios argumentos dos quais eles zombam e ridicularizam freqüentemente provam que, no fim, não terão sido descartados por eles.

Nesta passagem bíblica, aprendamos ainda que *um grande número de erros religiosos pode ser resultado da ignorância acerca das Sagradas*

Escrituras. As primeiras palavras de nosso Senhor aos saduceus mostram isso com toda a clareza. Ele disse: "Não provém o vosso erro de não conhecerdes as Escrituras, nem o poder de Deus?"

A veracidade do princípio aqui lançado é comprovada pelos fatos, em quase todos os séculos da história da igreja. A reforma religiosa, nos dias do rei Josias, esteve intimamente ligada ao descobrimento do rolo da lei. As falsas doutrinas dos judeus, nos dias de nosso Senhor, resultavam da negligência ao estudo das Escrituras. A idade das trevas, na cristandade, foi um tempo em que a Bíblia foi ocultada ao povo. A reforma protestante foi efetuada através, principalmente, da tradução e da circulação da Bíblia. As igrejas locais que mais florescem, em nossos dias, são aquelas que honram à Bíblia. As nações que usufruem de maior iluminação moral são as nações onde a Bíblia é bem conhecida. As igrejas, em nossos dias, onde pode ser encontrado um cristianismo mais puro são aquelas onde as Escrituras são mais estudadas. As famílias mais piedosas são as que têm por costume ler e estudar a Palavra de Deus. Os homens e as mulheres mais santificados são os que lêem regularmente a Bíblia. Esses são fatos simples que não podem ser negados.

Que essas verdades penetrem profundamente em nossos corações e produzam frutos em nossas vidas. Não sejamos ignorantes acerca da Bíblia, para não cairmos em algum erro mortal. Antes, leiamos diligentemente a Escritura, tornando-a a nossa regra de fé e prática. Esforcemo-nos por espalhar a Palavra de Deus por toda a parte. Quanto melhor conhecido for o Livro sagrado, tanto melhor tornar-se-á este mundo. Ensinemos, constantemente, o valor da Bíblia Sagrada às nossas crianças. A melhor coisa que lhes podemos dar é um bom conhecimento das Escrituras.

Por último, aprendamos *quão diferente serão as circunstâncias após a ressurreição, em relação às que atualmente vivemos.* Nosso Senhor nos diz que, quando "ressuscitarem de entre os mortos, nem casarão, nem se darão em casamento; porém, são como os anjos nos céus".

Seria uma insensatez negarmos que há muitas dificuldades atreladas à doutrina da vida por vir. Porém, é necessário que assim seja. O mundo do além-túmulo é um mundo invisível para os olhos mortais e, portanto, desconhecido. As condições da existência ali foram necessariamente ocultas de nós; e, ainda que mais coisas nos tivessem sido reveladas, provavelmente não as poderíamos compreender. Portanto, é suficiente sabermos que os corpos dos santos ressuscitarão e que, embora glorificados, serão semelhantes aos seus corpos terrenos — de tal modo que aqueles que os conheceram, nesta vida, haverão de reconhecê-los. No entanto, embora ressuscitado com um corpo verdadeiro, o santo ressurreto será totalmente liberto de tudo quanto agora é evidência de

fraqueza e imperfeição. Na futura existência do cristão, nada haverá do grosseiro e sensual paraíso concebido por Maomé. Não havendo mais fome nem sede, também não haverá mais necessidade de alimentos. Não havendo mais fadiga nem cansaço, não haverá mais necessidade de dormir. Não havendo mais morte, não haverá mais necessidade de nascimentos, para substituir o que foi removido. Desfrutando da perfeita presença de Deus e de seu Cristo, os homens e as mulheres não mais precisarão da união do matrimônio, a fim de ajudarem-se mutuamente. Capazes de servir a Deus sem qualquer cansaço e de atendê-Lo sem qualquer distração, cumprindo perfeitamente a sua vontade, vendo-O continuamente, face a face, e vestidos de um corpo glorioso, eles serão "como os anjos nos céus".

Há conforto em tudo isso para o verdadeiro cristão. No corpo que agora possui, com freqüência ele geme angustiado, motivado por um senso diário de fraqueza e imperfeição (2 Co 5.4). Presentemente ele é testado diante dos muitos cuidados com as coisas deste mundo — o que comer, o que beber, o que vestir, como cuidar dos negócios, onde viver e que companhias convém escolher. No mundo por vir, entretanto, todas essas coisas serão mudadas. Coisa alguma lhe faltará para torná-lo completamente feliz.

Há somente uma coisa que devemos manter bem clara na mente. Estejamos atentos para que ressuscitemos na "ressurreição da vida" e não na "ressurreição do juízo" (Jo 5.29). Para o crente no Senhor Jesus, a ressurreição será a maior das bênçãos. Para mundanos, ímpios e profanos, a ressurreição será miséria e maldição. Que jamais descansemos, enquanto não estivermos unidos a Cristo e Cristo a nós; porque somente então poderemos contemplar com gozo a vida por vir.

O Escriba e o Maior dos Mandamentos

Leia Marcos 12.28-34

Estes versículos contêm uma conversa entre nosso Senhor Jesus Cristo e "um dos escribas". Pela terceira vez, em um único dia, vemos nosso Senhor sendo testado com uma pergunta difícil. Tendo silenciado os fariseus e os saduceus, foi-Lhe solicitado que decidisse sobre uma questão acerca da qual havia muitas divergências de opinião entre os judeus. Essa pergunta foi: "Qual é o principal de todos os mandamentos?" Temos razão para agradecer a Deus por terem sido propostas tantas questões a nosso Senhor. Sem elas, talvez, nunca teriam sido proferidas as admiráveis palavras de sabedoria contidas nas três respostas de nosso

Senhor. Aqui, como em muitos outros casos, vemos como Deus pode converter o mal em bem. Deus pode fazer com que os mais maliciosos assaltos de seus inimigos redundem em bem para a sua igreja e em louvor para Si mesmo. Ele faz a inimizade dos fariseus, saduceus e escribas instruir o seu povo. Os três questionadores, neste capítulo de Marcos, pouco podiam imaginar que as suas astuciosas perguntas haveriam de redundar em tão grande benefício para toda a cristandade. "Do comedor saiu comida" (Jz 14.14).

Nestes versículos, observemos *quão elevado é o padrão ensinado por nosso Senhor acerca dos deveres para com Deus e para com os homens*. A indagação apresentada por aquele escriba foi, realmente, muito abrangente: "Qual é o principal de todos os mandamentos?" É provável que a resposta que ele recebeu foi muito diferente da que esperava. Seja como for, se ele pensava que nosso Senhor lhe recomendaria a observância de alguma cerimônia ou formalidade externa, estava enganado. Antes, ele ouviu essas solenes palavras: "Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força. O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo".

Quão notável foi a descrição feita por nosso Senhor, acerca dos *sentimentos* com que devemos considerar tanto a Deus quanto ao nosso próximo! Não é que meramente devamos obedecer a Deus e abster-nos de praticar o mal contra o próximo. Em ambos os casos, o nosso dever vai mais além disso. Porquanto a ambos devemos o amor, a mais forte e a mais abrangente de todas as afeições. Uma regra como essa inclui tudo. Ela torna todos os pequenos detalhes desnecessários. Coisa alguma faltará intencionalmente onde houver o amor.

Novamente, quão notável foi a descrição de nosso Senhor acerca da *medida* com que devemos amar tanto a Deus quanto ao próximo! Devemos amar a Deus mais do que a nós mesmos, com todas as energias do nosso homem interior. Nunca poderemos amar demais a Deus. Devemos amar ao próximo como a nós mesmos, tratando com ele em todas as áreas, conforme gostaríamos que ele tratasse conosco. A maravilhosa sabedoria dessa distinção é simples e clara. Facilmente podemos errar no tocante às nossas afeições para com outras pessoas, pensando a respeito delas ou a mais ou a menos. Portanto, precisamos amá-las como a nós mesmos, nem mais nem menos. Também não podemos errar em nossos afetos para com Deus, por amá-Lo em excesso. Ele é digno de tudo quanto Lhe possamos dar. Portanto, devemos amar a Deus de todo o nosso coração.

Guardemos sempre em nossas mentes essas duas grandiosas regras e usemo-las dia após dia em nossa jornada nesta vida. Vejamos nessas

regras um sumário de tudo quanto devemos ter por alvo em nossa prática diária, no tocante a Deus e aos homens. Por meio delas, testemos cada dificuldade de consciência que tenhamos de enfrentar, quanto ao que é certo ou errado. Feliz é o homem que se esforça por moldar a sua vida de conformidade com essas duas regras.

Dessa breve exposição do verdadeiro padrão de conduta, aprendamos quão grande é a necessidade que todos, por natureza, temos da expiação e da mediação de nosso Senhor Jesus Cristo. Onde estão o homem ou a mulher que seriam capazes de dizer, com verdade, que eles têm amado perfeitamente a Deus e têm amado perfeitamente aos seus semelhantes? Onde está a pessoa, neste mundo, que, necessariamente, não se declare "culpada", quando julgada por uma lei como essa? Não admira que as Escrituras digam: "Não há justo, nem sequer um... visto que ninguém será justificado diante dele por obras da lei" (Rm 3.10,20). Somente a grosseira ignorância a respeito dos requisitos de Deus leva as pessoas a desvalorizarem o evangelho. A pessoa que tem a visão mais nítida sobre a lei moral será sempre a que tem o mais elevado senso do valor do sangue expiatório de Cristo.

Observemos também, nestes versículos, *até onde um homem pode avançar na religião, sem, contudo, ser um verdadeiro discípulo de Cristo*. O escriba, nesta passagem, evidentemente era um homem dotado de um conhecimento superior ao da maioria dos outros escribas. Ele percebia coisas que muitos escribas e fariseus de modo algum perceberam. As suas próprias palavras servem de forte comprovação desse fato: "Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele; e que amar a Deus de todo o coração, de todo o entendimento, e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios". Por si mesmas, essas palavras são admiráveis e duplamente marcantes, quando nos lembramos quem as proferiu e a que geração aquele homem pertencia. Não admira que logo em seguida leiamos que nosso Senhor disse: "Não estás longe do reino de Deus".

Contudo, não devemos fechar os olhos para o fato que, em parte alguma da Bíblia, somos informados que aquele homem veio a tornar-se um dos discípulos de nosso Senhor. Quanto a esse particular, só há um doloroso silêncio. A passagem paralela, no Evangelho de Mateus, não projeta qualquer luz sobre esse caso. As demais porções do Novo Testamento coisa alguma dizem a respeito dele. Somos deixados a extrair a triste conclusão de que, como o jovem rico, aquele escriba não conseguiu tomar a decisão de desistir de tudo e seguir a Cristo. Ainda podemos concluir que, tal como fizeram as principais autoridades mencionadas algures, ele também amou "mais a glória dos homens do que a glória

de Deus" (Jo 12.43). Em suma, embora não "longe do reino de Deus", ele mui provavelmente nunca entrou nele e morreu fora do reino de Deus.

Casos como o daquele escriba, infelizmente, são muito comuns. Há milhares de pessoas, por toda a parte, que se assemelham a ele. Pessoas que muito percebem e muito compreendem acerca da religião verdadeira; no entanto, vivem e morrem indecisos. Poucas coisas há que sejam tão negligenciadas quanto essa. As pessoas participam de atividades religiosas, mas nunca se convertem e nunca são salvas. Que possamos notar bem o caso desse escriba e ter cuidado!

Que jamais confiemos as nossas esperanças de salvação ao mero conhecimento intelectual. Vivemos em uma época em que há grande perigo de fazê-lo dessa forma. A educação faz as crianças familiarizarem-se com muitos assuntos religiosos sobre os quais os seus pais eram totalmente ignorantes. Todavia, a educação, por si, jamais fará uma pessoa tornar-se cristã aos olhos de Deus. Não apenas devemos conhecer com as nossas mentes as doutrinas fundamentais do evangelho; também compete-nos acolhê-las no coração, deixando-nos guiar por elas em nossas vidas. Não descansemos até que nos encontremos dentro do reino de Deus, até que nos tenhamos arrependido verdadeiramente, até que tenhamos crido realmente e até que tenhamos sido feitas novas criaturas em Jesus Cristo. Se, porventura, descansarmos satisfeitos, somente por não estarmos "longe do reino de Deus", finalmente descobriremos que estamos proibidos de entrar nele para sempre.

Cristo nos Salmos; Advertência Contra a Hipocrisia; A Moedinha da Viúva

Leia Marcos 12.35-44

Na primeira porção deste capítulo já verificamos como os inimigos de nosso Senhor esforçaram-se sobremaneira por apanhá-Lo "em alguma palavra". Vimos como os fariseus, os saduceus e os escribas um após outro, propuseram-Lhe perguntas difíceis — questões que, segundo facilmente podemos observar, fomentavam muito mais as dissensões do que a edificação espiritual. A passagem que passamos a comentar tem início com uma pergunta de caráter bem diferente. O próprio Senhor Jesus foi quem a propôs. Ele perguntou aos seus adversários a respeito do Cristo e do significado das Santas Escrituras. Tais indagações são sempre verdadeiramente proveitosas. Quão bom seria, para a igreja de Cristo, se as discussões teológicas girassem menos em torno de trivialidades e mais em torno de questões importantes, envolvendo coisas necessárias à salvação de nossas almas.

Destes versículos aprendamos *o quanto foi ensinado acerca de Cristo nas Escrituras do Antigo Testamento*. Nosso Senhor queria revelar a ignorância dos mestres judeus acerca da verdadeira natureza do Messias. Jesus fez isso aludindo a uma passagem do livro de Salmos, demonstrando que os escribas não a compreendiam corretamente. Ao assim fazer, Ele nos mostrou que um dos assuntos sobre os quais Davi fora inspirado a escrever, pelo Espírito Santo, versava sobre Cristo.

Sabemos, por meio das próprias palavras de nosso Senhor, em uma outra passagem bíblica, que as Escrituras do Antigo Testamento "testificam" a seu respeito (Jo 5.39). Elas foram dadas com o intuito de ensinar aos homens a respeito de Cristo, por intermédio de tipos, figuras e predições, até que Ele mesmo aparecesse sobre a terra. Nunca deveríamos esquecer esse fato em nossa leitura do Antigo Testamento; e, sobretudo, ao lermos os Salmos. Jesus Cristo, sem dúvida, pode ser encontrado em cada parte da lei e dos profetas; entretanto, Ele transparece fortemente no livro de Salmos. Suas experiências e sofrimentos, por ocasião de sua primeira vinda a este mundo, bem como a sua glória e o seu triunfo final, na sua segunda vinda, são os principais temas de inúmeros trechos, naquela admirável porção da Palavra de Deus. É veraz a declaração que, na leitura dos Salmos, podemos encontrar tanto Cristo quanto Davi.

Tenhamos cuidado para não desprezar ou desvalorizar o Antigo Testamento. Em seu devido lugar e proporção, ele é tão valioso quanto o Novo Testamento. Há muitas ricas porções daquela parte da Bíblia que nunca foram completamente exploradas. Ali há coisas profundas a respeito de Jesus Cristo, sobre as quais muitas pessoas caminham como se fossem minas de ouro escondidas, desconhecendo os tesouros que têm debaixo de seus pés. Reverenciemos, pois, a Bíblia em sua *totalidade*. Toda a Bíblia nos foi dada por divina inspiração e é proveitosa. Uma parte dela joga luz sobre outra, e nenhuma de suas partes pode ser negligenciada sem causar dano e prejuízo às nossas almas. O desprezo jactancioso pelas Escrituras do Antigo Testamento por muitas vezes é o primeiro passo na direção da infidelidade.

Aprendamos também *quão odioso é o pecado da hipocrisia aos olhos de Cristo Jesus*. Essa lição é ensinada através da advertência feita por nosso Senhor aos escribas. Jesus desmascarou algumas de suas práticas mais notórias: a ostentação deles em sua maneira de vestir; o seu amor às honrarias e ao louvor dos homens, mais do que a honra e o louvor de Deus; o seu amor ao dinheiro, embora disfarçado como uma pretensa preocupação pelas viúvas; as suas devoções públicas extremamente longas, cujo propósito era o de fazer os homens terem-nos como pessoas eminentemente piedosas. Jesus concluiu com a solene

declaração: “Estes sofrerão juízo muito mais severo”.

De todos os pecados nos quais os homens podem cair, nenhum parece tão excessivamente pecaminoso quanto a falsa profissão religiosa e a hipocrisia. Em todo o tempo, ninguém ouviu da boca de nosso Senhor palavras tão ásperas nem denúncias tão pesadas quanto essas. Já é suficientemente ruim alguém ser levado cativo pelo pecado e servir a diversas concupiscências e prazeres. Porém, muitíssimo pior é fingir religiosidade, enquanto, na realidade, está servindo ao mundo. Tenhamos cuidado para não cairmos nesse tão abominável pecado. Em tudo o que fizermos no campo religioso, jamais usemos disfarces. Sejamos honestos, reais, francos e sinceros no nosso cristianismo. Não podemos enganar a um Deus que tudo vê. Podemos iludir a pobres e míopes seres humanos, com um pouco de conversa e protestos de religiosidade, com alguns poucos jargões e com uma devoção fingida. Porém, Deus não se deixa zombar. Ele discerne os pensamentos e as intenções do coração. Os seus olhos, que a tudo perscrutam, penetram a tinta, o verniz e o falso brilho que encobrem o coração moralmente apodrecido. O dia do julgamento logo chegará. “O júbilo dos perversos é breve, e a alegria dos ímpios momentânea” (Jó 20.5) O fim deles será a vergonha e o desprezo eternos.

Uma coisa, entretanto, nunca deve ser esquecida em conexão com a questão da hipocrisia. Não nos enganemos; porque alguns fazem uma falsa profissão religiosa, não significa que nós não precisamos fazer qualquer profissão religiosa. Essa é uma ilusão bastante comum, contra a qual devemos nos precaver. O fato que algumas pessoas sujeitam o cristianismo ao opróbrio, professando aquilo que, na realidade, não crêem nem sentem, não implica em que devemos nos arrastar para o outro extremo, levando o cristianismo a cair em opróbrio mediante um silêncio covarde, ocultando de outras pessoas a nossa religião cristã. Pelo contrário, devemos ter todo o cuidado para adornar a nossa doutrina com a nossa conduta diária. Devemos dar provas da nossa sinceridade pela consistência de nossa conversação. Mostremos, por conseguinte, ao mundo, que existe uma verdadeira moeda, assim como uma moeda falsa, e que há, na igreja cristã, crentes que podem apresentar uma boa confissão e há também fariseus e escribas. Testemunhemos de nosso Senhor de uma forma humilde e modesta, mas firme e decidida, mostrando ao mundo que, embora alguns possam ser hipócritas, há outros que são honestos e verdadeiros.

Em último lugar aprendamos *quão agradável é, para Cristo, a nossa abnegada liberalidade nas doações*. Essa foi uma lição ensinada de forma marcante por meio do elogio de nosso Senhor a certa viúva pobre. Lemos que Jesus ficou contemplando “como o povo lançava”

no gazofilácio as suas contribuições voluntárias para o serviço de Deus. Ele viu que “muitos ricos depositavam grandes quantias”. Então, Jesus viu uma viúva pobre lançar no gazofilácio tudo quanto ela possuía para a sua manutenção diária. E o Senhor pronunciou as solenes palavras: “Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio mais do que o fizeram todos os ofertantes” — mais aos olhos dAquele que não somente observa a quantia dada, mas também a capacidade do doador; aos olhos dAquele que considera não somente a quantia em si, mas os motivos do coração do contribuinte.

Existem poucas declarações de nosso Senhor tão esquecidas quanto essa. Há milhares de pessoas que lembram de todos os seus discursos doutrinários, mas conseguem esquecer esse pequeno incidente no ministério terreno de nosso Senhor. A prova disso pode ser vista nas contribuições pobres e escassas que são feitas pelos membros da igreja de Cristo, tendo em vista o bem da humanidade. Também pode ser vista na miserável renda de todas as sociedades missionárias, em proporção às riquezas dos membros das igrejas. E ainda pode ser vista nas longas listas de dizimistas autocomplacentes, que contribuem com meras migalhas, quando poderiam doar maiores quantias. O pão-durismo dos que se dizem cristãos, em todas as questões que envolvem Deus e a religião, é um dos mais clamorosos pecados de nossos dias e também um dos piores sinais dos tempos. Os doadores para a causa de Cristo são apenas uma pequena parte da igreja. É provável que nem mesmo um em cada vinte cristãos batizados conheça qualquer coisa do que significa ser “rico para com Deus” (Lc 12.21). A grande maioria dos crentes gastam enormes quantias consigo mesmos, mas não dão sequer alguns centavos para a causa de Cristo.

Lamentemos por esse estado de coisas, orando para que Deus o corrija. Oremos, pois, para que o Senhor abra os olhos dos homens, desperte os seus corações e lhes estimule a um espírito de liberalidade. Acima de tudo, porém, que cada um de nós cumpra o seu próprio dever, contribuindo liberal e alegremente, para todo objetivo cristão. Não mais poderemos contribuir quando tivermos falecido. Façamos as nossas contribuições como os que se lembram que os olhos de Cristo estão postos sobre eles. Cristo continua vendo exatamente o que cada um de nós dá e sabe exatamente o quanto é retido. Acima de tudo, contribuamos na qualidade de discípulos de um Salvador crucificado, que na cruz se entregou, de corpo e alma, por todos nós. Temos recebido livremente. Contribuamos, portanto, com liberalidade.

Começo das Profecias de Jesus no Monte das Oliveiras

Leia Marcos 13.1-8

Este capítulo está repleto de profecia — da qual uma parte já se cumpriu, enquanto outra ainda aguarda ter cumprimento. Dois grandes acontecimentos formam o assunto dessa profecia. Um deles foi a destruição de Jerusalém e o conseqüente encerramento da dispensação judaica. O outro acontecimento é a segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo e o término do presente estado de coisas sob o qual vivemos. A destruição de Jerusalém aconteceu somente quarenta anos depois que nosso Senhor foi crucificado. A segunda vinda de Cristo é um acontecimento por ocorrer e que talvez vivamos o bastante para contemplá-lo com os nossos próprios olhos.

Capítulos como este devem ser profundamente interessantes para todo o verdadeiro crente. Nenhum aspecto da história deve receber tanto da nossa atenção quanto a história passada e futura da igreja de Cristo. O surgimento e a queda de impérios mundiais são fatos de importância comparativamente pequena aos olhos de Deus. Babilônia, Grécia, Roma, França, Inglaterra, são como um nada aos olhos do Senhor, em comparação com o corpo místico de Jesus Cristo. A marcha dos exércitos e as vitórias dos conquistadores são meras trivialidades, quando comparados ao progresso do evangelho e ao soar da última trombeta do Príncipe da paz. Lembremos disso, quando estivermos lendo as Escrituras proféticas! “Bem-aventurados aqueles que lêem” (Ap 1.3).

A primeira coisa que requer a nossa atenção, nestes versículos, é a *predição de nosso Senhor acerca do templo de Jerusalém*. Os discípulos, impelidos pelo orgulho natural dos judeus, haviam chamado a atenção de nosso Senhor para o esplendor arquitetônico do templo. Eles disseram: “Mestre! Que pedras, que construções!” Receberam do Senhor uma resposta muito diferente da que esperavam; uma resposta entristecedora, destinada a despertar pensamentos inquisitivos em suas mentes. Nenhuma palavra de admiração saiu dos lábios de Jesus. Ele não expressou qualquer elogio quanto à arte e à arquitetura daquele magnífico edifício. Ele pareceu perder de vista a forma e a beleza da construção, face à iniquidade do povo ao qual Ele pertencia. A sua resposta foi: “Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada”.

Dessa solene declaração, aprendamos que a verdadeira glória de uma igreja não consiste em seus edifícios dedicados à adoração pública,

e, sim, na fé e na piedade dos seus membros. Os olhos de nosso Senhor Jesus Cristo não encontraram prazer algum ao contemplar o edifício que continha o Santo dos Santos, o candelabro de ouro e o altar dos holocaustos. Segundo podemos supor, muito menos prazer Ele encontrará nos mais esplêndidos lugares, entre os cristãos, se a sua Palavra e o seu Espírito não estiverem sendo ali honrados.

Sempre faríamos bem em lembrarmos esses fatos. Naturalmente, inclinamo-nos a julgar as coisas conforme as aparências externas, como se fôssemos crianças que dão mais valor às flores do que aos cereais. Somos demasiadamente inclinados a supor que onde há um imponente edifício eclesiástico e um magnífico cerimonial, pedras esculpidas e vitrais coloridos, boa música e ministros ricamente paramentados, ali deve haver uma verdadeira religião cristã. No entanto, pode não haver ali qualquer religião cristã autêntica. Tudo pode não passar de formalidades, de espetáculo e de apelos aos sentidos físicos dos homens. Talvez ali nada exista capaz de satisfazer a consciência e de curar os corações. Se fizermos uma avaliação, poderemos descobrir que Cristo não está sendo pregado naqueles edifícios imponentes e que a Palavra de Deus não está sendo exposta. Os ministros que lá atuam talvez sejam totalmente ignorantes do evangelho, e os adoradores poderão estar mortos em suas transgressões e delitos. Não devemos pensar que Deus veja qualquer beleza em edifícios desse tipo. Não precisamos imaginar que o Partenon, em Atenas, tinha qualquer glória, aos olhos de Deus, se comparado com os túmulos e as cavernas onde adoravam os cristãos primitivos; ou que o mais simples salão onde Cristo está sendo anunciado, em nossos dias, não é mais honroso, aos olhos de Deus, do que a catedral de São Pedro, em Roma.

Entretanto, não devemos cair no absurdo de supor que não importa o tipo de edifício que dedicamos ao serviço do Senhor Deus. Não há qualquer papismo em edificarmos um bonito templo. Não há qualquer religião verdadeira em possuímos um lugar de adoração sujo, medíocre, mal equipado e mal arrumado. “Tudo, porém, seja feito com decência e ordem” (1 Co 14.40). Tenhamos um firme princípio em nossa religião: sem importar quão belas sejam as nossas igrejas, consideremos a doutrina cristã pura e a prática cristã santa os seus principais ornamentos. Sem esses dois elementos, o mais nobre edifício eclesiástico será radicalmente defeituoso. Ele não terá qualquer glória, se Deus não estiver ali. Mas, com a presença desses dois elementos, a mais humilde edificação, onde o evangelho estiver sendo pregado, será linda e atrativa. Ela será consagrada pela presença de Cristo e pelas bênçãos do Espírito Santo.

A segunda coisa que requer a nossa atenção é a *notável maneira pela qual nosso Senhor iniciou a sua grande profecia*. Somos informados

que quatro dos seus discípulos, sem dúvida impelidos pelas suas predições a respeito do templo, rogaram maiores informações. Eles pediram: "Dize-nos quando sucederão estas cousas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se".

A resposta de nosso Senhor começa com a predição do aparecimento de doutrinas falsas e de guerras. Se os seus discípulos imaginavam que Ele haveria de prometer-lhes sucesso imediato e prosperidade neste mundo, logo ficaram desapontados. Longe de ordenar que os seus seguidores ficassem à espera de uma vitória imediata da verdade, Cristo lhes disse que deveriam esperar pelo surgimento do erro. "Vede que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos". Longe de ordenar que seus seguidores esperassem por um reinado de paz e quietude, Jesus recomendou que estivessem preparados para guerras e tribulações. "Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Estas cousas são o princípio das dores".

Há algo de profundamente instrutivo nessa abertura do discurso profético de nosso Senhor, pois nela parece que temos a tônica do que a igreja de Cristo terá de esperar entre a primeira e a segunda vinda do Senhor. Parece que o discurso foi assim iniciado, com o propósito de corrigir pontos de vista equivocados, não somente dos apóstolos, mas também do vasto corpo de cristãos, em todos os séculos. Também parece que nosso Senhor sabia que os homens estão sempre esperando que se cumpra a idéia de "bons tempos futuros" e que Ele estava querendo mostrar-nos claramente que não poderá haver "bons tempos", enquanto Ele não retornar a este mundo. Talvez não seja agradável ouvir tais informações. Porém, isso concorda exatamente com o que lemos em Jeremias: "Os profetas que houve antes de mim e antes de ti, desde a antigüidade, profetizaram guerra, mal e peste, contra muitas terras e grandes reinos. O profeta que profetizar paz, só ao cumprir-se a sua palavra será conhecido como profeta de fato enviado do SENHOR" (Jr 28.8,9).

Aprendamos desta predição de nosso Senhor a sermos moderados em nossas expectativas. Coisa alguma tem criado tanto desapontamento na igreja de Cristo como as extravagantes esperanças de muitos dos seus membros. Não sejamos levados pela comum noção de que o mundo inteiro se converterá antes da segunda vinda do Senhor Jesus, ou de que a terra ficará cheia do conhecimento de Deus, antes desse notável acontecimento. Não será assim. Nada existe, nas Escrituras, para justificar tais expectativas. Logo, deixemos de esperar por um reino de paz, em nossos dias. Pelo contrário, esperemos por guerras. Deixemos de imaginar que todos os homens se tornarão santos, por meio de qualquer

instrumentalidade existente — escolas, missões, pregações ou de qualquer coisa desse tipo. Pelo contrário, devemos aguardar o surgimento do Anticristo. Compreendamos que vivemos em um dia de eleição e não de conversão universal. Não haverá paz universal enquanto o Príncipe da paz não voltar. Também não haverá santidade universal enquanto Satanás não for amarrado. Talvez nos custe muito manter posições como essas. Todavia, não existe uma única igreja ou congregação sobre a terra que não demonstre que essas opiniões são verdadeiras e que "muitos são chamados, mas poucos escolhidos" (Mt 22.14). Essa postura atrairá contra nós críticas ásperas e um juízo desfavorável da parte de muitos. Entretanto, o fim provará quem estava correto e quem estava errado. Esperemos com paciência por esse fim. Esforcemo-nos e ensinemos, trabalhemos e oremos. Porém, não nos surpreendamos, se as palavras de nosso Senhor mostrarem-se verazes: "Porque estreita é a porta e apertado o caminho que conduz para a vida, e são poucos os que acertam com ela" (Mt 7.14).

O Que Devemos Esperar Entre a Primeira e a Segunda Vinda de Cristo

Leia Marcos 13.9-13

Ao lermos as predições bíblicas a respeito da igreja de Cristo, geralmente encontramos uma mistura de julgamento e de misericórdia. Raras vezes essas predições são inteiramente amargas; também poucas vezes elas são totalmente tenebrosas. O Senhor conhece muito bem a nossa fraqueza e quão inclinados somos a desanimar; por isso mesmo, Ele tomou cuidado de mesclar consolos com os avisos de perigo, palavras bondosas com palavras ásperas, como a trama e a urdidura de uma vestimenta. Podemos observar esse fenômeno por todo o livro de Apocalipse. Podemos perceber tal coisa em toda a predição que estamos considerando. Podemos observar isso nos poucos versículos que temos acabado de ler.

Em primeiro lugar, notemos *quantas tribulações nosso Senhor determinou que o seu povo esperasse entre a sua primeira e a sua segunda vinda*. Sem dúvida, as tribulações fazem parte da vida de todos os homens, desde o dia em que Adão pecou. Essas tribulações vieram juntamente com os espinhos e os abrolhos. "O homem nasce para o enfado como as faíscas das brasas voam para cima" (Jó 5.7). Todavia, há tribulações especiais, às quais os crentes em Jesus Cristo estão sujeitos; e foi acerca dessas tribulações que nosso Senhor lhes advertiu claramente.

Os crentes devem esperar tribulações da parte do mundo. Eles

não podem esperar ajuda da parte de "governadores e reis". Eles descobrirão que as suas maneiras de agir e as suas doutrinas não os favorecem perante as autoridades. Pelo contrário, com frequência serão encarcerados, espancados e conduzidos à presença dos juizes, como se fossem malfeitores, sem qualquer outro motivo senão a dedicação ao evangelho de Cristo.

Os crentes devem esperar tribulações da parte *dos seus próprios parentes*. "Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão." As pessoas de seu próprio sangue e de sua própria carne, com frequência, haverão de esquecer-se de amar os crentes, porquanto odeiam à religião deles. Assim, em muitos casos, os crentes descobrirão que a inimizade da mente carnal contra Deus é mais forte do que os próprios laços de família e de sangue.

Faríamos bem em entesourar no coração essas instruções e a "calcular o custo" de sermos um crente. Não devemos pensar como coisa estranha, se a nossa religião traz consigo algumas amarguras. Não há dúvida que, no momento, o nosso quinhão está passando por tempos favoráveis. Hoje, não precisamos temer que seremos aprisionados ou executados, somente porque servimos a Cristo. Apesar disso, precisamos estar preparados para enfrentar uma certa dose de dificuldades, se somos crentes verdadeiros e decididos. Devemos contentar-nos em ter de enfrentar a chacota, o ridículo, a zombaria, a calúnia e até mesmo perseguições. Temos até de ouvir palavras duras e desagradáveis da parte de nossos mais próximos e queridos parentes. O "escândalo da cruz" ainda não cessou. "O homem natural não aceita as cousas do Espírito de Deus, porque lhe são loucura" (1 Co 2.14). Aqueles que nasceram "segundo a carne" perseguirão àqueles que nasceram "segundo o espírito" (Gl 4.29). A maior coerência na vida não será capaz de impedir tal coisa. Se já nos convertemos, então nunca nos devemos surpreender ao descobrir que somos odiados por causa de Cristo.

Em segundo lugar, notemos *quão rico encorajamento o Senhor Jesus oferece ao seu povo perseguido*. O Senhor Jesus põe diante de seu povo três ricos estimulantes para animar as suas almas.

Primeiro, Ele afirmou: "É necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações". Assim deve ser e assim será. Apesar dos homens e dos demônios, a história da cruz de Cristo será narrada em todas as partes do mundo. As portas do inferno não prevalecerão contra o evangelho. A despeito das perseguições, dos aprisionamentos e das mortes, nunca faltarão homens fiéis que proclamam as boas novas da salvação pela graça. Talvez poucos crerão neles. Muitos dos ouvintes continuarão empedernidos no pecado. Porém, coisa alguma

impedirá que o evangelho seja pregado. A Palavra de Deus nunca será obstruída, embora aqueles que a pregam possam vir a ser aprisionados e mortos (2 Tm 2.9).

Segundo, o Senhor contou-nos que aqueles que forem sujeitados à perseguição, por causa do evangelho, serão especialmente ajudados em tempos de necessidade. O Espírito Santo os assistirá na apresentação de sua defesa. Eles terão palavras e sabedoria que seus adversários não serão capazes de contestar ou resistir. Como aconteceu com Pedro, João e Paulo, quando foram conduzidos perante as autoridades romanas e judaicas, assim sucederá a todos os crentes de coração sincero. Quão plenamente essa promessa de Cristo tem se cumprido: as histórias de Huss, Lutero, Latimer, Ridley e Baxter claramente o comprovam. Jesus Cristo sempre se mostrou fiel à sua palavra.

Terceiro, nosso Senhor nos falou que a perseverança paciente resultará na salvação final: "Aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo". Nenhum dos que tiverem de enfrentar a tribulação perderá a sua recompensa. Todos eles, ao final, ceifarão uma riquíssima colheita. Embora semeiem com lágrimas, colherão com grande júbilo. A sua leve aflição, que perdura apenas por um momento, redundará em um eterno peso de glória.

Fortaleçamo-nos, portanto, diante dessas consoladoras promessas, feitas a todos os verdadeiros servos de Cristo. Perseguidos, zombados e escarnecidos, conforme estão sendo agora, eles finalmente descobrirão que se encontram do lado vitorioso. Atormentados, perseguidos e provados, conforme algumas vezes são, jamais se encontrarão inteiramente abandonados. Embora abatidos, nunca serão destruídos. Que eles aguardem com paciência a salvação de suas almas. O fim de tudo quanto eles vêem ao seu redor é certo, fixo e garantido. Os reinos deste mundo tornar-se-ão o reino de Deus e do seu Cristo. E, quando os zombadores e os ímpios, que por tantas vezes insultaram aos seguidores do Senhor, forem postos em vergonha eterna, os crentes receberão uma coroa de glória, que jamais murchará.

O Uso de Meios Para a Nossa Segurança; Os Privilégios dos Eleitos

Leia Marcos 13.14-23

Nestes versículos somos instruídos no tocante à *legitimidade do uso de meios que nos garantem a segurança pessoal*. A linguagem de nosso Senhor Jesus Cristo sobre esse assunto foi clara e inequívoca:

“Então, os que estiverem na Judéia fujam para os montes; quem estiver em cima, no eirado, não desça nem entre para tirar da sua casa alguma coisa; e o que estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa... Oraí para que isso não suceda no inverno”. Nenhuma palavra é dita que nos dê a idéia que fugir do perigo, sob certas circunstâncias, é uma atitude indigna de um crente. No que concerne ao tempo em que sucederá essa profecia, os homens têm diferido largamente. Porém, quanto à legitimidade do crente tomar providências que evitem o perigo, o ensino da presente passagem é claro.

Esse ensino tem larga aplicação e imensa utilidade. O crente não deve negligenciar o uso de meios, somente por ser um crente, no tocante às coisas desta vida tanto quanto às realidades da vida por vir. Ele não deve imaginar que Deus cuidará dele e suprirá as suas necessidades, se ele não fizer uso dos meios e do bom senso que Deus lhe conferiu tanto quanto conferiu a outras pessoas. Com toda a certeza, ele pode esperar uma ajuda especial, da parte do Pai celeste, em tempos de necessidade. Entretanto, ele precisa esperar essa ajuda enquanto faz uso diligente dos meios legítimos. Professar confiança em Deus, ao mesmo tempo que nos sentamos ociosamente e nada fazemos, não passa de engano e fanatismo; e isto traz descrédito para a religião cristã.

A Palavra de Deus contém diversos exemplos instrutivos sobre esse assunto, aos quais faríamos bem em dar atenção. A conduta de Jacó, quando saiu a encontrar-se com seu irmão, Esaú, é um desses casos notáveis. Em primeiro lugar, Jacó fez uma emocionante oração e então enviou a seu irmão presentes cuidadosamente arranjados (Gn 32.9-13). A conduta de Ezequias, quando Senaqueribe atirou-se contra Jerusalém, é um outro exemplo. Aquele monarca disse ao seu povo: “Com ele está o braço de carne, mas conosco o SENHOR nosso Deus, para nos ajudar e para guerrear nossas guerras” (2 Cr 32.8). No entanto, ao mesmo tempo, Ele reedificou as muralhas da cidade e fez armas e escudos. A conduta de Paulo é um outro exemplo. Com freqüência, lemos que Paulo teve de fugir de um lugar para outro, a fim de preservar a própria vida. Em certa ocasião, vemo-lo sendo arriado em uma cesta, pela muralha de Damasco. Em outra ocasião, nós o vemos dizer aos soldados em um navio alexandrino, que transportava trigo: “Se estes não permanecerem a bordo, vós não podereis salvar-vos” (At 27.31). Ora, conhecemos a grande fé e confiança daquele apóstolo. Conhecemos também a sua coragem e a sua dependência ao Senhor. Não obstante, vemos que ele jamais desprezou o emprego de meios convenientes. Portanto, não nos envergonhemos de agir dessa mesma maneira.

Uma coisa não podemos esquecer: Não dependamos dos meios,

enquanto os estivermos usando. Olhemos para além deles, para a bênção de Deus. Constitui-se um grande pecado agir como o rei Asa, o qual ignorou ao Senhor e buscou os médicos. Usar com diligência todos os meios e deixar a questão inteira nas mãos do Senhor é o grande alvo que todo o crente deveria ter.

Também somos instruídos sobre *os grandes privilégios de que gozam os eleitos de Deus*. Por duas vezes, nesta passagem bíblica, nosso Senhor usou uma notável expressão a respeito dos eleitos. Referindo-se à grande tribulação, disse o Senhor: “Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas, por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias”. Novamente, aludindo aos falsos cristos e aos falsos profetas, o Senhor Jesus declarou que esses tais operarão grandes “sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos”.

Torna-se evidente, desta e de outras passagens, que Deus tem no mundo um povo que Ele mesmo escolheu. Esses são os que, de acordo com o décimo-sétimo artigo da Igreja Anglicana, Deus “determinou, mediante o seu conselho, secreto para nós, sempre livrar da maldição e da condenação; são aqueles que Deus escolheu, em Cristo, dentre a humanidade, tendo decretado que os levaria, por meio de Cristo, à salvação eterna, como vasos preparados para honra”. A esses, exclusivamente a esses, pertencem os grandes privilégios da justificação, da santificação e da glória final. Eles, somente eles, são “chamados pelo Espírito, no tempo oportuno”. Esses, exclusivamente esses, “obedecem ao chamamento divino. São feitos filhos de Deus por adoção. São criados segundo a imagem do Filho unigênito de Deus, Jesus Cristo. Andam piedosamente nas boas obras e, finalmente, por misericórdia divina, atingem a felicidade eterna”. A eles pertencem as preciosas promessas do evangelho. Eles são a Noiva, a esposa do Cordeiro. Eles compõem a santa igreja universal, que é o corpo de Cristo. Eles são os que Deus cuida de modo todo especial neste mundo. Reis, príncipes, nobres e ricos são como nada, aos olhos de Deus, em comparação com os eleitos do Senhor. Essas verdades são claramente reveladas nas Santas Escrituras. O orgulho do homem talvez não aprecie essas verdades. Porém, elas não podem ser negadas.

O tema da eleição divina, sem dúvida, é uma questão profunda e misteriosa. Também é indiscutível que, com grande freqüência, essa doutrina tem sido tristemente pervertida e mal utilizada. Entretanto, a distorção de uma verdade bíblica não impede de a usarmos. Corretamente usada e defendida com cuidados apropriados, a doutrina da eleição é cheia de suave, agradável e indizível consolo. Antes de deixarmos esse assunto, verifiquemos no que consistem esses cuidados.

Primeiro, nunca nos esqueçamos que a eleição divina não destrói

a responsabilidade humana, pois o homem prestará contas a Deus por sua própria alma. A mesma Bíblia que fala sobre a eleição, sempre dirige-se aos homens na qualidade de livres agentes, convocando-os a que se arrependam, creiam, busquem, orem, se esforcem, trabalhem. Assevera mui sabiamente o décimo-sétimo artigo da confissão anglicana: "Em nossas obras, devemos seguir aquela vontade de Deus que é expressamente declarada para nós na Palavra de Deus".

Segundo, não nos esqueçamos que o nosso principal dever consiste em nos arrependermos e em crermos no evangelho de Cristo. Não temos o mínimo direito de extrair qualquer conforto da doutrina da eleição, a menos que possamos demonstrar claras evidências de arrependimento e de fé. Não podemos parar, preocupando-nos com ansiosas especulações acerca de se somos eleitos ou não, uma vez que Deus já nos ordenou, com a máxima clareza, que nos arrependamos e creiamos (At 17.30 e 1 Jo 3.23). Paremos de praticar o mal; aprendamos a fazer o bem. Rompamos definitivamente com o pecado. Apeguemo-nos com ousadia a Cristo. Aproximemo-nos de Deus em oração. Assim fazendo, logo teremos a certeza se somos ou não eleitos de Deus. Empregando as palavras de um antigo teólogo, precisamos começar na escola primária do arrependimento e da fé, antes de podermos ingressar na universidade da eleição. Foi quando Paulo recordou-se da fé, da esperança e do amor dos tessalonicenses, que lhes escreveu: "Reconhecendo, irmãos, amados de Deus, a vossa eleição" (1 Ts 1.4).

A Descrição da Segunda Vinda de Cristo; A Observação dos Sinais dos Tempos

Lela Marcos 13.24-31

Esta porção da profecia de nosso Senhor, no Monte das Oliveiras, ainda espera por seu cumprimento. Os eventos aqui descritos ainda estão todos por acontecer. Talvez aconteçam em nossos próprios dias. Portanto, esta passagem mostra-se uma das que sempre devemos ler com peculiar interesse.

Observemos, pois, em primeiro lugar, *quão solene majestade acompanhará a segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo a este mundo*. A linguagem usada a respeito do sol, da lua e das estrelas transmite a idéia de convulsão universal, no fim da presente dispensação. Tudo isso nos faz lembrar as palavras do apóstolo Pedro: "Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a

terra e as obras que nela existem serão atingidas" (2 Pe 3.10). Em um tempo como aquele, em meio a terrores e confusões que ultrapassarão a tudo quanto os terremotos ou os furacões são capazes de produzir, os homens "verão o Filho do homem vir nas nuvens, com grande poder e glória".

A segunda vinda de Cristo será totalmente diferente da primeira. Na primeira, Ele veio em fraqueza, um tenro infante, nascido de uma mulher pobre, na manjedoura em Belém, não-percebido, não-honrado e quase desconhecido. Na segunda, entretanto, Ele virá com dignidade real, com os exércitos celestiais à sua volta, a fim de ser conhecido e temido por todas as tribos da terra. Jesus veio, na primeira vez, com a finalidade de sofrer, de tomar sobre Si os nossos pecados, de ser considerado uma maldição, de ser desprezado, rejeitado, condenado injustamente e morto. No entanto, Ele virá na segunda vez com o propósito de reinar, de sujeitar debaixo de seus pés a todos os inimigos, de tomar os reinos do mundo como a sua herança, de governar a todos esses reinos com justiça, de julgar a todos os homens e de viver para sempre.

Quão vasta será a diferença! Quão gigantesco o contraste! Quão espantosa a comparação entre a segunda e a primeira vinda de Cristo! Quão solenes pensamentos que esse assunto deveria despertar em nossas mentes! Em tudo isso há pensamentos consoladores para os amigos de Cristo. O seu Rei em breve estará de volta. Os crentes colherão conforme tiverem semeado. Eles receberão uma riquíssima recompensa por tudo quanto tiverem suportado por amor a Cristo. Eles trocarão a cruz por uma coroa. Essas são idéias confusas para os adversários de Cristo. Aquele mesmo Jesus de Nazaré, ao qual eles têm desprezado, há tantos séculos, e ao qual rejeitaram, finalmente terá a preeminência. Aquele mesmo Cristo, cujo evangelho eles têm se recusado aceitar, aparecerá como o Juiz deles; e então, impotentes, sem esperança, mudos e sem desculpa, eles comparecerão diante do seu tribunal. Guardemos essas verdades no coração e aprendamos a ser sábios!

Observemos, a seguir, que *o primeiro acontecimento após a segunda vinda do Senhor Jesus será o ajuntamento dos seus eleitos*. "E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu". A segurança do povo de nosso Senhor será providenciada, quando o julgamento divino cair sobre este mundo. Cristo não fará coisa alguma enquanto não os tiver afastado do alcance de qualquer dano. O dilúvio não começou enquanto Noé não se achava seguro na arca. O fogo não caiu sobre Sodoma enquanto Ló não se encontrou seguro em Zoar. A ira de Deus sobre os incrédulos não se derramará enquanto os crentes não estiverem ocultos e seguros.

O verdadeiro crente pode aguardar a segunda vinda de Cristo sem qualquer temor. Sem importar quão terríveis sejam as coisas que sobrevirão a este planeta, o Senhor de todos os crentes cuidará para que nenhum mal lhes aconteça. Eles poderão suportar com paciência as despedidas e as separações do tempo presente. Em breve, eles terão um jubiloso encontro com todos os seus irmãos na fé, de todos os séculos, de todos os países, de todas as raças e de todas as línguas. Aqueles que se encontrarem, naquele dia, encontrar-se-ão para nunca mais se separarem. O grande ajuntamento do Senhor ainda está por vir (2 Ts 2.1).

Vemos, em seguida, *quão importante é que o crente observe os sinais de seus próprios tempos*. Nosso Senhor ordenou aos seus discípulos: "Aprendei, pois, a parábola da figueira". Da mesma maneira que as folhas que brotam em uma figueira indicam aos homens que o verão se avizinha, assim também o cumprimento desses eventos, no mundo ao nosso redor, anunciam que o dia da vinda do Senhor "está próximo, às portas".

Convém que todos os verdadeiros crentes observem cuidadosamente os acontecimentos públicos dos seus próprios dias. Os crentes não somente têm o dever de fazer isso, como também pecam se não o fazem. Nosso Senhor repreendeu aos judeus por não saberem "discernir os sinais dos tempos" (Mt 16.3). Eles não percebiam que o cetro estava sendo tirado das mãos de Judá e que as semanas de Daniel estavam se expirando. Tenhamos muito cuidado para não cairmos naquele mesmo erro. Antes, abramos os olhos e contemplemos o mundo à nossa volta. Observemos como o trabalho missionário no mundo inteiro tem-se expandido. Notemos o reavivamento do papado e o aparecimento de novas e sutis formas de apostasias. Percebamos a rápida propagação da iniquidade e do desprezo pela autoridade. Que são essas coisas senão as folhas da figueira que começam a brotar? Essas coisas mostram-nos que este mundo está se desgastando e que necessita de uma nova e melhor dinastia. O mundo precisa do seu legítimo Rei, a saber, Jesus Cristo. Que vigiemos e guardemos imaculadas as nossas vestes, para que estejamos prontos a encontrar nosso Senhor! (Ap 16.15).

Em último lugar, notemos *quão cuidadosamente nosso Senhor asseverou a certeza do cumprimento das suas predições*. Jesus falou como que antevendo a incredulidade e o ceticismo desses últimos dias. Ele avisou-nos, enfaticamente, a esse respeito: "Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão".

Jamais deveríamos dar margem à suposição de que qualquer profecia é improvável ou que dificilmente terá cumprimento, meramente por ser contrária às experiências passadas. Nunca indagemos: Que possibilidade há da volta de Jesus Cristo? Como é possível que o mundo

venha a incendiar-se inteiramente? Não devemos pensar em termos de "provável" ou de "improvável", quanto a esses assuntos. A única questão é: O que está escrito na Palavra de Deus? As palavras do apóstolo Pedro nunca deveriam ser esquecidas: "Tendo em conta, antes de tudo, que, nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões, e dizendo: Onde está a promessa da sua vinda?" (2 Pe 3.3,4).

Faríamos bem em perguntar-nos o que teríamos pensado, se tivéssemos vivido na terra há dois mil anos atrás. Teríamos pensado ser provável que o Filho de Deus viria ao mundo como um homem pobre e que morreria, ou que Ele haveria de vir a este mundo como um rei, a fim de reinar na terra? Não teríamos dito, imediatamente, que, se Ele viesse, viria para reinar e não para morrer? No entanto, sabemos que Ele veio a este mundo como "homem de dores" e que morreu em uma cruz. Por conseguinte, não duvidemos agora que Jesus virá, segunda vez, em glória, e, como Rei que é, reinará para sempre.

Passemos adiante desse texto bíblico com a plena convicção da veracidade de cada "i" de suas predições. Creiamos que, ao final, cada palavra dessa predição terá cumprimento cabal. Acima de tudo, esforcemo-nos por viver sob o senso permanente dessa verdade, na qualidade de bons servos, sempre prontos a sair ao encontro do seu senhor. Então, sem importar quando e como essas predições venham se cumprir, estaremos seguros.

Incerteza Quanto ao Tempo da Segunda Vinda de Cristo; O Dever de Vigiar

Leia Marcos 13.32-37

Estes versículos concluem o relato de Marcos acerca das predições de nosso Senhor, no Monte das Oliveiras. Eles devem constituir uma aplicação pessoal de todo o discurso de Cristo às nossas consciências.

Destes versículos, aprendamos que *o tempo exato da segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo foi propositalmente ocultado da sua igreja*. O acontecimento é certo; porém, o dia e a hora precisos não nos foram revelados. "Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão somente o Pai."

Há profunda sabedoria e grande misericórdia nesse silêncio intencional. Temos razões para agradecer a Deus pelo fato de ter Ele escondido de nós essa questão. A incerteza quanto à data do retorno de nosso Senhor tem o intuito de manter os crentes em uma atitude de

constante espera, além de servir para preservá-los do desânimo. Quão terrível expectativa teria tido a igreja primitiva, se eles tivessem sabido, com certeza, que Jesus Cristo não retornaria à terra por mais de mil e quinhentos anos! Corações de homens como Atanásio, Crisóstomo e Agostinho bem poderiam ter afundado, dentro de si mesmos, se tivessem consciência de que séculos e séculos de trevas espirituais haveriam de abater-se sobre este mundo, antes de seu Senhor voltar para apossar-se do seu reino. Por outro lado, que motivo vivificador têm tido perpetuamente os verdadeiros crentes para um andar mais íntimo com Deus! Em qualquer época, eles sempre souberam que o seu Senhor poderia voltar repentinamente, a fim de seus servos Lhe prestarem contas. A incerteza quanto à data da volta de Cristo tem suprido os crentes com uma razão para viverem sempre preparados para encontrarem com Ele.

Existe um cuidado, vinculado a esse assunto, que não podemos perder de vista. Não podemos permitir que a incerteza quanto ao tempo da segunda vinda de nosso Senhor impeça-nos de dar atenção às profecias das Escrituras que ainda não se cumpriram. Desprezá-las constitui-se uma grande armadilha, na qual, infelizmente, muitos crentes caem. Há uma grande diferença entre meras declarações dogmáticas e positivas a respeito de possíveis datas da volta de Cristo e uma busca humilde, regada com oração, quanto às coisas ainda por acontecer. Contra o dogmatismo acerca de tempos e épocas, as palavras de nosso Senhor, nesse trecho bíblico, servem-nos de advertência permanente. Porém, no que tange a utilidade geral do estudo de profecias, não podemos encontrar autoridade mais clara do que as palavras do apóstolo Pedro, o qual escreveu: "Temos assim tanto mais confirmada a palavra profética, e fazeis bem em atendê-la" (2 Pe 1.19); e as do apóstolo João: "Bem-aventurados aqueles que lêem... as palavras da profecia" (Ap 1.3).

Em segundo lugar, aprendamos *quais são os deveres práticos de todos os crentes, diante da expectativa da segunda vinda de Jesus Cristo*. Nosso Senhor mencionou três coisas às quais o seu povo deve se dedicar. Ele lhes declarou abertamente que, um dia, voltará em poder e grande glória. Ao mesmo tempo, deixou claro que a data e a hora precisas de sua segunda vinda são desconhecidas. Portanto, o que deve fazer o seu povo? Em que atitude convém que vivam diariamente? Convém que vigiem, orem e trabalhem.

Devemos *vigiar*. Devemos viver constantemente atentos. Devemos conservar as nossas almas em um vívido estado de alerta, preparadas para o encontro com nosso Senhor, a qualquer momento. Devemos evitar qualquer coisa que tenha a aparência de letargia, embotamento, entorpecimento e de indiferença espiritual. As companhias, o uso de nosso tempo e os relacionamentos pessoais que nos induzem a esquecer-nos

de Cristo e da sua segunda vinda, devem ser percebidos, marcados e evitados. Escreveu o apóstolo: "Não durmamos como os demais; pelo contrário, vigiem e sejamos sóbrios" (1 Ts 5.6).

Devemos *orar*. Precisamos manter o hábito regular da comunhão e do companheirismo com Deus. Não podemos permitir que qualquer coisa estranha venha interpor-se entre nós e o nosso Pai celeste; antes, cumpre-nos conversar com Ele diariamente, de tal maneira que estejamos prontos para vê-Lo face a face, a qualquer momento. Devemos dirigir orações especiais acerca da volta do Senhor Jesus, a fim de que sejamos "achados por ele em paz" (2 Pe 3.14) e que os nossos corações, em tempo algum, se encontrem "sobrecarregados" com os cuidados desta vida e para que "aquele dia não venha sobre nós" quando estivermos inconscientes (Lc 21.34).

Finalmente, devemos *trabalhar*. Devemos compreender que todos nós somos servos de um grande Senhor, que distribuiu a cada um o seu próprio trabalho e espera que esse trabalho seja realizado. Cumpre-nos labutar tendo em mira a glória de Deus, cada crente em sua esfera e em suas relações particulares. Sempre haverá alguma coisa para fazer. Convém que nos esforcemos, individualmente, para resplandecer como a luz, para sermos o sal dos dias em que vivemos e para sermos fiéis testemunhas em favor de nosso Senhor. Devemos também honrá-Lo de forma consciente e consistente, em nossa conversa diária. O nosso grande desejo tem de ser não a ociosidade, a sonolência, e, sim, o trabalhar, o realizar.

Essas foram as instruções que nosso Senhor determinou que praticássemos. Elas devem despertar, nos corações de todos os crentes, um profundo senso de auto-exame. Estamos aguardando a volta de nosso Salvador? Anelamos pelo seu aparecimento? Podemos dizer, com toda a sinceridade: "Vem, Senhor Jesus"? Estamos vivendo como quem espera pela volta de Cristo? Essas perguntas demandam uma consideração séria; portanto, que possamos dar-lhes a atenção que merecem!

Nosso Senhor, porventura, requer que negligenciemos quaisquer dos deveres da vida diária, em face da expectativa de seu retorno? Jesus não pede nada disso. Ele não ordenou que o agricultor negligencie as suas plantações, que o trabalhador abandone o seu emprego, que o comerciante deixe de lado o seu negócio, que o advogado largue o seu ofício. Tudo quanto o Senhor Jesus pede é que os crentes vivam à altura da fé que professam ter; que vivam como pessoas que se arrependeram e confiam em Jesus Cristo; que vivam como pessoas que sabem que, sem a santificação "ninguém verá o Senhor" (Hb 12.14). Se vivermos desse modo, estaremos preparados para encontrar com nosso Senhor. Mas, se não estivermos vivendo assim, nem estaremos preparados para

a morte, nem para o julgamento eterno, nem para a eternidade. Viver dessa maneira é ser verdadeiramente feliz, porquanto é estar realmente preparado para qualquer coisa que possa acontecer a este mundo. Nunca nos contentemos com um padrão de cristianismo prático que seja inferior a esse. As palavras finais dessa profecia são peculiarmente solenes: "O que, porém, vos digo, digo a todos: Vigiai!"

Frustrados os Desígnios dos Sacerdotes; A Unção de Jesus em Betânia

Lela Marcos 14.1-9

Neste capítulo, Marcos começa a descrever os sofrimentos e a morte de nosso Senhor. Até aqui, temos visto nosso Salvador principalmente como nosso Profeta e Mestre. Mas, agora, começaremos a contemplá-Lo como o nosso Sumo Sacerdote. Até aqui, temos considerado os seus milagres e as suas declarações. Agora passaremos a considerar o seu sacrifício vicário sobre a cruz.

Observemos, em primeiro lugar, *como o Senhor Deus pode frustrar os desígnios de homens ímpios, fazendo com que esses desígnios redundem em sua glória*. Torna-se evidente, das palavras de Marcos e da passagem paralela de Mateus, que os inimigos de nosso Senhor não tinham a intenção de fazer a morte dEle tornar-se um acontecimento público. "Os escribas procuravam como o prenderiam, à traição, e o matariam." Também sugeriram uns aos outros: "Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo". Parece que o plano original deles era nada fazer enquanto não terminasse a festa da páscoa, enquanto os adoradores que tinham vindo à páscoa não tivessem regressado a seus lares.

Entretanto, a providência divina frustrou totalmente esse desígnio político. A traição de nosso Senhor ocorreu antes do tempo previsto pelos principais sacerdotes. A morte de nosso Senhor ocorreu no dia em que Jerusalém estava mais repleta de pessoas, quando a festa da páscoa estava em seu auge. Em todos os sentidos, o planejamento daqueles ímpios foi transformado em tolice. Eles imaginavam que poriam um fim definitivo no reino espiritual de Cristo, quando, na realidade, estavam apenas ajudando a estabelecer esse reino. Pensavam em tornar Jesus um figura vil e desprezível, mediante a crucificação, quando, na realidade, tornaram-No uma pessoa extremamente gloriosa. Eles pensavam em executá-Lo às ocultas, longe da atenção popular; mas, ao invés disso, foram compelidos a crucificá-Lo publicamente, perante toda a nação

judaica. Eles pensavam em silenciar os discípulos de Jesus e parar a pregação deles, mas, ao invés disso, supriram aos discípulos um tema e texto vibrantes, para todo o sempre. É tão fácil para Deus fazer a ira dos homens redundar em sua glória (SI 76.10).

Em tudo isso, encontramos consolo para todos os verdadeiros crentes. Eles vivem em um mundo agitado e, com frequência, são jogados para lá e para cá pela ansiedade acerca dos acontecimentos públicos. Que os crentes descansem sobre o pensamento de que todas as coisas foram ordenadas por um Deus todo-sábio, visando o nosso bem. Que não duvidem que todas as coisas, no mundo ao redor deles, estão contribuindo conjuntamente para a glória do Pai celeste. Que se recordem da declaração do segundo salmo: "Os reis da terra se levantam, e os príncipes conspiram contra o SENHOR e contra o seu Ungido"; e mais: "Ri-se aquele que habita nos céus; o SENHOR zomba deles" (SI 2.2,4). Assim sucedeu no passado. Assim sucederá no futuro.

Em segundo lugar, observemos *como as boas obras são, algumas vezes, desvalorizadas e mal entendidas*. Lemos aqui acerca da boa obra realizada por uma mulher, a qual derramou unguento sobre a cabeça de nosso Senhor, em uma casa em Betânia. Ela agiu assim, sem dúvida, como sinal de honra e respeito por Ele e como prova de sua gratidão e amor pelo Senhor Jesus. Não obstante, aquela ação da mulher foi condenada por alguns. Os seus corações não podiam compreender tão rica liberalidade. Chamaram o seu ato de "desperdício"; além disso, "indignaram-se" e "murmuravam contra ela".

A atitude daqueles homens ignorantes e críticos, infelizmente, é muito comum. Os seus seguidores e sucessores podem ser encontrados em todos os segmentos da igreja de Cristo. Nunca faltará uma geração de pessoas que lamentam aquilo que chamam de "extremismos" na religião. Estes mesmos também recomendam, constantemente, aquilo que eles denominam de "moderação", no serviço prestado a Cristo. Se um homem qualquer devotar seu tempo, seu dinheiro e seus afetos às coisas deste mundo, ninguém o acusará. Se ele dedicar-se a ganhar dinheiro, aos prazeres, à política, não se achará nele falta alguma. Porém, se aquele mesmo homem consagrar-se ao Senhor Jesus, com tudo quanto possui, então dirão ser uma loucura da parte dele: Ele está fora de si; Ele perdeu o juízo; Ele não passa de um fanático; Ele é um extremista. Em suma, eles reputarão a atitude de tal pessoa como "desperdício".

Que acusações desse tipo nunca nos perturbem, somente porque estamos nos esforçando para servir a Cristo. Suportemo-las com paciência, lembrando-nos que são tão antigas quanto o próprio cristianismo. Tenhamos dó daqueles que fazem tais acusações contra os crentes. Eles demonstram claramente que não têm qualquer senso de obrigação para

com Cristo. Um coração frio faz a mão agir com lentidão. Porém, uma vez que um homem compreenda a pecaminosidade do pecado e a misericórdia de Cristo, que por ele morreu, então nunca mais considerará qualquer coisa por demais boa ou por demais dispendiosa para ser dada a Cristo. Antes, tal pessoa sentirá: "Que darei ao SENHOR, por todos os seus benefícios para comigo?" (Sl 116.12) Ele terá temor de desperdiçar o seu tempo, talentos, dinheiro e afetos nas coisas deste mundo. Mas, não terá qualquer receio em gastá-los com o seu Salvador. Tal pessoa temerá cair em extremos no tocante a negócios, dinheiro, política ou prazeres, mas jamais hesitará em fazer o máximo por Cristo.

Por último, observemos *quanto apreço nosso Senhor Jesus Cristo demonstra por qualquer serviço que Lhe prestamos*. Talvez, em nenhum outro lugar dos evangelhos encontramos tão efusivos elogios como os que aquela mulher recebeu. Três pontos, em particular, destacam-se de modo proeminente nas palavras de nosso Senhor; e aqueles que hoje ridicularizam os crentes, por causa de sua fé, fariam bem em atentar para eles.

Primeiro, nosso Senhor disse: "Deixai-a; por que a molestais?" Essa é uma pergunta que perscruta o coração, e aqueles que perseguem a outras pessoas, por causa de Cristo, têm imensa dificuldade em respondê-la! Que motivo poderiam alegar? Que razão poderiam oferecer como justificativa por sua conduta? Nenhuma! Eles molestam outras pessoas movidos por inveja, malícia, ignorância e também porque não lhes agrada o verdadeiro evangelho!

Segundo, nosso Senhor declarou: "Ela praticou boa ação para comigo". Quão grande e maravilhoso foi o elogio que emanou dos lábios do Rei dos reis! Dinheiro, por muitas vezes, é doado a alguma igreja ou oferecido a alguma instituição de caridade, por ostentação ou por algum outro falso motivo. Mas, aquele que ama o Senhor e O honra é quem, de fato, pratica boas ações.

Terceiro, nosso Senhor asseverou: "Ela fez o que pôde". Nenhuma outra palavra de aprovação, mais forte do que essa, poderia ter sido dita. Milhares, que vivem e morrem sem conhecer a graça divina e perdem-se eternamente, vivem dizendo: Eu faço tudo o que posso; tento o máximo que posso. Mas, ao assim dizerem, proferem uma mentira tão grande quanto a de Ananias e Safira. Poucos, possivelmente, podem ser encontrados como aquela mulher, a qual realmente mereceu que o Senhor Jesus dissesse a seu respeito: "Ela fez o que pôde!"

Façamos uma auto-aplicação desta passagem. Que todos nós, como aquela santa mulher, dediquemos a nós mesmos e a tudo quanto temos à glória de Cristo. A nossa posição no mundo pode ser humilde; os nossos meios para sermos úteis podem ser escassos. Mas, tal como aquela mulher, façamos tudo o que pudermos.

Finalmente, percebamos um doce antegoço das coisas que ainda virão, no dia do julgamento final. Creiamos que o mesmo Jesus, que aqui pleiteou a causa de sua amorosa serva, quando acusada, um dia também pleiteará por todos os que têm sido seus servos neste mundo. Continuemos a trabalhar, lembrando-nos que os olhos de Cristo estão sobre nós e que tudo quanto fazemos está sendo anotado no livro do Senhor. Não nos importemos com o que os homens pensam ou dizem sobre nós, por causa de nossa religião. O louvor proveniente dos lábios de Cristo, no último dia, compensará tudo quanto tivermos sofrido neste mundo, por causa de línguas cruéis.

Judas Trai a Cristo por Dinheiro; O Tempo da Páscoa e o da Crucificação

Leia Marcos 14.10-16

Nestes versículos, Marcos relata como nosso Senhor foi entregue às mãos de seus inimigos, pelo ato de traição de um de seus doze apóstolos. O falso apóstolo, Judas Iscariotes, O traiu.

Cumpra-nos notar, em primeiro lugar *até que ponto um homem pode continuar em uma falsa profissão religiosa*. É impossível conceber uma prova mais impressionante dessa triste verdade do que essa que se vê na história de Judas Iscariotes. Se já houve um homem que, em algum tempo, parecia ser um autêntico discípulo de Cristo e com possibilidades de ir para o céu, esse homem foi Judas. Ele foi escolhido pelo próprio Senhor Jesus para ser um apóstolo. Ele teve o privilégio de ser companheiro do Messias e testemunha ocular de suas obras poderosas, durante todo o ministério terreno de Cristo. Esteve associado a Pedro, Tiago e João. Foi enviado a pregar o reino de Deus e a realizar prodígios em nome de Cristo. Todos os demais apóstolos o consideravam como alguém que pertencia ao grupo apostólico. Ele era tão semelhante aos seus condiscípulos que eles nem suspeitavam que ele fosse um traidor. Ainda assim, aquele homem demonstrou ser um filho do diabo, dotado de um coração falso, totalmente apartado da fé, ajudando aos mais ferrenhos adversários de nosso Senhor e deixando este mundo com uma reputação pior que a de qualquer outro ser humano, desde os dias de Caim. Para um início promissor como o de Judas, nunca houvera antes uma queda tão vertiginosa, uma semelhante apostasia, um fim tão miserável e um tão completo eclipse de uma alma humana!

Como poderíamos explicar essa incrível conduta de Judas? Só há uma resposta possível. "O amor ao dinheiro" foi a causa da ruína

daquele infeliz. A mesma corroedora cobiça que escravizou o coração de Balaão, e que levou Geazi a ser castigado com a lepra, foi também a perdição da alma de Judas Iscariotes. Nenhuma outra explicação acerca da sua conduta será capaz de satisfazer às claras afirmações das Escrituras. Seu ato foi marcado pela vil ambição, sem qualquer justificativa. O Espírito Santo declara abertamente que ele "era ladrão" (Jo 12.6). O caso de Judas destaca-se diante dos olhos do mundo inteiro como um eterno comentário daquelas solenes palavras da Bíblia: "O amor ao dinheiro é raiz de todos os males" (1 Tm 6.10).

Com base na melancólica história de Judas, aprendamos a ser cingidos *com humildade*, não nos contentando com qualquer outra coisa senão a graça do Espírito Santo em nossos corações. Conhecimento, dons, profissão, privilégios, ser membro de alguma igreja, poder na pregação, capacidade de orar e falar sobre assuntos religiosos — todas essas são coisas inúteis, se os nossos corações ainda não se converteram ao Senhor. Tudo isso não será melhor do que um gongo que soa ou um címbalo que retine, se não nos tivermos despido do velho homem e nos vestido do novo homem. Essas coisas não nos poderão livrar da condenação ao inferno. Acima de tudo, porém, recordemo-nos das palavras de advertência, proferidas por nosso Senhor: "Guardai-vos de toda e qualquer avareza" (Lc 12.15). A avareza é um pecado que corrói como o câncer e que, uma vez admitido no coração, poderá conduzir-nos a todo tipo de perversidades. Oremos para que possamos nos contentar "com as cousas" que temos (Hb 13.5). A possessão de dinheiro não é a grande necessidade da vida. As riquezas representam um grave perigo para as almas que as possuem. O verdadeiro crente deve ter muito mais receio de ficar rico do que de ser pobre.

Em segundo lugar, neste trecho bíblico, devemos notar *a conexão intencional entre o tempo da páscoa judaica e o tempo da morte de Cristo*. Não podemos duvidar, por um momento sequer, que não foi por acaso, mas pela determinação providencial de Deus, que nosso Senhor foi crucificado na semana da páscoa e no dia exato em que o cordeiro pascal costumava ser imolado. O intuito disso foi o de chamar a atenção da nação judaica para Aquele que é o verdadeiro Cordeiro de Deus. A finalidade foi a de trazer às mentes dos judeus o verdadeiro objetivo e propósito da morte de Cristo. Cada sacrifício levítico, sem dúvida, tinha por intuito fazer os judeus contemplarem o futuro e o único e grande sacrifício pelo pecado, que Cristo ofereceria. Entretanto, nenhum outro rito, sem dúvida, era tão sugestivo como figura e símbolo do sacrifício de nosso Senhor como o da morte do cordeiro pascal. A imolação do cordeiro pascal era uma ordenança que visava "conduzir" os judeus à Cristo (Gl 3.24). Nunca houve um tipo tão carregado de significação,

em todo o ciclo das cerimônias judaicas, como a páscoa, em sua instituição original.

A páscoa fazia os judeus lembrarem o maravilhoso livramento que Deus operou ao tirar da terra do Egito os seus antepassados, após ter Ele matado os primogênitos dos egípcios? Não há dúvida que sim. Porém, a páscoa também tinha o propósito de servir de sinal daquela muito maior redenção e livramento da servidão ao pecado, que foi realizada por nosso Senhor Jesus Cristo.

A páscoa lembrava aos judeus que, mediante a morte de um cordeiro inocente, as famílias de seus ancestrais haviam sido outrora isentas da morte de seus primogênitos? Sem dúvida que sim. Mas, também tinha a finalidade de ensinar-lhes aquela verdade, muito mais elevada, que a morte de Cristo na cruz seria a vida da humanidade.

A páscoa lembrava aos judeus que a aspersão de sangue, nas vergas das portas das casas de seus antepassados, livrou-os da espada do anjo destruidor? Não há dúvida que sim. Contudo, também tinha por objetivo mostrar-lhes aquela doutrina muito mais importante, que o sangue de Cristo, aspergido sobre a consciência do pecador arrependido, purifica-a de toda mácula do pecado e livra o pecador da ira vindoura.

A páscoa fazia os judeus rememorem o fato que nenhum dos seus antepassados esteve isento de ser destruído pelo anjo, na noite em que ele matou os primogênitos egípcios, a menos que tivesse comido do cordeiro que fora morto? É claro que sim. Mas, a finalidade disso foi a de guiar a mente deles para uma lição bem superior a essa: todos que quiserem receber benefício eterno da expiação efetuada por Cristo precisam alimentar-se dEle, pela fé, acolhendo-O em seus corações.

Recordemo-nos dessas verdades e meditemos cuidadosamente a respeito. Então perceberemos uma peculiar propriedade e beleza no tempo determinado por Deus para a morte do Senhor Jesus Cristo, no Calvário. A morte de Cristo teve lugar precisamente durante a época em que todos os israelitas estavam com suas mentes voltadas para o livramento de Israel da servidão no Egito e para os eventos daquela noite memorável, quando o livramento teve lugar. O cordeiro, imolado e comido por todos os membros da família, o anjo destruidor, a segurança que havia no interior de cada residência protegida pelo sangue aspergido — tudo isso seria comentado e considerado por muitas e muitas vezes, em todos os lares israelitas, na própria semana em que o nosso Senhor foi crucificado. Seria realmente de estranhar, se uma morte tão notável quanto a dEle, e naquele período do ano, não fizesse muitas pessoas refletirem e terem seus olhos abertos. Mas, até que ponto, só o saberemos no último dia.

Quando estivermos lendo as nossas Bíblias, que tenhamos como regra estudar os tipos e as ordenanças da lei mosaica, com atenção e

oração. Eles estão repletos de Cristo. O altar, o bode expiatório, as ofertas queimadas diariamente, o dia da Expição — são outros tantos marcos indicadores do grande sacrifício oferecido por nosso Senhor, no Calvário. Aqueles que negligenciam o estudo das ordenanças judaicas, como se fossem porções obscuras, embotadas e desinteressantes da Bíblia, tão-somente exibem a sua própria ignorância, perdendo grandes benefícios. Todavia, aqueles que as examinam, tendo Cristo como a chave para o entendimento dessas ordenanças, descobrirão que elas estão repletas da luz do evangelho e de consoladoras verdades.

A Instituição da Ceia do Senhor

Leia Marcos 14.17-25

Estes versículos contêm a narrativa de Marcos sobre a instituição da Ceia do Senhor. A simplicidade da descrição merece uma observação toda especial. Teria sido muito bom para a igreja cristã se os homens não tivessem se desviado das singelas declarações das Escrituras Sagradas acerca dessa bendita ordenança! É deveras lamentável que ela tenha sido corrompida por falsas explicações e por acréscimos supersticiosos, ao ponto que o seu real significado, em muitos segmentos da cristandade, tornou-se totalmente desconhecido. Entretanto, no momento, afastemos de nossas mentes todas as questões controvertidas e estudemos as palavras de Marcos, tendo em mira a nossa própria edificação pessoal.

Aprendamos, desta passagem, que *o auto-exame deve anteceder o recebimento dos elementos da Ceia do Senhor*. Não duvidemos que esse foi um dos objetivos da solene advertência feita por nosso Senhor: “Em verdade vos digo que um dentre vós, o que come comigo, me trairá”. Nosso Senhor desejava despertar, nas mentes de seus discípulos, aquelas sondagens de coração que são aqui registradas de modo tão tocante: “Eles começaram a entristecer-se e a dizer-lhe, um após outro: Porventura sou eu?” O Senhor tencionava ensinar a toda a sua igreja, ao redor do mundo, que a ocasião em que nos aproximamos da mesa do Senhor deve ser marcada por um diligente auto-exame.

O benefício derivado da Ceia do Senhor depende inteiramente do espírito e da atitude mental com que a recebemos. O pão que comemos e o vinho que bebemos, à mesa do Senhor, não têm poder algum para fazer bem às nossas almas, se não houver a cooperação de nossos corações e de nossa vontade. Esses elementos não nos transmitirão qualquer bênção, só por causa da consagração do ministrante, se não os recebermos corretamente, de modo digno e com fé. Afirmar, conforme alguns

fazem, que a Ceia do Senhor produzirá um bom efeito sobre todos os comungantes, sem importar como participam, constitui-se uma distorção monstruosa e antibíblica, que tem dado origem a grosseiras e ímpias superstições.

O estado mental no qual devemos nos encontrar, antes de nos avizinharmos da mesa do Senhor, é bem descrito no Catecismo da Igreja Anglicana. Lemos ali que devemos “examinar a nós mesmos se temos nos arrependido verdadeiramente dos nossos pecados anteriores, se temos tomado a firme resolução de levar uma nova vida, se temos uma vívida fé na misericórdia de Deus, por intermédio de Cristo, se recordamos com gratidão a morte dEle e se estamos demonstrando amor para com todos os homens”. Se a nossa consciência puder responder afirmativamente essas indagações, então poderemos participar da Ceia do Senhor sem receio. Mais do que isso Deus não requer de qualquer dos participantes da Ceia do Senhor; e menos do que isso jamais nos deve contentar.

Prestemos atenção a nós mesmos, pois é fácil errar nessa questão da Ceia do Senhor nesses dois aspectos. Por um lado, não podemos satisfazer-nos em permanecer distantes da mesa do Senhor, alegando vagamente que nos sentimos indignos. Enquanto estivermos distanciados da Ceia, estaremos desobedecendo a um claríssimo mandamento de Cristo e estaremos vivendo em pecado. Mas, por outro lado, não podemos nos aproximar da mesa do Senhor como se fosse uma mera formalidade e sem qualquer auto-exame. Porquanto, se participarmos dessa ordenança nesse estado mental, não desfrutaremos qualquer bem e ainda seremos culpados de uma grave transgressão. É algo terrível o crente achar-se incapacitado de receber essa ordenança, porque isso equivale a estar despreparado para morrer. Também não é menos terrível receber os elementos da Ceia do Senhor de forma indigna, porquanto isso equivale a provocar a Deus. A única maneira segura de agir é ser um servo decidido de Cristo e viver uma vida caracterizada pela fé nEle. Somente então poderemos nos aproximar da Ceia com ousadia, participando dela de forma a recebermos consolo.

Em segundo lugar, nestes versículos, aprendamos que *o principal objetivo da Ceia do Senhor é lembrar-nos do sacrifício de Cristo por nós, na cruz do Calvário*. O pão tem por finalidade trazer à nossa memória o “corpo” de Cristo que foi ferido por nossas transgressões. O vinho tem por propósito fazer-nos lembrar do “sangue” de Cristo, vertido por nós a fim de purificar-nos de todo pecado. A propiciação e a expiação efetuadas por nosso Senhor, por meio de sua morte, como nosso Senhor e nosso Substituto, destacam-se de maneira proeminente em toda essa ordenança. A falsa doutrina que alguns ensinam, dizendo que a morte de Cristo foi apenas a morte de um homem extraordinariamente santo,

que nos deixou um exemplo sobre como morrer, torna a Ceia do Senhor uma ordenança sem significado e não pode ser conciliada com as palavras de nosso Senhor, ditas por ocasião da instituição da Ceia.

Compreender claramente esse ponto é de grande importância. Essa compreensão nos outorgará a atitude mental correta, ensinando-nos como nos devemos sentir, ao nos aproximarmos da mesa do Senhor. Tal compreensão produzirá em nós uma autêntica *humildade* de espírito. O pão e o vinho nos farão lembrar quão pecaminoso é o pecado, visto que coisa nenhuma, exceto a morte de Cristo, foi capaz de fazer expiação por ele. Essa compreensão despertará em nós *esperança* acerca de nossas próprias almas. O pão e o vinho nos permitirão lembrar que embora os nossos pecados sejam gravíssimos, foi pago um grande preço pela nossa redenção. Ainda, não menos importante, tal compreensão produzirá *gratidão* em nossos corações. O pão e o vinho nos farão lembrar quão grande é a nossa dívida para com Cristo e quanto devemos glorificá-Lo em nossas vidas. Sejam esses os sentimentos que experimentemos, sempre que tivermos de receber a Ceia do Senhor!

Por último, nestes versículos, aprendamos *qual a natureza dos benefícios espirituais que a Ceia do Senhor tenciona transmitir, como também quais pessoas têm o direito de esperar recebê-los*. Podemos aprender isso através dos atos significativos que são usados por ocasião do recebimento dessa ordenança. Nosso Senhor ordenou-nos “comer” o pão e “beber” o vinho. Ora, comer e beber são atos de uma pessoa viva. O objetivo do comer e do beber é alimentar e refrigerar. A conclusão que nos convém extrair desse fato, como é manifesto, é que a Ceia do Senhor foi instituída visando ao fortalecimento e refrigério de nossas almas. Também podemos concluir que devem participar da Ceia do Senhor aqueles que têm vida espiritual, sendo verdadeiros crentes. Todos esses descobrirão, nessa ordenança, um meio de graça. A Ceia do Senhor haverá de ajudá-los a descansar mais confiadamente em Cristo e a confiar nEle mais plenamente. Os símbolos visíveis do pão e do vinho, haverão de ajudar, vivificar e confirmar a fé daqueles que são crentes.

A correta compreensão desse ponto reveste-se de máxima importância, nestes dias. Devemos acautelar-nos de pensar que há qualquer outra maneira de alguém comer o corpo de Cristo e beber o sangue de Cristo, senão por meio da fé. Também não se deve pensar que a participação na Ceia do Senhor dará a qualquer pessoa um diferente interesse no sacrifício de Cristo na cruz — um interesse diferente daquele que se recebe por intermédio da fé. A fé é o grande meio de comunicação entre a alma e Cristo. A Ceia do Senhor pode ajudar, vivificar e confirmar a fé, mas jamais poderá ultrapassá-la ou suprir a sua ausência. Jamais

esqueçamos disso. Um erro nesse ponto é uma ilusão fatal, que leva muitos às superstições.

Portanto, que se torne um princípio firme, em nosso cristianismo, que nenhum incrédulo deverá assentar-se à mesa do Senhor e que essa ordenança não fará o menor bem à alma, a menos que seja recebida com arrependimento e fé. A Ceia do Senhor não é uma ordenança que converte ou justifica, e aqueles que participam dela, sem terem sido convertidos ou terem sido justificados, não sairão dali melhores do que quando chegaram; antes, sairão piores. A Ceia do Senhor é uma ordenança para os crentes, não para quem ainda está na incredulidade; ela é para os espiritualmente vivos, não para os espiritualmente mortos. A sua finalidade é sustentar a vida, não transmitir vida; é fortalecer e fazer crescer na graça, não conferir graça; é ajudar no fortalecimento da fé, não semear e plantar a fé. Que esses conceitos aprofundem-se em nossos corações, de modo a nunca mais serem esquecidos.

Estamos vivos para Deus? Essa é a grande pergunta. Se estamos, então aproximemo-nos da Ceia do Senhor e participemos dela com gratidão, sem jamais lhe voltarmos as costas. Se assim não fizermos, estaremos cometendo um grande pecado.

Continuamos mortos no pecado e no mundanismo? Se assim é, então não temos qualquer direito a participar da comunhão à mesa do Senhor, pois ainda estamos naquele caminho que conduz à perdição. É necessário que nos arrependamos. É preciso nascermos de novo. Teremos de ser unidos a Cristo por meio da fé. Então, e somente então, é que estaremos aptos para nos tornarmos participantes da Ceia do Senhor.

Presciência de Cristo Quanto à Fraqueza dos Discípulos; A Auto-Ignorância do Crente

Leia Marcos 14.26-31

Nestes versículos, percebamos *quão bem nosso Senhor teve presciência da debilidade e da fraqueza dos seus discípulos*. Jesus revelou-lhes claramente o que estavam prestes a fazer: “Todos vós vos escandalizareis”. A Pedro, em particular, mostrou o espantoso pecado que ele cometeria: “Nesta noite, antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes”.

Contudo, a presciência de nosso Senhor não O impediu de escolher aqueles doze discípulos para serem os seus apóstolos. Pelo contrário, permitiu-lhes serem seus amigos e companheiros íntimos, tendo perfeito conhecimento, desde o princípio, do que eles fariam no futuro. Cristo

concedeu-lhes o grande privilégio de estarem continuamente em sua companhia e ouvirem a sua voz, apesar de estar plenamente cômico da melancólica debilidade e da pequenez da fé que eles mostrariam, no final de seu ministério terreno. Esse é um detalhe notável, que merece estar continuamente em nossa memória.

Consolemo-nos diante do pensamento que o Senhor Jesus não rejeitou o seu povo crente, somente por causa de suas falhas e imperfeições. Ele sabe o que eles são. Assim como um marido recebe a sua esposa, Jesus os recebe, apesar de todos os defeitos e pecados deles. E uma vez que venham a Jesus pela fé, Ele nunca mais os rejeita. Cristo é um misericordioso e compassivo Sumo Sacerdote. Faz parte de sua glória apagar as transgressões de seu povo e cobrir-lhes os seus muitos pecados. Jesus sabia perfeitamente bem o que era o seu povo, antes da conversão — pessoas ímpias, culpadas e contaminadas. No entanto, Ele os amou. Jesus também sabia o que eles seriam após terem-se convertido — pessoas fracas, imperfeitas e frágeis. Apesar disso, Ele os amou. Cristo tomou sobre Si a tarefa de salvá-los, apesar de todas as falhas deles; e aquilo que Ele resolveu que faria não deixará de cumprir.

Aprendamos a fazer juízos caridosos da conduta dos crentes. Não devemos atribuir a eles uma posição inferior, asseverando que não possuem a graça divina, somente porque percebemos neles muita fraqueza e corrupção. Lembremo-nos que nosso Mestre, nos céus, suporta as fraquezas dos crentes, razão pela qual devemos procurar suportá-las. A igreja de Cristo é semelhante a um grande hospital. Todos nós somos mais ou menos débeis e carecemos, diariamente, do habilidoso tratamento outorgado pelo Médico celeste. Entretanto, não haverá cura completa senão no dia da ressurreição dos salvos.

Em segundo lugar, nestes versículos, percebemos *quanto consolo os crentes podem perder, por causa de seu descuido e desatenção*. Nosso Senhor referiu-se com toda a clareza à sua própria ressurreição, dizendo: “Mas, depois da minha ressurreição, irei adiante de vós para a Galiléia”. Entretanto, parece que essas foram palavras desperdiçadas e ditas em vão. Nenhum dos discípulos de Cristo parece tê-las compreendido ou tê-las entesourado no coração. Assim, quando Cristo foi traído, eles O abandonaram. Quando Ele foi crucificado, eles quase chegaram ao desespero. Quando Ele ressuscitou, ao terceiro dia, eles não acreditaram que fosse verdade. Com certa frequência, eles tinham ouvido Cristo falar acerca de sua própria ressurreição; mas eles ouviam-No apenas, sem que recebessem qualquer impressão em seus corações.

Que quadro perfeito a respeito da natureza humana! Quão frequentemente vemos essas mesmas atitudes entre os crentes, em nossos dias! Quantas verdades lemos anualmente na Bíblia; contudo, depois não

mais nos lembramos delas, como se nunca as tivéssemos lido! Quantas palavras de sabedoria ouvimos nos sermões, sem darmos guarida e atenção, e continuamos a viver como se nunca as tivéssemos escutado! Um dia desabam sobre nós os tempos de trevas e de aflições e então nos mostramos desarmados e despreparados. No leito de enfermidade e na tristeza do luto, chegamos a perceber significado em textos e passagens bíblicas que antes ouvimos com apatia e desinteresse. Naquelas ocasiões aflitivas, afluem em nossas mentes aquelas verdades e nos envergonhamos de nunca antes as termos percebido. Recordamos de já tê-las lido ou ouvido, sem que tivessem deixado qualquer impressão sobre nós. Tal como sucedeu a Hagar, no deserto, elas estavam próximas de nós o tempo todo; mas nunca as havíamos percebido (Gn 21.19).

Oremos rogando uma viva compreensão da Palavra de Deus, quando a estivermos lendo ou ouvindo. Devemos perscrutar cada uma de suas partes, não perdendo de vista qualquer preciosa verdade, devido à falta de atenção. Se assim fizermos, estaremos lançando um sólido alicerce para os dias vindouros, armando-nos para enfrentar a tristeza ou a enfermidade.

Notemos quão pouca razão têm os pregadores de se surpreenderem se as palavras que eles pregam, em seus sermões, com frequência passam despercebidas e desatendidas. Eles estão apenas bebendo do mesmo cálice que o seu Senhor bebeu. Até mesmo Ele disse muitas coisas que não foram observadas, quando proferidas pela primeira vez. Não obstante, sabemos que “jamais alguém falou como este homem” e que “o servo não é maior do que o seu senhor” (Jo 7.46; 13.16). Precisamos de paciência. As verdades que, a princípio, parecem ser negligenciadas com frequência produzem fruto, após muitos dias.

Em último lugar, nestes versículos, observemos *quanta inconsciente autoconfiança algumas vezes aninha-se nos corações dos cristãos*. O apóstolo Pedro não podia imaginar ser possível que ele viesse a negar ao seu Senhor. E protestou: “Ainda que me seja necessário morrer contigo, de nenhum modo te negarei”. Ele não estava sozinho em sua autoconfiança, pois os demais discípulos manifestaram idêntica opinião: “Assim disseram todos”.

Contudo, no que resultou toda aquela confiante jactância? Não se passaram doze horas antes que todos os discípulos tivessem abandonado a nosso Senhor e fugido. Esqueceram-se de todos os seus altos protestos. Diante do perigo, foram varridas para longe todas as suas promessas de fidelidade. Por semelhante modo, pouco sabemos sobre como agiremos em qualquer dada situação, enquanto não passamos por ela! As nossas circunstâncias alteram enormemente os nossos sentimentos!

Aprendamos a orar pedindo humildade. “A soberba precede a

ruína, e a altivez de espírito, a queda” (Pv 16.18). Em nossos corações há muito mais iniquidade do que conhecemos. Não sabemos até onde poderemos cair, se colocados sob tentação. Não existe grau de pecado ao qual não possa descer o maior dos santos, se não for sustentado pela graça de Deus e se ele mesmo não vigiar e orar. Em nossos corações ocultam-se as sementes de todas as espécies de iniquidade. Essas sementes precisam apenas de ocasiões convenientes para brotarem com uma danosa vitalidade. “Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia” (1 Co 10.12). “O que confia no seu próprio coração é insensato” (Pv 28.26). A nossa oração diária deve ser: Sustenta-me, ó Senhor, e estarei seguro!

A Agonia no Jardim; A Fraqueza dos Apóstolos

Leia Marcos 14.32-42

A narrativa a respeito da agonia de nosso Senhor, no jardim de Getsêmani, é uma passagem profunda e misteriosa nas Escrituras. Ali estão contidas coisas que os mais sábios teólogos não são capazes de explicar plenamente. Todavia, à superfície há verdades claras da maior importância.

Primeiramente, observemos *quão profundamente nosso Senhor sentiu a carga do pecado da humanidade*. Está escrito que Jesus “começou a sentir-se tomado de pavor e de angústia”. Em seguida, Ele disse aos seus discípulos: “A minha alma está profundamente triste até à morte”. Também lemos que “prostrou-se em terra; e orava para que, se possível, lhe fosse poupada aquela hora”.

Só existe uma explicação razoável para essas declarações. Não foi o mero temor dos sofrimentos físicos da morte que arrancou de seus lábios aquelas expressões. Foi o senso da enorme carga da culpa humana, a qual, naquele momento, começava a exercer pressão sobre Ele, de uma maneira peculiar. Foi o senso de um indizível peso, o peso de nossos pecados e transgressões, que, naquela ocasião, estava sendo lançado sobre Ele de maneira toda especial. Ele estava sendo feito “maldição em nosso lugar”. Ele começava a levar sobre Si as nossas tristezas e as nossas dores, de acordo com a aliança que Ele viera cumprir neste mundo. Aquele que não conheceu pecado estava sendo feito “pecado por nós” (2 Co 5.21). A sua natureza santa sentia fortemente a hedionda carga que estava sendo posta sobre Si. Essas foram as razões para a sua profundíssima tristeza.

Devemos perceber na agonia de nosso Senhor, no jardim de Getsêmani, a excessiva pecaminosidade do pecado. Esse é um assunto a respeito do qual os pensamentos dos cristãos estão sempre muito abaixo do que deveriam estar. A maneira superficial e negligente com que abordamos tais pecados, como a linguagem suja, a quebra do descanso dominical, a mentira e coisas semelhantes, serve de dolorosa evidência da baixa condição moral em que se encontram os homens. Portanto, que as memórias despertadas pelo Getsêmani produzam em nós um efeito santificador. Sem importar qual a atitude de outras pessoas, jamais façamos do pecado um motivo de zombaria.

Em segundo lugar, observemos *que exemplo nosso Senhor nos deixou acerca da importância da oração, em tempos de tribulação*. Em sua hora de aflição, encontramos o Senhor a empregar esse poderoso remédio. Por duas vezes somos informados que, quando a sua alma entristeceu-se profundamente, Ele orou.

Jamais encontraremos receita melhor do que essa, se quisermos suportar com paciência as aflições. A primeira pessoa a quem devemos ir, em nossas aflições, é Deus. A primeira queixa que devemos exprimir deve ser em forma de oração. A resposta divina talvez não nos seja dada imediatamente. O alívio que desejamos talvez não nos seja proporcionado de imediato. As coisas que nos submetem à prova talvez nunca sejam removidas, nem jogadas fora. Entretanto, o mero ato de derrarmos nossos corações e de abrimo-nos diante do trono da graça redundará em bem para nós. O conselho dado por Tiago é sábio e de grande peso: “Está alguém entre vós sofrendo? Faça oração” (Tg 5.13).

Em terceiro lugar, observemos *o notável exemplo que nosso Senhor nos deu quanto à submissão de sua vontade à vontade do Pai*. Ainda que a sua natureza humana tenha sentido profundamente a pressão da culpa do mundo, Ele orou que, “se possível, lhe fosse poupada aquela hora”; e: “Passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero, e, sim, o que tu queres”.

Não podemos imaginar mais elevado grau de perfeição do que esse que acaba de nos ser exposto. Cabe-nos aceitar com paciência tudo quanto Deus nos quiser enviar; cabe-nos não gostar de coisa alguma, senão daquilo que Deus gosta; nada desejar, senão aquilo que Deus deseja; não aprovar coisa alguma, senão aquilo que Deus aprova; preferir a dor, se assim aprovar a Deus enviá-la; aceitar amenidades, se Deus assim o preferir; mantermo-nos passivos sob a mão de Deus, não tendo vontade própria, senão a dEle — esse é o mais elevado padrão que podemos almejar. E a conduta de nosso Senhor, no Getsêmani, serve-nos de modelo perfeito quanto a isso.

Esforcemo-nos e trabalhemos para ter “o mesmo sentimento que

houve também em Cristo Jesus” (Fp 2.5), no que concerne a essa questão. Oremos diariamente, esforçando-nos por mortificar a nossa vontade própria. Para a nossa felicidade é que agiremos dessa maneira. Coisa alguma redundante para nós em tanta miséria, neste mundo, quanto prosseguirmos pelo caminho de nossa própria escolha. Por conseguinte, constitui-se prova firme de que estamos sob a graça divina o agirmos biblicamente. O conhecimento, os dons, as convicções, os sentimentos e os desejos servem todos de evidências bastante incertas. Com freqüência, elas são encontradas nos não-convertidos. Porém, uma contínua e crescente disposição de submettermos a nossa vontade à vontade de Deus é um sintoma muito mais saudável. É um sinal de que, realmente, estamos crescendo “na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pe 3.18).

Por último, observemos *quanta fraqueza pode ser encontrada até nos melhores crentes*. Dispomos de uma dolorosa ilustração a respeito disso na conduta de Pedro, Tiago e João. Quando deveriam ter ficado acordados e orando, caíram no sono. Sendo convidados por nosso Senhor a vigiar em companhia dEle, puseram-se a dormir. Ainda que avisados, pouco antes, que o perigo estava às portas e que a sua fé fraquejaria, eles dormiram. Embora até bem pouco tempo tivessem estado à mesa do Senhor, com todas as suas emocionantes solenidades, deixaram-se vencer pelo sono. Nunca houve prova mais conclusiva de que os melhores dentre os homens são apenas homens e que, enquanto os santos do Senhor estiverem em seus corpos, estarão cercados de fraquezas.

Essas coisas foram escritas para nosso aprendizado. Cuidemos para que não tenham ficado registradas em vão. Estejamos sempre em guarda contra aquele espírito preguiçoso, indolente e indulgente, na esfera das coisas espirituais, que é natural a todos nós, especialmente no que concerne às nossas orações particulares. Quando sentirmos que tal atitude nos está assaltando, lembremo-nos de Pedro, Tiago e João, no Getsêmani, e exerçamos cuidado.

O solene conselho dirigido por nosso Senhor aos seus discípulos deve retinar com freqüência em nossos ouvidos: “Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; o espírito, na verdade, está pronto, mas a carne é fraca”. Esse deve ser o lema do crente, todos os dias, desde a hora de sua conversão até à hora de sua morte.

Somos crentes autênticos e desejamos manter alertas as nossas almas? Nunca nos esqueçamos que carregamos conosco uma dupla natureza — um “espírito” pronto e uma “carne” fraca; uma natureza espiritual, inclinada para o bem, e uma natureza carnal, inclinada para o mal. Essas duas naturezas são contrárias uma à outra (Gl 5.17). O pecado e o diabo encontrarão auxiliares em nossos próprios corações.

Se não crucificarmos a carne e não a dominarmos, ela acabará nos dominando e ficaremos envergonhados.

Somos crentes verdadeiros e queremos conservar alertas as nossas almas? Então jamais esqueçamos de vigiar e orar. É necessário que vigiemos, como se fôssemos soldados, porquanto estamos em território inimigo. Devemos sempre estar em guarda. Devemos lutar o combate diário e guerrear a cada momento. O descanso ainda nos espera no futuro. Compete-nos orar sem cessar, de modo regular, habitual, cuidadoso, em ocasiões determinadas. Precisamos tanto orar quanto vigiar, tanto vigiar quanto orar. Vigiar e não orar equivale a demonstrar autoconfiança e presunção. Orar sem vigiar é demonstrar mero fanatismo. O homem que reconhece a sua própria fraqueza e que, reconhecendo-a, tanto ora quanto vigia é o homem que será sustentado pelo Senhor, o qual não permitirá que ele caia.

Cristo é Preso Pelos Seus Inimigos

Leia Marcos 14.43-52

Nestes versículos podemos notar *quão pouco os adversários de nosso Senhor compreenderam a natureza do seu reino*. Lemos que Judas Iscariotes chegou a fim de prendê-Lo, acompanhado por “uma turba com espadas e cacetes”. É evidente que os seus inimigos esperavam que nosso Senhor seria vigorosamente defendido pelos seus discípulos e que não seria aprisionado sem luta. Os principais sacerdotes e os escribas apegaram-se obstinadamente à idéia de que o reino de nosso Senhor era um reino deste mundo e imaginaram que esse reino seria sustentado através de meios materiais. Eles ainda não haviam aprendido a solene lição contida nas palavras de nosso Senhor a Pilatos: “O meu reino não é deste mundo... agora o meu reino não é daqui” (Jo 18.36).

Faremos bem em recordar essa verdade, em todas as nossas tentativas para ampliar o reino da verdadeira religião. O reino de Deus simplesmente não pode ser propagado por meio da violência ou do braço da carne. As armas de nossa milícia não são carnis (2 Co 10.4); “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos” (Zc 4.6). A causa da verdade não precisa da ajuda da violência física para manter-se de pé. As religiões falsas, como o islamismo, com freqüência têm sido propagadas por meio da espada. O falso cristianismo, como o da Igreja Romana, com freqüência tem sido fomentado por homens inclinados a sanguinárias perseguições. Não obstante, o autêntico

evangelho de Cristo não requer qualquer ajuda dessa natureza. O evangelho é sustentado pelo poder do Espírito Santo. Desenvolve-se mediante a influência oculta do Espírito de Deus, nos corações e nas consciências dos homens. A prontidão de seus adeptos em apelarem à espada é o sinal mais claro de que alguma causa religiosa é má.

Em segundo lugar, observemos, nestes versículos, *como todas as coisas, na paixão de nosso Senhor, sucederam de conformidade com a Palavra de Deus*. As próprias palavras de Cristo, dirigidas àqueles que O prenderam, demonstram isso de maneira impressionante: "É para que se cumpram as Escrituras".

Não houve acaso ou acidente em qualquer dos acontecimentos do final do ministério terreno de nosso Senhor. Os passos por Ele dados, desde o Getsêmani até o Calvário, foram todos demarcados milhares de anos antes. O Salmo 22 e Isaías 53 foram literalmente cumpridos. A ira dos adversários de Jesus, a sua rejeição por parte de seu próprio povo judeu, o fato que Ele foi tratado como um malfeitor, o ter sido Ele condenado por uma assembléia de juízes iníquos — tudo havia sido previsto e predito. Tudo quanto se desenrolou foi apenas o desdobramento do grandioso plano de Deus, a fim de prover expiação pelos pecados da humanidade. Os homens armados, que Judas Iscariotes trouxera, a fim de prenderem Jesus, tal como Nabucodonosor ou Senaqueribe, foram apenas instrumentos inconscientes que cumpriram os propósitos de Deus.

Permitamos que nossas almas descansem sobre o pensamento de que tudo quanto acontece ao nosso redor tem sido determinado e está sendo controlado pela todo-poderosa sabedoria de Deus. O curso seguido pela humanidade com freqüência será contrário aos nossos desejos. Por muitas vezes, a posição da igreja poderá ser diferente daquilo que desejamos. A iniquidade dos homens mundanos e as incoerências dos crentes podem, com freqüência, afligir-nos a alma. Entretanto, há uma mão por cima de nós, fazendo movimentar-se a vasta máquina do universo e levando todas as coisas a cooperarem juntamente para a glória de Deus. As Escrituras cumprem-se ano após ano. Nenhum "i" ou "til" das Escrituras jamais deixará de ser cumprido. Os monarcas da terra poderão aconselhar-se mutuamente, e os governantes das nações poderão manifestar-se de modo contrário a Cristo (Sl 2.2); porém, a manhã da ressurreição demonstrará que, até mesmo no momento mais negro, todas as coisas estavam sendo efetuadas de acordo com a vontade de Deus.

Em último lugar, observemos *o quanto a fé dos crentes verdadeiros pode recuar*. Somos informados que, quando Judas Iscariotes e seu grupo prenderam Senhor, e Ele calmamente deixou-se aprisionar, os onze discípulos, "deixando-o, todos fugiram". Talvez até aquele momento eles estivessem alimentando a esperança de que nosso Senhor

faria um milagre e se libertaria. Porém, quando não viram o milagre ser feito, a sua coragem lhes desfaleceu completamente. Os protestos de fidelidade que haviam feito foram todos esquecidos. As suas promessas de morrer com o seu Senhor foram todas jogadas fora. O temor do perigo que se lhes apresentava destruiu o melhor de sua fé. O senso do perigo imediato tirou de seus corações todos os outros sentimentos. "Deixando-o, todos fugiram."

Nesse incidente há algo profundamente instrutivo. Esse acontecimento merece um estudo atento por parte de todos os cristãos. Feliz o que observa a conduta dos discípulos de Cristo e dela extrai sabedoria!

Da fuga daqueles onze discípulos, aprendamos *a não nos mostrarmos excessivamente confiantes em nossas próprias forças*. O temor ao homem, realmente, serve-nos de armadilha. Nunca sabemos o que somos capazes de fazer, quando sujeitados à tentação, ou até que ponto a nossa fé pode ceder. Portanto, revistamo-nos todos de humildade.

Aprendamos a ser caridosos no juízo que fazemos de outros cristãos. Não podemos esperar grande coisa da parte deles, nem devemos considerá-los como destituídos da graça divina, se, porventura, chegarmos a apanhá-los em alguma falta grave. Não nos esqueçamos que os próprios apóstolos, escolhidos por nosso Senhor, abandonaram-No no seu momento de necessidade. Contudo, eles ergueram-se novamente, mediante o arrependimento, e vieram a tornar-se colunas na igreja de Cristo.

Finalmente, deixemos esta passagem imbuídos do profundo senso da capacidade que nosso Senhor tem de simpatizar com o seu povo crente. Se existe uma provação maior do que outra, ela consiste em ficarmos desapontados com aqueles que amamos. Esse é um cálice amargo que todos os verdadeiros crentes, com freqüência, têm de beber. Os ministros do evangelho os decepcionam. Os seus parentes os decepcionam. Os amigos os decepcionam. Uma cisterna após outra revela-se rota e incapaz de conter água. Todavia, que esses encontrem consolo no fato que existe um Amigo infalível, o próprio Jesus, o qual se mostra sensível para com as debilidades deles e que provou todas as tristezas deles. Jesus sabe o que significa ver amigos e discípulos decepcionarem-No, na hora da necessidade. Entretanto, Ele suportou tudo com paciência e amou aos seus discípulos até ao fim. Jesus nunca se cansa de perdoar. Esforcemo-nos por agir de maneira semelhante. Seja no que for, o Senhor Jesus nunca nos decepcionará. Está escrito: "As suas misericórdias não têm fim" (Lm 3.22).

Jesus é Condenado Diante do Sumo Sacerdote

Leia Marcos 14.53-65

No livro de Eclesiastes, Salomão nos relata um dos males que viu debaixo do sol: "O tolo posto em grandes alturas, mas os ricos assentados em lugar baixo" (Ec 10.6). Não podemos imaginar uma mais completa ilustração das palavras de Salomão do que aquilo que acabamos de ler nesta passagem. Vemos o Filho de Deus, "em quem todos os tesouros da sabedoria e do conhecimento estão ocultos" (Cl 2.3), intimado, como se fosse um malfeitor, à presença de "todos os principais sacerdotes, os anciãos e os escribas". Vemos os dirigentes da nação judaica a combinarem-se para executar seu próprio Messias, julgando Àquele que, um dia, virá em glória, para julgar àqueles juízes e toda a humanidade. Essas coisas parecem espantosas, mas são verdadeiras.

Observemos, nestes versículos, *quão insensatamente os crentes, às vezes, arrastam-se à tentação*. Lemos que, quando nosso Senhor foi levado prisioneiro, "Pedro seguira-o de longe até ao interior do pátio do sumo sacerdote e estava assentado entre os serventuários, aquecendo-se ao fogo". Não vemos qualquer sabedoria nesse ato de Pedro. Tendo antes abandonado a seu Senhor e fugido, ele deveria ter se lembrado de sua própria fraqueza, não se aventurando ao perigo mais uma vez. O que ele fez foi um ato de imprudência e presunção. Isso fez com que a sua fé passasse por um novo teste, para o qual ele estava totalmente despreparado. Pedro acabou se assentando entre más companhias, das quais ele, dificilmente, receberia qualquer bem, mas somente o mal. Isso pavimentou o caminho para a sua última e maior transgressão — a sua negação do Senhor, por três vezes.

Contudo, trata-se de uma verdade experimental que jamais deve ser esquecida por nós — quando um crente começa a desviar-se e abandonar a sua primeira fé, raramente para nesse seu primeiro erro. Dificilmente ele tropeça apenas uma vez. Raramente ele comete uma única falta. Uma cegueira parece cobrir seu entendimento. Parece que ele joga fora seu bom senso e a sua discrição. Como se fosse uma grande pedra que rola colina abaixo, quanto mais tempo o crente continuar pecando, tanto mais rápido e decidido será o seu curso. Como Davi, ele pode começar com a ociosidade e terminar cometendo qualquer crime possível. Como Pedro, o crente pode começar pela covardia, passar a brincar insensatamente com a tentação e terminar negando a Cristo.

Se sabemos alguma coisa sobre a verdadeira religião que salva,

tenhamos sempre cuidado com os primeiros passos de desvio. Isso é como um vazamento de água — primeiramente uma gota, e, depois, uma torrente. Se nos desviarmos do caminho da santidade, não haverá como prever até onde chegaremos. Se chegarmos a ceder diante de tolas incoerências, poderemos algum dia, cometer todos os tipos de iniquidades. Mantenhamo-nos bem afastados do mal. Não brinquemos com fogo. Nunca tenhamos mostrar-nos por demais cuidadosos, estritos ou precisos em nossa religião. Nenhuma petição da oração do Pai Nosso é mais importante que a última, exceto uma: "Não nos deixeis cair em tentação" (Mt 6.13).

Em segundo lugar, nestes versículos, observemos *o quanto nosso Senhor Jesus Cristo precisou suportar, da parte de lábios mentirosos, quando estava sendo julgado perante os principais sacerdotes*. Somos informados que "muitos testemunhavam falsamente contra Jesus, mas os depoimentos não eram coerentes".

Facilmente podemos conceber que esse não foi o aspecto mais leve da paixão de nosso bendito Salvador. Ser injustamente detido como um malfeitor e ser submetido a julgamento como um criminoso, sendo inocente, constitui-se uma severa aflição. Porém, ouvir homens inventarem falsas acusações contra nós e arquitetarem calúnias, ouvir toda a maligna virulência de línguas inescrupulosas, soltas contra o nosso caráter, sabedores de que tudo quanto dizem é falso — isso é uma verdadeira cruz! Declarou Salomão: "Alguém há cuja tagarelice é como pontas de espada (Pv 12.18). E Davi implorou: "SENHOR, livra-me dos lábios mentirosos, da língua enganadora" (Sl 120.2). Tudo isso, porém, fazia parte do cálice que Jesus bebeu por nossa causa. Grande, verdadeiramente, foi o preço pelo qual as nossas almas foram remidas!

Não nos surpreendamos que verdadeiros crentes são caluniados e falsamente acusados neste mundo. Os crentes não podem esperar ser tratados melhor do que o seu Senhor. Pelo contrário, que eles aceitem essa prova como normal, como parte integrante da cruz que lhes compete carregar após a sua conversão. A mentira e os falsos rumores fazem parte das armas preferidas de Satanás. Quando o diabo não consegue impedir os homens de servir a Cristo, procura embará-los, fazendo com que o serviço que prestam a Cristo seja desconfortável. Que suportemos todos esses ataques com paciência, não os considerando coisa estranha. As palavras de nosso Senhor não devem apagar-se de nossa memória: "Ai de vós, quando todos vos louvarem!" (Lc 6.26); e: "Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem e vos perseguirem e, mentindo, disserem todo mal contra vós" (Mt 5.11).

Por último, nestes versículos, observemos *o notável testemunho que nosso Senhor deu acerca de seu messiado e de sua segunda vinda*

em glória. O sumo sacerdote dirigiu-lhe a solene pergunta: “És tu o Cristo, o Filho do Deus bendito?” E prontamente recebeu a enfática resposta: “Eu sou, e vereis o Filho do homem assentado à direita do Todo-poderoso e vindo com as nuvens do céu”.

Essas palavras, ditas por nosso Senhor, devem estar em nossa memória. Os judeus, após terem-nas ouvido, não poderiam dizer que não lhes fora revelado claramente que Jesus de Nazaré era o Cristo de Deus. Perante o grande concílio, formado pelos sacerdotes e anciãos dos judeus, Jesus declarou: “Eu sou [o Cristo]”. Após essa afirmação, os judeus jamais poderiam alegar que Jesus era tão humilde e pobre que nem era digno de ser crido. Ele anunciou-lhes claramente que a sua glória e a sua grandeza estavam ainda por vir. Elas tão-somente foram adiadas e transferidas até a sua segunda vinda. Eles mesmos ainda haverão de vê-Lo, revestido de poder e majestade reais, “assentado à direita do Todo-poderoso”, vindo nas nuvens do céu, como Juiz, Vencedor e Rei. Assim, se o povo de Israel continuou na incredulidade, isso não foi porque não lhes foi dito no que deveriam crer.

Deixemos esta passagem com um profundo senso da realidade e de certeza da segunda vinda de nosso Senhor Jesus Cristo. Uma vez mais, no fim de seu ministério terreno, face a seus mortais adversários, encontramos-Lo a afirmar a poderosa verdade que voltará um dia, a fim de julgar o mundo. Que essa seja uma das principais verdades em nosso cristianismo pessoal. Vivamos diariamente na lembrança de que nosso Salvador retornará a este mundo. Que o Cristo em Quem cremos seja não somente o Cristo que morreu por nós e ressuscitou dentre os mortos, o Cristo que vive e intercede por nós, mas também o Cristo que, algum dia, retornará gloriosamente a este mundo, a fim de reunir e recompensar o seu povo e a fim de punir terrivelmente todos os seus inimigos.

Pedro Nega a Cristo Três Vezes

Leia Marcos 14.66-72

Um naufrágio é uma visão melancólica, mesmo quando nenhuma vida se perde. É triste pensar na destruição de propriedades e na frustração de esperanças, que geralmente ocorrem em tais ocasiões. É doloroso ver o sofrimento e as lutas que a tripulação da embarcação freqüentemente precisa enfrentar, para não perecer afogada. No entanto, nem sequer um naufrágio é tão melancólico quanto ver um verdadeiro crente escorregar e cair em pecado. Embora ele venha a ser novamente levantado pela misericórdia divina, para, finalmente, ser salvo do inferno, tal crente

perde muito por causa de sua queda. Uma visão tal como essa temos diante de nossas mentes, nos versículos que acabamos de ler. Ali é narrada aquela dolorosíssima e instrutiva história de como Pedro negou ao seu Senhor.

Em primeiro lugar, aprendamos *quão profunda e vergonhosamente um grande santo de Deus pode cair*. Sabemos que Simão foi um dos mais eminentes apóstolos de Jesus Cristo. Ele foi um dos que recebeu elogios especiais de nosso Senhor, após a nobre confissão que fez do messiado de Jesus: “Bem-aventurado és, Simão Barjonas... Dar-te-ei as chaves do reino dos céus” (Mt 16.17, 19). Sim, Pedro foi um dos que desfrutaram de privilégios especiais e para quem o Senhor mostrou-se especialmente misericordioso. No entanto, vemos esse mesmo Simão Pedro inteiramente dominado pelo pavor, ao ponto de negar o seu Senhor. Pedro declarou que nem ao menos conhecia Aquele que ele havia acompanhado por três anos! Declarou que desconhecia Àquele que havia curado a sua sogra, que o conduzira ao monte da Transfiguração e que o salvou de morrer afogado, no Mar da Galiléia! E Pedro não negou ao seu Senhor e Mestre apenas uma vez, mas três vezes! Ele não somente negou que O conhecia, mas também praguejou e jurou que não conhecia Jesus! Acima de tudo, Pedro agiu assim após ter sido claramente advertido e a despeito de todos os seus persistentes protestos de que nunca faria coisa semelhante, mas que estaria pronto a morrer por Ele!

Essas coisas, entretanto, foram registradas para mostrar-nos o que é a natureza humana, mesmo nos melhores dos homens. Essa narrativa tem o propósito de nos ensinar que, mesmo após a conversão e a renovação efetuada pelo Espírito Santo, os crentes continuam cercados de fraquezas e sujeitos a cair. A finalidade do relato é impressionar-nos acerca da imensa importância da vigilância diária, da oração e do espírito de humildade, enquanto estivermos no corpo. “Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia” (1 Co 10.12).

Com cuidado, relembremos que o caso de Simão Pedro não é o único. A Palavra de Deus contém muitos outros exemplos da debilidade dos verdadeiros crentes. Faremos bem em observar essa verdade. As histórias de Noé, Abraão, Davi, Ezequias nos fornecem tristes provas do fato que a infecção do pecado permanece ainda mesmo no regenerado e que não há homem tão forte que esteja aquém do perigo de cair no pecado. Não nos esqueçamos disso. Andemos humildemente com nosso Deus. “Feliz é o homem constante no temor de Deus” (Pv 28.14).

Em segundo lugar, aprendamos que *uma pequena tentação pode levar um santo a uma grande queda*. O início da tentação de Pedro foi somente uma simples recordação da parte de uma das criadas do sumo sacerdote: “Tu também estavas com Jesus, o Nazareno”. Nada nos

mostra que essas palavras foram ditas com qualquer propósito hostil. O que quer que vejamos aqui, elas simplesmente significam ter aquela criada recordado que Pedro costumava ser um companheiro de nosso Senhor. Porém, esta simples recordação foi suficiente para arrasar a fé daquele eminente apóstolo e fazê-lo começar a negar o seu mestre. O principal dos discípulos escolhidos por nosso Senhor foi desencorajado, não pelas ameaças de homens armados, mas pelas palavras de uma fraca mulher!

Há algo profundamente instrutivo nesse fato. Ele nos ensina que nenhuma tentação é tão pequena e insignificante que não possa nos vencer, a menos que vigiemos e oremos para resistir-lhe. Se Deus é por nós, poderemos remover montanhas e ganhar a vitória sobre uma hoste de inimigos. Declarou Paulo: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13). Se Deus retiver a sua graça e nos deixar entregues a nós mesmos seremos como cidades sem muros e portões, uma presa fácil para o primeiro inimigo que aparecer, ainda que seja fraco e desprezível.

Estejamos alertas contra o fato de considerarmos leves as tentações, por parecerem pequenas e insignificantes. Não há nada pequeno demais no que concerne às nossas almas. Um pouco de fermento leveda toda a massa. Uma pequena faísca pode produzir um grande fogo. Uma pequena provocação pode extrair de nosso coração uma grande corrupção e resultar em que as nossas almas se envolvam em grande complicação.

Finalmente, aprendamos que *todo desvio impõe aos crentes uma profunda tristeza*. A conclusão da passagem é realmente tocante: "Então Pedro se lembrou da palavra que Jesus lhe dissera: Antes que duas vezes cante o galo, tu me negarás três vezes. E, caindo em si, desatou a chorar". Quem se atreveria a descrever os sentimentos que devem ter ocorrido à mente daquele apóstolo? Quem é capaz de conceber a vergonha, a confusão, a auto-reprovação e o amargo remorso que devem ter esmagado a sua alma? Uma queda tão tola! Uma queda tão repetida! Uma queda daquelas, face a tão claros avisos! Tudo isso deve ter agido como pensamentos cortantes para Pedro! O ferro deve ter penetrado fundo em sua alma. Há uma profunda e solene significação na singular expressão que o autor sagrado usou: "E, caindo em si, desatou a chorar".

A experiência de Pedro é apenas a experiência de todos os servos de Deus que cederam diante da tentação. Ló e Sansão, Davi e Josafá, no relato das Escrituras, ou então Cranmer e Jewell, nos registros da história da Igreja da Inglaterra, deixaram, todos eles, evidências semelhantes às de Pedro, no sentido que "o infiel de coração dos seus próprios caminhos se farta" (Pv 14.14). Tal como Pedro, esses também erraram gravemente. Assim como Pedro, eles verdadeiramente se arrependeram. Mas, tal como Pedro, descobriram que tiveram de colher uma amarga

colheita neste mundo. À semelhança de Pedro, eles foram gratuitamente perdoados, e os seus pecados foram apagados. Mas, como Pedro, tiveram de verter muitas lágrimas.

Passemos adiante com a inabalável convicção de que o pecado certamente haverá de causar-nos tristeza; certos de que o caminho marcado por mais santidade será sempre o caminho da felicidade. O Senhor Jesus providenciou, em sua misericórdia, que os seus servos jamais tirem proveito de uma caminhada negligente e do ceder ante as tentações. Se chegarmos a voltar-Lhe as costas, certamente sofreremos as consequências. Ainda que nos perdoe, Ele nos fará sentir a insensatez de nossos próprios caminhos. Aqueles que seguem mais de perto ao Senhor Jesus, seguem-No mais confortavelmente. "Muitas serão as penas dos que trocam o Senhor por outros deuses" (Sl 16.4).

Cristo é Condenado Diante de Pilatos

Leta Marcos 15.1-15

Estes versículos iniciam o capítulo onde Marcos descreve a morte do "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29). Essa é uma porção do relato do evangelho que deveria ser lida sempre com peculiar reverência. Devemos recordar que Cristo morreu, não por Si mesmo, mas por nós. Devemos lembrar que a morte de Cristo é a vida de nossas almas e que, se o seu sangue não tivesse sido derramado, teríamos de perecer miseravelmente em nossos próprios pecados.

Notemos *quão admirável prova os governantes judeus deram, à sua própria nação, de que já haviam chegado os dias do Messias*. Este capítulo se inicia com o fato que os principais sacerdotes amarraram a Jesus e "o entregaram a Pilatos", o governador romano. Mas, por qual razão fizeram isso? Porque os judeus não tinham mais autoridade para executar qualquer pessoa e estavam debaixo do domínio dos romanos. Por meio desse simples ato, eles declaram que a profecia de Jacó se cumprira. "O cetro" se apartara "de Judá" e o legislador "de entre seus pés", e viera Siló, o Messias que Deus prometera enviar (Gn 49.10). Não obstante, no registro bíblico não há coisa alguma que indique que eles se lembraram dessa predição. Os seus olhos estavam cegos. Ou não podiam ou não queriam ver o que estavam fazendo.

Não esqueçamos que, com freqüência, os homens ímpios estão cumprindo predições feitas por Deus, para a própria ruína deles, ainda que não o saibam. No próprio ápice de sua loucura, insensatez e incredulidade, constantemente eles estão suprindo novas evidências de que

a Bíblia sempre é verdadeira. Os infelizes zombadores, que escarnecem de toda religião séria e que dificilmente podem falar sobre o cristianismo sem zombaria e escárnio, fariam bem em recordar que a conduta deles há muito está prevista e predita. “Nos últimos dias, virão escarnecedores com os seus escárnios, andando segundo as próprias paixões” (2 Pe 3.3).

Notemos também *a mansidão e a humildade de nosso Senhor Jesus Cristo*. Quando Jesus esteve diante do tribunal de Pilatos e quando “o acusavam de muitas cousas”, Ele nada retorquiu. Embora as acusações contra Ele fossem falsas e nunca tivesse cometido pecado, contentou-se em suportar as contradições dos pecadores contra Si mesmo, não lhes respondendo (Hb 12.3). Embora fosse inocente de qualquer transgressão, Ele submeteu-se a suportar falsas acusações, sem qualquer murmúrio. Grande é o contraste entre o primeiro e o segundo Adão! O primeiro Adão, embora culpado, procurou desculpar-se. O segundo Adão era inocente de qualquer transgressão e de nada se defendeu. “Como ovelha muda perante os seus tosquiadores, ele não abriu a sua boca” (Is 53.7).

Aprendamos uma lição prática mediante o exemplo de nosso Senhor. Aprendamos a sofrer com paciência, sem queixas, não importando o que Deus ache por bem lançar sobre nós. Antes, tenhamos cuidado com os nossos caminhos, para não ofender com a língua na hora da tentação (Sl 39.1). Tenhamos cuidado para não dar lugar à irritação e ao mau gênio, por mais provocantes e desnecessárias que possam parecer as provas. Coisa alguma, no caráter cristão, glorifica tanto a Deus como o sofrer com paciência. “Se, entretanto, quando praticais o bem, sois igualmente afligidos e o suportais com paciência, isto é grato a Deus. Porquanto para isto mesmo fostes chamados, pois que também Cristo sofreu em vosso lugar, deixando-vos exemplo, para seguirdes os seus passos” (1 Pe 2.20,21).

Em terceiro lugar, notemos *a conduta hesitante e indecisa de Pilatos*. Torna-se claro, desta passagem, que Pilatos estava plenamente convencido da inocência de nosso Senhor. “Pois ele bem percebia que por inveja os principais sacerdotes lho haviam entregado.” Vemos Pilatos a debater-se debilmente a fim de obter a absolvição de nosso Senhor, para satisfazer a sua própria consciência. Mas, finalmente, cedeu ante a importunação dos judeus incrédulos; e, “querendo contentar a multidão”, entregou Jesus para ser crucificado. E isto resultou na eterna desgraça e ruína da alma de Pilatos.

Um homem investido de grande autoridade, sem princípios espirituais, é uma das mais deploráveis cenas do mundo. Assemelha-se a um grande navio sem bússola e sem leme, que o mar agita de um lado para outro. A sua própria grandeza cerca-o de tentações e ardis. Ele tem poder para o bem ou para o mal; mas, se não sabe brandir

corretamente esse poder, certamente isso o coloca em dificuldades e o infelicitiza. Por conseguinte, oremos muito pelos homens de autoridade. Eles precisam de muita graça para guardá-los do diabo. As altas posições são lugares escorregadios. Não admira, portanto, que Paulo tenha recomendado a intercessão “em favor dos reis e de todos os que se acham investidos de autoridade” (1 Tm 2.2). Não invejemos os grandes homens. Eles têm muitas e peculiares tentações. Quão dificilmente entrará um rico no reino de Deus! “Procuras tu grandezas? Não as procures” (Jr 45.5).

Em quarto lugar, notemos *a imensa culpa dos judeus, na questão da morte de Cristo*. No último momento, os principais sacerdotes tiveram a oportunidade de arrepender-se, se o quisessem. Eles tiveram o direito de escolher a quem deixariam ir livre, a Jesus ou a Barrabás. Porém, fria e deliberadamente, eles perseveraram em sua obra sanguinária e injusta. Preferiram que um assassino fosse libertado e que o Príncipe da vida fosse morto. A *autoridade* para tirar a vida de nosso Senhor não pertencia mais aos judeus. Mas, assumiram publicamente a *responsabilidade* por sua morte. A pergunta feita por Pilatos foi: “Que farei, então, deste a quem chamais o rei dos judeus?” A horrenda resposta deles foi: “Crucifica-o!” Os agentes diretos da morte de nosso Senhor, sem dúvida, foram gentios. Mas a culpa pela morte de nosso Senhor cabe, principalmente, aos judeus.

Nós nos admiramos diante da iniquidade daqueles judeus, nessa altura da vida de nosso Senhor. Não é para menos, pois rejeitar a Cristo e preferir a Barrabás foi, de fato, um ato surpreendente! Aparentemente a cegueira, a loucura e o desvario não podiam ir mais além. Tenhamos cuidado, porém, a fim de não seguirmos inconscientemente o exemplo deles. Acautelemo-nos para que não escolhamos Barrabás e rejeitemos Cristo. Tanto o serviço ao pecado quanto o serviço a Deus estão continuamente diante de nós. A amizade do mundo e a amizade de Cristo estão continuamente reivindicando a nossa atenção. Estamos fazendo a escolha certa? Estamos firmando-nos no Amigo certo? Essas são solenes indagações. Feliz é aquele que pode dar-lhes uma resposta satisfatória.

Por último, notemos *quão admirável símbolo do plano de salvação, apresentado no evangelho, nos fornece a libertação de Barrabás*. O culpado foi solto, o inocente foi executado. O grande assassino foi libertado e Aquele que não cometeu pecado permaneceu preso. Barrabás foi poupado, Cristo foi crucificado.

Nesse fato notável, encontramos um vívido emblema da maneira como Deus perdoa e justifica o ímpio. Ele assim age porque Cristo sofreu no lugar dos ímpios — o justo pelos injustos. Eles merecem punição, mas um poderoso Substituto sofreu em lugar deles. Eles merecem a

morte eterna, mas uma gloriosa Garantia morreu por eles. Por natureza, todos estamos na situação de Barrabás. Somos culpados, iníquos e dignos de condenação. Entretanto, quando não tínhamos “esperança” (Ef 2.12), o inocente Jesus Cristo morreu em favor dos ímpios. E agora, por causa de Cristo, Deus pode ser justo e também “o justificador daquele que tem fé em Jesus” (Rm 3.26).

Bendigamos a Deus porque temos uma tão gloriosa salvação colocada diante de nós. A nossa alegação jamais deve ser que merecemos ser inocentados, e, sim, que Cristo morreu por nós. Tenhamos cuidado para que, tendo uma tão grande salvação, realmente façamos uso dela, para o bem de nossas próprias almas. Que nunca descansemos enquanto não pudermos dizer, pela fé: Cristo é meu — mereço o inferno; mas Cristo morreu por mim, e, tendo crido nEle, vivo na esperança de ir ao céu.

Cristo é Escarnecido e Crucificado

Leia Marcos 15.16-32

A passagem bíblica que acabamos de examinar é uma das que mostram o infinito amor de Cristo para com os pecadores. Os sofrimentos nela descritos encheriam as nossas mentes com um misto de horror e compaixão, se tivessem sido infligidos a um homem que fosse apenas alguém como nós. Porém, quando refletimos que a vítima era o eterno Filho de Deus, então perdemos-nos em admiração e espanto. E, quando continuamos a refletir e pensamos que tais sofrimentos foram voluntariamente sofridos, a fim de que homens e mulheres pecaminosos como nós fossem libertados do inferno, podemos começar a entender um pouco do significado das palavras de Paulo: “O amor de Cristo... excede todo entendimento” (Ef 3.19); e “Deus prova o seu próprio amor para conosco, pelo fato de ter Cristo morrido por nós, sendo nós ainda pecadores” (Rm 5.8).

Acharemos útil examinar em separado as diversas partes da paixão de nosso Senhor. Sigamo-Lo, pois, passo a passo, desde o momento em que foi condenado por Pilatos, até o seu último momento na cruz. Há uma profunda significação em cada “i” e em cada “til” dos sofrimentos dEle. Tudo serviu como admiráveis símbolos de profundas verdades espirituais. E não nos esqueçamos, enquanto nos demoramos nessa maravilhosa história, que nós e os nossos pecados fomos a causa de todos aqueles sofrimentos. “Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus” (1 Pe 3.18). Estamos, portanto, considerando a morte de nosso Senhor e Substituto.

Em primeiro lugar, vemos que *Jesus foi entregue às mãos dos soldados romanos como um criminoso condenado à morte*. Aquele perante Quem, algum dia, a humanidade inteira terá de apresentar-se e ser julgada permitiu-se ser injustamente sentenciado e entregue às mãos de homens iníquos. E por qual razão? A fim de que nós, pobres e pecaminosos filhos dos homens, ao cremos nEle, sejamos libertados do abismo de perdição e dos tormentos do inferno; a fim de que sejamos livres de toda acusação, no Dia do Julgamento, e sejamos apresentados inculpáveis diante do Pai, transbordantes de alegria.

Em segundo lugar, vemos que *Jesus foi insultado e tornou-se alvo de zombaria dos soldados romanos*. Por escárnio, “vestiram-no de púrpura”, e, zombando de seu reino, puseram-Lhe sobre a cabeça “uma coroa de espinhos”. “Davam-lhe na cabeça com um caniço, cuspiam nele”, como se Ele fosse alguém extremamente desprezível, não melhor que o “lixo do mundo” (1 Co 4.13). Mas, por qual motivo essas coisas Lhe aconteceram? A fim de que nós, vis como somos, pudéssemos receber glória, honra e vida eterna, por intermédio da fé na expiação efetuada por Ele; a fim de podermos ser triunfalmente acolhidos no reino de Deus, no último dia, e recebermos a imarcescível coroa da glória (1 Pe 5.4).

Em terceiro lugar, vemos que *Jesus foi despojado de suas vestes e crucificado, diante de seus inimigos*. Os soldados que O conduziram “repartiram entre si as vestes dele, lançando-lhes sorte, para ver o que levaria cada um”. E por que sucedeu tal coisa? A fim de que nós, que não temos justiça própria, fôssemos vestidos da perfeita justiça que Cristo preparou para nós, para que não tenhamos de comparecer nus diante de Deus, no último dia. Isso aconteceu para que nós, que somos todos contaminados pelo pecado, tivéssemos vestes nupciais, com as quais poderemos assentar-nos ao lado dos anjos e não nos sentirmos envergonhados.

Em quarto lugar, vemos *Jesus sofrer a mais ignominiosa e humilhante de todas as mortes, a saber, a morte de cruz*. A crucificação era o castigo reservado aos piores dos malfeitores. Um homem crucificado era considerado maldito. Está escrito: “Maldito todo aquele que for pendurado em madeiro” (Gl 3.13). Mas, por qual razão isso aconteceu? A fim de que nós, que nascemos em pecado e somos filhos da ira, fôssemos considerados benditos, por causa de Cristo. Isso sucedeu a fim de que fosse removida a maldição que todos merecemos por causa do pecado; essa maldição foi posta sobre Cristo. “Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-se ele próprio maldição em nosso lugar” (Gl 3.13).

Em quinto lugar, vemos *Jesus sendo reputado como um trans-*

gressor e pecador. “Com ele crucificaram dois ladrões”. Aquele que nunca cometeu pecado, e em Quem nunca se achou dolo, “foi contado com os transgressores” (Is 53.12). Mas, por que tudo isso? A fim de que nós, que somos miseráveis transgressores, tanto por natureza quanto por prática, fôssemos considerados inocentes, por causa de Jesus Cristo. Isto sucedeu a fim de que nós, que não somos dignos de nada senão de condenação, sejamos contados como dignos de escapar do julgamento divino e declarados sem culpa perante a humanidade inteira.

E, por fim, vemos *Jesus sendo alvo de zombarias, enquanto morria, como se fosse algum impostor, como se não fosse capaz de salvar a Si mesmo*. Mas, por que isso Lhe sucedeu? A fim de que nós, em nossos últimos momentos de vida, mediante a fé em Cristo, tenhamos forte consolação. Todas essas coisas aconteceram a Cristo a fim de que desfrutássemos uma inabalável segurança, sabendo em Quem temos crido e podendo descer ao vale da sombra da morte sem temer qualquer mal.

Deixemos esta passagem com um profundo senso da enorme dívida que todos os crentes têm para com Cristo. Tudo quanto os crentes são, têm e esperam, deve-se à vida e à morte do Filho de Deus. Por meio da condenação dEle, os crentes têm absolvição; por meio dos seus sofrimentos, eles desfrutam paz; por meio do opróbrio que Ele sofreu, eles irão à glória; e, mediante a sua morte, eles receberam vida. Os pecados deles foram lançados na conta de Cristo. A retidão dEle lhes foi imputada. Não admira, pois, que Paulo tenha exclamado: “Graças a Deus pelo seu dom inefável” (2 Co 9.15).

Deixemos esta passagem com o mais profundo senso do indizível amor de Cristo pelas nossas almas. Lembremos aquilo que somos — corruptos, vis e miseráveis. Recordemos quem é o Senhor Jesus — o eterno Filho de Deus, o Criador de todas as coisas. Então, não esqueçamos que foi por nossa causa que Jesus suportou, voluntariamente, a mais dolorosa, horrível e desgraçada morte. Certamente, pensarmos nesse amor deveria nos constranger a viver diariamente, não para nós mesmos, mas para Cristo. Isso deveria nos tornar dispostos e desejosos de apresentar os nossos corpos como um sacrifício vivo Àquele que viveu e morreu por nós (2 Co 5.14; Rm 12.1). Que a cruz de Cristo esteja sempre em nossas mentes. Corretamente compreendido, é possível que nenhum outro assunto, em todo o cristianismo, tenha um efeito tão santificador e consolador para as nossas almas.

A Morte de Cristo e os Sinais que a Acompanharam

Lela Marcos 15.33-38

Nestes seis versículos temos o relato da morte de nosso Senhor Jesus Cristo. Todas as mortes são eventos solenes. Coisa alguma, na história de um homem, é tão importante quanto o final de sua carreira terrena. Porém, nunca houve uma morte com um momento tão solene como este sobre o qual acabamos de ler. No mesmo instante em que nosso Senhor soltou o seu último suspiro, realizou-se a obra da expiação pelo pecado do homem. Finalmente estava pago o resgate pelos pecadores. O reino dos céus teve suas portas escancaradas para todos os crentes. Toda a firme esperança que os homens mortais desfrutam, acerca de suas almas, deriva-se diretamente do fato de Cristo ter entregue o espírito no madeiro.

Observemos, em primeiro lugar, *os sinais e as maravilhas visíveis que acompanharam a morte de nosso Senhor*. Marcos menciona, em particular, dois sinais que requerem a nossa atenção. Um desses sinais foi o escurecimento do sol pelo espaço de três horas; o outro foi o rompimento do véu do templo, que fazia separação entre o Lugar Santo e o Santo dos Santos. Ambos foram eventos miraculosos. Esses dois sinais, sem dúvida, revestiram-se de profunda significação. Ambos tiveram por finalidade prender a atenção das multidões reunidas em Jerusalém. O escurecimento do sol deve ter impressionado até mesmo gentios não acostumados a refletir, como Pilatos e os soldados romanos. O véu rasgado deve ter impressionado até mesmo Anás, Caifás e seus incrédulos colegas religiosos. É provável que houve poucas casas em Jerusalém, naquele fim de dia, nas quais as pessoas não disseram umas às outras: Hoje vimos e ouvimos coisas estranhas.

O que foi ensinado por meio daquela escuridão miraculosa? Ela ensinou a extrema iniquidade da nação judaica. Na realidade, eles estavam crucificando o seu próprio Messias prometido, eles estavam tirando a vida de seu próprio Rei. O próprio sol, portanto, ocultou sua face, diante do espetáculo. Isso ensinou a excessiva pecaminosidade do pecado, aos olhos de Deus. O próprio Filho de Deus precisava ficar sem a alentadora luz do dia, quando se tornou pecado por nós e levou sobre Si as nossas transgressões.

O que indicou o miraculoso rompimento do véu do templo? Ensinou o término e a abolição de toda a lei cerimonial dos judeus. Ensinou que o caminho para o Santo dos Santos doravante estava franqueado a

toda a humanidade, mediante a morte de Cristo (Hb 9.8). Ensinou que tanto gentios quanto judeus agora podem aproximar-se de Deus com ousadia, por meio de Jesus, o único Sumo Sacerdote, e que todas as barreiras entre Deus e os homens foram definitivamente derrubadas.

Que jamais nos esqueçamos dessa lição prática, ensinada através do véu rasgado! Tentar reavivar o cerimonial judaico, na igreja de Cristo, mediante o levantamento de altares, o oferecimento de sacrifícios e o sacerdócio, não é melhor do que tentar costurar novamente o véu rasgado do templo ou acender uma vela ao meio-dia!

Que nunca nos esqueçamos da lição prática ensinada por aquelas trevas miraculosas! Ela deveria dirigir as nossas mentes àquela negridão das trevas reservada a todos os obstinados incrédulos (Jd 13). As trevas que nosso bendito Senhor suportou na cruz duraram apenas três horas. Mas as cadeias de trevas que prenderão para sempre a todos aqueles que rejeitam a expiação por Ele realizada, e que morrem em seus pecados, perdurarão para todo o sempre.

Em segundo lugar, observemos *quão real e verdadeiramente nosso Senhor Jesus Cristo foi feito maldição por nós e levou sobre Si os nossos pecados*. Podemos deduzir isso, claramente, daquelas admiráveis palavras que Ele proferiu à hora nona: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

Seria inútil tentar perscrutar toda a profundidade do significado dessas palavras de Cristo. Elas subentendem uma agonia de ordem tal que simplesmente somos incapazes de conceber. Ocasionalmente, algum dos mais santos servos de Deus tem passado por grandes sofrimentos, debaixo da impressão de que lhes foi retirado o favor divino. Mas, como supor ter sido a agonia do santo Filho de Deus, quando todo o pecado do mundo foi colocado sobre Ele, quando Ele se sentiu considerado culpado, embora jamais houvesse pecado, quando sentiu que de Si fora virado o rosto de seu Pai? A agonia daqueles instantes deve ter sido algo que ultrapassa todo o entendimento. Foi algo grandioso, algo que não somos capazes de compreender. Podemos crer no que se deu ali, mas não podemos explicá-lo, nem sondá-lo à perfeição.

Uma coisa, entretanto, fica perfeitamente clara: a impossibilidade de explicarmos essas palavras, em qualquer sentido, a menos que aceitemos as doutrinas da expiação e da substituição efetuadas por Cristo em lugar dos pecadores. Supor, conforme alguns atrevem-se a fazer, que Jesus nada mais foi que um simples homem ou que a sua morte não passou de um notável exemplo de abnegação, faz com que esse seu clamor de moribundo torne-se inteiramente ininteligível. Faz com que Cristo pareça menos paciente e sereno, na hora da morte, do que muitos mártires ou mesmo do que certos filósofos pagãos. Só há uma

explicação satisfatória para essas palavras. Essa explicação é a poderosa doutrina bíblica do sacrifício vicário de Cristo, como nosso Substituto, na cruz. Ele proferiu aquelas palavras de agonia sob a intensa pressão do pecado do mundo, que fora posto e imputado sobre Ele.

Observemos, em último lugar, que *foi possível Cristo ser abandonado pelo Pai, por algum tempo, e ainda continuar sendo amado por Ele*. Não precisamos duvidar disso quando lemos as palavras finais de nosso Senhor quando estava na cruz. Nós O ouvimos dizer ao Pai: "Por que me desamparaste?"; também O ouvimos a chamá-Lo de "Deus meu, Deus meu". Por semelhante modo, sabemos que nosso Senhor foi abandonado pelo Pai apenas por um momento e que, mesmo desamparado, continuava sendo o amado Filho de Deus, Aquele em quem o Pai se agradava, tanto em seus sofrimentos quanto em sua obra.

Em tudo isso oculta-se uma profunda instrução prática, que merece a atenção de todos os verdadeiros crentes. Sem dúvida, há um sentido em que o sentimento de desamparo de nosso Senhor foi algo peculiar a Ele mesmo, já que estava sofrendo pelos nossos pecados e não pelos seus próprios. Contudo, após termos notado isso, permanece o grande fato que, por alguns instantes, Ele foi desamparado pelo Pai, mas que, o tempo todo, continuava sendo o "Filho amado" do Pai. Tal como sucedeu ao grande Cabeça da igreja, pode também suceder, embora em sentido diferente, aos membros da igreja. Pois, semelhantemente, ainda que escolhidos e amados pelo Pai, em certas oportunidades Deus parece desviar deles o rosto. Igualmente, algumas vezes devido à enfermidade do corpo, ou por causa de alguma aflição peculiar, ou mesmo em consequência de uma conduta negligente, ou porque a vontade soberana de Deus é atraí-los para mais perto de Si, eles podem sentir-se constangidos a clamar: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

Compete aos crentes que se sentem "desamparados" aprender, com base na experiência de nosso Senhor, a não dar lugar ao desespero. Sem dúvida esses crentes não deveriam estar contentes com a sua situação. Eles deveriam sondar os seus próprios corações, a fim de averiguar se não existe ali algo secreto, que esteja fazendo com que sejam poucas as suas consolações (Jó 15.11). O que não convém é que eles digam coisas amargas contra si mesmos, concluindo apressadamente que foram desprezados para sempre, que estavam enganando a si mesmos e não contavam com a graça divina em qualquer sentido. Que esses crentes continuem esperando no Senhor, dizendo juntamente com Jó: "Ainda que ele me mate, nele esperarei" (Jó 13.15 - Edição Revista e Corrigida). Que eles se lembrem, por igual modo, das palavras de Isaías e de Davi: "Quem há entre vós que tema ao SENHOR e ouça a voz do seu servo que andou em trevas sem nenhuma luz, e ainda assim confiou em o nome

do SENHOR e se firmou sobre o seu Deus?" (Is 50.10); "Por que estás abatida, ó minha alma? por que te perturbas dentro em mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu" (Sl 42.11).

O Sepultamento de Cristo

Leia Marcos 15.39-47

A morte de nosso Senhor Jesus Cristo é o fato mais importante do cristianismo. Dela dependem as expectativas de todos os pecadores salvos, quanto ao tempo e à eternidade. Por conseguinte, não precisamos ficar surpresos diante do fato que a realidade da morte de Cristo precisou ser confirmada acima de qualquer contestação. Nos versículos que lemos, existem três tipos de testemunhas do fato da morte de Cristo: o centurião romano, que estava próximo à cruz; as mulheres, que tinham seguido a nosso Senhor desde a Galiléia até Jerusalém; e os discípulos, que O sepultaram. Todos esses foram testemunhas do fato que Jesus realmente morreu. A evidência conjunta dessas testemunhas está acima de qualquer suspeita. Elas não poderiam estar equivocadas. O que elas viram não foi um desmaio, ou transe, ou insensibilidade temporária. Elas viram aquele mesmo Jesus, que fora crucificado, dar a sua vida, tornando-se assim obediente até à morte. Que isso fique bem gravado em nossas mentes. O nosso Salvador morreu, real e verdadeiramente.

Primeiramente, notemos *quão honrosa menção é aqui feita às mulheres*. Somos especialmente informados que quando nosso Senhor entregou o espírito, "estavam também ali algumas mulheres, observando de longe". Os nomes de algumas delas ficaram registrados. Também ficamos sabendo que essas eram as mesmas que haviam seguido a nosso Senhor desde a Galiléia e que O serviam, além de muitas outras, que "havam subido com ele para Jerusalém".

Difícilmente poderíamos esperar que uma coisa assim tivesse acontecido. Após verificarmos que todos os discípulos de Jesus — exceto um — abandonaram nosso Senhor e fugiram, poderíamos supor que pessoas do sexo mais fraco e mais tímido não ousariam aparecer em cena como amigas de nosso Senhor. Mas isso nos mostra tão-somente o que a graça de Deus é capaz de fazer. Deus, algumas vezes, escolhe as coisas fracas e desprezíveis do mundo a fim de confundir as fortes e poderosas. Os últimos, algumas vezes, são os primeiros; e os primeiros, os últimos. A fé das mulheres, algumas vezes, fica firme, quando a dos homens falha e desanima.

Porém, é interessante observarmos, por todo o Novo Testamento, quão freqüentemente encontramos a graça de Deus glorificada nas mulheres e quanto benefício Deus tem-se agradado a conferir, à igreja e ao mundo, por intermédio delas. No Antigo Testamento, vemos o pecado e a morte impostos ao mundo devido à transgressão de Eva. Mas, no Novo Testamento, vemos Jesus, nascido de uma mulher, trazendo à luz a vida e a imortalidade, mediante o seu nascimento miraculoso. No Antigo Testamento, por diversas vezes vemos alguma mulher demonstrando ser um empecilho e uma armadilha para algum homem. As mulheres de antes do dilúvio, as histórias de Sara, Rebeca, Raquel, Dalila, Bate-Seba, Jezabel — todas servem de dolorosos exemplos desse fato. Mas, no Novo Testamento, geralmente vemos mulheres sendo mencionadas como ajudadoras e auxiliadoras, na causa da verdadeira religião. Isabel, Maria, Marta, Dorcas, Lídia e as mulheres nomeadas por Paulo, na epístola aos Romanos, são casos em pauta. O contraste é notável, e, sem dúvida alguma, intencional. Essa é uma das muitas provas de que a graça é mais abundante sob o evangelho do que sob a lei. Parece que o propósito disso é ensinar-nos que as mulheres têm um importante papel na igreja de Cristo, papel esse que lhes deve ser atribuído e que elas devem cumprir. As mulheres podem realizar um trabalho grandioso, visando à glória de Deus, sem que precisem ensinar publicamente. Feliz é aquela congregação onde as mulheres sabem disso e agem de conformidade!

Notemos também, *que Jesus tinha amigos sobre os quais pouco sabemos*. A prova mais cabal disso é o fato que, nesta passagem, é mencionada uma pessoa pela primeira vez, José de Arimatéia. Nada sabemos acerca da história anterior desse homem. Não sabemos dizer como Ele aprendeu a amar a Cristo e a desejar honrá-Lo. Também nada sabemos sobre a sua história subsequente, depois que nosso Senhor deixou este mundo. Tudo quanto sabemos é a comovente sucessão de fatos, descritos neste texto bíblico. Somos informados que José de Arimatéia "também esperava o reino de Deus" e que, em uma ocasião em que todos os discípulos do Senhor O abandonaram, ele "dirigiu-se resolutamente a Pilatos e pediu o corpo de Jesus". Então sepultou-O de modo honroso, em seu próprio túmulo. Outras pessoas haviam honrado e professado nosso Senhor, quando O viram operando milagres; mas José honrou-O e professou-se seu discípulo, quando O viu como um cadáver frio e salpicado de sangue. Outras pessoas haviam demonstrado amor a Jesus, enquanto Ele estava vivo e ensinava; mas José demonstrou-Lhe amor quando Ele estava morto e silente.

Consolemo-nos diante do pensamento que existem verdadeiros cristãos na terra a respeito dos quais nada sabemos e em lugares onde

menos esperaríamos encontrá-los. Não há dúvida que os fiéis são sempre poucos. Porém, não devemos concluir, precipitadamente, que não se manifesta a graça divina, em alguma família ou em algum bairro, somente porque os nossos olhos não são capazes de percebê-la. Nós vemos em parte e conhecemos apenas em parte, fora do círculo onde costumamos viver. Mas o Senhor conta com muitos discípulos "ocultos", os quais, a menos que sejam manifestos por meio de circunstâncias especiais, só serão conhecidos no último dia. As palavras de Deus a Elias não devem ser esquecidas: "Também conservei em Israel sete mil: todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou" (1 Rs 19.18).

Em último lugar, notemos *quanta honra nosso Senhor Jesus Cristo deu ao sepulcro, permitindo-se ser colocado nele*. Lemos que José de Arimatéia depositou o corpo do Senhor "em um túmulo que tinha sido aberto numa rocha" e que "rolou uma pedra para a entrada do túmulo".

Esse é um fato que, neste nosso mundo agonizante, jamais deveríamos esquecer. Está determinado aos homens morrerem uma única vez. Todos nós estamos indo para um mesmo lugar, o sepulcro, e, naturalmente, desejamos evitá-lo. O esquife e os serviços fúnebres, a corrupção do corpo e os vermes, são assuntos dolorosos. Esses assuntos nos deprimem, entristecem e enchem as nossas mentes com preocupações. A carne e o sangue não conseguem pensar nessas coisas com sentimentos solenes. Entretanto, há uma coisa que deve consolar os crentes, a saber, o pensamento de que a sepultura foi o lugar onde o Senhor também esteve. E tão certamente quanto Ele ressuscitou, vitorioso, do túmulo, igualmente todos aqueles que crêem nEle ressuscitarão gloriosamente, no dia em que Ele vier outra vez. Lembrando-se desse fato, os crentes podem considerar com tranqüilidade "a casa destinada a todo vivente" (Jó 30.23). Podem lembrar-se que o próprio Jesus uma vez esteve no sepulcro, a favor deles, tendo com isso arrancado da morte o seu aguilhão. Os crentes podem dizer para si mesmos: "O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei. Graças a Deus que nos dá a vitória por intermédio de nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Co 15.56,57).

A grande questão que nos diz respeito é estarmos certos de que fomos sepultados espiritualmente com Cristo, ao mesmo tempo que estamos espiritualmente vivos. É necessário que estejamos unidos a Ele, mediante a fé, sendo conformados à sua imagem. Com Ele temos de morrer para o pecado e ser sepultados, pelo batismo, na sua morte (Rm 6.4). E, juntamente com Ele, ressuscitaremos e seremos vivificados pelo seu Espírito. A menos que conheçamos essas verdades, o sepultamento de Cristo de nada nos aproveitará.

O Poder do Amor a Cristo; A Pedra Revolvida; Misericórdia Para com os que o Abandonaram

Leia Marcos 16.1-8

Observemos, nesta passagem, *o poder de um forte amor a Cristo*. Encontramos uma poderosa ilustração disso na conduta de Maria Madalena, da outra Maria e de Salomé, conforme este registro feito por Marcos. Ele nos revela que elas "compraram aromas" e que "muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol, foram ao túmulo".

Com toda a razão, podemos crer que era preciso muita coragem para alguém fazer aquilo. Visitar um sepulcro, na penumbra do alvorecer, nos países do Oriente submeteria à provação a maioria das mulheres, sob quaisquer circunstâncias. Porém, visitar o sepulcro de alguém que fora executado como um malfetor qualquer e levantar-se bem cedo, a fim de honrar a alguém que a nação delas havia desprezado — isso de fato, era uma notável ousadia. No entanto, esses são atos que mostram claramente a diferença entre uma fé fraca e uma fé robusta, entre sentimentos débeis e sentimentos fortes para com Cristo. Aquelas santas mulheres já haviam provado as misericórdias e o perdão de nosso Senhor. Os seus corações estavam transbordantes de gratidão a Ele, pela luz, pela esperança, pelo consolo e pela paz que haviam recebido. Elas dispuseram-se a arriscar-se a todas as conseqüências, ao testificarem de seu afeto para com o seu Salvador. Verdadeiras são as palavras de Cantares de Salomão: "O amor é forte como a morte... As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios afogá-lo" (Ct 8.6,7).

Por qual motivo vemos tão pouco desse fortíssimo amor a Jesus, entre os crentes de hoje? Por que tão raramente nos deparamos com santos que enfrentarão qualquer perigo, que passarão pelo fogo e pela água, por amor a Cristo? Só há uma resposta. É por causa da debilidade da fé e do baixo senso de obrigação para com Cristo, que prevalece tão largamente entre nós. Um baixo e fraco senso de pecado sempre produzirá um baixo e frágil senso do valor da salvação. Um irrelevante senso de nossa dívida para com Deus sempre será acompanhado por um senso superficial quanto ao que devemos por nossa redenção. A pessoa que sente o quanto lhe foi perdoado é a que muito ama. "Aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama" (Lc 7.47).

Observemos ainda, *como algumas vezes desaparecem as dificuldades que os crentes temem, à medida em que elas os alcançam*. Aquelas santas mulheres, enquanto se encaminhavam ao sepulcro de nosso Senhor,

estavam cheias de temor, no que concerne à pedra na entrada do túmulo. “Diziam umas às outras: Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?” Porém, o seu temor era desnecessário. A dificuldade que elas esperavam encontrar nem existia. “E, olhando, viram que a pedra já estava revolvida”.

Quão admirável figura encontramos, nessa simples narrativa, da experiência de muitos crentes! Quão freqüentemente os crentes sentem-se oprimidos e desanimados pela antecipação de males. Mas, no momento da necessidade, descobrem que o motivo de seus temores foi retirado. Grande parte da ansiedade dos crentes deriva-se de coisas que, na realidade, nunca acontecem. Ficamos a considerar todas as possibilidades da jornada até ao céu. Maquinamos na imaginação toda espécie de cruces e obstáculos. Preocupamo-nos mentalmente com as dificuldades não somente do dia de hoje, mas também com as do dia de amanhã. E assim, freqüentemente, mui freqüentemente, descobrimos que as nossas dúvidas e alarmes não tinham qualquer base e que as coisas que mais temíamos nunca chegaram a ocorrer. Por conseguinte, que todos nós oremos pedindo do Senhor uma fé mais robusta e uma prática mais coerente. Acreditemos que, enquanto estivermos palmilhando pela senda do dever, jamais seremos inteiramente abandonados. Avancemos corajosamente, e assim, com freqüência, descobriremos que o leão, que há no caminho, está acorrentado e que a aparente sebe de espinhos não passa de uma miragem.

Observemos ainda que *os amigos de Cristo não têm qualquer motivo para temer os anjos*. Somos informados que quando Maria Madalena e suas companheiras viram um anjo, sentado no sepulcro, “ficaram surpreendidas e atemorizadas”. Porém, imediatamente elas foram tranquilizadas pelas palavras do anjo: “Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado”.

A princípio, essa lição poderá parecer-nos destituída de importância. Não há visões de anjos no presente. Não esperamos vê-los. Mas, em algum tempo futuro, poderemos achar útil essa lição. Aproxima-se o dia em que o Senhor Jesus voltará a este mundo, a fim de julgá-lo, e Ele virá com todos os seus anjos ao seu redor. Naquele dia, os anjos recolherão os eleitos do Senhor dos quatro cantos da terra. Eles ajuntarão o joio, formando molhos, para lançá-los nas chamas eternas. Os anjos ajuntarão o trigo de Deus em seu celeiro. E os eleitos, recolhidos pelos anjos, serão conduzidos à glória, à honra e à imortalidade. Porém, aqueles que forem rejeitados irão para a vergonha e o opróbrio eternos.

Esforcemo-nos por viver de maneira tal que, ao morrermos, sejamos conduzidos pelos anjos ao seio de Abraão. Esforcemo-nos por tornar-nos conhecidos pelos anjos como pessoas que buscam a Jesus

e O amam neste mundo, na qualidade de herdeiros da salvação. Mostremos diligência quanto ao estarmos seguros de que já nos arrependemos e assim causemos gozo para os anjos de Deus. Então, sem importar se estivermos acordados ou dormindo, quando for ouvida a voz do arcanjo, não teremos motivo algum a recear. Ressuscitaremos, sairemos de nossos túmulos e veremos os anjos como nossos conservos e amigos, em cuja companhia passaremos a bem-aventurada eternidade.

Observemos ainda *a imensa bondade de Deus para com aqueles seus servos que abandonaram o Senhor*. A mensagem do anjo às mulheres serve-nos de preciosa ilustração dessa verdade. Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago, e Salomé receberam um recado, para ser transmitido aos discípulos: “Ele vai adiante de vós para a Galiléia; lá o vereis, como ele vos disse”. Todavia, esse recado não foi endereçado de modo geral aos onze apóstolos. Por si mesmo, isso já teria sido uma graciosíssima ação da parte de Deus, depois que eles desertaram de nosso Senhor. Contudo, Simão Pedro, que havia negado ao Senhor Jesus três vezes, foi especialmente mencionado por nome. Pedro, que havia cometido um pecado em particular, foi destacado e mencionado de modo especial. Não havia quaisquer exceções naquele ato da graça divina. Todos seriam perdoados. Todos seriam restaurados ao favor divino, e Simão Pedro tanto quanto os demais.

Ao lermos palavras como essas, bem podemos comentar: Não é assim que o homem costuma agir. Talvez sobre nenhuma outra questão os nossos pontos de vista da religião cristã sejam tão fechados, inadequados e contraídos, quanto sobre a questão da grande disposição que Deus tem em perdoar os pecadores penitentes. Mas, concebemos o Senhor Deus como se fosse semelhante a nós. Esquecemo-nos que Ele “tem prazer na misericórdia” (Mq 7.18).

Finalizemos com a firme determinação de abriremos amplamente a porta da misericórdia aos pecadores, em todo o nosso falar ou ensinar sobre a religião cristã. Não menos importante é o fato que devemos avançar com a resolução de nunca nos mostrarmos indispostos a perdoar os nossos semelhantes. Pois, se Cristo está sempre tão pronto a nos perdoar, devemos estar sempre prontos a perdoar o próximo.

Provas da Ressurreição; Bondade Para com Grandes Pecadores; A Debilidade dos Crentes

Leia Marcos 16.9-14

Ressaltemos, nestes versículos, *quão abundantes provas dispomos acerca do fato que nosso Senhor realmente ressuscitou dentre os mortos*.

Nesta passagem, Marcos registrou nada menos que três ocasiões distintas em que o Senhor foi visto, após a sua ressurreição. Marcos afirma, em primeiro lugar, que nosso Senhor apareceu para uma testemunha, Maria Madalena; em seguida, para duas testemunhas, dois discípulos que se dirigiam a uma aldeia do interior do país; e, finalmente, para onze testemunhas, os onze apóstolos reunidos em um mesmo lugar. Em adição a isso, lembremo-nos que ainda houve outros aparecimentos de nosso Senhor ressurreto, além daqueles mencionados por Marcos, registrados por outros autores do Novo Testamento. E, então, não hesitemos em acreditar que, dentre todos os fatos registrados da história de nosso Senhor, nenhum outro ficou tão bem estabelecido quanto o de que Ele ressuscitou dentre os mortos.

Em tudo isso manifesta-se extraordinária misericórdia. A ressurreição de Cristo é uma das pedras fundamentais do cristianismo. Esse foi o selo conclusivo da grande obra que Ele veio realizar nesta terra. A ressurreição foi a prova coroadora de que o resgate pago por Cristo, em favor dos pecadores, foi aceito; que a expiação pelo pecado fora realizada; que a cabeça daquele que tinha o poder da morte fora esmagada e que a vitória fora obtida. Faríamos bem em notar quão frequentemente a ressurreição de Cristo é aludida pelos apóstolos. O apóstolo Paulo assevera que Jesus "foi entregue por causa das nossas transgressões e ressuscitou por causa da nossa justificação" (Rm 4.25). E o apóstolo Pedro declara que Deus "nos regenerou para uma viva esperança mediante a ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos (1 Pe 1.3).

Devemos agradecer a Deus pelo fato que a ressurreição de Jesus Cristo tenha sido tão claramente estabelecida. Os judeus, os gentios, os sacerdotes, a guarda romana, as mulheres que foram até ao túmulo, os discípulos de Cristo que foram tão tardios em crer — todos esses foram testemunhas, e o testemunho deles não pode ser contestado. Cristo não somente morreu por nós, mas também ressuscitou dentre os mortos. Negar essa realidade demonstra muito maior credulidade do que crer nela. Se alguém quiser negá-la, precisará dar crédito a monstruosas e ridículas improbabilidades. Mas, para crer nela, uma pessoa precisa apenas apelar a fatos simples e inegáveis.

Em segundo lugar, ressaltemos, nestes versículos, *a singular bondade de nosso Senhor Jesus Cristo para com Maria Madalena*. Lemos que "havendo ele ressuscitado de manhã cedo, no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios". A ela, antes que a qualquer outro dos filhos de Adão, foi concedido o privilégio de ter sido a primeira pessoa a contemplar o Salvador ressurreto. Maria, a mãe de nosso Senhor, continuava viva. João, o discípulo amado, continuava na terra. No entanto, ambos foram

preteridos, nessa ocasião, em favor de Maria Madalena. Uma mulher que, antes de sua conversão, provavelmente fora uma das principais pecadoras, uma mulher que antes estivera possessa por sete demônios, essa mulher foi a primeira pessoa a quem Jesus se mostrou vivo, depois que Ele ressurgiu vitorioso do sepulcro. Esse fato é notório e repleto de instruções.

Por um lado, não precisamos duvidar que, ao aparecer "primeiro a Maria Madalena", nosso Senhor quis mostrar-nos o quanto Ele valoriza o amor e a fidelidade. Tendo sido a última a sair de perto da cruz e a primeira a ir ao sepulcro, tendo sido a última a confessá-Lo como seu Senhor, enquanto Ele ainda vivia, e a primeira a honrá-Lo depois de morto, àquela discípula de coração fervoroso foi permitido ser a primeira a contemplá-Lo, após a vitória dEle sobre a morte. Esse fato teve por finalidade servir de memorial perpétuo, para a igreja, de que aqueles que honram a Cristo serão honrados por Ele e de que aqueles que muito fazem por Ele, sobre a terra, descobrirão que Ele muito faz em favor deles. Que jamais nos esqueçamos disso. Sempre recordemos que para aqueles que deixam tudo por amor de Cristo está reservado, "já no presente, o cêntuplo" (Mc 10.30).

Por outro lado, não precisamos duvidar que o aparecimento de nosso Senhor "primeiro a Maria Madalena", teve o intuito de consolar a todos os que se tornaram verdadeiros crentes, depois de terem experimentado os excessos do pecado. O propósito disso foi também mostrar-nos que, por mais fundo que tenhamos vivido no pecado, somos levantados para desfrutar de completa paz com Deus, se é que nos arrependemos e confiamos no evangelho. Embora antes tão distantes, agora fomos aproximados. Embora antes inimigos, agora nos tornamos filhos queridos. "As cousas antigas já passaram; eis que se fizeram novas" (2 Co 5.17). O sangue de Cristo nos torna completamente limpos aos olhos de Deus. Talvez tenhamos vivido como Agostinho e John Newton, isto é, como exemplos de toda espécie de iniquidade. Porém, depois de havermos sido trazidos a Cristo, não precisaremos duvidar que tudo foi perdoado. Podemos nos aproximar com toda a ousadia, na confiança do acesso franqueado. Nossos pecados e iniquidades, tal como os de Maria Madalena, não serão mais lembrados.

Em último lugar, ressaltemos, nesses versículos, *quanta fraqueza há algumas vezes na fé dos melhores crentes*. Três vezes encontramos Marcos a descrever a falta de fé dos onze apóstolos. Na primeira vez, quando Maria Madalena lhes disse que nosso Senhor havia ressuscitado, eles "não acreditaram". Novamente, depois de nosso Senhor ter aparecido a dois de seus discípulos, enquanto andavam "de caminho para o campo", e de estes terem falado a respeito com os demais, "também a

estes dois eles não deram crédito”. Finalmente, quando o próprio Senhor Jesus apareceu-lhes, estando eles em meio a uma refeição, conforme somos informados, Ele “censurou-lhes a incredulidade e dureza de coração, porque não deram crédito aos que o tinham visto já ressuscitado”. Talvez nunca houve exemplos mais impressionantes acerca da indisposição dos homens em acreditarem naquilo que vai contra os seus preconceitos. Nunca houve comprovação mais patente de como os homens inclinam-se por esquecer-se de instruções claras. Àqueles onze homens havia sido anunciado, reiteradamente, por nosso Senhor, que Ele ressuscitaria. Não obstante, chegado o tempo desse acontecimento, eles esqueceram-se de tudo e mostraram que permaneciam na incredulidade quanto à ressurreição.

Todavia, vejamos, nas dúvidas daqueles bons homens, a mão controladora de um Deus que é todo-sábio. Pois se eles finalmente ficaram convencidos, quando inicialmente eram tão incrédulos, quão forte é a prova de que Cristo realmente ressuscitou! A glória de Deus consiste em fazer o mal transformar-se em bem. As próprias dúvidas dos onze apóstolos servem-nos de confirmação à fé, nestes últimos dias.

Aprendamos, pois, da incredulidade dos apóstolos, uma útil lição prática para nós mesmos. Não nos devemos sentir surpresos quando dúvidas brotam em nossos corações. Também devemos desistir de esperar perfeição na fé, da parte de outros crentes, pois ainda vivemos no corpo. Somos pessoas sujeitas às mesmas paixões dos apóstolos. Não podemos considerar coisa estranha se a nossa experiência, algumas vezes, assemelha-se às experiências deles, ou se a nossa fé, tal como a deles, algumas vezes desfalece. Resistamos com ousadia à incredulidade. Vigiem e oremos, esforçando-nos por livrar-nos de seu poder. Porém, não devemos concluir que não nos foi outorgada a graça divina somente porque, algumas vezes, somos importunados por dúvidas; também não suponhamos que não temos parte com os apóstolos somente porque, a determinados instantes, sentimos que não cremos.

Ao deixarmos esta passagem, não deixemos de indagar a nós mesmos se já ressuscitamos com Cristo, como pessoas que espiritualmente participam da ressurreição dEle. Afinal de contas, essa é a única coisa que se faz mister. Conhecer os fatos do cristianismo de uma maneira intelectual, e ser capaz de argumentar verbalmente acerca desse fatos, não salvará as nossas almas. Será necessário que nos entreguemos ao Senhor Deus, como ressurretos de entre os mortos (Rm 6.13). Temos de ressuscitar da morte no pecado e andar em novidade de vida. Isso, e somente isso, é o cristianismo que salva.

A Comissão dos Apóstolos; As Condições do Evangelho; A Promessa aos Obreiros Fiéis

Leia Marcos 16.15-18

Devemos notar inicialmente, nestes versículos, a ordem final de nosso Senhor aos seus apóstolos. Jesus dirigiu-se a eles pela última vez e, com palavras de ampla e profunda significação, traçou qual seria a incumbência deles até que Ele voltasse: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura”.

O Senhor Jesus queria que soubéssemos que a humanidade inteira precisa do evangelho. Em todos os quadrantes do globo o ser humano é o mesmo — pecaminoso, corrupto e alienado de Deus. Civilizado ou selvagem, na China ou na África, por natureza o homem é a mesma coisa em todo lugar — sem conhecimento, sem santidade, sem fé e sem amor. Onde quer que encontremos um descendente de Adão, sem importar qual seja a cor de sua pele, nos deparamos com alguém cujo coração é infquo, que carece da purificação pelo sangue de Cristo, da renovação outorgada pelo Espírito Santo e da reconciliação com Deus.

O Senhor Jesus também queria que soubéssemos que a salvação, anunciada pelo evangelho, deve ser oferecida gratuitamente a todos os homens. As boas novas, anunciando que “Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito” (Jo 3.16) e que “Cristo... morreu a seu tempo pelos ímpios” (Rm 5.6), devem ser proclamadas abertamente a “toda criatura”. Não podemos nos justificar de fazermos qualquer excessão a essa proclamação. Não há a mínima base bíblica para limitarmos o oferecimento do evangelho aos eleitos, conforme alguns dizem. Nós ficaremos aquém da plenitude do alcance das palavras de Cristo, se nos esquivarmos de dizer a quem quer que seja: Deus transborda de amor por ti, Cristo está desejoso de salvar-te e “quem quiser receba de graça a água da vida” (Ap 22.17).

Cumpre-nos dividir, nessas palavras de Cristo, o mais poderoso argumento em favor da obra missionária, tanto em nossa própria terra quanto no estrangeiro. Ao recordarmos essas palavras, não nos cansemos de procurar fazer o bem às almas de todos os homens. Mesmo que não possamos ir aos pagãos da China ou do Hindustão, procuremos iluminar as trevas que mui facilmente encontramos perto de nossas próprias casas. Continuemos labutando, não importando com os escárnios e as zombarias dos que desaprovam e estimulam o desdém contra o empreendimento missionário. Devemos ter compaixão de tais pessoas. Elas somente estão

exibindo a sua ignorância acerca das Escrituras e da vontade de Cristo. Não compreendem nem o que dizem, nem o que fazem.

Nestes versículos, vemos também *as condições que, segundo nosso Senhor, devem ser apresentadas a todos quantos ouvem a pregação do evangelho*. “Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado.” Cada vocábulo dessa sentença é de profunda importância. Cada expressão merece ser cuidadosamente ponderada.

Essas palavras nos permitem ver a grande importância do batismo. Sempre que for possível recebê-la, essa ordenança deve testemunhar da fé salvadora. Não apenas “quem crer”, mas “quem crer e for batizado será salvo”. Não há dúvida que milhares de pessoas não recebem qualquer benefício de seu próprio batismo. Milhares de pessoas são lavadas nas águas batismais, sem nunca terem sido lavadas no sangue de Cristo. Isso, porém, não indica que o batismo em água deva ser desprezado e negligenciado. É uma ordenança instituída por Cristo e que, quando recebida com reverência, de forma inteligente e regada com oração, sem dúvida é acompanhada por uma bênção especial. As águas do batismo, por si mesmas, não transmitem qualquer graça divina. Temos de olhar para além do mero elemento externo, ou seja, temos de olhar para Aquele que ordenou que fôssemos batizados. A confissão pública da fé em Cristo, subentendida no uso da água, é um ato que nosso Senhor pessoalmente ordenou, de tal maneira que, quando essa ordenança é corretamente utilizada, podemos ter a mais plena certeza de que o Senhor a sela com a sua bênção.

Essas palavras também nos ensinam quanto à absoluta necessidade de fé em Cristo para a salvação. De fato, essa é a imperiosa necessidade. “Quem, porém, não crer” são palavras que aludem àqueles que se perderão para sempre. Talvez tais pessoas tenham sido batizadas e sejam membros de igrejas. Provavelmente participem com regularidade da mesa do Senhor. É possível mesmo que tais pessoas creiam intelectualmente em todos os principais artigos da declaração de fé da igreja. Nada disso, entretanto, lhes adianta, se lhes falta a fé salvadora em Cristo. Já somos possuidores dessa fé? Essa é a grande indagação que interessa a todos nós. Descobriremos que seria melhor nunca termos nascido, se não sentirmos os nossos pecados e, ao senti-los, fugirmos para Cristo, apegando-nos a Ele pela fé.

Também somos aqui ensinados sobre a certeza do juízo de Deus contra todos aqueles que morrerem na incredulidade. “Quem, porém, não crer será condenado.” Quão horríveis soam essas palavras! Quão temível é o pensamento de que elas saíram dos lábios dAquele que também declarou: “Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (Mt 24.35). Que ninguém nos engane com vãs palavras. Existe

uma eterna condenação à espera de todos quantos persistem em suas iniquidades e que partem deste mundo sem fé em Cristo. Quanto maior a misericórdia que nos for oferecida através do evangelho, maior será a culpa daqueles que, obstinadamente, recusam-se a crer. “Oxalá fossem eles sábios! então entenderiam isto e atentariam para o seu fim” (Dt 32.29). Aquele que morreu sobre a cruz advertiu-nos, de modo claro, que há um inferno e que os incrédulos serão condenados. Cuidemos para que essa advertência não seja em vão, quanto a nós mesmos.

Por último, devemos notar *as graciosas promessas de ajuda especial, apresentadas por nosso Senhor, em suas palavras de despedida dirigidas aos seus apóstolos*. Cristo reconhecia plenamente as enormes dificuldades da tarefa com que acabara de comissionar os seus apóstolos. Ele reconhecia a feroz batalha que teriam de travar contra o paganismo, o mundo e Satanás. Portanto, animou-os, revelando-lhes que a palavra deles seria confirmada por meio de milagres. “Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados”. O cumprimento da maioria dessas promessas pode ser encontrado no relato de Atos dos Apóstolos.

A época dos milagres, sem dúvida, há muito que passou. O seu propósito não era continuar, após o estabelecimento inicial da igreja. Somente quando as plantas são recém-plantadas é que precisam ser regadas e cuidadas diariamente. A totalidade da analogia do relacionamento de Deus com a sua igreja proíbe-nos esperar que milagres prossigam para sempre. De fato, os milagres deixariam de ser milagres, se ocorressem regularmente, sem cessação ou intermissão. Faremos bem em lembrar isso. Tal recordação pode poupar-nos de muitas perplexidades.

Entretanto, embora a era dos milagres físicos já tenha passado, podemos consolar-nos com o pensamento que a igreja de Cristo nunca terá falta da ajuda especial de Cristo, em períodos de necessidade. Nos céus, o grande Cabeça da igreja, jamais se esquecerá de seus membros crentes. Os seus olhos estão continuamente sobre eles. Ele sempre haverá de cronometrar sabiamente a sua ajuda, saindo para socorrer-lhes, no dia em que isso for necessário. “Vindo o inimigo como uma corrente de águas, o Espírito do Senhor arvorará contra ele a sua bandeira” (Is 59.19 - Edição Revista e Corrigida).

Finalmente, nunca esqueçamos o fato que a igreja de Cristo, neste mundo, por si mesma já é um milagre permanente. A conversão e a perseverança na graça, por parte de cada membro, servem de sinais e de maravilhas tão grandes quanto a ressurreição de Lázaro dentre os mortos. A regeneração de cada santo é um prodígio tão gigantesco quanto

a expulsão de um demônio, ou quanto a cura de um enfermo, ou quanto o falar em línguas. Agradecemos ao Senhor por isso e tenhamos coragem. A era dos milagres espirituais ainda não passou. Felizes são aqueles que, por experiência, já aprenderam essa lição e podem dizer: Eu estava morto, mas agora vivo; "eu era cego e agora vejo" (Jo 9.25).

Ascensão de Cristo à Mão Direita de Deus; Confirmação da Palavra por Meio de Sinais

Leia Marcos 16.19,20

Estes dois versículos formam a conclusão do Evangelho de Marcos. Ainda que esta passagem bíblica seja breve, é uma conclusão singularmente apropriada da história do ministério terreno de nosso Senhor Jesus Cristo. O trecho nos informa para onde foi nosso Senhor, quando partiu deste mundo e subiu às alturas. Esta passagem também narra o que os seus discípulos experimentaram, depois que seu Senhor os deixou, e o que todos os verdadeiros crentes podem esperar, até que Cristo retorne.

Notemos, por meio destes versículos, *o lugar para o qual foi o nosso Senhor, ao terminar a sua obra na terra, e onde se encontra no presente*. Somos informados que Jesus "foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus". Ele retornou àquela glória que tivera junto com o Pai, antes de ter vindo ao mundo. Na qualidade de nosso vitorioso Mediador e Redentor, Ele recebeu, nos lugares celestes, a mais exaltada posição de dignidade e poder que as nossas mentes podem conceber. Ali está Ele agora assentado, não ociosamente, mas levando avante a mesma obra bendita pela qual morreu na cruz do Calvário. Ele vive ali, intercedendo continuamente por todos os que se achegam a Deus por seu intermédio, sendo perfeitamente capaz de salvá-los até o fim (Hb 7.25).

Nisso tudo, há uma poderosa consolação para todos os verdadeiros crentes. Eles vivem em um mundo mau. Com freqüência sentem-se perturbados e preocupados acerca de muitas coisas; ficam intensamente abatidos com as suas próprias debilidades e fraquezas. Estão vivendo em um mundo que perece. Sentem que seus corpos gradualmente falham e fraquejam. Diante deles descortina-se a horrenda perspectiva de em breve partirem para um mundo desconhecido. O que, então, poderá consolá-los? É necessário que descansam sobre o pensamento que o seu Salvador está no céu, nunca dormindo ou cochilando e sempre disposto a ajudá-los. Eles precisam lembrar que, embora eles durmam, Jesus está desperto; que, embora desmaiem, Jesus nunca se exaure; que,

embora sejam fracos, Jesus é Todo-poderoso; e que, embora morram, Jesus está vivo para todo o sempre. De fato, bendito é esse pensamento! Embora invisível para nós, nosso Salvador é realmente uma pessoa viva. Estamos caminhando para uma morada onde nosso melhor Amigo foi antes de nós, a fim de preparar-nos lugar (Jo 14.2). O nosso Precursor entrou lá e preparou todas as coisas. Não admira, pois, que o apóstolo Paulo exclamou: "Quem os condenará? É Cristo Jesus quem morreu, ou antes, quem ressuscitou, o qual está à direita de Deus e também intercede por nós" (Rm 8.34).

Vemos aqui *a bênção que nosso Senhor Jesus Cristo outorga a todos quantos trabalham fielmente para Ele*. Lemos que, quando os discípulos saíram a pregar, o Senhor cooperava "com eles" e confirmava "a palavra por meio de sinais, que se seguiam".

Sabemos bem, por intermédio do livro de Atos dos Apóstolos e das páginas da história da igreja, de que maneiras essas palavras têm-se mostrado verazes. Sabemos que aflições e algemas, oposição e perseguição, foram os primeiros frutos colhidos pelos que trabalharam na ceifa de Cristo. Mas também sabemos que, a despeito de todos os esforços de Satanás, a Palavra da verdade não foi pregada em vão. Ocasionalmente, pessoas foram resgatadas do mundo. Igrejas formadas por santos foram fundadas, em cidade após cidade, em país após país. A pequena semente do cristianismo cresceu gradualmente até que se tornou uma grande árvore. O próprio Cristo Jesus operou juntamente com os seus obreiros e, apesar de todos os obstáculos, a sua obra prosseguiu. A boa semente nunca foi inteiramente desperdiçada. Vez por outra tem havido "sinais".

Não duvidemos que essas coisas foram escritas tendo em mira o nosso encorajamento, a nós sobre quem sobrevieram os últimos tempos. Creiamos que ninguém trabalhará fielmente em favor de Cristo, para finalmente descobrir que o seu afã foi inteiramente sem proveito. Trabalhem com paciência, cada um em sua própria posição. Preguem, ensinem, falemos, escrevamos, advertamos, testemunhem e descansamos, seguros de que o nosso labor não é em vão. Talvez morramos antes de contemplar o resultado do nosso labor. No último dia, porém, certamente ficará provado que o Senhor Jesus sempre trabalha em cooperação com aqueles que trabalham para Ele e que sempre houve "sinais, que se seguiam", embora os obreiros de Cristo não pudessem vê-los. Por conseguinte, sejamos "firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor" (1 Co 15.58). Talvez prossigamos no caminho com grandes dificuldades, semeando a Palavra com muitas lágrimas; mas, se estivermos semeando a preciosa semente de Cristo, voltaremos "com júbilo", trazendo os nossos "feixes" (Sl 126.6).

Encerremos este estudo no Evangelho de Marcos com auto-exame e auto-inquirição. Que não nos contentemos apenas em ter visto e ouvido as coisas que foram aqui escritas, para o nosso aprendizado, a respeito de Jesus Cristo. Indaguemos de nós mesmos se sabemos algo sobre Cristo habitar, “pela fé”, em nossos corações (Ef 3.17). Está o Espírito Santo testificando “com o nosso espírito” que Cristo é nosso e que somos dEle? Podemos dizer, com verdade, que estamos vivendo “pela fé no Filho de Deus” e que já descobrimos, por experiência, que Cristo é “precioso” para as nossas almas? Essas são perguntas solenes. Requerem de nós uma consideração séria. Que não descansemos enquanto não pudermos dar-lhes respostas satisfatórias! “Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida” (1 Jo 5.12).